

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**ADRIANA LEITÃO MARTINS**

**A DESINTEGRAÇÃO DO TEMPO NA DEMÊNCIA DO TIPO ALZHEIMER**

RIO DE JANEIRO  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Adriana Leitão Martins

A DESINTEGRAÇÃO DO TEMPO NA DEMÊNCIA DO TIPO ALZHEIMER

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Linguística

Orientador: Professor Doutor Celso Vieira Novaes

Rio de Janeiro  
2010

Martins, Adriana Leitão.

A desintegração do tempo na demência do tipo Alzheimer /  
Adriana Leitão Martins. – 2010.

239 f.: il.

Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-  
graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2010.

Orientador: Celso Vieira Novaes

1. Demência do tipo Alzheimer. 2. Representação mental  
do Tempo. 3. Desintegração do Tempo. 4. Dissociação Tempo-  
Aspecto. – Teses. I. Novaes, Celso Vieira (Orient.). II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-  
graduação em Linguística. III. Título.



Adriana Leitão Martins

A DESINTEGRAÇÃO DO TEMPO NA DEMÊNCIA DO TIPO ALZHEIMER

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Linguística

Aprovada em: 06/01/2010.

---

Professor Doutor Celso Vieira Novaes (UFRJ)

---

Professora Doutora Marcia Maria Dâmaso Vieira (UFRJ)

---

Professor Doutor Humberto Peixoto Menezes (UFRJ)

---

Professora Doutora Ingrid Finger (UFRS)

---

Professora Doutora Érica dos Santos Rodrigues (PUC-Rio)

*Aos meus pais Carlos e Ana e à minha irmã Luciana.*

## AGRADECIMENTOS

Uma frase, atribuída a Pasteur, diz que um pouco de ciência nos afasta de Deus; muita, nos aproxima. Logo, começo por agradecer a Deus, por me acompanhar até aqui.

Aos meus pais e à minha irmã, agradeço pelo apoio que sempre me deram. Aos meus pais, em especial, por terem me transmitido valores que tanto admiro e sem os quais a formação acadêmica de nada me serviria. À minha mãe, por ser uma mãe tão amorosa e zelosa e, ao mesmo tempo, uma mulher guerreira e batalhadora. Ao meu pai, por ser para mim um exemplo de como unir a garra à sensibilidade para ser um promotor do bem. À minha irmã, pelo prazer da sua convivência diária, por tudo o que ela me ensina e pela nossa amizade. Enfim, agradeço, imensamente, a essas três pessoas por serem o alicerce – a maior parte e a mais importante – de tudo o que sou e de tudo o que já conquistei.

Às duas amigas que estão sempre ao meu lado, me ouvindo, me apoiando, me consolando, me incentivando e comemorando as minhas vitórias: Kaka e Crisinha. Agradeço pela amizade verdadeira e para sempre.

Aos amigos da graduação, por terem iniciado comigo esta jornada de dez anos consecutivos pela Faculdade de Letras da UFRJ, fazendo com que, desde o início, este longo percurso tenha sido tão agradável e feliz. Obrigada, Alan, Andréa, Camila Elisa, Milena Maximo, Milena Ximenes e Milton Santos.

Às amigas do doutorado, do mestrado e da iniciação científica, agradeço por me ensinarem tantas coisas e por nos divertirmos tanto fazendo pesquisa, almoçando ou tomando chopp juntas. Obrigada, Anne, Dri Lessa, Estrêla, Fernandinha, Imara, Juju, Letícia, Mercedes, Sarinha e Thais. Obrigada ainda às amigas que passaram por esse grupo e fizeram / fazem toda a diferença na minha vida: Lana, Marcela, Natália e Silvie. E, ainda, como parte

desse grupo, um agradecimento especial à Urânia, por unir com maestria a sensibilidade aguçada ao refinado senso de humor para ser tão carinhosa com as pessoas que a cercam.

Enfim, a todos os meus queridos amigos que trazem leveza e alegria aos meus dias. Agradeço a Lu, Rodrigo Galvani, Kaka, Crisinha, Rodrigo Boaventura, Velu, Jorginho, Alan, Sheilinha, Milena Maximo, Marta Maximo, Marcelinha, Fernandinha, Dri Lessa, Geraldo, Estrêla, Lana, Silvie, Thaisinha, Nana, Diogo, Dick, Dinho, Roberta, Danizinha, Dani, Nique, tia Nadia, Dol, Vic, Ana Paula Varanda, Andréa Cristina, Cris Lessa, Empada, Millena, meus amigos do CEB e do Duplar e a *tous mes amis du français*, em especial, à Carlinha.

A todos os professores que passaram pela minha vida e, muitas vezes inconscientemente, fizeram tanta diferença na minha formação como pessoa e influenciaram tanto na minha escolha profissional. Obrigada, Valter (Geografia), Paulo Gomes, Paulo Roberto, Valter (Física), Ana Leitão, Ana Flávia Gerhardt, Eduardo Coutinho, Ângela Garcia, Myriam Nunes, Celso Novaes e tantos outros.

A todos os profissionais do Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia da Universidade Federal Fluminense (PIGG/UFF), pelo acolhimento e solicitude com que me receberam no Mequinho, viabilizando meu acesso aos pacientes. Agradeço, em especial, às professoras doutoras Vilma Câmara e Jamaci Lima.

Às duas atrizes do meu teste, minha mãe Ana e minha prima Tayane Laísa, pela boa-vontade e dedicação com que desempenharam cerca de sessenta diferentes ações por muitas repetidas vezes.

A todos os meus informantes, pacientes e controles, pela paciência e gratuidade com que doaram várias horas de seus dias à participação neste estudo. Agradeço, em especial, a um informante muito amado, que faleceu antes da conclusão deste estudo, mas que, com certeza, de algum modo, está orgulhoso de mim. Obrigada, vô Martins.

Aos meus avós, tios e primos, pela nossa união, que me enche de orgulho e felicidade.

À D. Nilma e à Millena, por me terem acolhido, com tanto carinho, como parte da família e por sempre torcerem pelo meu bem.

Ao Leo, por sempre se fazer presente, não importando a distância. Pela calma e serenidade que me transmite, pela confiança que deposita em mim, pelo incentivo aos meus estudos e pelo amor que sentimos um pelo outro.

Ao meu eterno e querido orientador e meu grande amigo, Celso Novaes, pelos nove anos consecutivos de convivência e aprendizado, que vai muito além de ensinamentos acadêmicos. Por comungar tão bem a competência de um cientista, a disponibilidade de um professor e a sensibilidade de um músico. Por ser o professor que, no terceiro período da graduação, me fez dizer: “quando eu crescer, quero ser igual a ele” e, me acolhendo, me ajudou a ser, hoje, ao menos, um pouquinho parecida.

Às agências de fomento CNPq e FAPERJ, pela concessão da bolsa que tornou possível a realização desta pesquisa.

*“Meus objetos estão desaparecendo e meus amanhã são incertos. Então, para que eu vivo? Vivo para cada dia. Vivo o presente. Num amanhã próximo, esquecerei que estive aqui diante de vocês e que fiz este discurso. Mas o simples fato de eu vir a esquecê-lo num amanhã qualquer não significa que hoje eu não tenha vivido cada segundo dele. Esquecerei o hoje, mas isso não significa que o hoje não tem importância.”*

*(Lisa Genova, Para Sempre Alice)*

## RESUMO

MARTINS, Adriana Leitão. **A desintegração do tempo na demência do tipo Alzheimer**. 2010. 239f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Este estudo tem por objetivo investigar a origem do comprometimento linguístico de indivíduos com a demência do tipo Alzheimer (DTA). Especificamente, busca-se investigar a origem do déficit na expressão linguística de tempo por esses sujeitos, tomando-se como hipótese que ele seja decorrente de impedimentos em módulos cognitivos não-linguísticos. Assume-se que a mente opere com diferentes módulos cognitivos que interagem, como o módulo da linguagem e o módulo dos conceitos. A fim de atingir o objetivo proposto, quatro pacientes com DTA e quatro indivíduos-controle foram submetidos a um teste neuropsicológico – o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) – e a dois testes linguísticos – um de julgamento de gramaticalidade e outro de preenchimento de lacuna. Por meio dos resultados no MEEM, os pacientes foram divididos em dois grupos: um constituído de indivíduos sem déficit cognitivo e outro, de indivíduos com déficit cognitivo. Os testes linguísticos investigavam o conhecimento de Tempo e Aspecto, e seus resultados revelaram um desempenho inferior dos pacientes em relação ao dos controles. Além disso, observou-se que mesmo o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo era inferior ao dos controles. Notou-se ainda uma tendência de os pacientes com déficit cognitivo apresentarem um desempenho inferior ao dos demais pacientes. Esses resultados foram interpretados como se todos os pacientes possuíssem um comprometimento na expressão linguística temporal, que esse problema poderia ser atribuído a um comprometimento essencialmente linguístico e que, em pacientes com déficit cognitivo, o desempenho linguístico seria mais prejudicado por ser

decorrente de comprometimentos em módulos cognitivos não-linguísticos e linguístico. Com isso, a hipótese deste estudo pôde ser refutada. Como uma contribuição adicional desta pesquisa, tem-se que ela permitiu que fossem fornecidas evidências de que as categorias de Tempo e Aspecto estejam dissociadas no módulo da linguagem.

Palavras-chave: Demência do tipo Alzheimer. Representação mental do Tempo. Desintegração do Tempo. Dissociação Tempo-Aspecto.



## ABSTRACT

MARTINS, Adriana Leitão. Disintegration of tense in the dementia of the Alzheimer type. 2010. 239p. Thesis (PhD in Linguistics) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

The goal of this study is to investigate the origin of the linguistic disruption in the individuals with the dementia of the Alzheimer type (DAT). Specifically, it aims to investigate the origin of the deficit in the linguistic expression of time by these subjects, taking the hypothesis that it is due to disorders in non-linguistic cognitive modules. It is assumed that the mind operates with different cognitive modules which interact, such as the language module and the concept module. In order to achieve the proposed objective, four DAT patients and four matched controls were submitted to a neuropsychological test – the Mini-Mental State Examination – and to two linguistic tests – a grammaticality judgment test and a cloze test. By the results in the Mini-Mental, the patients were divided into two groups: one formed by the individuals without cognitive impairment, and the other by those with cognitive impairment. The linguistic tests investigated the knowledge of tense and aspect, and their results revealed that the patients' performance was inferior to the controls'. Besides, it was noted that even the performance of the patients without cognitive impairment was inferior to that of the controls. A tendency that the performance of the patients with cognitive impairment is worse than the other patients' was also observed. These results were interpreted as if all the patients had a compromised linguistic expression of tense, that this problem could be attributed to an essentially linguistic impairment, and that, in patients with cognitive impairment, the linguistic performance would be more disrupted because it would be a consequence of disorders in non-linguistic and linguistic cognitive modules. Hence, the

hypothesis of this study could be refuted. As an additional contribution, it is believed that this research provided evidence in favor of the dissociation of tense and aspect categories in the linguistic module.

**Keywords:** Dementia of the Alzheimer type. Mental representation of tense. Disintegration of tense. Dissociation of tense and aspect.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Representação de tempo segundo Comrie (1985) .....	28
Figura 2: Representação esquemática com os Aspectos gramaticais básicos e as subdivisões do imperfectivo segundo Comrie (1976) .....	37
Figura 3: Estrutura dos sintagmas que compõem a árvore sintática .....	42
Figura 4: Árvore sintática com o nóculo flexional (IP) e a divisão entre as camadas lexical e flexional .....	43
Figura 5: Árvore sintática com o IP cindido em TP e AgrP .....	44
Figura 6: Árvore sintática com o nóculo AspP substituindo o nóculo AgrP na camada flexional .....	46

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de sentenças cujos verbos estão agrupados nas categorias propostas por Vendler (1967) .....	38
Quadro 2: Perfil dos pacientes incluídos na pesquisa.....	84
Quadro 3: Perfil dos controles incluídos na pesquisa.....	85
Quadro 4: Verbos, NPs e PPs selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo .....	98
Quadro 5: Verbos, NPs e PPs selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	101
Quadro 6: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas-alvo do teste de preenchimento de lacuna de Tempo .....	115
Quadro 7: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas distratoras do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	116
Quadro 8: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas da prática do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	116
Quadro 9: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas-alvo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto .....	123
Quadro 10: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas distratoras do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.....	123
Quadro 11: Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas da prática do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.....	124

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1 .....	130
Gráfico 2: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1 .....	130
Gráfico 3: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1 .....	130
Gráfico 4: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2 .....	132
Gráfico 5: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2 .....	132
Gráfico 6: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2 .....	132
Gráfico 7: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	134
Gráfico 8: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	134
Gráfico 9: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	134
Gráfico 10: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente na condição 4 do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1.....	145
Gráfico 11: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente na condição 4 do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2.....	145
Gráfico 12: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Tempo .....	150
Gráfico 13: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	151
Gráfico 14: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	151
Gráfico 15: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	153
Gráfico 16: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	153
Gráfico 17: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	153

Gráfico 18: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto .....	155
Gráfico 19: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.....	155
Gráfico 20: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.....	156
Gráfico 21: Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	157
Gráfico 22: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	158
Gráfico 23: Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.....	158
Gráfico 24: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do presente do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	170
Gráfico 25: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do passado do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.....	170
Gráfico 26: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do perfectivo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto	172
Gráfico 27: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do imperfectivo habitual do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto .....	172
Gráfico 28: Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do imperfectivo contínuo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto .....	172

**LISTA DE SIGLAS**

Agr	<i>Agreement</i> (Concordância)
Agr <sub>o</sub>	<i>Object Agreement</i> (Concordância de Objeto)
Agr <sub>s</sub>	<i>Subject Agreement</i> (Concordância de Sujeito)
AgrP	<i>Agreement Phrase</i> (Sintagma de Concordância)
AspP	<i>Aspect Phrase</i> (Sintagma de Aspecto)
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DTA	Demência do tipo Alzheimer
I	<i>Inflection</i> (Flexão)
IP	<i>Inflectional Phrase</i> (Sintagma Flexional)
MEEM	Mini-Exame do Estado Mental
NP	<i>Nominal Phrase</i> (Sintagma Nominal)
PB	Português do Brasil
PM	Programa Minimalista
PP	<i>Prepositional Phrase</i> (Sintagma Preposicional)
Spec	<i>Specifier</i> (Especificador)
T	<i>Tense</i> (Tempo)
TP	<i>Tense Phrase</i> (Sintagma de Tempo)
VP	<i>Verbal Phrase</i> (Sintagma Verbal)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>1 O TEMPO NA LITERATURA FILOSÓFICA E LINGUÍSTICA</b> .....	23
1.1 <b>Introdução</b> .....	23
1.2 <b>O conceito de tempo</b> .....	24
1.3 <b>O Tempo na linguagem</b> .....	28
1.3.1 Tempo na linguagem .....	28
1.3.2 Aspecto na linguagem .....	35
1.4 <b>A representação linguística de Tempo e Aspecto no Gerativismo</b> .....	41
1.4.1 A representação linguística dos advérbios temporais / aspectuais .....	47
1.5 <b>Conclusão</b> .....	49
<b>2 A EXPRESSÃO LINGUÍSTICA DE INDIVÍDUOS COM A DEMÊNCIA DO TIPO ALZHEIMER</b> .....	51
2.1 <b>Introdução</b> .....	51
2.2 <b>A demência do tipo Alzheimer</b> .....	52
2.3 <b>A natureza do déficit linguístico na demência do tipo Alzheimer</b> .....	56
2.4 <b>Conclusão</b> .....	73
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	76
3.1 <b>Introdução</b> .....	76
3.2 <b>Tipo de Estudo</b> .....	76
3.3 <b>Seleção de Indivíduos</b> .....	78
3.3.1 <i>Seleção de pacientes</i> .....	78
3.3.1.1 Teste neuropsicológico .....	80
3.3.2 <i>Seleção de controles</i> .....	84
3.4 <b>Testes linguísticos</b> .....	86
3.4.1 <i>Teste de julgamento de gramaticalidade</i> .....	87
3.4.1.1 Teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo .....	93
3.4.1.2 Teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	99
3.4.1.3 Aplicação prévia do teste de julgamento de gramaticalidade .....	102
3.4.2 <i>Teste de preenchimento de lacuna</i> .....	103
3.4.2.1 Teste de preenchimento de lacuna de Tempo .....	112
3.4.2.2 Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto .....	117
3.5 <b>Gravação de fala espontânea</b> .....	124
3.6 <b>Procedimento</b> .....	125
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISE</b> .....	128
4.1 <b>Introdução</b> .....	128
4.2 <b>Teste de julgamento de gramaticalidade</b> .....	128
4.2.1 <i>Resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade</i> .....	128
4.2.1.1 Teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo .....	128
4.2.1.2 Teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto .....	132



4.2.2	<i>Análise dos resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade</i>	135
4.2.3	<i>Resultados individuais no teste de julgamento de gramaticalidade</i>	144
4.2.4	<i>Análise dos resultados individuais no teste de julgamento de gramaticalidade</i>	145
4.3	<b>Teste de preenchimento de lacuna</b>	149
4.3.1	<i>Resultados intergrupos no teste de preenchimento de lacuna</i>	149
4.3.1.1	Teste de preenchimento de lacuna de Tempo	149
4.3.1.1.1	Teste de Tempo: ausência <i>versus</i> presença de marcação adverbial de tempo / aspecto	151
4.3.1.2	Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto	153
4.3.1.2.1	Teste de Aspecto: ausência <i>versus</i> presença de marcação adverbial de tempo / aspecto	156
4.3.2	<i>Análise dos resultados intergrupos no teste de preenchimento de lacuna</i>	158
4.3.2.1	Análise da condição ausência <i>versus</i> presença de marcação adverbial de tempo / aspecto	165
4.3.3	<i>Resultados individuais no teste de preenchimento de lacuna</i>	169
4.3.3.1	Teste de preenchimento de lacuna de Tempo	169
4.3.3.2	Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto	170
4.3.4	<i>Análise dos resultados individuais no teste de preenchimento de lacuna</i>	173
4.4	<b>Fala espontânea</b>	181
4.5	<b>Análise geral</b>	185
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	195
	<b>REFERÊNCIAS</b>	200
	<b>ANEXOS</b>	205

## INTRODUÇÃO

Em virtude do envelhecimento da população mundial, o interesse pelas síndromes demenciais tem crescido vertiginosamente. Há diferentes tipos de demência que atingem a população idosa no mundo. O termo “demência”, apesar de ser frequentemente associado pelos leigos à loucura, é utilizado no meio médico, segundo a definição do dicionário Aurélio, para fazer referência à “deterioração progressiva e irreversível das funções intelectuais, por lesões cerebrais” (FERREIRA, 1977).

A demência neurodegenerativa mais comum é a demência do tipo Alzheimer (doravante DTA). Apesar de a causa exata dessa doença ainda ser desconhecida, muito já foi descoberto e está consolidado na literatura. Sabe-se, por exemplo, que a DTA afeta, primeiramente, a memória. Além disso, o déficit associado a essa patologia atinge outras áreas da cognição. Dentre os prejuízos que o comprometimento de diversas áreas da cognição pode trazer aos pacientes com DTA, está o distúrbio em seus comportamentos psicológico e linguístico.

Uma das possíveis manifestações desse distúrbio psicológico e/ou linguístico pode ser evidenciada na maneira como esses pacientes lidam com o tempo. Diferentes questionamentos podem emergir a partir da intuição de que ocorre, nessa demência, um comprometimento progressivo do conceito ou da expressão linguística de tempo. Por exemplo, seria possível questionar-se se há uma perda ou apenas uma reorganização da categoria de tempo por esses indivíduos. Além disso, seria plausível pensar se essa perda ou reorganização ocorre no sistema de conceitos, no sistema linguístico ou em ambos.

Esse último questionamento parece ainda mais interessante quando é levado em consideração o fato de que não há, na literatura, um consenso a respeito da origem do déficit na expressão linguística de pacientes com DTA. Esse déficit tem sido interpretado por alguns

autores como resultado de um comprometimento especificamente no sistema linguístico e, por outros, como uma consequência do comprometimento em outros sistemas cognitivos.

Assim, a investigação do tempo na DTA parece permitir um avanço na compreensão da origem do déficit na expressão linguística nessa patologia, possibilitando verificar se ele seria decorrente de um comprometimento no sistema linguístico propriamente dito ou de um comprometimento em outras funções cognitivas mais gerais. Por exemplo, um problema na expressão linguística de tempo desassociado de um comprometimento cognitivo mais geral pode ser um indicador de que o déficit incida, efetivamente, sobre o sistema da linguagem.

O objetivo mais geral desta tese é investigar a origem do comprometimento linguístico de indivíduos com DTA. Para tanto, será examinada a desintegração do tempo nesses sujeitos. Especificamente, busca-se argumentar em favor da proposta de que o déficit linguístico relacionado a tempo apresentado por pacientes com DTA seja decorrente de um problema em seu sistema da linguagem. Desse modo, procura-se refutar a hipótese de que esse déficit seja decorrente de impedimentos em sistemas cognitivos não-linguísticos.

Uma vez que pacientes com DTA apresentem um déficit linguístico relacionado a tempo, independentemente de esse déficit ser, de fato, atribuído ao seu sistema da linguagem, uma contribuição deste estudo consiste na descrição do comprometimento na expressão de aspectos sintáticos ainda não analisados na linguagem desses indivíduos. Por meio desta pesquisa, será possível descrever como esses pacientes lidam linguisticamente com informações de natureza temporal de maneira geral e, ainda, analisar se o advérbio de tempo pode contribuir para o processamento dessas informações. Do ponto de vista clínico, tal descrição pode contribuir tanto para o diagnóstico dessa patologia quanto para a formulação da intervenção clínica apropriada.

Este estudo faz ainda outros dois importantes aportes concernentes à investigação de questões linguísticas teóricas. Primeiramente, com base no desempenho de pacientes com

DTA em tarefas linguísticas que envolvam advérbios de tempo, esta pesquisa permite que sejam tecidas diversas considerações teóricas sobre esses advérbios. Além disso, assumindo que o déficit observado na expressão linguística dos pacientes com DTA seja decorrente de um comprometimento no seu sistema da linguagem, este estudo possibilita que sejam fornecidas algumas explicações, em termos de gramática mental, a respeito do sistema linguístico de todos os seres humanos.

Ao estudar os fenômenos linguísticos relativos a tempo na DTA, optou-se por estudá-los na perspectiva do Gerativismo, uma teoria da linguística – desenvolvida por Chomsky em meados do século XX – que se ocupa de como a linguagem está organizada na mente / cérebro. Especificamente, decidiu-se estudar tais fenômenos segundo a abordagem mais recente do Gerativismo, o Programa Minimalista, visto que esse programa de investigação dá destaque ao conjunto de traços linguísticos que são relevantes para o sistema de conceitos. Dentre esses traços, podem-se citar os de tempo, uma vez que expressam noções que vão além de uma informação meramente linguística.

A tese que aqui se inicia está dividida em cinco capítulos. No primeiro deles, é apresentada uma discussão de fenômenos relacionados a tempo em uma perspectiva filosófica e linguística, visando a investigar um pouco desses fenômenos nos sistemas de conceitos e da linguagem. No segundo capítulo, é feita uma revisão sobre a DTA e são abordados mais detidamente alguns estudos linguísticos com pacientes portadores dessa demência. No terceiro capítulo, é discutida a metodologia adotada para esta pesquisa. No quarto capítulo, são apresentados os resultados e propostas as análises. No quinto e último capítulo, são feitas algumas considerações finais ao estudo.

## 1 O TEMPO NA LITERATURA FILOSÓFICA E LINGUÍSTICA

*“O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel.”*

Platão

### 1.1 Introdução

Há muitos séculos, a noção do tempo vem sendo investigada em diferentes âmbitos. O tempo já foi amplamente debatido em uma perspectiva filosófica, já foi tratado nos campos da física e da matemática e é também amplamente estudado na linguística. O entendimento de como esse tema vem sendo tratado em diferentes áreas pode contribuir para o estudo da desintegração do tempo na demência do tipo Alzheimer<sup>1</sup>. Se há um problema de ordem temporal nos indivíduos acometidos por essa patologia, esse olhar mais amplo sobre o tempo pode contribuir para a elucidação da origem desse comprometimento: seria um problema no conceito de tempo, na sua expressão linguística, ou na comunhão de ambos?

Antes de buscar uma resposta a essa questão, é necessário destacar que a formulação desse questionamento encerra um importante pressuposto: a visão modularista da mente. Na abordagem modularista, a mente é vista como um sistema complexo de faculdades que interagem, mas que dispõem de certa autonomia, conferida pelo fato de que cada faculdade mental, ou módulo cognitivo, possui os seus próprios princípios. Dentre essas faculdades mentais estão aquelas que abrigam a linguagem e os conceitos. Devido ao caráter autônomo desses diferentes sistemas, eles devem ser estudados separadamente<sup>2</sup>.

Este capítulo está organizado em cinco seções. A seção 1.2 volta-se para o modo como o tempo é tratado e definido na filosofia, o que poderia sugerir o que caracteriza o tempo no

---

<sup>1</sup> Essa patologia pode ser nomeada de diversas maneiras, tais como “doença de Alzheimer”, “síndrome de Alzheimer”, “mal de Alzheimer” e “demência do tipo Alzheimer”. Neste estudo, convencionou-se chamá-la de “demência do tipo Alzheimer” ou, de maneira mais concisa, pela sigla “DTA”.

<sup>2</sup> Ver, entre outros, Fodor (1975) e Chomsky (1986).

módulo dos conceitos. Já a seção 1.3 trata de tempo do ponto de vista da linguagem. A seção 1.4, por sua vez, discute a representação linguística mental de tempo. Por fim, a seção 1.5, com base nas informações fornecidas ao longo deste capítulo, apresenta as contribuições que este estudo pode trazer para a discussão de questões linguísticas teóricas.

Antes de dar início à próxima seção, é importante esclarecer que se adotou um padrão, a ser utilizado a partir de agora, para tratar de tempo do ponto de vista conceptual e linguístico. Quando grifado com inicial minúscula, “tempo” fará referência ao próprio conceito temporal e, quando grifado com inicial maiúscula, “Tempo” fará referência à expressão linguística desse conceito.

## 1.2 O conceito de tempo

Dentre os filósofos que buscaram definir o tempo, pode-se citar Kant, um filósofo alemão do século XVIII que, dentre outras obras, escreve a *Crítica da razão pura*. Nessa obra, o autor distingue o que está *a priori* no espírito<sup>3</sup> de todas as pessoas e o que lhes é dado somente *a posteriori*. Enquanto a “matéria” de um fenômeno é fornecida através das sensações – entendidas aqui como os sentidos, tais como o olfato, a audição e a visão –, a “forma” do fenômeno independe dessas sensações. Portanto, a “matéria” do fenômeno é fornecida ao homem *a posteriori* e a “forma” do fenômeno está no homem *a priori*. Em outras palavras, o que está *a priori* no espírito independe tanto do entendimento consciente de um objeto, dado por meio dos conceitos, quanto da sensação que esse objeto pode despertar nos órgãos sensoriais, que pode ser muito diversa entre os homens. Ao que é dado *a posteriori* ao homem, o autor denomina “intuição empírica” e, ao que se encontra *a priori* no espírito, “intuição pura” ou “forma pura da intuição sensível”.

---

<sup>3</sup> Nesse contexto, “espírito” deve ser entendido como “mente”.

A partir dessa distinção, o autor desenvolve uma ciência que denomina “estética transcendental”. Essa ciência ocupa-se dos princípios da sensibilidade *a priori*, que são as formas puras do conhecimento sensível. Segundo Kant, há, no espírito, apenas duas dessas intuições puras: o espaço e o tempo. Embora esta tese ocupe-se do tempo, faz-se necessário apresentar, brevemente, como o autor define o espaço, dada a relação que ele estabelece entre espaço e tempo.

Kant apresenta alguns argumentos a fim de defender que o espaço é uma intuição pura e não um conceito discursivo ou um conceito empírico. Primeiramente, para que qualquer fenômeno seja percebido como exterior ao homem, é preciso que a noção de espaço já seja inerente a ele. Em segundo lugar, é possível pensar no espaço sem qualquer objeto, mas não em um objeto sem espaço. Isso ocorre porque o espaço não depende do objeto; ele é, na verdade, a condição de existência de todos os fenômenos externos. Além disso, ainda que se fale em diferentes espaços, como, por exemplo, diferentes lugares, faz-se referência, na verdade, a um espaço único, que abrange tudo e antecede essas possíveis fragmentações. Por último, o espaço, diferentemente de qualquer conceito, é concebido “como se encerrasse em si uma infinidade de representações” (KANT, 2004, p. 69).

Da mesma maneira como procede em relação ao espaço, Kant fornece argumentos em favor da ideia de que o tempo constitua uma intuição pura. Em primeiro lugar, noções como “simultaneidade” – fenômenos existentes em um único tempo – e “sucessão” – fenômenos existentes em tempos distintos – são percebidas pelo homem apenas porque ele dispõe da intuição pura de tempo. Além disso, não é possível suprimir o tempo dos fenômenos porque ele se impõe como uma condição da possibilidade de realidade dos mesmos. Outro ponto importante é que alguns princípios relacionados ao tempo não podem ser extraídos da experiência, a saber: (i) a ideia de que o tempo tenha apenas uma dimensão e, com isso, (ii) a ideia de que fenômenos que ocorram em tempos diferentes sejam sucessivos e fenômenos que

ocorram em espaços diferentes sejam simultâneos. Outra questão é que, ainda que se pense em tempos diferentes, eles são, na verdade, partes de um único tempo. Por fim, a representação do tempo é ilimitada, de modo que qualquer grandeza dada ao tempo é uma limitação desse tempo infinito, a intuição pura de tempo.

Kant também propõe que o conceito de mudança de lugar dependa da representação do tempo. Por exemplo, graças à intuição *a priori* do tempo, é possível conceber que a existência de algo em um determinado lugar não exclua a sua inexistência nesse mesmo lugar. A possibilidade de que algo exista e inexista no mesmo lugar é viabilizada pela intuição *a priori* de que a mudança de lugar é possível em tempos diferentes, ou seja, sucessivos. No entanto, o conceito de mudança não pode ser incluído entre as formas puras da intuição sensível por três razões: primeiro, porque a mudança concentra as intuições *a priori* de tempo e de espaço; depois, porque não é o próprio tempo que sofre mudança, e sim algo que sofre mudança no tempo; e, por fim, porque a percepção da mudança é tida pelo homem através da experiência, isto é, por meio de um dado empírico.

Uma questão destacada por Kant é que o tempo, por ser uma noção interna, uma intuição pura, não corresponde a uma figura. Uma importante consequência disso está no fato de o homem tentar suprir a carência dessa figura por meio de comparações. Com isso, é comum que a sequência do tempo seja representada “por uma linha contínua, que se prolonga até ao infinito e cujas partes distintas constituem uma série que tem apenas uma dimensão” (KANT, 2004, p. 75).

O autor ainda destaca outros pontos concernentes ao tempo. Ele afirma, por exemplo, que, enquanto o espaço é a condição formal dos fenômenos externos, o tempo é a condição formal de todos os fenômenos em geral, inclusive os internos, pertencentes ao espírito. Além disso, ele observa que um fenômeno ou um objeto específico estará sempre submetido ao



tempo, mas o tempo não é uma propriedade inerente a esse fenômeno ou objeto, e sim ao sujeito que os intui; contudo, o tempo, fora do sujeito, não é nada.

As ideias kantianas são retomadas em estudos contemporâneos, como os desenvolvidos por Chomsky (2006). Esse autor faz ampla referência a filósofos muito anteriores a Kant, como Platão, por exemplo, que havia observado que o homem possui um vasto conhecimento apesar de seu contato simples, pessoal e limitado com o mundo, sugerindo a existência de “ideias adormecidas” no homem já em seu nascimento. Chomsky (2006) também faz referência a Kant, uma vez que este, em sua *Crítica da razão pura*, não só admite a existência de intuições *a priori* no espírito, como também propõe que a interação do homem com o ambiente possibilite o surgimento de intuições *a posteriori*. Assim, Chomsky (1988) descreve o conhecimento prévio do homem como um conhecimento inato, fruto de princípios mentais que são parte do pacote genético humano. A interação desses princípios com a experiência dada pelo meio possibilitaria, por exemplo, a aquisição da linguagem.

É válido lembrar que esta pesquisa toma como pressuposto que a mente opere com faculdades mentais distintas. Dentre elas, há aquela que abriga os conceitos. Esses conceitos teriam uma sintaxe própria, independentemente da linguagem, como sugere Fodor (1975) para a linguagem do pensamento. De maneira semelhante, Jackendoff (1983)<sup>4</sup> propõe que a faculdade dos conceitos possua princípios inatos e universais. Assim, a ideia kantiana, apresentada nesta seção, de que tempo e espaço constituam intuições puras pode ser interpretada como se essas intuições fossem princípios do sistema dos conceitos. Na visão de Kant, tempo e espaço seriam, possivelmente, os dois únicos princípios desse sistema e eles possibilitariam que outros conhecimentos fossem adquiridos *a posteriori*, a partir do contato com o mundo.

Na próxima seção, o tempo é analisado a partir de uma perspectiva linguística.

---

<sup>4</sup> Jackendoff (*op. cit.*) refere-se a esses princípios como um conjunto finito de “regras de boa formação conceptual”.

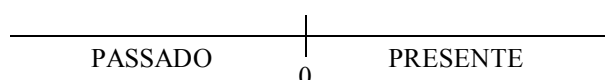
### 1.3 O Tempo na linguagem

#### 1.3.1 *Tempo na linguagem*

Comrie (1985), em seu livro intitulado *Tense*, observa que a localização de situações no tempo é uma noção puramente conceitual que independe das distinções feitas em qualquer língua particular para estabelecer essa localização. O autor define Tempo, o qual denomina *tense*, como a gramaticalização da localização no tempo, ao qual se refere como *time*. No entanto, o autor pontua que há outras maneiras, além da gramaticalização, de expressar linguisticamente a localização no tempo. Em seu livro de 1985, porém, o maior interesse do autor é a forma gramaticalizada da expressão temporal e o seu objetivo é fornecer uma abordagem de Tempo do ponto de vista dos universais linguísticos e da tipologia linguística, ou seja, ele procura estabelecer as variações em termos de Tempo encontradas nas línguas e quais os limites dessa variação.

Para a sua discussão acerca do Tempo na linguagem humana, o autor assume que o tempo seja representado por uma linha reta, com o passado representado para a esquerda, o futuro<sup>5</sup>, para a direita, e o presente, por um ponto 0 (zero) nessa linha. Em relação ao presente, o autor ainda acrescenta que há mobilidade do momento presente relativo à linha do tempo, uma vez que o que caracteriza esse momento é um ponto no tempo subsequente àquele que caracterizou esse mesmo momento há cinco minutos. A figura 1 abaixo mostra a representação diagramática de tempo proposta pelo autor (COMRIE, 1985, p. 2).

Figura 1. Representação de tempo segundo Comrie (1985).



<sup>5</sup> Apesar de Comrie (*op. cit.*) mencionar o futuro, esse tempo não é contemplado em sua representação diagramática de tempo, apresentada na figura 1.

Comrie (1985) declara que, apesar de a figura 1 coincidir com a conceptualização de tempo por diferentes culturas, algumas sociedades têm conceptualizações radicalmente diferentes. Por exemplo, algumas culturas possuem conceitos cíclicos de tempo, o que alteraria a linha reta da figura 1 para um círculo. No entanto, o autor argumenta que essa proposta não seja relevante para o seu estudo porque em nenhuma língua do mundo o conceito de ciclos de tempo tem relevância para a expressão de Tempo como uma categoria gramatical. Como o objetivo do autor era fornecer uma abordagem de Tempo válida para qualquer língua, sua abordagem não foi baseada em conceitos de tempo específicos de uma cultura. Logo, segundo o autor, a figura 1 é a representação adequada de tempo para o propósito de analisar as expressões temporais nas línguas naturais.

O autor afirma que é equivocada a proposição de que uma cultura não tenha o conceito de tempo ou tenha um conceito radicalmente divergente do exposto anteriormente. Uma evidência apresentada pelo autor de que esse conceito perpassa todas as culturas é o fato de os diferentes estágios da vida do homem dependerem de uma conceptualização de tempo. Segundo o autor, o que ocorre em muitas culturas é a ausência de conceptualização de progresso, como se o amanhã fosse igual ao hoje, mas, mesmo quando a noção de progresso não é relevante para a cultura, existe uma ideia de tempo e são feitas referências a alguns eventos passados.

Segundo Comrie (1985), a sugestão de que uma determinada cultura não possua o conceito de tempo pode estar equivocadamente baseada no simples fato de aquela cultura não ter um aparato gramatical para expressar linguisticamente a localização no tempo. De todo modo, o autor ressalta que todas as línguas parecem ter alguma maneira de localizar situações no tempo, diferindo entre si em dois aspectos: no grau de precisão dessa localização e no peso relativo atribuído ao léxico e à gramática nessa localização.

Comrie (1985) propõe que as expressões linguísticas utilizadas para localizar situações no tempo possam ser abrigadas em três classes distintas. A primeira delas abarcaria as expressões compostas lexicalmente, que constituiriam um conjunto potencialmente infinito em línguas que possuem meios linguísticos de mensurar intervalos de tempo, e envolveria a presença dessas expressões em uma posição sintática, como na sentença “A partícula desintegrou-se 9<sup>-10</sup> segundos após o início do experimento”. A segunda classe incluiria os itens lexicais que expressam localização no tempo, como *agora*, *hoje* e *ontem*. Por fim, a terceira classe conteria as categorias gramaticais de localização no tempo, sendo esse o conjunto mais restrito nas línguas. Para o autor, a categoria gramatical de Tempo, na maioria das línguas, seria indicada no verbo – ora pela morfologia verbal, ora por palavras gramaticais adjacentes ao verbo –; em algumas, ocorreria por uma marcação na posição reservada para “partículas sentenciais”; e, em outras, apareceria como um morfema anexado a advérbios temporais ou espaciais que, obrigatoriamente, concordariam em Tempo com o verbo.

Conforme anunciado no início desta seção, a base da discussão de Comrie (1985) é que Tempo seja a expressão gramaticalizada de localização no tempo, embora o autor reconheça que provavelmente haja um pequeno número de línguas sem tal gramaticalização e que as línguas imponham severas restrições ao conjunto de expressões de localização no tempo que podem ser gramaticalizadas. Segundo o autor, as noções mais comumente gramaticalizadas nas línguas são anterioridade, simultaneidade e posterioridade, que seriam equivalentes a passado, presente e futuro quando se toma o momento presente como o centro dêitico. O autor afirma que, por um lado, é raro encontrar itens lexicais com essas caracterizações semânticas tão gerais e, por outro, é difícil encontrar Tempos tão específicos quanto os itens lexicais que fazem referência a tempo. Por exemplo, ao passo que expressões compostas lexicalmente com caracterizações semânticas gerais, como “no passado” e “no futuro”, são redundantes quanto à informação veiculada por Tempo como categoria

gramatical, não parece haver nas línguas um Tempo como categoria gramatical que expresse a noção tão precisa veiculada pela expressão “no ano passado”.

Comrie (1985) esclarece ainda que Tempo foi inicialmente descrito como uma categoria do verbo, por vigorar como seu anexo morfológico, e, posteriormente, foi descrito como uma categoria de toda a sentença ou, em termos lógicos, de toda a proposição. Contudo, recentemente, Tempo voltou a ser entendido como uma categoria do verbo, mas por razões diferentes daquelas que se propunham antes. Segundo o autor, passou-se a argumentar que os sintagmas nominais que constituem os argumentos do verbo estejam muito frequentemente fora do escopo do Tempo, enquanto o verbo estaria necessariamente dentro de seu escopo.

Outra questão relevante apontada por Comrie (1985) é que Tempo é uma categoria dêitica, uma vez que relaciona entidades a um ponto de referência. O estabelecimento desse ponto é fundamental para que as situações sejam localizadas no tempo. Além disso, embora haja inúmeras possibilidades lógicas para esse ponto, o mais comum é a escolha da situação da fala, o momento presente, como o ponto de referência. Por meio desse ponto de referência, são definidos os Tempos absolutos – presente, passado e futuro. Entretanto, a existência de outros centros dêiticos, além do momento presente, tem um papel crucial na existência de Tempos relativos, como pode ser observado na sentença “Amanhã, às cinco horas, eu já terei terminado de ler todo o livro”, cujo centro dêitico é determinado pela expressão “amanhã, às cinco horas”. O autor ainda acrescenta que a maioria dos Tempos existentes, na maior parte das línguas, pode ser descrita em termos de um centro dêitico ou da combinação de centros dêiticos.

Ainda com relação à dêixis, Comrie (1985) esclarece que a localização no tempo, em muitos aspectos, é similar à localização no espaço, e, inclusive, muitas expressões utilizadas nas línguas para estabelecer a localização no tempo são derivadas etimologicamente de expressões espaciais. Contudo, as localizações no tempo e no espaço diferem-se em duas

questões. Primeiramente, no que tange ao espaço, o “não-aquí” é uma área contínua, enquanto, no que diz respeito ao tempo, o “não-agora” define uma área descontínua, que consiste de passado e futuro, separados pelo presente, dada a natureza unidimensional do tempo. Talvez, em consequência disso, não exista nas línguas a possibilidade de gramaticalização de um Tempo único que represente o “não-agora”. Em segundo lugar, no que concerne ao tempo, o momento presente é o mesmo para falante e ouvinte, ao passo que, considerando o espaço, em sentido estrito, falante e ouvinte devem estar em localizações diferentes. A esse respeito, cabe destacar que Comrie (1985) parece retomar as ideias kantianas, apresentadas na seção 1.2, de que fenômenos que ocorram em tempos diferentes sejam sucessivos, enquanto aqueles que ocorram em espaços diferentes sejam simultâneos.

Comrie (1985) faz algumas assunções a respeito dos Tempos nas diferentes línguas, a saber: (i) os Tempos possuem significados definíveis independentemente de contextos particulares, (ii) é possível que um dado Tempo tenha mais de um significado, sendo alguns significados mais básicos do que outros, e (iii) é possível que um Tempo receba, em contextos específicos, interpretações particulares, as quais seriam resultantes da interação do significado básico do Tempo em questão com o contexto. Logo, a interpretação dada a uma categoria gramatical no discurso não deve ser confundida com o significado dessa categoria, mas a investigação desse contexto de uso pode dar pistas do significado das formas gramaticais de Tempo. Uma das maneiras citadas pelo autor de avaliar o contexto a fim de extrair o significado básico de um dado Tempo é por meio do exame dos advérbios de tempo empregados juntamente com a categoria gramatical de Tempo nas sentenças. Contudo, o autor adverte que essa ferramenta não deve ser utilizada mecanicamente, já que a intervenção de outros fatores pode comprometer a correlação simples entre a categoria de Tempo e o advérbio de tempo. Segundo o autor, isso pode ser observado, no português, no aparente conflito entre o Pretérito Perfeito do Indicativo, que tem como significado básico a referência

temporal passada, e uma marcação adverbial de tempo futuro, como na sentença “Quando eu chegar, você já saiu”<sup>6</sup>. Nesse caso, a interpretação de tempo futuro dada ao verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo seria explicada por uma regra geral do português, especialmente falado, que prediz que, uma vez que a referência ao tempo futuro seja expressa pelo Tempo presente (como em “Amanhã eu *chego* ao trabalho às oito horas”), a referência a um evento que é anterior a um ponto de referência futuro será expressa por um Tempo que é anterior ao momento presente, isto é, por um Tempo passado.

Comrie (1985), a partir do seu estudo interlinguístico de Tempo, destaca os pontos da discussão feita na sua pesquisa que devem ser incorporados em uma teoria formal de Tempo. Embora seu estudo não tenha por objetivo propor tal teoria formal, o autor apresenta os prolegômenos de uma abordagem formal nesse sentido. Assim, apropriando-se de conceitos introduzidos por Reichenbach (1947), Comrie (1981, 1985) estabelece representações formais para os Tempos, por exemplo, absolutos e relativos. Como nesta tese só serão mencionados os Tempos absolutos (presente, passado e futuro), serão apresentadas a seguir apenas as representações formais propostas por Comrie (1981, 1985) para esses Tempos.

Antes, porém, é preciso explicitar que uma proposta feita por Reichenbach (1947), que será depois parcialmente aproveitada por Comrie (1981, 1985), é a de utilização de pontos temporais – ponto S, ponto E e ponto R – para a descrição dos Tempos em uma teoria formal. Hornstein (1990), ao tratar desses pontos temporais, explica que o ponto S é o elemento dêitico que tipicamente designa o momento do discurso, sendo ancorado pelo momento da fala; o ponto E é um formativo explícito na teoria de Reichenbach (1947) que designa o tempo do evento; e o ponto R, ou ponto de referência, é o primitivo temporal que medeia a relação entre os pontos S e E. Segundo Hornstein (1990), na teoria de Reichenbach (1947), a relação temporal primária é a estabelecida entre os pontos S e R, sendo a relação entre os

---

<sup>6</sup> Nesse caso, a marcação adverbial de tempo futuro é expressa por meio da oração “quando você chegar”.

pontos S e E derivada, uma vez que apenas o ponto R relaciona-se com o ponto E. Contudo, uma das críticas feitas por Comrie (1981) ao sistema de Reichenbach (1947) é justamente baseada no fato de este autor mencionar, na descrição de todos os Tempos, esses três pontos temporais, o que Comrie (1981) considera desnecessário por ser possível dispensar o ponto S em Tempos relativos e o ponto R em Tempos absolutos.

Assim, para representar os Tempos absolutos, Comrie (1981, 1985) utiliza-se apenas dos pontos E e S e estabelece algumas relações temporais que permitam relacionar esses pontos, a saber: antes, depois e simultâneo. Desse modo, o presente é definido por “E simultâneo a S”, o passado, por “E antes de S”, e o futuro, por “E depois de S”.

Comrie (1985) observa que há, basicamente, duas maneiras de relacionar uma situação à linha do tempo exposta na figura 1, na página 28. A primeira maneira seria por meio da localização dessa situação em algum lugar da linha do tempo, relacionando-a a algum outro ponto ou segmento especificado nessa linha. Como foi apresentado até então nesta seção, essa maneira seria viabilizada nas línguas por meio do Tempo. A segunda maneira seria por intermédio da discussão do contorno temporal interno de uma situação, por exemplo, analisando se a situação deve ocupar um ponto ou um traço na linha do tempo, o que dependeria de sua duração. Segundo o autor, a gramaticalização da expressão da constituição temporal interna de uma situação é feita por meio do Aspecto<sup>7</sup>.

Hornstein (1993) assume que Tempo e Aspecto não constituam um sistema inclusivo único, mas admite que essas duas categorias estejam intimamente relacionadas e interajam muito extensivamente. Também Comrie (1985) concorda que, embora haja uma distinção conceptual entre Tempo e Aspecto, esses conceitos sejam intimamente relacionados, como revela a exposição do próprio autor sobre essas categorias, apresentada no parágrafo precedente. Uma manifestação dessa relação, apresentada por Comrie (1976), está no fato de,

---

<sup>7</sup> O mesmo padrão adotado para distinguir o tempo conceptual do Tempo linguístico foi adotado para aspecto, ou seja, quando grifado com inicial minúscula, “aspecto” faz referência ao conceito aspectual e, quando grifado com inicial maiúscula, “Aspecto” faz referência à expressão linguística.



frequentemente, algumas línguas combinarem em uma mesma categoria gramatical as informações de Tempo e de Aspecto.

Tendo em vista essa íntima relação entre Tempo e Aspecto e o fato de um mesmo morfema no português do Brasil (doravante PB) comumente veicular essas duas noções, nesta tese, que busca avaliar a desintegração do tempo por pacientes com DTA, o Aspecto também deve ser analisado na linguagem desses indivíduos, uma vez que podem apresentar problemas tanto em uma quanto nas duas categorias. Portanto, a categoria de Aspecto é abordada na seção seguinte.

### 1.3.2 *Aspecto na linguagem*

Comrie (1976, 1985) esclarece que, diferentemente de Tempo, Aspecto não possui uma função dêitica, já que apresenta a constituição temporal interna de uma situação independentemente da relação dessa situação com qualquer outro ponto no tempo.

Assim como Comrie (1985), ao tratar de Tempo, aponta que o fato de localizar situações no tempo é algo conceptual e existente em diferentes culturas, Smith (1991), ao tratar de Aspecto, afirma que a existência de diferentes categorias aspectuais não é dependente da língua, e sim baseada nas habilidades cognitivas humanas que possibilitam que as pessoas distingam os significados aspectuais automaticamente. Por exemplo, dentre os conceitos que os humanos diferenciam sem que seja necessária instrução explícita está a distinção estabelecida entre estados e eventos, categorias que são detalhadas mais adiante. Além disso, Comrie (1985), ao falar da expressão linguística de tempo, afirma que as línguas diferem no modo como gramaticalizam essa noção, e, de maneira semelhante, Smith (1991), ao falar da expressão linguística de aspecto, observa que as línguas diferem quanto ao modo de expressar linguisticamente os diferentes significados aspectuais, de forma que nem todos

esses significados são gramaticalizados em todas as línguas, ainda que os mais básicos geralmente apareçam, de maneiras distintas, nas diversas línguas.

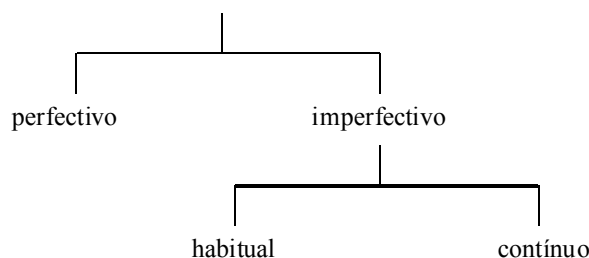
De acordo com Verkuyl (1972), o significado aspectual da sentença é composicional, ou seja, resultante da interação de diferentes componentes da sentença. Do mesmo modo, Smith (1991) postula que o significado aspectual se aplique a toda a sentença, ao invés de se limitar ao verbo ou ao sintagma verbal. Dentre os componentes que interferem no significado aspectual da sentença, podem-se citar o “Aspecto gramatical” e o “Aspecto inerente ou semântico”, que serão abordados separadamente nesta seção.

Comrie (1976), ao tratar de perfectivo e imperfectivo, aborda uma parte da informação aspectual da sentença que é aqui referida como “Aspecto gramatical”. O autor propõe que perfectivo e imperfectivo sejam os dois Aspectos gramaticais fundamentais nas línguas. Segundo o autor, o perfectivo expressa uma ação visualizada em sua totalidade, sem distinção entre as várias fases independentes que compõem a situação, enquanto o imperfectivo destaca essencialmente a estrutura interna da situação.

Comrie (1976), ao tratar de perfectivo e imperfectivo destaca que a expressão de uma ação em sua totalidade não deve ser confundida com a descrição de eventos com uma duração limitada, pontual ou momentânea, uma vez que o Aspecto perfectivo pode ser utilizado em verbos associados a situações que se prolonguem no tempo. Já ao discutir o imperfectivo, o autor propõe que, tipicamente, esse Aspecto subdivida-se em dois: o habitual e o contínuo.

A figura 2 a seguir apresenta parte da representação proposta por Comrie (1976) para a classificação das oposições aspectuais básicas.

Figura 2. Representação esquemática com os Aspectos gramaticais básicos e as subdivisões do imperfectivo segundo Comrie (1976).



Ao abordar o imperfectivo habitual, Comrie (1976) esclarece que uma ação habitual não deve ser entendida como sinônima de uma ação iterativa, ou seja, uma ação que se repete diversas vezes consecutivas. Assim como nem todo hábito provém de uma iteração, como pode ser observado na sentença “João costumava ter medo do escuro”, nem toda iteração constitui um hábito, como pode ser percebido pela sentença “Maria espirrou cinco vezes consecutivas”. Na verdade, o que caracteriza uma ação habitual é o fato de ela ser típica de todo um período estendido de tempo, em vez de ser uma ação acidental. Além disso, o autor acrescenta que a definição da habitualidade de um evento tem um caráter conceptual, e não meramente linguístico. Já ao abordar o imperfectivo contínuo, o autor define-o pela negação do que constituiria o imperfectivo habitual, propondo que o contínuo seja todo imperfectivo não-determinado pela habitualidade.

Comrie (1976) afirma ainda que o Tempo passado é aquele que mais frequentemente apresenta distinções aspectuais gramaticais. Além disso, o autor sugere que o presente, por ser um Tempo essencialmente descritivo, normalmente carregue um significado imperfectivo. Com base nessa última afirmação, nesta tese, assume-se que formas verbais no presente possuam o Aspecto imperfectivo.

No que tange ao “Aspecto inerente” ou “Aspecto semântico”, pode-se dizer que essa questão foi primeiramente abordada por Vendler (1967) quando esse autor agrupou os verbos em quatro categorias distintas. As categorias propostas por Vendler (1967) para abrigar os diferentes tipos de verbos são estados, atividades, processos culminados (*accomplishments*) e

culminações (*achievements*)<sup>8</sup>. Os estados são caracterizados por uma condição estável que dura por um período de tempo sem que haja mudança dessa condição entre dois intervalos de tempo. Já as atividades são definidas por eventos que acontecem durante um período de tempo não definido, uma vez que não há nesses eventos um ponto terminal estabelecido. Os processos culminados, por sua vez, são entendidos como eventos que duram um período de tempo definido, uma vez que possuem um clímax inerente a ser alcançado, após o qual o evento não pode ser estendido. Por fim, as culminações são caracterizadas por eventos que ocorrem em um único momento, de modo que seu clímax é atingido praticamente imediatamente após o seu início. O quadro 1 a seguir apresenta exemplos de sentenças cujos verbos podem ser agrupados nessas quatro categorias.

Quadro 1. Exemplos de sentenças cujos verbos estão agrupados nas categorias propostas por Vendler (1967).

<b>Estados</b>	<b>Atividades</b>	<b>Processos culminados</b>	<b>Culminações</b>
Maria <i>ama</i> João.	Carlos <i>corre na orla</i> .	Joana <i>correu um quilômetro</i> .	Lucas <i>achou uma carteira</i> .
Pedro <i>é</i> alto.	Laura <i>lê jornal</i> .	Paulo <i>leu a revista</i> .	Sara <i>chegou ao trabalho</i> .
Ana <i>conhece</i> Maceió.	José <i>cozinha todos os dias</i> .	Sofia <i>viajou do Rio a Cabo Frio</i> .	Mauro <i>morreu</i> .

Ao tratar de “Aspecto inerente” ou “Aspecto semântico”, Comrie (1976) discute situações pontuais *versus* durativas, télicas *versus* atélicas e estáticas *versus* dinâmicas. O autor ressalta que a duratividade se refere ao fato de uma dada situação estender-se por um certo período de tempo ou, pelo menos, ser visualizada como estendida por um período de tempo, enquanto a pontualidade se refere à qualidade de uma situação que não possui nenhuma duração ou estrutura interna, não podendo se estender por um período de tempo em virtude de sua ocorrência momentânea. A esse respeito, Comrie (1985) ainda acrescenta que situações pontuais são representadas por pontos na linha do tempo apresentada na figura 1, enquanto situações que ocupam um certo período de tempo são representadas por traços

<sup>8</sup> Neste estudo, serão utilizadas as traduções propostas por Oliveira et al. (2003) para as categorias sugeridas por Vendler (1967), a saber: “processos culminados” para *accomplishments* e “culminações” para *achievements*.

naquela linha. Ao ilustrar uma situação pontual, Comrie (1976) utiliza um verbo de culminação da categorização de Vendler (1967), como na sentença “João alcançou o cume da montanha”, uma vez que essa ação não pode ser prolongada.

O autor declara que uma situação télica envolve um processo que leva a um ponto terminal bem definido, a partir do qual o processo não pode continuar, ao passo que uma situação atélica envolve um processo, mas não possui tal ponto final. Ao exemplificar uma situação télica, o autor utiliza um verbo de processo culminado de Vendler (1967), como em “João está construindo uma cadeira” e, ao ilustrar uma situação atélica, utiliza um verbo de atividade de Vendler (1967), como em “João está cantando”. Por fim, Comrie (1976) define estado como uma situação que permanecerá sem alterações, a menos que algo aconteça para mudar esse estado, enquanto uma situação dinâmica só poderá continuar se estiver sujeita continuamente a um fornecimento de energia. Nesse caso, o “estado” para Comrie (1976) é claramente paralelo ao “estado” para Vendler (1967).

Verkuyl (2005) afirma que, desde a década de 80, assume uma posição diferente da assumida por Vendler (1967), uma vez que este autor propõe uma classificação com quatro classes aspectuais e aquele sugere que uma classificação mais adequada e relevante na composição aspectual deveria conter apenas três classes aspectuais: estados, processos e eventos<sup>9</sup>. Nesse caso, os processos para Verkuyl seriam equivalentes às atividades de Vendler e os eventos de Verkuyl englobariam os processos culminados e as culminações de Vendler. Para Verkuyl (2005), são os traços semânticos do verbo e do complemento que determinam as três classes aspectuais propostas<sup>10</sup>. Verbos que contenham um traço [+ADD TO] expressam processos dinâmicos e caracterizam os verbos de eventos e de processos, enquanto verbos que contenham um traço [-ADD TO] expressam estaticidade e caracterizam os verbos de estado. Os complementos que contenham o traço [+SQA] referem-se aos sintagmas nominais que

---

<sup>9</sup> Essa classificação aspectual adotada por Verkuyl (*op. cit.*) já havia sido anteriormente proposta por Mourelatos (1978).

<sup>10</sup> Os traços semânticos apresentados aqui já são propostos por Verkuyl em 1972.

possuem uma quantidade especificada de coisas, enquanto os complementos que contenham o traço [-SQA] referem-se aos sintagmas nominais que não possuem essa quantidade especificada. Assim, para Verkuyl (2005), os estados teriam verbos [-ADD TO] e sintagmas nominais complementos [ $\pm$ SQA], os processos, verbos [+ADD TO] e sintagmas nominais complementos [-SQA], e os eventos, verbos [+ADD TO] e sintagmas nominais complementos [+SQA]. Logo, o que diferiria um processo do tipo “Maria andou quilômetros” de um evento do tipo “Maria andou três quilômetros” seria a natureza do complemento.

Slabakova (2000) expressa o mesmo conceito trazido pelo traço [ $\pm$ SQA], apresentado no parágrafo precedente, em termos de cardinalidade do complemento. A autora propõe que complementos de cardinalidade especificada possam ser exaustivamente contados ou mensurados, enquanto aqueles de cardinalidade não-especificada não o possam ser. Em sentenças do tipo “Karina assou um bolo”, “Cristine está descascando uma maçã” e “Andréa vai comer três biscoitos”, os complementos verbais “um bolo”, “a maçã” e “três biscoitos”, que possuem um determinante antes do nome, seriam de cardinalidade especificada. Já em sentenças do tipo “Leonardo lê jornal” e “Rodrigo comprava revistas”, os complementos verbais “jornal” e “revistas”, que não possuem um determinante antes do nome, seriam de cardinalidade não-especificada.

Assumindo a tradicional classificação de Vendler (1967) e a definição de cardinalidade do complemento apresentada por Slabakova (2000), parece que, no PB, verbos de atividade ou não possuem complementos ou são seguidos por complementos de cardinalidade não-especificada, o que os difere dos verbos de processo culminado, que são seguidos por complementos de cardinalidade especificada.

Nesta tese, são adotadas as nomenclaturas relativas às categorias aspectuais propostas por Vendler (1967) e a proposta de Comrie (1976), segundo a qual os Aspectos gramaticais básicos são o perfectivo e o imperfectivo, e esse último se subdivide em habitual e contínuo.

Analisa-se especificamente o “Aspecto gramatical” na linguagem de indivíduos com DTA, ou seja, são examinadas as expressões do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo. Já no que tange à expressão de Tempo, são analisadas as expressões linguísticas de presente e passado na fala desses sujeitos.

A seção seguinte trata de Tempo e Aspecto dentro do arcabouço teórico gerativista.

#### **1.4 A representação linguística de Tempo e Aspecto**

Como apresentado na introdução desta tese, este estudo trata da linguagem dentro do arcabouço teórico do Gerativismo. Essa teoria linguística, inaugurada por Chomsky em 1957, opõe-se diretamente ao Behaviorismo. No modelo gerativista, a linguagem é concebida como um sistema cognitivo dotado de princípios inatos, invariáveis e comuns a todos os indivíduos. O conjunto desses princípios constitui a Gramática Universal, que é o estágio inicial da gramática de todos os homens. A formação da gramática de uma língua particular depende da interação desses princípios com os dados da língua aos quais os homens são expostos.

Embora a Gramática Universal seja rigorosamente igual para todos os indivíduos ao nascerem, as gramáticas mentais de falantes maduros de línguas diferentes são distintas. Isso ocorre porque os princípios são invariáveis, mas permitem parametrizações. Em outras palavras, propõe-se que alguns princípios estejam relacionados a duas possibilidades de manifestação e uma delas seja fixada durante a fase de aquisição da linguagem. Por exemplo, um princípio parametrizável nas línguas é aquele que permite o apagamento do sujeito.

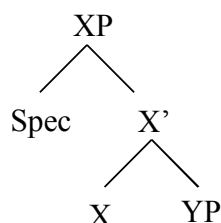
Com base nesses pressupostos, passou-se a buscar entender como a linguagem está estruturada na mente. A fim de propor uma estrutura para a linguagem, adotou-se a sentença como a unidade básica de análise, e a sua organização sintática passou a ser descrita. Assim, uma teoria passou a ser bastante utilizada para descrever a estrutura sintática das sentenças: a

teoria X-barras. Os princípios dessa teoria foram descritos como inatos, constituindo parte da Gramática Universal, e algumas poucas parametrizações necessitariam ser feitas para que a estrutura sintática das sentenças fosse adquirida pelos indivíduos (HAEGEMAN, 1991).

Uma das maneiras de representar sintaticamente as sentenças na teoria X-barras é por meio da “árvore sintática”. A metáfora da “árvore sintática” tem como base a ideia de que as sentenças sejam formadas por sintagmas que seriam organizados em níveis sucessivos e hierárquicos. De acordo com essa proposta, todos esses sintagmas possuem uma estrutura básica, podendo ser lexicalmente determinados ou funcionais.

No caso dos sintagmas lexicais, a categoria lexical, como um nome, um verbo, um adjetivo ou uma preposição, constitui um núcleo X e o projeta, formando a projeção máxima XP. Como parte desse sintagma, há ainda o complemento do núcleo (YP), uma ou mais projeções intermediárias (X') e um especificador (Spec), cuja função é abrigar um modificador. No caso dos sintagmas funcionais, a categoria funcional, como Tempo (T) e Concordância (Agr)<sup>11</sup>, constitui o núcleo do sintagma, que tem a mesma organização do sintagma lexical. A estrutura do sintagma pode ser representada conforme a figura 3 a seguir.

Figura 3 – Estrutura dos sintagmas que compõem a árvore sintática.



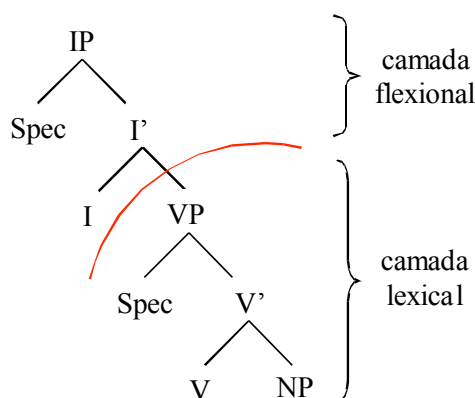
Nem sempre foi proposto que as categorias T e Agr projetassem nódulos separados na árvore sintática. Em uma fase precedente da teoria, pensava-se que os traços dessas duas

<sup>11</sup> Adotam-se aqui as siglas mais difundidas na literatura, que advêm da língua inglesa. Por isso, utiliza-se a letra “P”, da palavra “*phrase*”, para indicar “sintagma”; “Agr”, da palavra “*agreement*”, para “Concordância”; e “I”, da palavra “*inflectional*”, para “Flexão”. Mais adiante, nos capítulos 2 e 3, são também utilizadas as siglas “NP”, de “*noun phrase*”, para “sintagma nominal”, e “PP”, de “*prepositional phrase*”, para “sintagma preposicionado”.



categorias devessem ser abrigados em um único nóculo – o sintagma flexional (IP). Assim, todas as sentenças, com ou sem auxiliar, possuíam um nóculo IP. Essa projeção máxima, cujo núcleo era a própria Flexão (I), passou a corresponder à projeção máxima da sentença. Desse modo, a sentença era formada basicamente por duas camadas: a lexical e a funcional. A primeira, mais abaixo na árvore sintática, era composta pelos sintagmas lexicais, e a segunda, mais acima na árvore, era composta pelos sintagmas funcionais e abarcaria, inclusive, a camada flexional. A figura 4 a seguir apresenta como a sentença passou a ser representada na árvore sintática, indicando as partes correspondentes às camadas lexical e flexional<sup>12</sup>.

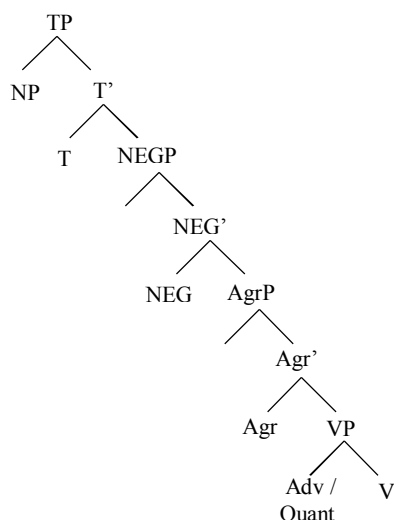
Figura 4 – Árvore sintática com o nóculo flexional (IP) e a divisão entre as camadas lexical e flexional.



Após a proposição do nóculo IP e do estudo de Borer (1984) que revelou que as diferenças entre as línguas são morfológicas – abrigadas na camada flexional –, diversas pesquisas voltaram-se para o estudo e o refinamento do nóculo IP. Pollock, em 1989, foi um desses estudiosos. Com base nas diferentes posições do verbo em relação ao advérbio, ao quantificador e à partícula de negação no inglês e no francês, Pollock (1989) propõe que a camada flexional contenha os traços de T e Agr alojados em dois nóculos diferentes. Com isso, a sentença passa a ser representada em árvores sintáticas como a apresentada na figura 5.

<sup>12</sup> Na árvore sintática proposta na figura 4, seria possível ainda que a projeção intermediária de um sintagma flexional ou verbal, sendo recursiva, se combinasse com um adjunto, que seria a posição proposta para abrigar expressões adverbiais temporais e espaciais. Além disso, nessa árvore, optou-se por representar apenas a camada flexional, e não toda a camada funcional, por apenas aquela ser relevante para este estudo.

Figura 5 – Árvore sintática com o IP cindido em TP e AgrP.



Chomsky (1991) incorpora a proposta de Pollock (1989) da cisão do nódulo flexional e desenvolve essa ideia, propondo uma expansão do nódulo de Concordância. Segundo Chomsky (1991), a sentença deveria apresentar um nódulo relacionado à Concordância de sujeito – Agr<sub>s</sub> – e um relacionado à Concordância de objeto – Agr<sub>o</sub>.

Posteriormente, Chomsky (1995), em seu Programa Minimalista (doravante PM), procura explicar a linguagem em função de sua simplicidade e economia. Com base nessas noções, a Faculdade da Linguagem passou a ser entendida como um sistema que interage com duas outras faculdades da mente, os sistemas de desempenho articulatório-perceptual e conceptual. Esses leriam as representações linguísticas geradas na forma fonológica e na forma lógica, que passaram a ser descritas como níveis de interface: a forma fonológica dialogando com o sistema articulatório-perceptual, e a forma lógica, com o sistema conceptual. Logo, os tipos de descrições estruturais geradas pela Faculdade da Linguagem eram exigências dos sistemas de desempenho, que passaram a assumir papel central no PM.

Com a nova proposta de interação entre a Faculdade da Linguagem e os sistemas de desempenho, os traços formais foram analisados tomando-se por base a necessidade dessa interação. Os traços formais foram descritos como interpretáveis ou não-interpretáveis semanticamente pelos sistemas de desempenho, e propôs-se que apenas os traços

interpretáveis seriam legitimados na Faculdade da Linguagem, uma vez que, sem esses traços, noções expressas fora da linguagem, tais como tempo e modo, não poderiam ser representadas no sistema linguístico. Assim, só era justificável que categorias que abrigassem traços interpretáveis semanticamente projetassem um nóculo na árvore.

Tendo em vista que os traços de Concordância seriam não-interpretáveis, Chomsky (1995) postula que esses traços não projetem um nóculo na árvore sintática e sugere que as relações de Concordância, antes estabelecidas nesse nóculo, sejam definidas a partir de uma relação especificador-núcleo em TP.

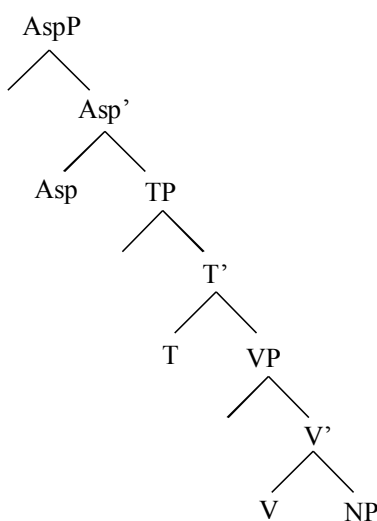
Seguindo essa proposta de Chomsky (1995), não haveria um nóculo AgrP na árvore sintática e, nesse caso, seria preciso que outros estudos acerca da camada flexional tentassem resolver a questão, proposta por Pollock (1989), da necessidade de duas categorias funcionais nessa camada. Chomsky (1995), ao propor a existência de um nóculo vP compondo a camada flexional juntamente com TP, embora tivesse outras motivações teóricas para propor tal nóculo, poderia já estar fornecendo uma alternativa que atendesse à necessidade de duas categorias funcionais nessa camada.

Outro estudo que oferece uma alternativa a essa necessidade é o de Bok-Bennema (2001). Essa autora retoma o estudo de Pollock (1989) e sugere que outra categoria flexional, que abrigasse traços interpretáveis semanticamente, deveria ocupar a posição de AgrP na árvore sintática. A autora, ao analisar o movimento dos verbos e a posição dos advérbios em francês e espanhol, propõe que, além do nóculo temporal, a camada flexional contenha um nóculo aspectual, chamado de AspP, que abrigue os traços [ $\pm$  perfectivo]. Entretanto, não foi Bok-Bennema (2001) quem primeiramente postulou a existência do nóculo AspP na árvore sintática. Koopman & Sportiche (1991) foram os primeiros a considerar a existência de um nóculo aspectual na camada flexional.

Estudos neurolinguísticos com indivíduos acometidos por patologias da linguagem também buscaram corroborar as propostas de existência de um nódulo aspectual na camada flexional. Estudos dessa natureza podem revelar que os traços de Tempo e de Aspecto não podem ser abrigados em um só nódulo da camada flexional se evidenciado um comprometimento seletivo – ou com Tempo, ou com Aspecto – na linguagem dos pacientes.

Um desses estudos foi desenvolvido por Novaes & Braga (2005). Os autores, ao analisarem o desempenho linguístico de uma paciente afásica agramática, identificaram um comprometimento linguístico com o Aspecto imperfectivo, mas não com Tempo ou com Concordância. Com base nesses dados, os autores propõem que AspP – e não AgrP – constitua um nódulo na árvore sintática. Baseados na hipótese da poda da árvore (FRIEDMANN & GRODZINSKY, 1997), também sugerem que a paciente apresente um problema com Aspecto, mas não com Tempo, porque apenas a categoria que abriga os traços aspectuais estaria acima do ponto podado na árvore sintática. Logo, segundo os autores, a árvore sintática seria estruturada da maneira expressa na figura 6 abaixo.

Figura 6 – Árvore sintática com o nódulo AspP substituindo o nódulo AgrP na camada flexional.



A próxima seção discute as posições onde podem ser alocados os advérbios temporais / aspectuais em uma árvore sintática como a ilustrada na figura 6.

#### 1.4.1 *A representação linguística dos advérbios temporais / aspectuais*

Ao abordar a questão da representação linguística dos advérbios temporais / aspectuais, é importante dizer que, por muito tempo, postulava-se que os advérbios constituíam um adjunto na sentença<sup>13</sup>. No entanto, Cinque (1999) defende a tese de que os advérbios deveriam, na verdade, ocupar a posição de especificador de núcleos funcionais.

Cinque (2006) retoma a ideia de que advérbios não devam ser vistos como apêndices acessórios à estrutura da sentença, como a noção tradicional de adjunto, mas sim como uma parte integrante dela. Segundo o autor, grande parte da morfologia flexional, as partículas funcionais e os auxiliares eram considerados manifestação aberta, na posição de núcleo, da porção funcional da sentença, e, portanto, os sintagmas adverbiais deveriam ser entendidos como manifestação aberta dessas mesmas distinções funcionais, mas na posição de especificador. Para o autor, a maior evidência desse fato seria a observação de que, através das línguas, o número e o tipo das diferentes classes de sintagmas adverbiais e a sua relativa ordem nas sentenças parecem combinar exatamente com os mesmos número, tipo e ordem relativa dos morfemas que constituíam núcleos funcionais.

Duas outras evidências em favor da natureza funcional dos advérbios são fornecidas por Cinque (2006). A primeira viria de estudos das línguas de sinal, nas quais a informação lexical codificada nos verbos e nos NPs seria caracteristicamente expressa manualmente, enquanto a informação funcional seria caracteristicamente marcada tanto manual quanto não-manualmente. Segundo o autor, nas línguas de sinal americana e italiana, os advérbios seriam marcados tanto manualmente quanto não-manualmente, mostrando sua similaridade com a marcação da Concordância, do Aspecto e da Negação e sugerindo que os advérbios deveriam ser assimilados pela porção funcional, e não lexical, da sentença. A segunda evidência viria de

---

<sup>13</sup> Ver nota de rodapé número 10.

estudos de aquisição de primeira língua. Assumindo que TP domine AspP e que categorias funcionais mais próximas da camada lexical sejam adquiridas primeiramente, o autor afirma que, assim como distinções aspectuais são adquiridas antes das temporais, advérbios aspectuais mais baixos são aparentemente adquiridos antes dos temporais, mostrando que a emergência dos advérbios ocorre de maneira intimamente relacionada à emergência dos núcleos funcionais aos quais eles correspondem, e fornecendo, assim, outra evidência do caráter funcional intrínseco dos advérbios.

Para Cinque (2006), a estrutura da oração é altamente articulada e, talvez ainda mais importante, rigidamente fixa entre as línguas. O autor, assim, assume que os advérbios, quando presentes na numeração, sejam concatenados sob uma relação de checagem com o núcleo funcional correspondente na hierarquia da sentença, o qual o autor afirma ser parte obrigatória da numeração. Quando não há advérbio como parte da numeração, o autor assume que o núcleo funcional correspondente receba sua interpretação *default*.

Neste estudo, assume-se que haja dois tipos diferentes de marcações adverbiais e que apenas um deles ocupe a posição proposta por Cinque (1999, 2006). Enquanto algumas marcações adverbiais são modificadoras do verbo e parecem, de fato, ocupar a posição de especificador, outras marcações agregam informações extras à sentença e parecem ocupar a posição de adjunto. Por exemplo, nas sentenças “João beijava freneticamente Maria” e “João beijava Maria antigamente”, o advérbio *freneticamente*, na primeira sentença, parece atuar como um modificador do verbo e poderia ocupar, portanto, a posição de especificador de um nóculo aspectual, enquanto o advérbio *antigamente*, na segunda sentença, parece apenas agregar uma informação extra à sentença e deveria, assim, ocupar a posição de adjunto.

Retomando a proposição de Comrie (1985) de que determinadas expressões lexicais temporais forneçam uma informação redundante quanto à informação temporal veiculada pelo Tempo gramatical da sentença, parece que, no segundo exemplo dado, *antigamente* poderia

ser suprimido da sentença, já que suas informações temporal e aspectual estariam também presentes no verbo. Logo, possivelmente, os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e aspecto que funcionem como adjuntos sejam aqueles que concordem com o verbo em função de suas informações temporais e aspectuais.

Nesta tese, adota-se a proposta de que as marcações adverbiais temporais / aspectuais utilizadas nos testes linguísticos deste estudo funcionem como adjuntos das sentenças, pois apenas agregam informações adicionais a essas e são redundantes quanto à informação temporal / aspectual presente nos verbos. Nesse caso, assume-se que haja, entre o verbo e o adjunto adverbial, uma compatibilidade de traços temporais e aspectuais.

### **1.5 Conclusão**

Nesta seção final do primeiro capítulo, é preciso ressaltar que, ao estudar a expressão linguística de tempo e aspecto por pacientes com DTA, este estudo volta-se para a análise apenas de traços interpretáveis semanticamente. Essa opção parece duplamente apropriada. Por um lado, ao analisar fenômenos do sistema linguístico que têm íntima relação com o sistema conceptual, torna-se mais plausível atribuir a origem de um possível déficit temporal na DTA ao módulo da linguagem ou ao módulo dos conceitos. Por outro lado, ao investigar esses traços, estudam-se fenômenos em voga em pesquisas gerativistas atuais, que, ao buscar definir os universais linguísticos, têm se voltado para as diferenças entre as línguas, atribuindo-as às suas diferenças morfológicas, nas quais estão incluídas as categorias de Tempo e de Aspecto.

Um estudo como este pode, em última instância, trazer contribuições para a compreensão de como a linguagem está representada na mente de indivíduos normais, isto é, pessoas adultas não acometidas por patologias que afetem a linguagem. Essas contribuições

dizem respeito à refutação / validação de teorias propostas para o indivíduo normal a partir da análise da linguagem de indivíduos portadores de patologias linguísticas, procedimento recorrente em estudos neurolinguísticos.

Nesta pesquisa, se o déficit na expressão linguística dos pacientes com DTA for atribuído à linguagem, a investigação proposta pode fomentar discussões acerca da hipótese, apresentada anteriormente, de existência de duas categorias diferentes no sistema linguístico do indivíduo normal: uma que abrigue os traços de Tempo e outra, de Aspecto. Por exemplo, se for evidenciado um comprometimento essencialmente linguístico nos pacientes com DTA que atinja exclusivamente a expressão do tempo ou a expressão do aspecto, será fornecido mais um argumento em favor da proposta de que a árvore sintática ilustrada na figura 6 deva permanecer como tal, ou seja, com as categorias funcionais TP e AspP representadas separadamente.

Além disso, este estudo faz ainda outro aporte do ponto de vista da discussão de questões linguísticas teóricas. A partir da proposta de advérbios temporais / aspectuais apresentada, sobretudo, na seção 1.4.1 deste capítulo, este estudo favorece a discussão teórica sobre alguns desses advérbios do PB.

Antes de ser investigada a expressão linguística de tempo e aspecto por pacientes com DTA, primeiramente é preciso que essa demência seja analisada e que sejam descritos estudos já existentes na literatura sobre a linguagem desses pacientes. Esse é, portanto, o tema do próximo capítulo.



## 2 A EXPRESSÃO LINGUÍSTICA DE INDIVÍDUOS COM A DEMÊNCIA DO TIPO ALZHEIMER

*“Não existe o esquecimento total: as pegadas impressas na alma são indestrutíveis.”*  
Thomas de Quincey

### 2.1 Introdução

Primeiramente, é importante esclarecer que, ao longo desta tese, será feita menção ora ao “comprometimento (ou déficit) na expressão linguística dos pacientes com demência do tipo Alzheimer”, ora ao “comprometimento especificamente (ou essencialmente) linguístico dos pacientes com demência do tipo Alzheimer”. A diferença entre essas duas expressões é relevante para este estudo e deve, portanto, ser esclarecida. No primeiro caso, não há compromisso com o módulo cognitivo que, estando prejudicado, leva ao prejuízo observado na produção ou compreensão linguística dos indivíduos. Já no segundo caso, assume-se que o comprometimento manifestado na produção ou compreensão linguística dos pacientes seja decorrente de um distúrbio especificamente no módulo cognitivo linguístico.

Além disso, é válido destacar que o termo “expressão linguística” presente no título deste capítulo não se refere unicamente à produção dos portadores de DTA. Como este estudo visa a investigar a Faculdade da Linguagem desses pacientes, busca-se analisar tanto a sua produção quanto a sua compreensão linguística.

A fim de contribuir para a caracterização da expressão linguística dos pacientes com DTA, este capítulo apresenta uma revisão sobre alguns aspectos gerais e, especialmente, linguísticos dessa patologia. Na seção 2.2, são discutidas algumas características da DTA. Já na seção 2.3, são abordadas pesquisas que buscaram descrever diferentes aspectos da linguagem dos pacientes com DTA, tais como os processamentos semântico, fonológico e

sintático, dando destaque aos estudos que analisaram fenômenos sintáticos na produção e compreensão linguística desses indivíduos. Tal destaque justifica-se pelo fato de esta tese examinar a expressão linguística, por indivíduos com DTA, de fenômenos relacionados a Tempo do ponto de vista da sintaxe da sentença, nos moldes apresentados na seção 1.4 do capítulo anterior. Por fim, na seção 2.4, são retomadas algumas questões discutidas ao longo do capítulo e são reapresentadas algumas das contribuições, o objetivo e a hipótese deste estudo.

## **2.2 A demência do tipo Alzheimer**

A doença de Alzheimer recebe esse nome em homenagem ao médico alemão que, em 1907, publicou um artigo sobre “uma rara doença do córtex cerebral”: Alois Alzheimer. Esse médico, ao fazer a autópsia em um de seus antigos pacientes, observou lesões no cérebro nunca antes descritas. Essas lesões foram associadas à patologia que hoje é conhecida como “doença de Alzheimer” e, desde então, muito já foi descoberto sobre ela, embora ainda haja muito a ser desvendado. Já se sabe, por exemplo, que essa é apenas uma das muitas demências que acometem atualmente a população mundial.

Como já exposto no capítulo introdutório desta tese, o termo “demência”, no meio médico, não é empregado como sinônimo de “loucura”. A demência é, segundo Knopman et al. (2001), uma desordem comum entre pessoas idosas, dada sua alta incidência nessa população. Ela pode ser definida como uma síndrome que afeta progressivamente as funções cognitivas globais, levando ao seu declínio, sem que haja um comprometimento agudo do estado de consciência do indivíduo, mas que interfira nas suas atividades diárias (ABREU, FORLENZA & BARROS, 2005). Dentre as demências existentes, podem-se citar a demência

vascular, a demência por corpúsculos de Lewy, a demência frontotemporal e a demência de Alzheimer (OKAMOTO & BERTOLUCCI, 2002).

Segundo Minett & Bertolucci (2000), a doença de Alzheimer é a causa mais comum de demência. Além disso, os autores acreditam que haja um aumento da patologia em todo o mundo, o que pode ser observado pela sua incidência e prevalência entre as demais demências. Segundo os autores, dados estatísticos apontam que a sua prevalência sobre as demais demências é de 1% em pessoas de 65 anos e de 35% em pessoas de 85 anos. De acordo com Knopman et al. (2001), essa patologia acomete 10% da população com mais de 65 anos de idade e, de acordo com Dubois & Deweer (2003), em 15% dos casos, ela surge antes dessa idade.

Os sintomas da demência do tipo Alzheimer são descritos em diversos estudos. Segundo Johnstone et al. (2002), os déficits cognitivos mais comuns associados à DTA são consensuais na literatura. De acordo com os autores, a memória é a habilidade cognitiva mais afetada na doença. Os outros problemas comumente identificados na demência são observados na linguagem, nas habilidades visual-espaciais, na apraxia, no raciocínio e no processamento da informação.

O diagnóstico da DTA e as suas causas ainda precisam ser amplamente investigados. Sobre o diagnóstico da doença, Rodrigues (2004) atesta que não existe uma maneira precisa de fazê-lo. Só é possível assegurar que se trata dessa patologia após a morte do paciente, por meio de um exame histopatológico do cérebro. Entretanto, é possível que seja dado um diagnóstico de provável DTA por meio de uma comunhão de fatores, tais como exames neurológicos e neuropsicológicos, análise da história médica do paciente e exclusão de outras doenças.

Quanto às causas da DTA, Rodrigues (2004) afirma que, embora haja diferentes teorias disponíveis na literatura, a origem da patologia ainda é desconhecida. Algumas das

hipóteses existentes são de que haja uma influência de fatores genéticos ou ambientais ou de que haja algum tipo de vírus cuja incidência cause a degeneração neuronal.

Segundo Rodrigues (2003), até mesmo as causas da degeneração dos neurônios na DTA ainda são obscuras e muito debatidas no meio acadêmico. Entretanto, há a hipótese de que essa degeneração seja impulsionada por mudanças significativas no funcionamento neurobiológico do cérebro. Algumas das mudanças citadas pelo autor são a atrofia cerebral, o aparecimento de sulcos corticais alargados e ventrículos cerebrais maiores e um aumento significativo de emaranhados neurofibrilares, ou seja, feixes minúsculos de fibras que interferem no funcionamento das células cerebrais.

Segundo Dubois & Deweer (2003), é possível observar uma progressão padrão das lesões cerebrais nos pacientes com DTA. As lesões histológicas começam na parte mais interna do lobo temporal, como o córtex entorrínico e o hipocampo – regiões situadas na face interna dos hemisférios cerebrais. Posteriormente, as lesões estendem-se em direção aos demais hemisférios, especialmente em direção ao córtex associativo dos lobos temporais, parietais, occipitais e frontais.

Há, na literatura, algumas associações descritas entre o local da lesão e a habilidade cognitiva comprometida. Segundo Verkkoniemi et al. (2004), os impedimentos na memória episódica<sup>14</sup> podem ser relacionados a lesões em regiões temporais mediais, especialmente nas estruturas do hipocampo e de seu entorno. Para Dubois e Deweer (2003), os impedimentos nas funções “superiores” ou “instrumentais”, como a linguagem, a execução de gestos intencionais, a identificação visual dos objetos e o raciocínio, podem ser relacionados a lesões no córtex associativo.

Alguns autores propõem que a evolução da DTA percorra três estágios. Rodrigues (2004) descreve os comprometimentos mais frequentes nesses estágios. No primeiro deles, há

---

<sup>14</sup> Dubois & Deweer (2003) definem “memória episódica” como o conjunto de lembranças correspondentes aos episódios pessoalmente vividos ou às informações apreendidas em um contexto temporal e espacial preciso.

problemas na memória de curto prazo e na retenção do conhecimento. Observam-se, nesse estágio, o início de uma deterioração na orientação temporal e espacial dos pacientes e uma leve dificuldade na evocação de suas lembranças. Podem ser evidenciados também prejuízos no julgamento e no raciocínio abstrato, desatenção crescente com cuidados pessoais, como a higiene, e alterações moderadas na personalidade. Quanto à linguagem, há problemas na fluência da fala e na utilização e acesso ao léxico.

Segundo o autor, no segundo estágio, há na DTA uma rápida evolução de doenças como a amnésia e diferentes graus de afasia, agnosia e apraxia. Além disso, observa-se que os pacientes, frequentemente, demonstram uma agitação excessiva no comportamento, além de terem episódios de alucinação.

Por fim, no terceiro estágio, o autor relata que os pacientes apresentam a deterioração total das capacidades cognitivas, tais como memória, linguagem, capacidade de julgamento, entre outras. Além disso, há um prejuízo significativo no nível de percepção social do paciente.

Devido aos comprometimentos mencionados nos três parágrafos anteriores, os portadores de DTA tornam-se muito dependentes de seus familiares cuidadores. Coelho & Alvim (2004) relatam que essa dependência é constante e progressiva. De acordo com os autores, no estágio inicial, os familiares cuidadores dedicam-se prioritariamente à supervisão do paciente a fim de protegê-lo. Além disso, ainda nesse estágio, os cuidadores preocupam-se em estimular o paciente ao autocuidado e buscam manter as interações familiares e sociais. No segundo estágio, os cuidadores costumam assumir as tarefas de cuidados com o paciente, supervisionando a sua vestimenta, alimentação, higiene e segurança pessoal. Por fim, no terceiro estágio, os cuidadores passam a fazer todas as tarefas pelos pacientes, que se encontram extremamente dependentes, não conseguindo realizar nenhuma das suas atividades diárias.

Na próxima seção, são discutidos os problemas observados na expressão linguística dos pacientes com DTA.

### **2.3 A natureza do déficit linguístico na demência do tipo Alzheimer**

Os déficits linguísticos de pacientes com DTA afetam os níveis semântico, fonológico e sintático. Apesar de este estudo dar ênfase ao nível sintático, apresenta-se, inicialmente, como ocorre, de maneira geral, a deterioração da linguagem na DTA, que pode ser dividida em três estágios.

De acordo com Huff (1988), na fase inicial da doença, embora a fala do paciente seja ainda fluente, com prosódia e articulação normais, o discurso é marcado por circunlóquios. Além disso, há uma grande dificuldade de nomear objetos, pessoas e conceitos. Por essa razão, há diversas pausas no discurso e o vocabulário geral é usado no esforço de encontrar palavras substantivas que parecem não poder ser recuperadas. Também nessa fase, ainda que o paciente não cometa espontaneamente em seu discurso erros de substituição – parafasias – fonêmica e semântica, frequentemente ele aceita como correta uma palavra sugerida pelo ouvinte do mesmo campo semântico da palavra-alvo buscada.

Ainda segundo o autor, na segunda fase da doença, as parafasias fonêmicas e semânticas passam a ocorrer mais comumente, havendo maior dificuldade em diferenciar palavras semanticamente relacionadas. A compreensão oral e escrita da linguagem deteriora-se, e, embora não ocorram muitos erros sintáticos na fala, as expressões verbais se tornam tipicamente mais curtas e menos elaboradas sintaticamente. Além disso, nessa fase, os pacientes apresentam uma escrita comprometida, caracterizada por erros na grafia e omissão ou repetição de palavras, mas geralmente estão aptos a repetirem frases e lerem em voz alta,

com prosódia normal e pronunciando corretamente mesmo as palavras grafadas irregularmente.

Por fim, Huff (1988) afirma que, no estágio final da doença, a fala é geralmente reduzida à repetição sem sentido de palavras ou de sons sem significado, e muitos pacientes se tornam mudos.

Kempler et al. (1999), ao fazerem uma revisão dos estudos sobre a linguagem de pacientes com DTA, apontam uma importante questão: a maior parte – e a mais bem investigada – dos estudos do comprometimento linguístico na DTA está concentrada nos problemas com o léxico, como a dificuldade de encontrar palavras, e não nos problemas em responder a perguntas, seguir instruções e participar de conversas. Logo, segundo os autores, a maioria dos estudos sobre a linguagem na DTA não se concentra em dificuldades com a compreensão de sentenças. Consequentemente, por muito tempo acreditou-se que a sintaxe desses pacientes estivesse preservada.

Alguns autores que defenderam que a sintaxe nos pacientes com DTA estava preservada foram Illes (1989 *apud* ROCHON, WATERS & CAPLAN, 1994) e Blanken et al. (1987 *apud* ROCHON, WATERS & CAPLAN, 1994). Os autores sustentaram essa ideia baseados na habilidade demonstrada pelos pacientes em gerar sentenças sintaticamente complexas na fala espontânea, pelo menos nos estágios iniciais.

Na mesma direção desses estudos, a pesquisa desenvolvida por Hier, Hagenlocker & Shindler (1985 *apud* GROBER & BANG, 1995) revelou que a fala espontânea dos pacientes com DTA é marcada por um acesso lexical prejudicado e por uma semântica vazia, embora seja sintaticamente bem-formada. Vale ressaltar que, nas três pesquisas citadas, a evidência em favor da preservação da sintaxe nos pacientes com DTA provém de estudos de produção, não de compreensão.

Entretanto, alguns estudos que tinham por objetivo investigar fenômenos sintáticos na linguagem de indivíduos com DTA revelaram, mesmo na produção linguística, um desempenho de pacientes inferior ao de indivíduos normais, questionando, assim, essa suposta integridade da sintaxe na DTA. Contudo, a causa à qual é atribuído o prejuízo no comportamento linguístico envolvendo fenômenos sintáticos diverge muito entre os autores. Kempler et al. (1999), ao revisarem estudos sobre a linguagem na DTA, destacaram que a dificuldade em determinar a verdadeira causa subjacente aos problemas de compreensão detectados nos pacientes poderia estar relacionada ao fato de esses problemas estarem associados a impedimentos na memória e em outros sistemas cognitivos. Com isso, como também relataram Grossman et al. (1996), alguns autores atribuíram o déficit de compreensão observado nos pacientes como decorrente de um problema com o processamento gramatical propriamente dito, enquanto outros autores atribuíram tal déficit a fatores não-gramaticais.

A seguir, são apresentados estudos que revelaram desempenhos divergentes entre pacientes com DTA e seus controles quando esses indivíduos lidavam com informações de natureza sintática tanto na produção quanto na compreensão da linguagem, sendo que os autores interpretaram diferentemente esse déficit. Primeiramente, são apresentados dois estudos, de Altmann, Andersen & Kempler (1993) e Altmann, Kempler & Andersen (2001), que se basearam na produção para examinar fenômenos sintáticos.

Altmann, Andersen & Kempler (1993) analisaram a fala espontânea de pacientes com provável DTA em estágio leve a moderado, comparando-a à fala espontânea de indivíduos normais, a partir de narrativas pessoais eliciadas como parte de uma entrevista. Os autores analisaram todos os erros, corrigidos ou não, cometidos na fala espontânea, classificando-os em quatro categorias, a saber: (i) erros lexicais; (ii) itens omitidos; (ii) erros morfossintáticos, que incluíam erros na morfologia de Tempo e de número, erros de ordem de palavras e omissões de orações encaixadas ou principais exigidas pelo contexto; e (iv) erros de anáfora.



Os resultados indicaram que os pacientes, mesmo estando em um estágio relativamente leve da doença, cometeram significativamente mais erros do que os controles em todas as categorias analisadas. Além disso, ao estabelecerem uma correlação entre medidas linguísticas e não-linguísticas, os autores observaram uma correlação significativa entre a frequência e a porcentagem de erros de anáfora e uma medida de atenção, chamada de *Digit Spam*. Com isso, eles sugeriram que questões concernentes à anáfora estariam mais suscetíveis a comprometimentos em outros domínios cognitivos, de modo que erros nesse âmbito da linguagem não poderiam ser considerados evidência de um comprometimento na linguagem em si, e sim o reflexo de uma capacidade de atenção limitada.

Contudo, esses autores também relataram que havia evidências, nos dados dos pacientes, de omissões de verbos de cópula. Para eles, a omissão dessas formas gramaticais relativamente sem conteúdo sugeria um declínio na competência morfossintática, em vez de refletir a anomia, já tão amplamente documentada na teoria. Assim, os autores agruparam os itens omitidos dentro da categoria de erros morfossintáticos e observaram que não houve diferenças significativas entre as categorias de erros lexicais e de erros morfossintáticos, indicando um comprometimento semântico paralelo ao comprometimento sintático. Por fim, os autores propuseram que a sintaxe não estaria amplamente preservada na DTA, havendo impedimento desde um estágio ainda bastante inicial da demência.

Em um estudo semelhante, Altmann, Kempler & Andersen (2001) propuseram-se a examinar a frequência de erros de escolha lexical e de erros morfossintáticos na produção de indivíduos com provável DTA e de adultos idosos saudáveis, a fim de investigar a caracterização típica dessa demência como uma patologia que afeta a semântica e mantém preservada a morfossintaxe. Para tanto, os autores avaliaram a produção espontânea, no primeiro experimento, e a produção eliciada, no segundo experimento, do grupo de pacientes e do grupo de controles. Em ambos os experimentos, os autores agruparam os erros em quatro

categorias de análise, a saber: (i) substituição e omissão de itens da classe aberta de palavras; (ii) substituição e omissão de itens da classe fechada de palavras; (iii) erros de pronomes de todos os tipos; e (iv) erros morfossintáticos, que incluíam incorreção nas flexões, erro na ordem das palavras e ausência de orações subordinadas ou principais.

Para a realização do primeiro experimento, foi gravada e transcrita uma conversa do pesquisador com o informante sobre tópicos familiares. Os resultados revelaram que tanto os idosos saudáveis quanto os pacientes cometeram erros nas quatro categorias avaliadas, sendo que os pacientes cometeram significativamente mais erros do que os controles em todas as categorias. Entretanto, analisando o desempenho tanto dos pacientes quanto dos controles, em nenhuma das categorias houve um número significativamente maior de erros, indicando, segundo os autores, que as dificuldades enfrentadas pelos pacientes podem ser uma intensificação dos padrões de erros de pessoas idosas. Além disso, os autores observaram que, no grupo de pacientes, 88% de todos os erros morfossintáticos eram erros flexionais e, em ambos os grupos, havia uma tendência a omitir palavras da classe fechada e a substituir palavras da classe aberta.

Já para a realização do segundo experimento, foram fornecidos cartões aos informantes contendo três palavras, sendo dois nomes e um verbo, para que produzissem uma frase gramatical utilizando os itens da classe aberta já disponíveis no cartão e inserindo itens da classe fechada. Os resultados desse experimento revelaram que os pacientes tiveram mais dificuldades para a realização da tarefa do que os controles. Os erros mais comuns foram de omissões de palavras da classe fechada, como, por exemplo, omissões de verbos auxiliares e de determinantes. Além disso, os participantes utilizaram palavras da classe fechada incorretamente – substituição de uma preposição por outra –, cometeram desvios morfossintáticos – sentenças com a estrutura argumental incorreta e com uso de pronomes reflexivos incorretos – e cometeram alguns erros com palavras da classe aberta e com

pronomes – substituição de uma palavra pela outra e omissão de pronomes. Segundo os autores, esses resultados indicavam que os pacientes não tinham dificuldades de produção apenas com palavras representadas semanticamente, como nomes, verbos, preposições locativas e modais, mas também, em algumas circunstâncias, com palavras puramente gramaticais da classe fechada, como verbos auxiliares e determinantes.

Ainda no segundo experimento, uma descoberta inesperada, segundo os autores, foi o desempenho excepcionalmente ruim de três dos dez sujeitos com DTA investigados. Esses três pacientes, que não diferiam dos demais em termos de idade, educação e medidas semânticas, de comprometimento cognitivo e de memória de trabalho, produziram sentenças que se assemelhavam às de uma fala agramática. Logo, os autores interpretaram que tais indivíduos representavam a ponta extrema na distribuição de impedimentos linguísticos possíveis no estágio leve da DTA.

Na análise dos resultados do estudo como um todo, os autores declararam que não pretendiam argumentar em favor de um impedimento específico da classe fechada de palavras ou de um impedimento específico da morfossintaxe na DTA. Em vez disso, eles argumentaram que parece que as palavras da classe fechada, e talvez a morfossintaxe, são vulneráveis a erros decorrentes dos mesmos impedimentos que afetam os pronomes e as palavras da classe aberta, ou seja, falhas para ativar plenamente as representações lexicais de todos os itens da língua, que conteriam traços semânticos e gramaticais.

Por fim, os autores ainda observaram que a natureza da tarefa imposta ao paciente afeta tanto o tipo quanto a quantidade de erros cometidos. Por exemplo, uma tarefa que exija a produção espontânea do paciente pode levar a erros decorrentes das demandas linguísticas e de atenção impostas pela conversação, que envolve, dentre outros fatores, o acesso lexical, o domínio e a manipulação de questões exigidas pelo discurso e a manutenção ativa do contexto da fala. Portanto, talvez devido à tarefa solicitada, comparando o desempenho nos dois

experimentos, no primeiro, os pacientes tiveram muito mais problemas com a classe aberta de palavras, por deverem falar livremente, e, no segundo, cometeram mais erros morfosintáticos e muito mais erros de palavras da classe fechada, pelo fato de as palavras da classe aberta já serem fornecidas aos informantes.

Conforme o que já foi previamente apresentado, os estudos que avaliaram o desempenho de pacientes com DTA ao lidar com fenômenos sintáticos não se concentram exclusivamente na análise da produção. Algumas pesquisas analisaram a compreensão linguística e observaram desempenhos distintos entre o grupo de pacientes com DTA e o grupo controle, como os cinco estudos relatados a seguir, de Rochon, Waters & Caplan (1994), Grober & Bang (1995), Grossman & White-Devine (1998), Kempler et al. (1999) e Bickel et al. (2000).

Com o objetivo de analisar a compreensão de sentenças por pacientes com DTA, Rochon, Waters & Caplan (1994) desenvolveram testes de relacionamento figura-sentença, em que, dentre duas figuras, o paciente deveria selecionar aquela que melhor representasse a sentença apresentada oralmente. Nesse teste, foram utilizadas apenas sentenças semanticamente reversíveis, de modo que, para selecionar a figura correta, o sujeito deveria analisar sintaticamente a sentença, não sendo possível recorrer a pistas semânticas. Além disso, foram utilizados nove tipos de sentenças, sendo três tipos com dois verbos e seis com apenas um verbo. Esses conjuntos de sentenças com apenas um verbo diferenciavam-se entre si pelo nível de complexidade sintática, que variava em função da canonicidade ou não dos papéis temáticos e do número de papéis temáticos a serem atribuídos em torno do verbo.

Os resultados indicaram que, por um lado, fatores como a canonicidade ou não dos papéis temáticos e o número de papéis temáticos a serem atribuídos em redor do verbo nas sentenças com apenas um verbo não interferiram no desempenho dos pacientes, e, por outro lado, o desempenho dos pacientes foi prejudicado nas sentenças que continham dois verbos.

Logo, os autores concluíram que há um comprometimento leve na compreensão de sentenças pelos pacientes.

Esse comprometimento foi atribuído a um problema no processamento pós-interpretativo. Esse problema é mais bem explicado em Waters, Rochon & Caplan (1998), já que os autores expuseram que o processamento pós-interpretativo seria o responsável por manter a representação da sentença – sua estrutura linguística e seu significado – ativa na memória enquanto são analisadas as figuras e comparados os resultados dessas análises com a representação do significado da sentença. Desse modo, sentenças com dois verbos demandariam uma carga processual maior tanto em relação ao processamento visual das figuras quanto em relação à memória verbal e não-verbal para realizar a tarefa. Assim, Rochon, Waters & Caplan (1994) concluíram que o problema de compreensão linguística dos pacientes recai sobre capacidades não-linguísticas.

Por outro lado, Grober & Bang (1995) forneceram evidência em favor de um déficit sintático, atribuído a um comprometimento no componente linguístico. Para tanto, foram desenvolvidos dois experimentos de um teste de relacionamento figura-sentença com sentenças reversíveis e não-reversíveis, sendo ambas apresentadas ora na voz passiva, ora na voz ativa. Nos dois experimentos, havia duas figuras, e o paciente deveria selecionar aquela que correspondesse à sentença apresentada. O que diferenciava os experimentos era a permanência ou não da sentença enquanto o paciente selecionava a figura: a sentença só ficava exposta durante a seleção da figura no segundo experimento. Com isso, as autoras esperavam minimizar a demanda de memória na execução da tarefa do segundo experimento.

As autoras observaram que, no primeiro experimento, os pacientes tiveram um desempenho inferior ao dos controles nos quatro tipos de sentenças, isto é, nas sentenças reversíveis ativas e passivas e nas não-reversíveis ativas e passivas. Além disso, observando apenas o desempenho dos pacientes, constatou-se que a voz não se mostrava significativa para

a compreensão das sentenças, mas a reversibilidade sim, sendo as sentenças não-reversíveis mais bem compreendidas do que as demais. Apesar disso, as autoras destacaram o fato de o desempenho dos pacientes ter sido inferior ao dos controles até mesmo quando não era necessária a análise sintática das sentenças, como nas não-reversíveis. De acordo com as autoras, esse prejuízo na compreensão das sentenças poderia ser indicativo de um problema com a memória de trabalho, que estaria dificultando a realização da tarefa desse experimento, ou de um impedimento semântico, que estaria impedindo a compreensão dos itens lexicais utilizados nas sentenças do teste.

Já no segundo experimento, as autoras observaram um desempenho ruim dos pacientes nas sentenças reversíveis ativas e passivas, bom nas sentenças não-reversíveis ativas e passivas e um desempenho melhor com as sentenças ativas do que com as sentenças passivas reversíveis e não-reversíveis. Com base nesses resultados, as autoras avaliaram que, quando minimizada a demanda de memória para a realização da tarefa no segundo experimento, as pistas semânticas pareciam ser suficientes para que os pacientes tivessem um bom desempenho nas sentenças não-reversíveis ativas e passivas. Assim, as autoras eliminaram a possibilidade de o problema dos pacientes ser decorrente de um comprometimento semântico e atribuíram o problema observado com as sentenças não-reversíveis ativas e passivas no primeiro experimento a um comprometimento na memória dos pacientes, que dificultava a realização daquela tarefa.

A partir daí, as autoras voltaram-se para as sentenças reversíveis do segundo experimento, em que os pacientes apresentaram um desempenho melhor com as sentenças ativas do que com as passivas. Assim, concluíram que, não sendo decorrente de um problema de ordem semântica, nem podendo ser atribuído a um impedimento de memória que impossibilitasse a realização da tarefa no segundo experimento, já que a sentença estava em

exibição junto às figuras, o comprometimento na compreensão das sentenças pelos pacientes só poderia ser atribuído a um impedimento genuinamente sintático.

Grossman & White-Devine (1998) desenvolveram um estudo cujo objetivo era avaliar os vários fatores que contribuem para a dificuldade de compreensão de sentenças por pacientes com DTA, colaborando para a elucidação da natureza desse problema. Segundo os autores, a compreensão de sentenças é um processo complexo que envolve múltiplos componentes linguísticos, assim como tipos específicos de processos cognitivos, e pode ser que os pacientes com DTA tenham um comprometimento seletivo com um ou mais aspectos da compreensão de sentenças.

A fim de atingir o objetivo do estudo, os autores controlaram diferentes fatores que poderiam interferir no processamento da compreensão de sentenças, a saber: (i) aspectos gramaticais, avaliados pela manipulação da voz das sentenças; (ii) demandas de recursos cognitivos, manipuladas pela utilização de duas diferentes classes de verbos – transitivos simples e causativos lexicais<sup>15</sup>; e (iii) aspectos semânticos, acessados pela utilização de sentenças reversíveis e não-reversíveis.

Tais fatores foram manipulados em um teste *offline* em que os sujeitos eram apresentados a sentenças curtas, de cinco a seis palavras, devendo, posteriormente, responder “sim” ou “não” a uma pergunta simples que analisava a compreensão da sentença. As sentenças apresentadas eram ora ativas ora passivas, ora reversíveis ora não-reversíveis, com verbos transitivos simples ou causativos lexicais, e com alguns verbos em construções simples e outros em construções perifrásticas.

As estruturas perifrásticas dos verbos causativos lexicais faziam com que a relação entre os papéis gramaticais e temáticos fosse explícita na sentença, como em “*John made the swimmer drown*” (João fez o nadador se afogar), mas as orações tornavam-se sintaticamente

---

<sup>15</sup> Os verbos causativos lexicais são aqueles em que os papéis gramaticais não são mapeados transparentemente nos papéis temáticos, como na frase, fornecida pelos autores do texto, “*John drowns the swimmer*” (João afoga o nadador), em que é o nadador que se afoga, e não João.

mais complexas, havendo um sintagma subordinado e dois verbos. Já as estruturas perifrásticas desse tipo com verbos transitivos simples faziam com o que a relação entre os papéis gramaticais e temáticos deixasse de ser explícita e mudavam o sentido da sentença correspondente com a estrutura simples do verbo, como em “*John made the chicken eat*” (João fez a galinha comer), que não tem relação de sentido com “*John ate the chicken*” (João comeu a galinha). Assim, os verbos causativos lexicais apareciam em seis conjuntos de sentenças – construções ativas, passivas e perifrásticas em sentenças reversíveis, e construções ativas, passivas e perifrásticas em sentenças não-reversíveis –, enquanto os verbos transitivos simples figuravam em apenas cinco grupos de sentenças – construções ativas, passivas e perifrásticas em sentenças reversíveis, e construções ativas e passivas em sentenças não-reversíveis<sup>16</sup>.

O teste desenvolvido foi submetido a pacientes em estágio leve a moderado e a indivíduos-controle. Os resultados revelaram uma diferença no desempenho geral do teste entre o grupo de pacientes e o grupo de controles, sendo aquele grupo significativamente pior do que este. O exame do desempenho dos pacientes revelou que a compreensão de sentenças contendo verbos causativos lexicais em sentenças com estrutura perifrástica foi significativamente melhor do que a compreensão de sentenças contendo verbos transitivos simples com estrutura perifrástica. Entretanto, sentenças com verbos transitivos simples em construções ativas e passivas foram compreendidas mais precisamente do que sentenças com verbos causativos lexicais em construções ativas e passivas, apesar de não ter havido diferença na compreensão de sentenças ativas e passivas com verbos transitivos simples pelos pacientes. Em outras palavras, a compreensão dos pacientes estava comprometida quando um tipo específico de verbo era usado em um tipo específico de sentença: os verbos causativos lexicais causavam mais problemas do que os verbos transitivos simples nas sentenças ativas e

---

<sup>16</sup> Os verbos transitivos simples não puderam ser associados a sentenças não-reversíveis em construção perifrástica porque tal combinação geraria sentenças anômalas do tipo “\**Gary made the sandwich eat*” (\*Gary fez o sanduíche comer).



passivas, mas os verbos causativos lexicais eram mais bem compreendidos do que os transitivos simples nas sentenças com estrutura perifrástica. Além disso, os pacientes tiveram um desempenho significativamente pior nas sentenças reversíveis do que nas não-reversíveis.

Segundo os autores, uma vez que o arcabouço da sentença perifrástica é mais complexo gramaticalmente do que os das sentenças ativas e passivas, o melhor desempenho dos pacientes com as sentenças com verbos causativos lexicais em estruturas perifrásticas do que em sentenças com esses verbos em estruturas passivas enfatiza que o padrão encontrado na DTA não é devido a um déficit de processamento gramatical. Para os autores, o problema dos pacientes consiste na dificuldade em reunir os recursos cognitivos necessários ao suporte do mapeamento atípico entre papéis sintáticos e temáticos quando esse mapeamento não é direcionado claramente. Esse mapeamento não é explícito em sentenças com verbos causativos lexicais, mas é explícito em sentenças passivas por conter a preposição *por* introduzindo o agente. Os recursos cognitivos que poderiam estar prejudicados na DTA, comprometendo a compreensão, incluiriam a atenção seletiva, a inibição de respostas mais habituais – como aquelas em que os papéis temáticos de agente e tema são atribuídos aos papéis sintáticos na ordem em que esses aparecem na sentença – e a coordenação de múltiplos processos durante o desempenho da tarefa de compreensão de sentenças.

Por fim, os autores afirmaram que os resultados encontrados confirmavam estudos anteriores que sugeriam que pacientes com DTA tivessem dificuldade de compreender sentenças. Porém, diferentemente de investigações anteriores que enfatizaram fatores gramaticais como voz, os autores observaram um padrão de impedimento sugerindo déficits com outros fatores, como a limitação da capacidade de recurso cognitivo e de compreensão das restrições de seleção dos verbos<sup>17</sup>. Segundo os autores, esses resultados dão base e ampliam as observações de Rochon, Waters & Caplan (1994) e são amplamente consistentes

---

<sup>17</sup> Enquanto a limitação de recursos cognitivos parece ter relação com habilidades cognitivas não-linguísticas, a compreensão das restrições de seleção dos verbos parece ter relação com habilidades cognitivas linguísticas, embora Grossman & White-Devine (1998) não tenham abordado essa questão dessa maneira.

com a hipótese de que o déficit de compreensão de sentenças na DTA seja multifatorial em sua natureza.

Kempler et al. (1999), por sua vez, ao tentarem elucidar a natureza do comprometimento linguístico por pacientes com DTA, utilizaram testes linguísticos com diferentes demandas de memória de trabalho para a sua execução, tal como fizeram Grober & Bang (1995), porém chegaram a conclusões distintas daquelas a que chegaram essas últimas autoras. Kempler et al. (1999) aplicaram testes *offline* e *online* a pacientes diagnosticados como prováveis portadores de DTA e a indivíduos-controle saudáveis, com a mesma faixa etária, justificando tal opção pelo fato de testes *online* requererem relativamente pouca memória de trabalho dos informantes a que são submetidos.

O teste *offline* caracterizava-se por ser um teste de compreensão de relacionamento figura-sentença. Nesse teste, todas as sentenças eram reversíveis e se diferenciavam em função da complexidade sintática e do número de participantes envolvidos nas ações descritas nas sentenças. Assim, havia quatro tipos de sentenças: ativas, passivas, com um NP complexo na posição de sujeito<sup>18</sup> e orações relativas. Os dois primeiros tipos de sentenças tinham dois participantes no evento, sendo apenas as passivas sintaticamente complexas, e os dois últimos tipos tinham três participantes no evento, sendo apenas as orações relativas sintaticamente complexas. Com esses tipos de sentenças, os autores acreditavam que, se o problema na compreensão das sentenças pelos pacientes fosse de ordem sintática, eles apresentariam mais problemas com as sentenças sintaticamente complexas, e, se fosse decorrente de impedimentos da memória, haveria mais problemas com as sentenças com maior número de participantes no evento.

Os resultados nesse teste indicaram que os pacientes possuíam efetivamente um problema refletido na compreensão das sentenças, uma vez que o desempenho desse grupo foi

---

<sup>18</sup> Um exemplo desse tipo de sentença, fornecido pelos autores, seria: “*The boy and the girl carry the bear*” (O menino e a menina carregam o urso).

inferior ao desempenho do grupo controle em todos os tipos de sentenças. Além disso, os resultados revelaram que os pacientes obtiveram um desempenho melhor com as sentenças ativas, pior com as relativas e, entre esses dois extremos, um desempenho bastante similar com as passivas e com as sentenças com um NP complexo na posição de sujeito. A partir da quase equivalência no desempenho com esses dois últimos tipos de sentenças, os autores apontaram que o problema de compreensão dos pacientes poderia ser atribuído tanto a problemas ao mesmo tempo na sintaxe e na memória quanto a um impedimento mais geral na memória que afetaria a compreensão de estruturas complexas, sejam elas decorrentes ou não de complexidade sintática.

A fim de obter mais elementos que pudessem contribuir para a elucidação dessa questão, os autores desenvolveram diferentes experimentos de um teste *online* que examinaria o processamento pelos pacientes de diversos tipos de informação linguística necessários à compreensão de sentenças. Nesses experimentos, os informantes eram apresentados, por meio de um estímulo auditivo, a fragmentos de sentenças que constituíam um contexto e, depois, a palavras escritas que podiam ser continuações boas ou ruins do contexto apresentado, sendo as continuações ruins violações de ordem sintática, semântica ou discursiva desse contexto<sup>19</sup>. Nesse caso, o aumento no tempo de leitura das continuações ruins constituiria uma evidência em favor de um processamento normal da estrutura e do conteúdo das sentenças. Como esse teste minimizava a demanda de memória de trabalho, os autores supuseram que, se o comprometimento dos pacientes fosse genuinamente linguístico, ainda que os pacientes possuíssem problemas de memória, eles não apresentariam diferenças significativas no tempo de leitura das continuações boas ou ruins.

---

<sup>19</sup> Kempler et al. (*op. cit.*) forneceram alguns exemplos desses estímulos. São eles: “*The students are doing well. The young girl WAS/\*WERE*” (Os alunos estão tendo um bom desempenho. A jovencinha ESTAVA/\*ESTAVAM) (possível violação gramatical), “*Kevin learned something new today. Many people/\*insects wash their KNIVES*” (Kevin aprendeu algo novo hoje. Muitas pessoas/\*insetos lavam suas FACAS” (possível violação semântica) e “*The children loved the silly clown at the party. During the performance, the clown threw candy to THEM/\*HIM*” (As crianças amaram o palhaço bobo na festa. Durante a apresentação, o palhaço jogou doce para ELES/\*ELE) (possível violação discursiva).

Os resultados nesse teste indicaram que tanto os controles quanto os pacientes foram igualmente sensíveis às violações gramaticais – que poderiam ser erros de concordância entre o sujeito e o verbo e erros concernentes à transitividade verbal – e semânticas das sentenças, mas os pacientes foram menos sensíveis do que os controles às violações discursivas das sentenças. Como o processamento dessas violações discursivas dependia não só da habilidade linguística de coindexar referentes, mas também da atenção e da memória para manter ativa a representação mental dos referentes anunciados, os autores propuseram que o problema dos pacientes nas sentenças com violação discursiva fosse decorrente de impedimentos na memória que afetavam o desempenho pelo fato de o pronome – que era a continuação do contexto anunciado – não ter sido apresentado imediatamente após o antecedente, e sim depois de muitas palavras.

Para testar essa hipótese, os autores ainda propuseram um outro experimento, com violações gramaticais de concordância entre o sujeito e o verbo, que estavam separados por vários constituintes, uma vez que havia uma oração intercalada entre eles. Entretanto, mesmo com a habilidade de memória restrita, nesse último experimento, os pacientes foram sensíveis às violações de concordância, indicando que algum outro fator, que não um impedimento de memória, interferiu no processamento das sentenças com violações discursivas.

De maneira geral, os pacientes tiveram pior desempenho do que os controles no teste *offline* e no experimento do teste *online* em que havia violações discursivas nas sentenças. Comparando o teste *offline* a esse experimento do teste *online*, os autores destacaram que, para um bom desempenho em ambos, é necessário o processamento de toda a sentença pelo informante. Desse modo, os autores concluíram que não são unicamente as demandas de memória ou o conteúdo linguístico que determinam a dificuldade de compreensão de sentenças pelos pacientes com DTA, mas também as demandas computacionais exigidas para a realização da tarefa. Assim, os pacientes apresentarão dificuldade na compreensão da

linguagem quando é exigido que eles derivem o significado de toda a sentença, que usem estruturas relativamente mais complexas sintaticamente e que realizem uma tarefa particularmente custosa para a memória.

Também Bickel et al. (2000) visaram a investigar a habilidade de compreensão sintática de pacientes com DTA, pautados na intuição de que a dificuldade nessa compreensão devia-se a um déficit no desempenho, e não à ausência de competência. Assim, os autores buscaram analisar a compreensão de diversas estruturas sintáticas por pacientes com DTA com diferentes graus de severidade da demência.

Para tanto, os autores desenvolveram um teste *offline* de relacionamento figura-sentença em que duas figuras eram apresentadas simultaneamente a uma sentença na forma oral para que os sujeitos selecionassem a figura apropriada. Todas as sentenças eram semanticamente reversíveis e foram agrupadas em quatorze categorias que variavam em função da sua complexidade sintática. Dentre as diferentes categorias de sentenças, havia três com sentenças na voz ativa, que variavam quanto ao posicionamento do sujeito, do verbo e do objeto na sentença; três categorias de sentenças na voz passiva; quatro categorias com orações relativas, tanto de sujeito quanto de objeto, encaixadas ao centro ou à direita da principal; duas categorias com adjetivos, ora na função atributiva ora na função predicativa; uma categoria com um verbo intransitivo e um NP complexo na posição de sujeito; e uma categoria com um verbo transitivo associado a dois NPs, um com papel temático de agente e outro com papel temático de paciente.

O teste desenvolvido foi aplicado a quatorze pacientes com DTA, sendo sete com impedimento cognitivo leve e sete com impedimento cognitivo de moderado a severo, e a sete indivíduos-controle, todos falantes nativos do alemão. O grau de severidade do impedimento cognitivo dos pacientes foi revelado pela nota obtida em um teste neuropsicológico denominado *Mini-Mental State Examination*.

Os resultados revelaram que o desempenho dos pacientes com impedimento cognitivo leve foi inferior ao desempenho dos controles em todas as categorias, mas diferiu significativamente do desempenho desse último grupo apenas com relação a duas das quatorze categorias de sentenças, a saber: sentenças com oração relativa de objeto encaixada ao centro e sentenças com adjetivos em função predicativa. Por outro lado, o desempenho dos pacientes com impedimento cognitivo de moderado a severo só não ficou no nível da chance em quatro das quatorze categorias de sentenças investigadas, a saber: sentenças ativas com a ordem sujeito-objeto-verbo, sentenças com orações relativas de sujeito encaixadas ao centro pertencentes a duas categorias distintas e sentenças com verbos transitivos e dois SN's, um agente e um paciente.

A partir dos resultados, os autores concluíram que a habilidade dos pacientes com DTA de processar a informação sintática é claramente comprometida. Além disso, os autores acrescentaram que a habilidade de processar sentenças sem o apoio de informações semânticas, utilizando, portanto, apenas informações sintáticas, é mais preservada nos estágios mais iniciais da doença, mas está quase totalmente perdida nos estágios mais avançados da demência. Os autores explicaram tal fato com base na assunção de que as áreas do córtex responsáveis pelo processamento sintático estejam apenas levemente afetadas nos estágios iniciais da doença.

Os autores também propuseram que as dificuldades observadas na interpretação de sentenças especialmente pelos pacientes com impedimento cognitivo de moderado a severo não se devam à perda da competência sintática, que permaneceria intacta, e sim a um problema no desempenho decorrente de dificuldades de processamento, que dependeria amplamente da memória de trabalho. Logo, segundo os autores, o grau de complexidade sintática exerce pouca influência na dificuldade de interpretação das sentenças pelos pacientes, sendo o processamento da informação sintática em si o responsável pelo problema.

## 2.4 Conclusão

Considerando, especialmente, os sete últimos estudos relatados na seção anterior, vê-se que muitos deles evidenciaram que os problemas de indivíduos com DTA podem ser observados quando esses lidam com fenômenos sintáticos. Além disso, esses estudos ilustraram o quão polêmica é a atribuição do déficit vislumbrado na produção ou compreensão linguística ao comprometimento de um módulo cognitivo específico.

Retomando a questão concernente à natureza do problema observado na linguagem desses pacientes, tem-se um quadro bastante diversificado nos estudos descritos anteriormente. Altmann, Andersen & Kempler (1993) propõem que a sintaxe não estaria plenamente preservada na DTA, embora esses autores não pareçam, neste estudo, estar comprometidos com a verdadeira causa do déficit observado no desempenho com fenômenos sintáticos. Altmann, Kempler & Andersen (2001), por sua vez, sugerem que o déficit linguístico dos pacientes com DTA seja decorrente da dificuldade de acessar informações semânticas ou gramaticais codificadas nos itens linguísticos. Já Waters, Rochon & Caplan (1994) advogam em favor de um problema pós-interpretativo na compreensão de sentenças pelos portadores de DTA. Por outro lado, Grober & Bang (1995) defendem que o problema observado na linguagem de pacientes com essa demência é genuinamente sintático. Já Grossman & White-Devine (1998) argumentam que a origem do déficit de compreensão de sentenças na DTA seja multifatorial, dependendo amplamente de diversos recursos cognitivos. Kempler et al. (1999) não são conclusivos quanto à verdadeira origem do comprometimento na compreensão de sentenças por pacientes com DTA, mas declaram que o seu desempenho é afetado pelo tipo de tarefa proposta e pela natureza do estímulo linguístico fornecido. Por fim, Bickel et al. (2000) afirmam que a dificuldade na interpretação de

sentenças na DTA é decorrente de um problema com a memória de trabalho necessária ao processamento sintático da sentença.

Como também pôde ser observado com a revisão feita neste capítulo, as pesquisas sobre a linguagem na DTA, ainda que também se voltem para a análise de fenômenos sintáticos, ainda tratam de questões mais gerais do que a expressão linguística do tempo. Por exemplo, não foram encontrados estudos sobre o modo como esses indivíduos lidam, na produção ou compreensão linguística, com os traços de Tempo e de Aspecto.

Logo, nesse sentido, esta pesquisa, ao investigar a expressão linguística dos fenômenos sintáticos relacionados a Tempo na DTA, pode também contribuir para a caracterização do impedimento linguístico dos pacientes acometidos por essa demência. Afinal, mesmo que a origem do déficit na expressão linguística seja um comprometimento em sistemas cognitivos não-linguísticos, o problema pode manifestar-se por intermédio da linguagem.

Outra contribuição deste estudo é a possibilidade de investigação do papel da expressão adverbial temporal / aspectual na sentença para o processamento de Tempo e Aspecto pelos pacientes com DTA. Para tanto, assume-se, como apresentado na seção 1.4.1 do capítulo anterior, que tal expressão adverbial atue como um adjunto na sentença e compartilhe com o verbo os traços temporais e aspectuais. Com base nos resultados obtidos em um estudo de caso com um portador de DTA em uma pesquisa anterior (MARTINS & NOVAES, 2007), em que o paciente parecia estabelecer corretamente a relação entre a informação temporal / aspectual do advérbio e do verbo, postula-se que a expressão adverbial auxilie nesse processamento pelos pacientes. O exame dessa questão traz o benefício de se descrever outro aspecto sintático na expressão linguística de indivíduos com DTA.

Conforme apresentado na introdução desta tese, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para a elucidação da questão concernente à origem do déficit linguístico dos



pacientes com DTA. Nesse caso, a hipótese formulada para este estudo é de que o déficit na expressão linguística de fenômenos relacionados a Tempo pelos pacientes seja decorrente de um prejuízo em sistemas cognitivos não-linguísticos, nos moldes do que havia sido proposto por Rochon, Waters & Caplan (1994).

É fundamental reforçar que o objetivo específico deste estudo é argumentar em favor da ideia de que o déficit na expressão linguística de fenômenos relacionados a Tempo pelos pacientes com DTA seja decorrente de um problema em seu sistema linguístico. Apesar disso, adotou-se a hipótese de que o déficit seja decorrente de problemas em sistemas não-linguísticos porque, segundo a tradição da “lógica da pesquisa científica” de Popper (1959), a hipótese dever ser formulada de modo que possibilite a sua refutação.

A hipótese proposta aqui poderia ser refutada se pacientes com DTA tivessem, por um lado, um bom desempenho em testes que avaliassem a cognição como um todo e, por outro, um desempenho ruim em testes linguísticos que minimizassem a demanda de atenção e de memória e nos quais as tarefas pós-interpretativas fossem simplificadas. Assim, o baixo desempenho linguístico dos pacientes seria dificilmente associado a comprometimentos extralinguísticos.

Para atingir o objetivo traçado neste estudo, foram desenvolvidos dois testes linguísticos e foi analisada a fala espontânea de pacientes com DTA. Os testes, assim como a seleção dos pacientes e dos controles, o tipo de estudo realizado e os procedimentos adotados na aplicação dos testes e na gravação da fala espontânea são relatados na metodologia, tópico do próximo capítulo desta tese.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Introdução

A fim de examinar a expressão linguística de tempo e aspecto por pacientes com a demência do tipo Alzheimer, bem como investigar a origem de um possível comprometimento linguístico desses indivíduos, foram aplicados testes a um grupo de pacientes e a um grupo de indivíduos normais<sup>20</sup>, que constituía o grupo controle da pesquisa. Além disso, foi gravada a fala espontânea desses pacientes.

No capítulo que se inicia, são apresentados o tipo de estudo desenvolvido, os critérios utilizados na seleção dos pacientes e dos controles, os desenhos dos testes linguísticos elaborados, a gravação de fala espontânea realizada e os procedimentos adotados na aplicação dos testes e na gravação da fala espontânea.

#### 3.2 Tipo de Estudo

Há, na literatura, uma discussão acerca dos estudos de caso em oposição aos estudos de grupo como a melhor maneira de investigar a relação entre lesão no cérebro e comportamento. Se, por um lado, alguns estudiosos mostram-se a favor de estudos de caso como a única maneira válida para investigar um comportamento subsequente a uma lesão cerebral, por outro, alguns estudiosos, seguindo uma forte tradição da prática científica, defendem a tese de que a melhor maneira de estudar a relação cérebro / lesão seja por meio de grupos de pacientes com as mesmas características patológicas.

---

<sup>20</sup> Entende-se por “indivíduos normais” falantes do PB não acometidos por patologia linguística ou por qualquer outra patologia que pudesse comprometer o desempenho em testes.

Essa divisão de pesquisadores a favor de estudos de caso ou estudos de grupo em trabalhos científicos é bastante perceptível em estudos sobre a afasia de Broca. Em pesquisas nessa área, aqueles que se utilizam de estudos de grupo têm sido alvo de diversos ataques. Segundo estudiosos que criticam esse método de pesquisa e defendem os estudos de caso, o comportamento linguístico, quando examinado em grau suficiente de detalhamento, revela uma vasta variação entre os pacientes, o que desafia a generalização ou inferência a uma teoria específica. Entretanto, para aqueles pesquisadores que defendem os estudos de grupo, se não há um padrão que permeia a produção e compreensão em todos os indivíduos afásicos de Broca, não há razão para continuar a estudar essa síndrome.

Ao longo do ano de 1999, uma série de artigos acerca desse tema foi publicada, revelando alguns pontos positivos e negativos dos estudos de caso e de grupo na pesquisa linguística com afásicos de Broca agramáticos. Enquanto autores como Berndt e Caramazza advogaram a favor de estudos de caso (BERNDT & CARAMAZZA, 1999), outros autores, como Grodzinsky, Piñango, Zurif e Draï, mostraram-se sempre favoráveis a estudos de grupo (GRODZINSKY et al., 1999; DRAI & GRODZINSKY, 1999; ZURIF & PIÑANGO, 1999).

Vale reforçar que os autores citados no parágrafo precedente deram visibilidade, em estudos neuropsicológicos, ao impasse entre estudos de caso e de grupo na pesquisa linguística com pacientes afásicos, e não com pacientes com DTA. Contudo, a reflexão a respeito da melhor metodologia de pesquisa para aquele grupo de pacientes parece também pertinente para este grupo, uma vez que há de se considerar, para a realização de qualquer estudo científico, as vantagens e desvantagens das possíveis opções metodológicas, de modo que a escolha feita atenda da melhor maneira aos objetivos que se pretendem alcançar com o trabalho a ser desenvolvido.

Levando em consideração as vantagens existentes tanto nos estudos de caso quanto nos de grupo, optou-se, na metodologia deste trabalho, por uma conjugação desses dois tipos

de estudo. Tendo em vista o número reduzido de informantes, típico de estudos com indivíduos acometidos por algumas patologias, este é um trabalho de cunho qualitativo, mas que faz incursões no campo quantitativo. Sendo assim, pretende-se tanto avaliar o desempenho dos pacientes de maneira qualitativa, analisando os desempenhos de cada paciente individualmente, quanto comparar as médias dos desempenhos de dois grupos de pacientes com a média do desempenho dos controles. Tal opção metodológica viabiliza uma análise bastante aprofundada e cuidadosa do desempenho linguístico dos pacientes nas categorias funcionais selecionadas, o que parece de grande valia no momento, tendo em vista a escassez de estudos mais refinados sobre as categorias de Tempo e Aspecto na DTA.

Na próxima seção, é relatado o modo como foram selecionados os pacientes e os indivíduos-controle que participaram deste estudo.

### **3.3 Seleção de Indivíduos**

#### *3.3.1 Seleção de pacientes*

Antes de serem selecionados os pacientes que participariam deste estudo, em atendimento ao preconizado pela Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996 (BRASIL, 1996d), o projeto desta pesquisa deveria ser submetido à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O projeto foi analisado pelo CEP da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense (CEP CMM/HUAP nº 145/08), tendo sido aprovado em 17 de outubro de 2008 (projeto CAAE nº 0110.0.258.000-08). O andamento do projeto no CEP e o parecer de aprovação encontram-se no anexo A, nas páginas 206 e 207.

Cabe ressaltar que, embora esta tese esteja vinculada à Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a instituição que disponibilizou os pacientes para a pesquisa foi o Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense. Por essa razão, o projeto foi avaliado pelo CEP da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados pacientes portadores de provável DTA, diagnosticados pelos profissionais do Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense, pertencentes ao Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia (PIGG/UFF). Esses pacientes foram diagnosticados pelos profissionais do hospital como indivíduos acometidos pela doença em estágios iniciais, sendo esse um critério de inclusão do sujeito na pesquisa<sup>21</sup>.

Não foi feita qualquer restrição quanto à faixa etária, ao sexo, à cor e ao grupo social dos sujeitos. Foram feitas, porém, restrições aos indivíduos analfabetos e com dificuldade visual não-coriada. Essas restrições justificam-se pelo fato de os testes desenvolvidos implicarem a necessidade de o sujeito ver imagens e ler sentenças. Embora essas sentenças tenham sido apresentadas oralmente ao sujeito durante a aplicação dos testes, esperava-se que ele fosse também capaz de lê-las, como um recurso facilitador.

Como um dos objetivos deste estudo é investigar a natureza do déficit linguístico na DTA, fez-se necessário selecionar pacientes sem e com déficit cognitivo, para que os seus desempenhos fossem confrontados. Primeiramente, esperava-se observar um declínio no desempenho linguístico dos pacientes com déficit cognitivo em relação ao desempenho daqueles sem esse déficit, o que poderia ser interpretado como a interação de dois fatores nos pacientes com déficit cognitivo: um prejuízo linguístico e um comprometimento cognitivo. Em segundo lugar, esperava-se que a análise do desempenho linguístico dos pacientes sem

---

<sup>21</sup> Apesar dessa classificação inicial dos pacientes, eles foram submetidos, como parte deste estudo, a um teste neuropsicológico, o *Mini-Mental State Examination* (Mini-Exame do Estado Mental), que permitiu que os pacientes fossem divididos em dois grupos, como é tratado na seção 3.3.1.1.

déficit cognitivo, comparado ao desempenho dos controles, pudesse permitir a refutação da hipótese deste estudo.

Desse modo, foram pré-selecionados dez pacientes, sendo cinco homens e cinco mulheres, falantes do PB, que variavam entre sessenta e dois (62) e oitenta e dois (82) anos. Esses pacientes foram submetidos a um teste neuropsicológico, descrito na seção seguinte, a fim de que fossem selecionados pacientes com e sem déficit cognitivo.

### 3.3.1.1 Teste neuropsicológico

O teste neuropsicológico aplicado aos sujeitos da pesquisa foi o Mini-Exame do Estado Mental (CARAMELLI & NITRINI, 2000), doravante MEEM, a versão para o PB do *Mini-Mental State Examination* (FOLSTEIN, FOLSTEIN & MCHUGH, 1975), apresentada no anexo B, na página 208. Esse teste é frequentemente usado nos meios médico e acadêmico do mundo inteiro<sup>22</sup>. A sua ampla utilização pode ser atribuída ao fato de ser um teste de fácil aplicação, breve, que demanda em torno de cinco a dez minutos para ser aplicado, e que pode ser submetido, inclusive, a pacientes acamados, sem grandes prejuízos.

O MEEM tem por objetivo avaliar o comprometimento cognitivo dos indivíduos. No meio médico, é utilizado como uma importante ferramenta no rastreio e no acompanhamento da perda cognitiva. E, embora o MEEM não permita o diagnóstico diferencial entre delirium e demência (CARAMELLI & NITRINI, 2000), o diagnóstico da DTA, por ser feito por exclusão, pode se beneficiar amplamente pela utilização dessa ferramenta.

Informações sobre diferentes parâmetros cognitivos dos indivíduos podem ser extraídas a partir da aplicação do MEEM. Folstein, Folstein & Fanjiang (2000) subdividem a avaliação das funções cognitivas pelo MEEM em dez categorias distintas, a saber: (i)

---

<sup>22</sup> Um dos estudos sobre a linguagem de pacientes com DTA em que se utilizou o MEEM para avaliar o grau de impedimento cognitivo dos pacientes investigados foi o de Bickel et al. (2000), conforme relatado na seção 2.3 do capítulo 2.

orientação de tempo; (ii) orientação de espaço; (iii) registro; (iv) atenção e cálculo; (v) recordação; (vi) nomeação; (vii) repetição; (viii) compreensão; (iv) escrita; e (vii) desenho. Já Caramelli & Nitrini (2000) agrupam as funções cognitivas avaliadas por esse teste neuropsicológico em cinco categorias, que seriam: (i) orientação de tempo e espaço; (ii) memória imediata; (iii) atenção e cálculo; (iv) evocação; e (v) linguagem.

Neste estudo, propõe-se que as funções cognitivas avaliadas pelo MEEM sejam agrupadas em sete categorias distintas, a saber: (i) orientação temporal; (ii) orientação espacial; (iii) registro de três palavras; (iv) atenção e cálculo; (v) recordação das três palavras; (vi) linguagem; e (vii) capacidade construtiva visual. Nesse caso, a categoria de linguagem incluiria a nomeação de dois objetos; a repetição de uma frase com palavras que não são frequentemente empregadas juntas; a compreensão e a execução de um comando complexo, dado oralmente, contendo três tarefas; a leitura de uma frase seguida da execução de um comando simples nela ordenado; e, por fim, a escrita de uma frase que contivesse significado e, no caso do PB, possuísse, no mínimo, um verbo.

Cada uma das categorias avaliadas pelo MEEM é testada por meio de um conjunto de questões, cada uma delas valendo um ponto. No caso da proposta de agrupamento das questões do teste em sete categorias, tem-se que a orientação temporal e a espacial valem cinco pontos cada, o registro de três palavras e a recordação das três palavras valem três pontos cada, a atenção e o cálculo, cinco pontos, a linguagem, oito pontos<sup>23</sup>, e a capacidade construtiva visual, um ponto. Com isso, a nota obtida no MEEM pode variar de zero, correspondente ao maior grau de comprometimento cognitivo, a trinta (30), indicativo de melhor capacidade cognitiva.

A análise do desempenho dos pacientes com DTA na categoria referente à orientação temporal pode ser de grande valia neste estudo, uma vez que esta tese tem como eixo

---

<sup>23</sup> Na categoria referente à linguagem, três dos quatro pacientes selecionados fizeram oito pontos, enquanto a paciente E., que declarou ser capaz de ler, mas não de escrever, fez cinco pontos.

principal a desintegração do tempo nessa demência. Mesmo sendo o MEEM um teste que avalia a cognição como um todo e não apenas o módulo conceptual, a categoria de orientação temporal poderia contribuir para a análise do comprometimento do conceito de tempo pelos pacientes. Portanto, para a seleção dos pacientes com déficit cognitivo que participariam deste estudo, foram considerados o desempenho no MEEM como um todo, a fim de verificar se havia comprometimento cognitivo, e o desempenho na categoria de orientação temporal em particular, o que poderia ser revelador e contribuir para a análise dos dados obtidos.

Segundo Folstein, Folstein & Fanjiang (2000), a nota de corte mais amplamente aceita e frequentemente usada para o MEEM é vinte e três (23), sendo uma nota igual ou inferior a essa um indicativo de presença de impedimento cognitivo. Entretanto, para os mesmos autores, notas entre vinte e um (21) e vinte e seis (26) podem ser um indicativo de impedimento cognitivo leve, notas entre onze (11) e vinte (20), um indicativo de impedimento cognitivo moderado, e notas entre zero e dez, um indício de impedimento cognitivo severo.

Entretanto, há na literatura discussões acerca dessas notas de corte. Para alguns autores, elas deveriam levar em conta o nível de escolaridade de cada indivíduo, uma vez que uma nota de corte única poderia gerar um falso positivo em uma pessoa pouco escolarizada ou poderia não captar uma perda cognitiva de uma pessoa muito escolarizada. Essa questão é agravada devido a tarefas contidas no MEEM que demandam certa educação formal, dentre elas as tarefas de ler uma frase para obedecer a um comando e escrever uma sentença, na categoria de linguagem, e a tarefa de fazer subtrações, na categoria de atenção de cálculo.

Nesse sentido, Caramelli & Nitrini (2000) propõem que a nota de corte para indivíduos com mais de sete anos de escolarização deva ser vinte e seis (26), para aqueles entre quatro e sete anos de escolarização, vinte e quatro (24), para os que têm entre um e três anos de escolarização, vinte e um (21), e para os indivíduos analfabetos, dezoito (18). Já Brucki *et. al.* (2003) optam por não delimitar notas de corte, alegando que elas devam variar



de acordo com a doença de base do paciente submetido ao MEEM. Segundo esses últimos autores, pacientes com DTA, por exemplo, podem apresentar um prejuízo mais evidente apenas na categoria referente à recordação de palavras.

Além da discussão concernente às notas de corte, há também uma preocupação entre diferentes autores quanto às versões feitas do teste original em inglês, já que o MEEM possui versões em diversas línguas, adaptadas a diferentes países. Essas versões devem considerar não apenas diferenças linguísticas, mas também culturais.

O MEEM já foi validado para a população brasileira e, nesta tese, foi utilizada a versão feita por Caramelli & Nitrini (2000). Com isso, optou-se por levar em consideração os anos de escolaridade dos indivíduos ao classificá-los como possuidores ou não de um comprometimento cognitivo, tal como fizeram os autores dessa versão do MEEM. Desse modo, a nota de corte utilizada para os pacientes que tinham cursado apenas o primeiro segmento do Ensino Fundamental, completando-o ou não, foi vinte e um (21) e, para os pacientes que tinham cursado o segundo ciclo do Ensino Fundamental, completando-o ou não, foi vinte e quatro (24).<sup>24</sup>

Embora dez pacientes tenham sido pré-selecionados para este estudo e submetidos ao MEEM, como apresentado na seção 3.3.1, participaram efetivamente desta pesquisa apenas quatro pacientes, sendo dois com e dois sem comprometimento cognitivo. A participação de apenas quatro pacientes deve-se ao fato de apenas dois dentre os dez pré-selecionados não terem apresentado déficit cognitivo de acordo com o MEEM. Com isso, buscaram-se apenas dois pacientes com déficit cognitivo, a fim de que fossem comparados dois grupos de pacientes com o mesmo número de sujeitos cada. Os pacientes com comprometimento

---

<sup>24</sup> Uma paciente, que havia sido alfabetizada em sua própria casa, obteve nota vinte e três (23) no MEEM e foi considerada como livre de comprometimento cognitivo, seguindo os moldes de Caramelli e Nitrini (*op. cit.*). Todavia, essa é a nota de corte adotada por Folstein, Folstein & Fanjiang (2000), que já a incluíam entre aqueles com comprometimento cognitivo.

cognitivo selecionados foram aqueles que obtiveram as duas menores notas no MEEM e que apresentaram um desempenho especialmente ruim na categoria de orientação temporal.

Os quatro pacientes que participaram da pesquisa tinham entre sessenta e nove (69) e oitenta e dois (82) anos de idade, sendo dois homens e duas mulheres. Um paciente tinha feito todo o Ensino Fundamental, dois pacientes, o primeiro segmento do Ensino Fundamental, e uma paciente foi alfabetizada pelos irmãos. O quadro 2 abaixo apresenta o perfil desses pacientes.

Quadro 2. Perfil dos pacientes incluídos na pesquisa.

<b>Paciente</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade<sup>25</sup></b>	<b>Nota no MEEM</b>	<b>Nota de corte do MEEM</b>	<b>Nota na orientação temporal do MEEM</b>	<b>Comprometimento cognitivo</b>
J.	masculino	69	Ensino Fundamental completo	25	24	3	ausente
E.	feminino	81	aprendeu a ler em casa	23	18	5	ausente
E. A.	masculino	82	1º segmento do Ensino Fundamental	16	21	0	presente
R.	feminino	76	1º segmento do Ensino Fundamental	15	21	1	presente

### 3.3.2 Seleção de controles

Seguindo o mesmo modelo adotado para a seleção dos pacientes, também não foi feita restrição quanto à cor e ao grupo social dos indivíduos-controle e foi feita restrição quanto aos indivíduos analfabetos e com dificuldade visual não-corrigida, pela mesma razão já explicitada na seleção dos pacientes.

<sup>25</sup> O Ensino Fundamental completo corresponde ao antigo “Ginásio”, e o 1º segmento do Ensino Fundamental corresponde ao antigo “Primário”.

A fim de formar o grupo controle deste estudo, foram selecionados quatro indivíduos normais com perfis semelhantes aos dos pacientes. Com isso, foi necessário fazer restrição de sexo, escolaridade e faixa etária dos controles. Para cada paciente, havia um controle com mesmo sexo, escolaridade semelhante e idade aproximada – com diferença de, no máximo, quatro anos para mais ou para menos.

Desse modo, foram selecionados para a pesquisa dois homens e duas mulheres, falantes do PB, que variavam entre sessenta e nove (69) e oitenta e cinco (85) anos. Todos esses indivíduos tinham feito apenas o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Note-se que os testes foram também aplicados a um grupo de dez controles e os resultados obtidos por esse grupo foram semelhantes aos resultados do grupo de quatro controles. Tendo em vista a similaridade entre os resultados desses dois grupos, optou-se, por uma questão de elegância, pela utilização de um grupo controle que contivesse o mesmo número de informantes que o grupo de pacientes.

O quadro 3 abaixo apresenta o perfil dos controles incluídos na pesquisa.

Quadro 3. Perfil dos controles incluídos na pesquisa.

<b>Controle</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Nota no MEEM</b>	<b>Nota de corte do MEEM</b>	<b>Nota na orientação temporal do MEEM</b>	<b>Comprometimento cognitivo</b>
J.G.	masculino	69	1º segmento do Ensino Fundamental	25	21	5	ausente
A.C.	feminino	85	1º segmento do Ensino Fundamental	26	21	5	ausente
A.M.	masculino	78	1º segmento do Ensino Fundamental	28	21	5	ausente
H.	feminino	80	1º segmento do Ensino Fundamental	30	21	5	ausente

A seção seguinte apresenta os testes linguísticos aos quais os pacientes e os controles foram submetidos.

### 3.4 Testes linguísticos

Os testes linguísticos desenvolvidos para esta pesquisa tinham como objetivo verificar o desempenho de pacientes com DTA em sentenças com os Tempos presente e passado e os Aspectos perfectivo, imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo. Nesses testes, fazia-se necessário manipular fatores, mantendo ora o Tempo, ora o Aspecto das sentenças constante, de modo que pudesse ser acessado o verdadeiro fenômeno linguístico prejudicado – Tempo ou Aspecto – caso houvesse algum prejuízo dessa natureza.

Além disso, se fossem realizados apenas testes de Tempo, os resultados obtidos não seriam conclusivos. Por exemplo, se os pacientes com DTA apresentassem mais problemas com o passado, caberia saber se essas dificuldades manifestavam-se igualmente nos dois Aspectos do passado: perfectivo e imperfectivo. Do mesmo modo, se o presente oferecesse mais obstáculos aos sujeitos, seria necessário observar se os problemas com esse Tempo, que é descrito como imperfectivo (COMRIE, 1976), verificavam-se também nos Aspectos imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo no passado, já que, se isso ocorresse, o problema deveria ser atribuído, na verdade, a um comprometimento com o Aspecto imperfectivo e não com o Tempo presente.

Assim, dois testes linguísticos foram desenvolvidos e aplicados aos sujeitos da pesquisa. O primeiro deles, descrito na seção 3.4.1, é um teste de julgamento de gramaticalidade, e o segundo, descrito na seção 3.4.2, um teste de preenchimento de lacuna. Ambos caracterizam-se como testes *offline*, já que o tempo que o paciente utilizava para fornecer a resposta não era computado.

Por meio do teste de julgamento de gramaticalidade, seria possível avaliar se os pacientes apresentavam problemas com Tempo e/ou Aspecto e se tinham maiores dificuldades com Tempo ou com Aspecto. Já por intermédio do teste de preenchimento de lacuna, seria ainda possível identificar em qual Tempo e em qual Aspecto os pacientes apresentavam mais problemas. Essa avaliação linguística permitiria que fosse proposta uma progressão para o comprometimento linguístico temporal dos pacientes com DTA.

Uma vantagem metodológica desses testes linguísticos, em comparação à análise de fala espontânea, é que eles permitiriam que fatores fossem isolados. Com os testes, por um lado, buscava-se investigar como o paciente expressaria linguisticamente conceitos temporais e aspectuais por meio da elaboração de tarefas que minimizassem as demandas de atenção e de memória de trabalho, como é explicado nas seções seguintes. Por outro lado, procurava-se isolar a interferência das memórias de curto e longo prazo na expressão linguística, por exemplo, das diferenças entre passado recente pontual e passado remoto habitual. Isso não seria possível na análise da fala espontânea do paciente, uma vez que a expressão linguística de episódios ocorridos no passado depende da recuperação dos fatos – mais recentes ou mais antigos – na memória de curto ou de longo prazo.

Nas seções 3.4.1 e 3.4.2, são descritos os desenhos dos dois testes linguísticos desenvolvidos.

#### 3.4.1 *Teste de julgamento de gramaticalidade*

Primeiramente, é pertinente dizer que a gramaticalidade de uma sentença diz respeito à sua boa formação do ponto de vista estrutural, e não do ponto de vista semântico, conforme proposto por Chomsky (1957). Assim, uma sentença gramatical seria aquela possível de ser realizada / ouvida em uma dada língua por obedecer aos seus padrões estruturais, e uma

sentença agramatical, comumente marcada por um asterisco em seu início, seria impossível de ser realizada / ouvida em determinada língua por violar os seus padrões estruturais. Segundo Chomsky (1957), uma sentença é avaliada como gramatical ou agramatical a partir de um conhecimento intuitivo do falante nativo, que lhe permite julgá-la como aceitável ou não aceitável.

Neste estudo, a utilização de um teste de julgamento de gramaticalidade tinha como objetivo acessar o conhecimento linguístico intuitivo dos pacientes com DTA, falantes nativos do PB, quanto às informações temporais e aspectuais de sentenças dessa língua. A motivação para o desenvolvimento desse teste foi desencadeada a partir dos resultados obtidos em um estudo anterior (MARTINS & NOVAES, 2007), em que um paciente com DTA foi submetido a um teste de preenchimento de lacuna e a um de relacionamento imagem-sentença. Nesse último teste, o paciente deveria selecionar uma sentença, dentre três fornecidas como opções de resposta, com base em uma imagem que lhe era apresentada. Para fornecer a resposta, o paciente parecia apoiar-se mais na gramaticalidade das sentenças propostas, que ora apresentavam, ora não, compatibilidade de traços entre o verbo e o advérbio de tempo / aspecto, do que na relação que poderia ser estabelecida entre a imagem e a sentença. Por conseguinte, os resultados foram analisados como um problema do paciente na tarefa pós-interpretativa de relacionar corretamente a imagem à informação aspectual da sentença, e não como um problema sintático propriamente dito.

Com isso, pensou-se no desenvolvimento de um teste que analisasse o desempenho do paciente em uma tarefa de julgamento de gramaticalidade por essa demandar apenas a análise sintática da sentença, sem incluir uma tarefa extra, pós-interpretativa, de relacionamento da sentença a uma imagem. Portanto, a expectativa quanto ao desempenho dos pacientes nesse teste era a de que eles tivessem um desempenho melhor do que em testes que envolvessem tarefas mais complexas, como as que demandam a associação de sentenças a imagens. No

entanto, também era esperado que esses indivíduos, tendo algum comprometimento linguístico, julgassem determinadas sentenças agramaticais como gramaticais, revelando, nas palavras de Grodzinsky & Finkel (1998) sobre os indivíduos afásicos, um fracasso na detecção da agramaticalidade das sentenças. Essa expectativa já havia sido parcialmente confirmada em um estudo de caso feito por Martins & Novaes (2008), em que o mesmo teste desenvolvido para esta pesquisa foi submetido a um paciente com DTA e a um indivíduo controle, tendo sido maior a aceitação de sentenças pelo paciente.

O teste desenvolvido no estudo de 2008 foi também utilizado aqui, sendo dessa vez aplicado a quatro pacientes. O teste era composto, ao todo, por oitenta e oito (88) sentenças, sendo metade de sentenças-alvo e metade de distratoras, que foram distribuídas pseudoaleatoriamente no teste. As sentenças-alvo são aquelas que, de fato, são submetidas à análise, e as demais, chamadas sentenças distratoras, visam a distrair o informante quanto ao verdadeiro objeto linguístico do estudo, além de poderem ser utilizadas como uma maneira de avaliar se os indivíduos compreenderam adequadamente o teste. Neste estudo, especificamente, não seriam descartados pacientes, mas indivíduos-controle que errassem mais de duas sentenças distratoras do teste.

A opção de utilizar apenas metade, em vez de dois terços (2/3), de sentenças distratoras no teste deve-se ao fato de ser mais custoso e cansativo para o paciente um teste de longa duração. Como esse teste tinha quarenta e quatro (44) sentenças-alvo, caso fossem utilizados dois terços (2/3) de sentenças distratoras, o teste deveria ter ao todo cento e trinta e duas (132) sentenças.

Diferentemente das sentenças-alvo, que tinham sempre um sintagma nominal (NP)<sup>26</sup> seguindo o verbo, em todas as sentenças distratoras, o verbo era seguido de um sintagma preposicionado (PP), e a preposição que iniciava o sintagma era apropriada ao sentido da

---

<sup>26</sup> Não obstante o fato de esse sintagma, recentemente, ser chamado na teoria de “sintagma determinante” ou “DP”, neste estudo, será sempre utilizada a nomenclatura “sintagma nominal” ou “NP”, por ser essa uma terminologia já consagrada na literatura.

sentença em apenas metade dos casos. Esse PP poderia ser tanto um complemento do verbo, portanto subcategorizado por esse, quanto um adjunto, logo não subcategorizado pelo verbo.

Tipicamente, em testes de julgamento de gramaticalidade, pede-se que uma sentença seja avaliada como *gramatical* ou *agramatical*, o que deve ser entendido, conforme já explicitado no início desta seção, como uma sentença *possível* ou *impossível* de ser produzida em uma determinada língua e não como *correta* ou *incorreta* do ponto de vista da gramática normativa, baseada na norma culta. A fim de minimizar a possibilidade de os indivíduos que realizariam esse teste julgarem as frases como corretas ou incorretas de acordo com tal norma, no teste aqui desenvolvido pediu-se ao informante que dissesse apenas se a frase apresentada parecia uma frase *natural* ou *estranha* de ser ouvida na sua língua.

Todas as sentenças desse teste foram apresentadas na tela de um computador portátil HP de 15 polegadas, no programa *PowerPoint* da *Microsoft*, na plataforma *Windows*. Apareciam, em cada *slide*, uma sentença apenas, no centro da tela, e duas opções de resposta, na parte inferior da tela, assim dispostas: ( ) **NATURAL** ( ) **ESTRANHA**. A palavra “natural” aparecia grafada em caixa alta e em negrito, na cor verde, e a palavra “estranha”, em caixa alta e em negrito, na cor vermelha. Já as sentenças que compunham o teste continham apenas a primeira letra da primeira palavra ou de um nome próprio maiúscula, e todas as sentenças eram apresentadas na cor preta. Os *slides* tinham a cor branca de fundo, e todas as sentenças e as opções de resposta – “natural” e “estranha” – possuíam o mesmo tipo e tamanho de fonte, a saber: fonte Arial, tamanho 35. Um exemplo de um dos *slides* do teste é apresentado no anexo C, na página 209.

Antes do início do teste, explicava-se cuidadosamente como a tarefa deveria ser realizada e lia-se para o informante, em voz alta, a seguinte instrução, contida no primeiro *slide*: “Você vai ler algumas frases e deve dizer se elas parecem **NATURAIS** ou **ESTRANHAS** de serem ouvidas”. As duas primeiras sentenças, que eram distratoras,



serviam também de exemplo de como o teste devia ser respondido. Durante a aplicação do teste, a sentença era lida em voz alta para o informante, com o objetivo de facilitar a participação do sujeito, que recebia tanto o estímulo visual quanto o auditivo. A fim de prover a resposta, o informante devia dizer apenas “natural” ou “estranha”, e a resposta era anotada. Tão logo ele fornecesse a resposta, um botão era pressionado, e o próximo *slide*, com outra sentença, era exibido.

Alguns fatores na elaboração das sentenças dos testes foram controlados de modo a facilitar a participação dos indivíduos. Por exemplo, se a ordem sujeito-verbo-objeto é a mais natural no PB, decidiu-se que não seriam feitas inversões nessa ordem, visto que o objetivo do teste era avaliar o conhecimento de Tempo e Aspecto, e não um fenômeno sintático influenciado por esse tipo de inversão.

Ainda a respeito da estrutura das sentenças, optou-se por utilizar apenas um verbo por sentença testada e sentenças em que os papéis temáticos fossem atribuídos canonicamente. A decisão de controlar tais fatores foi inspirada no trabalho de Rochon, Waters & Caplan (1994), em que os autores investigaram a influência da complexidade sintática – número e canonicidade dos papéis temáticos, por exemplo – e do número de verbos na compreensão de sentenças por indivíduos com DTA. Embora os autores tenham observado apenas a influência do número de verbos na compreensão de sentenças, decidiu-se controlar também a questão referente ao papel temático, novamente com o intuito de minimizar a influência no desempenho dos indivíduos de outros fatores que não os ligados ao conhecimento de Tempo e Aspecto.

Outros fatores controlados na elaboração do teste podem ser evidenciados nas opções por não repetir nomes de personagens e por equilibrar a presença de nomes de homem e de mulher nas sentenças, ficando metade delas com antropônimos masculinos, e a outra metade, com femininos. Tais medidas foram tomadas com o intuito de diminuir a possibilidade de o

indivíduo avaliar a gramaticalidade da sentença em comparação com as demais por imaginar que se tratava de uma história de um só personagem.

Também foi controlado o número de constituintes em cada sentença, uma vez que o desempenho do indivíduo poderia ser afetado pela extensão da sentença, mascarando os resultados quanto ao seu conhecimento temporal / aspectual. Assim, nesse teste, todas as frases continham de quatro a seis constituintes.

Os verbos utilizados nas sentenças-alvo também foram controlados. Primeiramente, tanto nas sentenças-alvo quanto nas distratoras, não houve repetição de verbos nas frases que compunham o teste<sup>27</sup>. No que diz respeito ao tipo de verbo, levando-se em conta a classificação de Vendler (1967), foram utilizados apenas dois tipos nas sentenças-alvo: verbos de atividade e verbos de processo culminado. Estudos realizados por Lessa (2007), Estrêla (2007) e Sampaio (2007) revelaram que há, no PB, uma correlação positiva entre os Aspectos gramaticais perfectivo e imperfectivo contínuo e o verbo de processo culminado e entre o Aspecto gramatical imperfectivo habitual e o verbo de atividade. Com base nesses resultados, optou-se neste estudo por manter a relação mais comumente estabelecida entre os Aspectos e os tipos de verbos citados.

No que tange aos verbos das sentenças-alvo, também foram utilizados apenas verbos regulares, transitivos diretos e de 1ª conjugação. A conjugação verbal, embora não tenha sido relevante em testes de Aspecto aplicados a indivíduos normais em um estudo anterior (MARTINS, 2006), poderia ser relevante para indivíduos com DTA. Sendo assim, dado o alto número de verbos de 1ª conjugação no PB, optou-se por utilizar apenas verbos dessa conjugação nas sentenças-alvo.

No teste de julgamento de gramaticalidade, todas as sentenças continham um advérbio de tempo / aspecto e um verbo que ora possuíam, ora não, uma compatibilidade de traços

---

<sup>27</sup> A única exceção diz respeito ao verbo “caçar”, que apareceu tanto no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo, quanto no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto.

temporais / aspectuais entre si. Esses advérbios eram sempre os mesmos – *atualmente*, *antigamente*, *agora*, *antes* ou *ontem* – e apareciam no início da sentença. A decisão de posicionar os advérbios sempre no início da sentença foi tomada com base nos resultados obtidos em um estudo anterior em que, em testes de preenchimento de lacuna de Aspecto, indivíduos normais, falantes do PB, tendiam a utilizar mais a forma verbal esperada quando a marcação adverbial temporal / aspectual aparecia no início da sentença (MARTINS, 2006).

Embora o teste de julgamento de gramaticalidade tenha sido aplicado em um só dia, sem intervalo entre as sentenças, ele pode ser dividido em dois testes distintos: teste de Tempo e teste de Aspecto. Nas duas seções seguintes, esses testes são detalhados.

#### 3.4.1.1 Teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo

No teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo, havia sempre uma compatibilidade entre os traços aspectuais do verbo e do advérbio. Já os traços temporais do verbo e do advérbio eram ora compatíveis, ora incompatíveis entre si, podendo ser traços de presente ou de passado.

O teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo também pôde ser dividido em dois, de acordo com o Aspecto que permeava todas as sentenças. Desse modo, um dos testes de Tempo possuía, em todas as sentenças, o Aspecto imperfectivo habitual, e o outro, o Aspecto imperfectivo contínuo. A decisão de realizar dois testes de Tempo justifica-se pelo fato de, assim, ser possível investigar se os pacientes apresentavam mais dificuldade em detectar a agramaticalidade da sentença quando um Aspecto específico estava sendo utilizado, o que poderia ser tomado como um indicador do conhecimento aspectual dos pacientes.

No teste de Tempo em que o Aspecto imperfectivo habitual permeava todas as sentenças, ou teste de Tempo 1, foram utilizados os advérbios *atualmente* e *antigamente*,

sendo ambos combinados ora com o verbo no Presente do Indicativo, ora com o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

Conforme apresentado na seção anterior, o verbo das sentenças-alvo com o Aspecto imperfectivo habitual era do tipo atividade; logo, o complemento que o seguia era de cardinalidade não-especificada. Desse modo, a estrutura das sentenças-alvo era como a apresentada em 1 a seguir.

(1) advérbio (*atualmente* ou *antigamente*) + sujeito + verbo (no *Presente do Indicativo* ou no *Pretérito Imperfeito do Indicativo*) + NP (complemento de cardinalidade *não-especificada*).

Nas sentenças-alvo do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1, havia quatro condições possíveis, sendo quatro sentenças para cada uma das condições, totalizando dezesseis (16) sentenças-alvo. Conforme ilustrado de 2a a 2d abaixo, as condições 1 e 3 possuíam, entre advérbio e verbo, traços temporais compatíveis e, as condições 2 e 4, traços temporais incompatíveis.

(2) (a) *Condição 1*: advérbio presente (adv<sub>pre</sub>) + morfologia presente (morf<sub>pre</sub>)

*Exemplo: Atualmente* Lúcia **confeita** bolos.

(b) *Condição 2*: advérbio presente (adv<sub>pre</sub>) + morfologia passado (morf<sub>pas</sub>)

*Exemplo: Atualmente* Rogério **podava** árvores.

(c) *Condição 3*: advérbio passado (adv<sub>pas</sub>) + morfologia passado (morf<sub>pas</sub>)

*Exemplo: Antigamente* Natália **comprava** figurinhas.

(d) *Condição 4*: advérbio passado (adv<sub>pas</sub>) + morfologia presente (morf<sub>pre</sub>)

*Exemplo: Antigamente* Henrique **pesca** sardinhas.

Como também já apresentado na seção precedente, nas sentenças distratoras, um PP seguia o verbo. Seguindo o mesmo modelo adotado nas sentenças-alvo, as sentenças

distratoras do teste de Tempo 1 também continham os advérbios *atualmente* ou *antigamente*, sendo que o verbo no Presente do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *atualmente* – em nove sentenças –, e o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *antigamente* – em oito sentenças<sup>28</sup>. Portanto, nesse caso, o que poderia tornar a sentença agramatical era apenas a incompatibilidade do valor semântico/sintático da preposição do PP com o restante da sentença. No conjunto de sentenças distratoras com o advérbio *atualmente*, havia cinco sentenças com a preposição compatível com o restante da sentença e quatro com a preposição incompatível. Já no grupo de sentenças distratoras com o advérbio *antigamente*, quatro sentenças apresentavam preposição compatível com o restante da sentença, e as outras quatro tinham preposição incompatível. As estruturas das sentenças distratoras e alguns exemplos dessas sentenças são apresentados em 3a e 3b abaixo.

(3) (a) advérbio *atualmente* + sujeito + verbo no *Presente do Indicativo* + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Atualmente Artur bebe **nos** bares. / \*Atualmente Alessandra cuida **por** filho.

(b) advérbio *antigamente* + sujeito + verbo no *Pretérito Imperfeito do Indicativo* + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Antigamente Rodolfo fugia **da** escola. / \*Antigamente Gustavo gostava **por** verdura.

Já no teste de Tempo em que o Aspecto imperfectivo contínuo permeava todas as sentenças, ou teste de Tempo 2, foram utilizados os advérbios *agora* e *antes*, sendo ambos combinados ora com o verbo *estar* no Presente do Indicativo seguido do verbo principal no

---

<sup>28</sup> Nesse caso, havia um total de dezessete (17) sentenças distratoras contra dezesseis (16) sentenças-alvo, o que não seria o esperado, visto que o número de sentenças-alvo e de sentenças distratoras deveria ser o mesmo. Entretanto, a diferença aqui apresentada deve-se ao fato de todos os testes de julgamento de gramaticalidade terem sido apresentados juntos e, no cômputo geral, havia metade de sentenças-alvo e metade de distratoras.

gerúndio, ora com o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do verbo principal no gerúndio.

Conforme previamente apresentado, o verbo das sentenças-alvo com o Aspecto imperfectivo contínuo era do tipo processo culminado; por isso, o complemento que o seguia era de cardinalidade especificada. Desse modo, a estrutura das sentenças-alvo era como a apresentada em 4 a seguir.

(4) advérbio (*agora* ou *antes*) + sujeito + verbo (*estar* no *Presente do Indicativo* seguido do gerúndio do verbo principal ou *estar* no *Pretérito Imperfeito do Indicativo* seguido do gerúndio do verbo principal) + NP (complemento de cardinalidade *especificada*).

Nas sentenças-alvo do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2, havia as mesmas quatro condições existentes no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1, novamente com quatro sentenças para cada uma das condições, totalizando dezesseis (16) sentenças-alvo. Como exemplificado de 5a a 5d abaixo, as condições 1 e 3 possuíam, entre advérbio e verbo, traços temporais compatíveis e, as condições 2 e 4, traços temporais incompatíveis.

(5) (a) *Condição 1*: advérbio presente ( $adv_{pre}$ ) + morfologia presente ( $morf_{pre}$ )

*Exemplo*: **Agora** Vera **está** limpando uma estante.

(b) *Condição 2*: advérbio presente ( $adv_{pre}$ ) + morfologia passado ( $morf_{pas}$ )<sup>29</sup>

*Exemplo*: **Agora** Viviane **estava** desenhando um coração.

(c) *Condição 3*: advérbio passado ( $adv_{pas}$ ) + morfologia passado ( $morf_{pas}$ )

*Exemplo*: **Antes** Cássio **estava** calçando um sapato.

(d) *Condição 4*: advérbio passado ( $adv_{pas}$ ) + morfologia presente ( $morf_{pre}$ )

*Exemplo*: **Antes** Tatiana **está** molhando uma flor.

---

<sup>29</sup> Apesar da incompatibilidade dos traços temporais entre advérbio e verbo das sentenças da condição 2, elas não foram consideradas agramaticais. A razão disso é explicada na seção 3.4.1.3 e retomada ao longo do capítulo 4.

Seguindo o mesmo modelo adotado nas sentenças-alvo, as sentenças distratoras do teste de Tempo 2 continham os advérbios *agora* ou *antes*. Entretanto, nas sentenças distratoras, o verbo *estar* no Presente do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *agora* – em nove sentenças –, e o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *antes* – em nove sentenças<sup>30</sup>. Novamente, nesse caso, o que poderia tornar a sentença agramatical era apenas a incompatibilidade do valor semântico/sintático da preposição do PP com o restante da sentença. Dentre as sentenças distratoras com o advérbio *agora*, havia cinco com a preposição compatível com o restante da sentença e quatro com a preposição incompatível. Por outro lado, na totalidade das sentenças distratoras com o advérbio *antes*, havia quatro com a preposição compatível com o restante da sentença e cinco com a preposição incompatível. As estruturas das sentenças distratoras e alguns exemplos dessas sentenças são apresentados em 6a e 6b abaixo.

(6) (a) advérbio *agora* + sujeito + verbo *estar* no *Presente do Indicativo* seguido do gerúndio do verbo principal + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Agora Leonardo está indo **ao** banco. / \*Agora Diogo está passeando **de** orla.

(b) advérbio *antes* + sujeito + verbo *estar* no *Pretérito Imperfeito do Indicativo* seguido do gerúndio do verbo principal + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Antes Alan estava jantando **no** restaurante. / \*Antes Roberta estava gritando **em** medo.

---

<sup>30</sup> Vê-se que havia um total de dezoito (18) sentenças distratoras, e não dezesseis (16), que era o número de sentenças-alvo. A nota anterior, número 26, explica a razão de tal diferença.

O quadro 4 a seguir apresenta, de modo sucinto, os verbos e os NPs utilizados nas sentenças-alvo e os verbos e os PPs utilizados nas sentenças distratoras do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo.

Quadro 4. Verbos, NPs e PPs selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo.

<b>Verbos selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo</b>			
<i>Sentenças-alvo</i>		<i>Sentenças distratoras</i>	
<b>Caçar</b> (tigres)	<b>Filmar</b> (casamentos)	<b>Andar</b> ( <i>de</i> bicicleta)	<b>Jogar</b> ( <i>na</i> seleção)
<b>Calçar</b> (um sapato)	<b>Fotografar</b> (modelos)	<b>Apostar</b> ( <i>em</i> cavalos)	<b>Lanchar</b> ( <i>no</i> colégio)
<b>Chupar</b> (pirulitos)	<b>Gravar</b> (CDs)	<b>Beber</b> ( <i>nos</i> bares)	<b>Ler</b> ( <i>com</i> prazer)
<b>Colar</b> (um selo)	<b>Limpar</b> (uma estante)	<b>Beijar</b> ( <i>por</i> boca)	<b>Malhar</b> ( <i>com</i> academia)
<b>Colecionar</b> (carrinhos)	<b>Molhar</b> (uma flor)	<b>Brincar</b> ( <i>de</i> boneca)	<b>Merendar</b> ( <i>por</i> amigos)
<b>Colocar</b> (um vestido)	<b>Montar</b> (um armário)	<b>Chorar</b> ( <i>para</i> emoção)	<b>Morar</b> ( <i>para</i> fazenda)
<b>Comprar</b> (figurinhas)	<b>Passar</b> (uma blusa)	<b>Cochilar</b> ( <i>com</i> escritório)	<b>Nadar</b> ( <i>no</i> clube)
<b>Confeitar</b> (bolos)	<b>Pentear</b> (uma boneca)	<b>Correr</b> ( <i>com</i> rua)	<b>Participar</b> ( <i>por</i> debates)
<b>Decorar</b> (casas)	<b>Pescar</b> (sardinhas)	<b>Cozinhar</b> ( <i>pro</i> marido)	<b>Passear</b> ( <i>de</i> orla)
<b>Descascar</b> (uma batata)	<b>Pesquisar</b> (células)	<b>Cuidar</b> ( <i>por</i> filho)	<b>Precisar</b> ( <i>entre</i> terapia)
<b>Desenhar</b> (um coração)	<b>Pilotar</b> (aviões)	<b>Dançar</b> ( <i>de</i> baile)	<b>Pular</b> ( <i>por</i> sofá)
<b>Dobrar</b> (um lençol)	<b>Podar</b> (árvores)	<b>Dirigir</b> ( <i>de</i> cinto)	<b>Rezar</b> ( <i>com</i> fé)
<b>Embrulhar</b> (um presente)	<b>Projetar</b> (prédios)	<b>Dormir</b> ( <i>por</i> sofá)	<b>Rir</b> ( <i>em</i> palhaço)
<b>Engraxar</b> (um sapato)	<b>Ralar</b> (uma cenoura)	<b>Fugir</b> ( <i>da</i> escola)	<b>Subir</b> ( <i>no</i> telhado)
<b>Entregar</b> (pizzas)	<b>Recortar</b> (revistas)	<b>Gostar</b> ( <i>por</i> verdura)	<b>Telefonar</b> ( <i>pra</i> mãe)
<b>Enxugar</b> (uma panela)	<b>Temperar</b> (um peixe)	<b>Gritar</b> ( <i>em</i> medo)	<b>Tocar</b> ( <i>numa</i> banda)
		<b>Ir</b> ( <i>ao</i> banco)	<b>Trabalhar</b> ( <i>no</i> mercado)
		<b>Jantar</b> ( <i>no</i> restaurante)	



### 3.4.1.2 Teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto

No teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto, havia sempre uma compatibilidade entre os traços temporais do verbo e do advérbio – traços de passado. Por outro lado, os traços aspectuais do verbo e do advérbio eram ora compatíveis, ora incompatíveis entre si, podendo ser traços de perfectivo ou de imperfectivo habitual. Foram utilizados os advérbios *ontem* e *antigamente*, ambos combinados, em alguns casos, com o verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo e, em outros, com o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

Como a combinação entre o advérbio *antigamente* e o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo já havia sido utilizada no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1, as mesmas sentenças que serviram àquele teste serviram a este. Assim, as quatro sentenças com essa combinação foram apresentadas uma única vez aos indivíduos, mas foram analisadas como um indicador tanto do conhecimento linguístico de Tempo quanto do conhecimento linguístico de Aspecto.

Conforme já exposto, o verbo das sentenças-alvo com o Aspecto perfectivo era do tipo processo culminado e, por isso, possuía um complemento de cardinalidade especificada. Já o verbo das sentenças-alvo com o Aspecto imperfectivo habitual era do tipo atividade e, dessa forma, possuía um complemento de cardinalidade não-especificada. Sendo assim, nesse teste, havia duas estruturas possíveis para as sentenças-alvo, conforme apresentado em 7a e 7b a seguir.

(7) (a) advérbio *ontem* + sujeito + verbo (no *Pretérito Perfeito do Indicativo*) + NP (complemento de cardinalidade *especificada*).

(b) advérbio *antigamente* + sujeito + verbo (no *Pretérito Imperfeito do Indicativo*) + NP (complemento de cardinalidade *não-especificada*).

Nas sentenças-alvo do teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto, havia quatro condições possíveis, sendo quatro sentenças para cada uma das condições, totalizando dezesseis (16) sentenças-alvo. Como ilustrado de 8a a 8d a seguir, as condições 1 e 3 possuíam, entre advérbio e verbo, traços aspectuais compatíveis e, as condições 2 e 4, traços aspectuais incompatíveis.

(8) (a) *Condição 1*: advérbio perfectivo ( $adv_{perf}$ ) + morfologia perfectiva ( $morf_{perf}$ )

*Exemplo*: **Ontem** Maria **fritou** um bife.

(b) *Condição 2*: advérbio perfectivo ( $adv_{perf}$ ) + morfologia imperfectiva ( $morf_{imperf}$ )<sup>31</sup>

*Exemplo*: **Ontem** José **lavava** carros.

(c) *Condição 3*: advérbio imperfectivo ( $adv_{imperf}$ ) + morfologia imperfectiva ( $morf_{imperf}$ )<sup>32</sup>

*Exemplo*: **Antigamente** Marcela **recortava** revistas.

(d) *Condição 4*: advérbio imperfectivo ( $adv_{imperf}$ ) + morfologia perfectiva ( $morf_{perf}$ )

*Exemplo*: **Antigamente** Luiz **pintou** uma geladeira.

O mesmo padrão adotado nas sentenças-alvo foi adotado nas sentenças distratoras do teste de Aspecto. As sentenças distratoras também continham os advérbios *ontem* ou *antigamente*, sendo que o verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *ontem* – em nove sentenças –, e o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo estava sempre associado ao advérbio *antigamente* – em oito sentenças<sup>33</sup>. Novamente, nesse caso, o que tornaria a sentença agramatical seria apenas a incompatibilidade do valor semântico/sintático da preposição do PP com o restante da sentença. Dentre as sentenças distratoras com o advérbio *ontem*, havia quatro com a preposição compatível com o restante

<sup>31</sup> Apesar da incompatibilidade dos traços aspectuais entre advérbio e verbo das sentenças da condição 2, elas não foram consideradas agramaticais. Tal fato é explicado na seção 3.4.1.3 e retomado ao longo do capítulo 4.

<sup>32</sup> Como já explicado nesta seção, as sentenças da condição 3 do teste de julgamento de Tempo 2 eram as mesmas da condição 3 do teste de Tempo 1, apresentadas no exemplo 2c. Logo, essas sentenças foram apresentadas uma única vez aos indivíduos testados.

<sup>33</sup> Essas sentenças distratoras também eram as mesmas utilizadas no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1, apresentadas no exemplo 3b. Por essa razão, essas sentenças foram apresentadas apenas uma vez a cada um dos informantes.

da sentença e cinco com a preposição incompatível. Já no conjunto de sentenças distratoras com o advérbio *antigamente*, quatro tinham a preposição compatível com o restante da sentença e quatro tinham a preposição incompatível. As estruturas das sentenças distratoras e alguns exemplos dessas sentenças são fornecidos em 9a e 9b abaixo.

(9) (a) advérbio *ontem* + sujeito + verbo no *Pretérito Perfeito do Indicativo* + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Ontem Eduardo sofreu **de** solidão. / \*Ontem Thaís falou **para** celular.

(b) advérbio *antigamente* + sujeito + verbo no *Pretérito Imperfeito do Indicativo* + PP (*com a preposição semanticamente compatível ou incompatível com o restante da sentença*).

*Exemplos:* Antigamente Mateus subia **no** telhado. / \*Antigamente Leticia corria **com** rua.

De modo resumido, o quadro 5 a seguir apresenta os verbos e os NPs utilizados nas sentenças-alvo e os verbos e os PPs utilizados nas sentenças distratoras do teste de Aspecto.

Quadro 5. Verbos, NPs e PPs selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto.

<b>Verbos selecionados para o teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto<sup>34</sup></b>			
<i>Sentenças-alvo</i>		<i>Sentenças distratoras</i>	
<b>Almoçar</b> (uma feijoada)	<b>Costurar</b> (um uniforme)	<b>Andar</b> ( <i>de</i> bicicleta)	<b>Gostar</b> ( <i>por</i> verdura)
<b>Assar</b> (um bolo)	<b>Filmar</b> (casamentos)	<b>Caminhar</b> ( <i>na</i> praia)	<b>Lembrar</b> ( <i>em</i> avós)
<b>Bordar</b> (toalhas)	<b>Fritar</b> (um bife)	<b>Comer</b> ( <i>de</i> garfo)	<b>Morar</b> ( <i>para</i> fazenda)
<b>Caçar</b> (um tigre)	<b>Lavar</b> (carros)	<b>Conversar</b> ( <i>com</i> telefone)	<b>Nadar</b> ( <i>no</i> clube)
<b>Cantar</b> (uma música)	<b>Pintar</b> (uma geladeira)	<b>Correr</b> ( <i>com</i> rua)	<b>Precisar</b> ( <i>entre</i> terapia)
<b>Colecionar</b> (carrinhos)	<b>Plantar</b> (uma flor)	<b>Escrever</b> ( <i>para</i> caneta)	<b>Sofrer</b> ( <i>de</i> solidão)
<b>Comprar</b> (figurinhas)	<b>Preparar</b> (sanduíches)	<b>Estudar</b> ( <i>para</i> biblioteca)	<b>Subir</b> ( <i>no</i> telhado)
<b>Consertar</b> (relógios)	<b>Recortar</b> (revistas)	<b>Falar</b> ( <i>para</i> celular)	<b>Viajar</b> ( <i>de</i> avião)
		<b>Fugir</b> ( <i>da</i> escola)	

<sup>34</sup> Note-se que alguns verbos das sentenças-alvo e das sentenças distratoras são os mesmos nos quadros 4 e 5. Isso se deve ao fato de as sentenças-alvo da condição 3 do teste de julgamento de Tempo 1 serem as mesmas da condição 3 do teste de Aspecto e também ao fato de as sentenças distratoras com o advérbio *antigamente* naquele teste serem as mesmas deste teste. Contudo, essas sentenças foram apresentadas só uma vez aos sujeitos.

Todas as sentenças do teste de julgamento de gramaticalidade, na ordem em que foram apresentadas aos informantes, são exibidas no anexo D, nas páginas 210 e 211.

Na seção seguinte, é relatado que o teste de julgamento de gramaticalidade foi inicialmente submetido a um grupo de indivíduos jovens, e são explicados o porquê dessa aplicação prévia e o modo como ela foi feita.

#### 3.4.1.3 Aplicação prévia do teste de julgamento de gramaticalidade

É importante destacar que, com o objetivo de avaliar, de uma maneira geral, a eficácia do teste de julgamento de gramaticalidade, foi feita uma aplicação prévia desse teste a sessenta (60) jovens entre dezoito (18) e vinte e sete (27) anos, com ensino superior completo ou incompleto, sendo metade homens e metade mulheres.

Para essa aplicação prévia aos informantes jovens, foram feitos três pequenos ajustes no teste. Primeiramente, optou-se por dividi-lo, de modo que vinte (20) informantes realizassem apenas o teste de Tempo 1, outros vinte (20), o teste de Tempo 2, e outros vinte (20), o teste de Aspecto. Em segundo lugar, optou-se por incluir, em cada uma dessas subdivisões do teste de julgamento de gramaticalidade, dois terços (2/3) de sentenças distratoras, em vez de apenas metade, de modo que cada um dos informantes visse dezesseis (16) sentenças-alvo e trinta e duas (32) sentenças distratoras. Por fim, decidiu-se aplicá-lo não com um laptop, mas usando folhas de papel A4, em que constavam um cabeçalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, as instruções ao teste, as sentenças impressas uma abaixo da outra e, abaixo de cada uma delas, as opções de resposta – “natural” e “estranha” – dispostas lado a lado.

Com base nos resultados obtidos, que estão representados nos gráficos exibidos no anexo E, na página 212, as sentenças das diferentes condições do teste foram avaliadas como

gramaticais, agramaticais ou plausíveis de duas interpretações, podendo, nesse caso, ser consideradas gramaticais ou agramaticais. Para que as sentenças de uma determinada condição fossem consideradas gramaticais, a aplicação prévia dos testes deveria ter revelado aceitação das sentenças superior a 85% e, para que fossem avaliadas como agramaticais, a aplicação prévia dos testes deveria ter revelado rejeição também superior a 85%. As sentenças daquelas condições que se encontravam entre esses dois extremos não foram classificadas como gramaticais ou agramaticais, uma vez que essa definição parecia variar entre os falantes, dependendo da interpretação que cada um dava às sentenças<sup>35</sup>. Apesar disso, elas foram mantidas no teste de julgamento de gramaticalidade para que o teste de Tempo 1, o teste de Tempo 2 e o teste de Aspecto tivessem quatro condições cada.

De um modo geral, com respaldo nos resultados dessa aplicação prévia, concluiu-se que o teste elaborado mostrava-se válido para a análise do conhecimento linguístico de Tempo e Aspecto, e criaram-se expectativas quanto ao desempenho dos indivíduos-controle de mesma faixa etária dos pacientes. Entretanto, os resultados obtidos entre os controles deste estudo, que tinham entre sessenta e nove (69) e oitenta e cinco (85) anos, diferiram dos resultados observados entre os informantes mais jovens. Essa questão é discutida no último capítulo desta tese.

Na seção seguinte, é apresentado o segundo teste linguístico elaborado para esta pesquisa.

#### 3.4.2 *Teste de preenchimento de lacuna*

O teste linguístico de preenchimento de lacuna foi inspirado em um teste de Aspecto da mesma natureza desenvolvido em um estudo anterior (MARTINS, 2006). A partir daquele

---

<sup>35</sup> A questão referente às diferentes interpretações dadas às sentenças de algumas condições é discutida no capítulo 4.

teste, alguns aprimoramentos foram feitos, e o seu escopo foi alargado, visto que o teste desenvolvido para este novo estudo pretendia avaliar tanto os Aspectos perfectivo e imperfectivo (habitual e contínuo) quanto os Tempos presente e passado.

O teste de preenchimento de lacuna foi incluído entre os testes linguísticos porque o teste de julgamento de gramaticalidade possibilitava verificar apenas três questões, a saber: (i) se os pacientes teriam ou não problemas em detectar a incompatibilidade de traços de Tempo / Aspecto entre a marcação adverbial e o verbo da sentença; (ii) se os pacientes teriam mais dificuldade em captar essa incompatibilidade no teste de Tempo com os advérbios *atualmente* / *antigamente* ou com os advérbios *agora* / *antes*; e (iii) se os pacientes teriam mais problemas ao identificar essa incompatibilidade nas sentenças dos testes de Tempo ou nas sentenças do teste de Aspecto. Todavia, o teste de julgamento de gramaticalidade não possibilitaria que fosse investigado em qual Tempo – presente ou passado – ou em qual Aspecto – perfectivo ou imperfectivo – os pacientes teriam mais problemas, de modo que o teste de preenchimento de lacuna serviria a esse propósito complementar.

Nesse teste, o preenchimento da lacuna na sentença dependia da observação de uma ação que havia sido filmada. Logo, o teste foi desenvolvido a partir de vídeos em vez de figuras. A decisão de utilizar vídeos foi tomada levando em consideração as vantagens apresentadas por Waters, Rochon & Caplan (1998). Segundo os autores, enquanto as figuras retratam os eventos de uma maneira mais estática e unidimensional, os vídeos possibilitam uma boa retratação de eventos temporais e espaciais e uma melhor descrição das ações veiculadas pelos verbos.

Todas as imagens dos vídeos desenvolvidos para esse teste continham uma mesma personagem, chamada Ana. Em um dos vídeos, havia apenas uma atriz, que representava Ana já adulta, por volta de cinquenta (50) anos de idade. Em outro vídeo, havia duas atrizes que

representavam a mesma personagem em duas fases da vida: atualmente, já adulta, por volta de cinquenta (50) anos de idade, e antigamente, quando criança, com cerca de dez anos de idade.

Cada cena dos vídeos era associada a uma sentença com uma lacuna na posição do verbo, seguida de três opções de resposta com diferentes formas verbais. As sentenças e opções de resposta eram sempre apresentadas na forma de uma legenda, na parte inferior da tela, com a fonte na cor amarela. As opções de resposta eram dispostas uma abaixo da outra, com as letras “a)”, “b)” e “c)” na frente de cada uma das opções, e as respostas esperadas apareciam pseudoaleatoriamente nessas posições. Os informantes deveriam fornecer as respostas oralmente, dizendo qual das alternativas completava a sentença mais adequadamente, e suas respostas eram anotadas. Um modelo de como era apresentada a cena, com a sentença incompleta e as opções de resposta, pode ser visto no anexo F, na página 213.

O teste de preenchimento de lacuna também foi subdividido em dois, um de Tempo e outro de Aspecto, contendo, cada um deles, quarenta e oito (48) cenas, sendo a metade de cenas-alvo e a outra metade de cenas distratoras<sup>36</sup>. No teste de Tempo, foi utilizado o vídeo em que só apareciam cenas da personagem adulta, e, no teste de Aspecto, foi utilizado o vídeo em que apareciam cenas tanto da personagem adulta quanto criança.

Além dessas quarenta e oito (48) cenas, havia, no início do teste de Tempo e do teste de Aspecto, uma ou duas cenas com a imagem da personagem do vídeo, de modo que o sujeito pudesse saber que todas as cenas que ele veria em seguida seriam ações desempenhadas pela mesma personagem – apenas na fase adulta, no caso do teste de Tempo, e ora na fase adulta, ora quando criança, no teste de Aspecto. A partir dessa(s) cena(s), o sujeito era informado de que, de acordo com a ação da cena que fosse mostrada, ele deveria completar uma frase da maneira que achasse mais apropriada, escolhendo uma dentre três opções de resposta. Além disso, dizia-se ao informante que, embora parecesse, às vezes, que

---

<sup>36</sup> Tal como no teste de julgamento de gramaticalidade, no teste de preenchimento de lacuna, as cenas distratoras, além de mascararem o verdadeiro objeto linguístico da pesquisa, serviram para descartar indivíduos-controle que poderiam não ter compreendido o teste, tendo sido descartados aqueles que erraram mais de dois distratores.

mais de uma resposta poderia estar correta, ele deveria apontar aquela que, na sua opinião, melhor completasse a sentença, de acordo com a imagem.

Posteriormente à apresentação da personagem, havia mais quatro ou cinco cenas, apresentadas antes do início efetivo de cada teste, que serviam de prática para a realização do teste. Durante a prática, não eram fornecidas ao informante as respostas esperadas, mas todas as sentenças e opções de resposta eram lidas para ele, de modo que comparasse as respostas e entendesse a concepção das imagens. Se, durante a prática, o informante fornecia uma resposta, ele não era interrompido, nem corrigido. No entanto, as respostas referentes a essas cenas não foram computadas na análise posterior.

Nas cenas-alvo dos testes de Tempo e de Aspecto, a personagem estava desempenhando ou havia desempenhando uma ação, e o informante deveria preencher a lacuna no local do verbo que havia sido omitido da sentença, de acordo com a imagem. Como a intenção dessas cenas era investigar a oposição presente *versus* passado ou perfectivo *versus* imperfectivo, todas as opções de resposta eram feitas com o mesmo verbo (mesmo lexema), mas com diferentes formas verbais (diferentes morfemas flexionais), variando o Tempo ou o Aspecto de cada alternativa.

Já nas cenas distratoras, embora a personagem também desempenhasse uma ação e o informante devesse produzir o verbo omitido, as opções de resposta não continham sempre o mesmo verbo, e sim verbos diferentes (lexemas com valores semânticos distintos) em cada opção de resposta. No entanto, tal como nas sentenças-alvo, também havia variação de Tempo ou Aspecto entre as opções de resposta, sendo que a única alternativa em que o verbo estava com o Tempo ou o Aspecto correto era aquela que continha o verbo cujo sentido era compatível com a ação da cena. Dessa maneira, para que a frase fosse completada, bastava que o informante observasse a ação que a personagem desempenhava. Além disso, vale dizer que os três verbos utilizados nas opções de resposta eram plausíveis de serem empregados na



sentença proposta se fosse desconsiderada a imagem. Isso obrigava o informante a atentar à ação desempenhada na cena. Se, por exemplo, no teste de Tempo, em uma cena distratora do presente, a personagem aparecia colando um vaso, as opções de resposta poderiam ser *está colando*, *estava enchendo* e *vai modelar*, já que, a princípio, esses verbos expressam três ações que podem ser executadas com um vaso.

Devido aos problemas de memória e atenção de indivíduos com DTA, muitos testes desenvolvidos para esses pacientes e descritos na literatura optam por tarefas que minimizem a atuação da memória de trabalho e o grau de atenção necessários para a realização dessas tarefas. O teste de preenchimento de lacuna segue essa mesma tendência. Por exemplo, durante a aplicação do teste, a sentença e as opções de resposta eram lidas em voz alta ao informante, além de aparecerem escritas na tela – o mesmo procedimento adotado no teste de julgamento de gramaticalidade. Além disso, a sentença e as alternativas de resposta ficavam em exibição na tela até que a cena fosse finalizada, de modo a impedir que o paciente esquecesse algo facilmente. Por fim, a imagem era exibida primeiro, e, apenas alguns segundos depois, a sentença era apresentada, uma vez que, segundo Friederici & Frazier (1992 *apud* Waters, Rochon & Caplan, 1998), em um teste de relacionamento figura-sentença, por exemplo, a apresentação das figuras antes da sentença pode melhorar o desempenho dos informantes por tornar clara a natureza do contraste sintático que se pode esperar.

Embora o teste de preenchimento de lacuna também fosse um teste *offline*, conforme já apresentado na seção 3.4, o tempo que o paciente dispunha para responder às questões propostas foi limitado a cinquenta (50) segundos, tempo em que a sentença ficava em exibição na tela, não importando em qual momento desse intervalo o paciente fornecesse sua resposta. Caso ele não fornecesse a resposta dentro desse limite de tempo e preferisse não fornecê-la, a cena seguinte iniciava-se automaticamente e aquela resposta não era computada.

Já se o paciente alegasse não ter tido tempo suficiente ou não ter estado atento e solicitasse que a cena fosse reapresentada, voltava-se ao início daquela cena. Por outro lado, se o paciente respondesse antes de o tempo máximo de cinquenta (50) segundos ter sido finalizado, um botão era pressionado e a cena seguinte era iniciada.

O tempo de cinquenta (50) segundos para a exibição da sentença, apesar de superior ao que muitos indivíduos normais necessitariam para ler a frase e as opções de resposta, foi proposto devido à dificuldade esperada na leitura dos pacientes. Além disso, no estudo realizado anteriormente que inspirou o desenvolvimento do teste desta pesquisa (MARTINS, 2006), um teste de preenchimento de lacuna foi submetido a indivíduos normais, e os sujeitos mais idosos e os menos escolarizados demonstraram dificuldades com a leitura das sentenças em virtude do curto tempo de exibição das mesmas, limitado a doze (12) segundos.

Assim como as frases do teste de julgamento de gramaticalidade, as cenas do teste de preenchimento de lacuna foram apresentadas em um computador portátil HP de 15 polegadas, sendo exibidas no programa *InterVideo WinDVD*, na plataforma *Windows*.

Do mesmo modo como foi feito no teste de julgamento de gramaticalidade, na elaboração do teste de preenchimento de lacuna, alguns fatores foram controlados nas sentenças testadas, pelas mesmas razões expostas na seção 3.4.1. Dentre eles, podem-se citar a preservação da ordem sujeito-verbo-objeto, mantida sem inversões, e a utilização de sentenças com apenas um verbo e com papéis temáticos atribuídos canonicamente.

Outro fator controlado durante a elaboração das sentenças do teste de preenchimento de lacuna foi o número de constituintes de cada sentença. Nesse teste, estipulou-se que todas as frases deveriam ter quatro ou cinco constituintes, sem contar o verbo ou a locução verbal que havia sido omitido da sentença e aparecia apenas nas opções de resposta.

O mesmo controle feito em relação aos verbos utilizados nas sentenças do teste de julgamento de gramaticalidade foi feito no teste de preenchimento de lacuna. Por exemplo,

pelas mesmas razões antes expostas, nas cenas-alvo, os verbos utilizados nas opções de resposta das sentenças propostas eram sempre regulares, transitivos diretos e de 1ª conjugação. Já nas cenas distratoras, embora todos os verbos também fossem transitivos diretos, eles nem sempre eram regulares e de 1ª conjugação.

Como naquele primeiro teste linguístico, também não havia, no teste de preenchimento de lacuna, repetição de verbos nas cenas-alvo ou nas distratoras. Essa repetição tampouco ocorria entre os diferentes verbos utilizados nas opções de resposta das sentenças das cenas distratoras. A única exceção diz respeito aos casos em que a mesma ação era desempenhada de diferentes maneiras para testar Tempos ou Aspectos distintos. Nesses casos, o mesmo verbo era utilizado para testar ora o presente, ora o passado, ou para testar ora o perfectivo, ora o imperfectivo habitual, ora o imperfectivo contínuo.

Ainda que o mesmo verbo fosse utilizado para testar Tempos ou Aspectos distintos, as ações desempenhadas pela personagem e as sentenças criadas nunca eram exatamente iguais nas diferentes cenas. Isso era possível porque, nos casos em que a ação desempenhada era a mesma, o objeto com o qual a personagem atuava era diferente. Tal procedimento foi adotado tanto nas cenas-alvo quanto nas distratoras. Com isso, no teste de Tempo, a sentença proposta para uma cena do presente nunca era exatamente igual a uma sentença proposta para uma cena do passado, do mesmo modo que, no teste de Aspecto, uma sentença proposta para uma cena do perfectivo nunca era a igual àquela proposta para a cena do imperfectivo habitual ou contínuo. Por exemplo, no teste de Tempo, nas cenas-alvo com o verbo *passar*, a personagem aparecia passando uma camisa na cena do presente e havia passado uma calça na cena do passado. Já no teste de Aspecto, por exemplo, nas cenas distratoras com o verbo *fazer*, a personagem havia feito um suco na cena do perfectivo, fazia barquinhos de papel na cena do imperfectivo habitual e fazia um castelo de cartas na cena do imperfectivo contínuo.

No que tange ao tipo de verbo utilizado, novamente com base na nomenclatura de Vendler (1967), foram feitas as mesmas combinações entre Aspecto gramatical e tipo de verbo adotadas no teste de julgamento de gramaticalidade, pelas mesmas razões já expostas. Sendo assim, as ações que visavam a eliciar o Aspecto imperfectivo habitual – no teste de Aspecto – eram associadas a uma sentença com um verbo do tipo atividade, ou seja, o complemento verbal era de cardinalidade não-especificada. Já as ações que visavam a eliciar os Aspectos perfectivo e imperfectivo contínuo – no teste de Aspecto – ou os Tempos presente e passado – no teste de Tempo – eram associadas a uma sentença com um verbo do tipo processo culminado, ou seja, o complemento verbal era de cardinalidade especificada. A presença de verbos de processo culminado nas sentenças referentes às cenas do presente e do passado no teste de Tempo deve-se ao fato de que o Aspecto que permeava todas aquelas sentenças, tanto no presente quanto no passado, era o imperfectivo contínuo, como é explicado na seção 3.4.2.1.

Diferentemente do teste de julgamento de gramaticalidade, em que todas as sentenças tinham um advérbio temporal / aspectual, no teste de preenchimento de lacuna, apenas metade das sentenças das cenas-alvo e das cenas distratoras tinha uma marcação adverbial temporal / aspectual. Tal opção foi feita com o intuito de investigar até que ponto essa marcação adverbial poderia facilitar a produção da resposta esperada. Em um estudo piloto de Martins e Novaes (2007), um teste de preenchimento de lacuna similar ao desta pesquisa havia sido submetido a um paciente portador de DTA, e a marcação adverbial temporal / aspectual demonstrou ser um fator que estimulava a produção da forma verbal esperada. Por essa razão, optou-se, neste estudo, por controlar a presença *versus* ausência desse tipo de marcação adverbial a fim de reavaliar a importância, proposta naquele primeiro estudo, da marcação adverbial de tempo / aspecto para pacientes com DTA.

No teste de preenchimento de lacuna, quando eram utilizadas marcações adverbiais temporais / aspectuais, elas eram sempre as mesmas e sempre posicionadas no início da sentença, pelas mesmas razões daquelas do teste de julgamento de gramaticalidade. Os advérbios escolhidos para o teste de preenchimento de lacuna de Tempo foram *agora* e *antes*, para o presente e o passado, respectivamente; e os advérbios / locuções adverbiais escolhidos para o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto foram *ontem*, *antigamente* e *naquele momento*, para o perfectivo, o imperfectivo habitual e o imperfectivo contínuo, respectivamente.

Além disso, se, no teste de Tempo, tanto nas cenas-alvo quanto nas distratoras, um verbo era eliciado na cena do presente com o advérbio *agora* na sentença, o mesmo verbo era eliciado na cena do passado com o advérbio *antes* na sentença. Do mesmo modo, se um verbo era eliciado em uma cena do presente sem a utilização do advérbio na sentença, esse mesmo verbo, ao ser eliciado na cena do passado, não tinha o advérbio na sentença. Igualmente, se, no teste de Aspecto, tanto nas cenas-alvo quanto nas distratoras, a sentença referente a uma cena do perfectivo tinha o advérbio *ontem*, as sentenças com o mesmo verbo referentes às cenas do imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo tinham o advérbio / a locução adverbial *antigamente* e *naquele momento*, respectivamente. Da mesma forma, se a sentença referente a uma cena do perfectivo não possuía o advérbio, as sentenças com o mesmo verbo referentes às cenas do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo não possuíam a marcação adverbial. Por exemplo, no teste de Tempo, ao eliciar a produção do verbo *recortar* no presente por meio de uma cena da personagem recortando uma figura, era utilizado o advérbio *agora* na frase (como em: “Agora Ana \_\_\_\_\_ uma figura”); logo, ao eliciar a produção do mesmo verbo no passado por meio de uma cena em que a personagem havia recortado uma foto, era utilizado o advérbio *antes* na sentença (como em: “Antes Ana \_\_\_\_\_ uma foto”).

Nas duas seções seguintes, são detalhadas as diferenças existentes entre o teste de preenchimento de lacuna de Tempo e o de Aspecto.

#### 3.4.2.1 Teste de preenchimento de lacuna de Tempo

O teste de preenchimento de lacuna de Tempo tinha por objetivo permitir que fosse investigada a oposição presente *versus* passado. Para tanto, foi utilizado um vídeo com cenas apenas da personagem Ana na fase adulta, por volta de cinquenta (50) anos de idade. Essa personagem ora estava desempenhando uma ação quando a sentença a ser preenchida era exibida – a fim de eliciar o presente –, ora havia acabado de finalizar uma ação quando a sentença a ser preenchida era apresentada – a fim de eliciar o passado. Assim, nas cenas do presente, a personagem *está* desempenhando a ação concomitantemente à exibição da sentença e, nas cenas do passado, ela *estava* desempenhando a ação quando a sentença era exibida. Sendo o presente um Tempo intrinsecamente imperfectivo, como apresentado na seção 1.3.2 do capítulo 1, tem-se que, em todas as cenas, o Aspecto imperfectivo contínuo permeava as sentenças desse teste.

As cenas que eliciavam o presente tinham duração de cinquenta e oito (58) segundos e as que eliciavam o passado tinham duração de sessenta e cinco (65) segundos. Em todas as cenas, a sentença a ser preenchida ficava em exibição por cinquenta (50) segundos. Assim, para que a sentença ficasse em exibição durante o mesmo período de tempo em todas as cenas, a frase a ser preenchida era exibida após oito segundos nas cenas do presente e após quinze (15) segundos nas cenas do passado. Esses segundos iniciais, em que a ação estava sendo exibida antes da apresentação da sentença, faziam-se necessários para que os indivíduos pudessem atentar unicamente à ação executada, o que talvez melhorasse o desempenho dos pacientes, conforme apresentado na seção anterior.

Todas as cenas, independentemente do Tempo testado, eram formadas por imagens coloridas, sem efeitos de edição de vídeo que alterassem a qualidade da imagem. Contudo, para que os Tempos presente e passado fossem eliciados de maneira clara, foram utilizadas estratégias diferentes na concepção das cenas. Nas imagens do presente, durante todos os cinquenta e oito (58) segundos, a personagem ficava desempenhando uma ação, sem finalizá-la, e a legenda, como exposto anteriormente, aparecia após oito segundos na tela e lá ficava, com a imagem da personagem em movimento, por cinquenta (50) segundos, ou seja, até o final da cena. Já nas imagens do passado, a personagem desempenhava uma ação e finalizava-a em quinze (15) segundos; nesse momento, a imagem era congelada, e, só então, a legenda era exibida e permanecia na tela, com a imagem congelada, por cinquenta (50) segundos, até que a cena fosse encerrada.

Como apresentado na seção anterior a esta, o teste de preenchimento de lacuna de Tempo continha quarenta e oito (48) cenas. Entretanto, o número de verbos testados nas cenas-alvo e nas cenas distratoras, em cada um dos Tempos, era de apenas vinte e quatro (24). Nas cenas-alvo, havia doze (12) verbos que ora eram testados no presente, ora no passado – totalizando vinte e quatro (24) cenas. Nas cenas distratoras, igualmente, havia (12) verbos que ora eram testados no presente, ora no passado – também totalizando vinte e quatro (24) cenas.

Desse modo, metade do teste era composta por cenas-alvo, e a outra metade por cenas distratoras. Dentre as vinte e quatro (24) cenas-alvo, havia doze (12) cujas sentenças tinham marcação adverbial temporal / aspectual, sendo seis sentenças de cenas do presente – com o advérbio *agora* – e seis de cenas do passado – com o advérbio *antes*. O mesmo ocorria nas cenas distratoras, ou seja, dentre as vinte e quatro (24) cenas distratoras, havia doze (12) cujas sentenças tinham marcação adverbial temporal / aspectual, sendo seis sentenças do presente – com o advérbio *agora* – e seis do passado – com o advérbio *antes*.

Nas cenas-alvo, dentre as alternativas de resposta, havia uma com o verbo *estar* no Presente do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal, uma com o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal e uma, considerada distratora, com o verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal. Nos exemplos abaixo, há uma cena do presente cuja sentença não tinha advérbio de tempo / aspecto em 10a e uma cena do passado cuja sentença possuía esse advérbio em 10b.

(10) (a) Verbo *montar*: personagem montando um quebra-cabeça durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença*: Ana \_\_\_\_\_ um quebra-cabeça difícil.

*Opções de resposta*: a) está montando b) estava montando c) vai montar

(b) Verbo *preparar*: personagem prepara um sanduíche, deixa-o em um prato, sai de cena e a imagem é congelada no sanduíche, quando aparece a sentença.

*Sentença*: Antes Ana \_\_\_\_\_ um sanduíche.

*Opções de resposta*: a) está preparando b) vai preparar c) estava preparando

Abaixo, são apresentados exemplos de cenas / sentenças distratoras. No exemplo 11a, há um exemplo de cena do presente com advérbio de tempo / aspecto na sentença e, no exemplo 11b, há um exemplo de cena do passado sem esse tipo de advérbio na sentença.

(11) (a) Verbo *comer*: personagem cortando uma goiabada com queijo e comendo-a com um garfo durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença*: Agora Ana \_\_\_\_\_ um doce.

*Opções de resposta*: a) está comendo b) estava escolhendo c) vai esconder

(b) Verbo *limpar*: personagem limpa um banco de madeira com um pano, sacode-o, sai de cena e a imagem é congelada no banco, quando aparece a sentença.

*Sentença*: Ana \_\_\_\_\_ um banco de madeira.



*Opções de resposta:* a) vai pregar b) estava limpando c) está serrando

Como apresentado na seção anterior, antes que o teste tivesse início, a personagem era apresentada ao informante. Isso era feito por meio de uma cena, a primeira de todo o teste, em que a personagem aparecia, sem desempenhar qualquer ação, e uma sentença, em forma de legenda, tal como eram as sentenças com as lacunas que seriam mostradas a seguir, dizia: “Esta é a Ana”. Por intermédio dessa cena, o teste era explicado ao informante.

Após essa explicação, tinha início a prática do teste. Essa prática era constituída de quatro cenas, sendo duas imagens do presente e duas do passado. Dentre as cenas da prática, havia duas no modelo das sentenças apresentadas nas cenas-alvo – uma imagem no presente, com a sentença sem advérbio, e uma imagem no passado, com a sentença com advérbio – e outras duas no modelo das sentenças apresentadas nas cenas distratoras – uma imagem no presente, com a sentença com advérbio, e uma imagem no passado, com a sentença sem advérbio.

Todos os verbos e seus complementos utilizados nas sentenças das cenas-alvo são apresentados no quadro 6 abaixo.

Quadro 6. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas-alvo do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Tempo:</b>			
<i>Cenas-alvo</i>			
<b>SEM ADVÉRBIO</b>		<b>COM ADVÉRBIO</b>	
<i>presente</i>	<i>passado</i>	<i>presente</i>	<i>passado</i>
<b>Montar</b> um quebra-cabeça	<b>Montar</b> uma árvore de Natal	<b>Desenhar</b> uma casa	<b>Desenhar</b> uma tartaruga
<b>Lavar</b> uma panela	<b>Lavar</b> um copo	<b>Pintar</b> um quadro	<b>Pintar</b> um vaso
<b>Calçar</b> um par de tênis	<b>Calçar</b> um par de botas	<b>Plantar</b> uma mudinha	<b>Plantar</b> uma flor
<b>Molhar</b> uma árvore	<b>Molhar</b> um vaso	<b>Recortar</b> uma figura	<b>Recortar</b> uma foto
<b>Passar</b> uma camisa	<b>Passar</b> uma calça	<b>Embrulhar</b> um livro	<b>Embrulhar</b> um CD
<b>Costurar</b> uma saia	<b>Costurar</b> uma blusa	<b>Preparar</b> uma salada	<b>Preparar</b> um sanduíche

Já os verbos e seus complementos utilizados nas sentenças das cenas distratoras são apresentados no quadro 7 a seguir.

Quadro 7. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas distratoras do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Tempo:</b>			
<i>Cenas distratoras</i>			
<b>SEM ADVÉRBIO</b>		<b>COM ADVÉRBIO</b>	
<i>presente</i>	<i>passado</i>	<i>presente</i>	<i>passado</i>
<b>Colar</b> um vaso	<b>Colar</b> uma figura	<b>Comer</b> um doce	<b>Comer</b> um bolinho
<b>Tomar</b> um copo de água	<b>Tomar</b> uma latinha de refrigerante	<b>Ver</b> um programa	<b>Ver</b> um filme
<b>Fazer</b> um bolo	<b>Fazer</b> um suco	<b>Ler</b> um livro	<b>Ler</b> uma revista
<b>Limpar</b> uma mesa	<b>Limpar</b> um banco	<b>Escrever</b> uma carta	<b>Escrever</b> uma receita
<b>Enxugar</b> uma bandeja	<b>Enxugar</b> um pirex	<b>Fritar</b> um hambúrguer	<b>Fritar</b> um ovo
<b>Torcer</b> uma toalha	<b>Torcer</b> uma camiseta	<b>Descascar</b> uma cenoura	<b>Descascar</b> uma cebola

Finalmente, o quadro 8 a seguir apresenta os quatro verbos e seus complementos utilizados nas cenas da prática.

Quadro 8. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas da prática do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Tempo:</b>				
<i>Cenas da prática</i>				
	<b>SEM ADVÉRBIO</b>		<b>COM ADVÉRBIO</b>	
	<i>presente</i>	<i>passado</i>	<i>presente</i>	<i>passado</i>
<i>Modelo das cenas-alvo</i>	<b>Aspirar</b> um sofá			<b>Rasgar</b> uma carta
<i>Modelo das cenas distratoras</i>		<b>Empurrar</b> um banco	<b>Medir</b> uma janela	

O anexo G, da página 214 à página 218, apresenta todas as sentenças do teste de preenchimento de lacuna de Tempo, na ordem em que foram exibidas aos informantes.

### 3.4.2.2 Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto

O teste de preenchimento de lacuna de Aspecto visava à investigação dos Aspectos perfectivo e imperfectivo, habitual e contínuo, no passado. Ele foi desenvolvido porque, se os pacientes demonstrassem comprometimento com o Tempo passado no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, seria relevante verificar se esse prejuízo ocorria só com o Aspecto imperfectivo contínuo – que permeava todas as sentenças do teste de preenchimento de lacuna de Tempo – ou se ele poderia ser evidenciado também no Aspecto perfectivo.

A fim de desenvolver o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, foi utilizado um vídeo com cenas da personagem Ana em duas fases da vida. Uma atriz, a mesma do teste de preenchimento de lacuna de Tempo, representava a personagem atualmente, na fase adulta, por volta de cinquenta (50) anos de idade, e outra atriz, uma criança, representava a personagem na infância, com cerca de dez anos de idade. A atriz criança desempenhava as ações que eliciavam o imperfectivo habitual e o imperfectivo contínuo, e a atriz adulta desempenhava as ações que eliciavam o perfectivo. Nas cenas desse teste, o Tempo passado era mantido constante, permeando todas as sentenças propostas.

Tal como no teste de Tempo, em todas as cenas do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, a sentença a ser preenchida ficava em exibição por cinquenta (50) segundos. As cenas que eliciavam o imperfectivo habitual e o imperfectivo contínuo tinham duração de cinquenta e oito (58) segundos, e as cenas que eliciavam o perfectivo tinham duração de sessenta e cinco (65) segundos. A sentença com a lacuna era exibida após oito segundos nas cenas do perfectivo e após quinze (15) segundos nas cenas do imperfectivo habitual e contínuo. Os segundos iniciais, em que não havia ainda a sentença, tinham o mesmo objetivo proposto no teste de Tempo.

Além de as cenas do imperfectivo e do perfectivo serem desempenhadas por atrizes diferentes, uma criança e uma adulta, havia outras distinções entre essas cenas. Primeiramente, as cenas desempenhadas pela criança, como tinham por objetivo representar a personagem Ana antigamente, tinham dois efeitos de edição de vídeo, chamados de “tom de sépia” e “idade do filme, antigo”, do programa *Windows Movie Maker*, que faziam com que as imagens parecessem envelhecidas, como pode ser visto no anexo H, na página 219. Já as cenas desempenhadas pela adulta, como buscavam representar a personagem Ana atualmente, eram coloridas, não tendo passado por edição de vídeo para alterá-las da mesma maneira que as imagens da criança. Além disso, nas cenas que buscavam eliciar o imperfectivo, habitual e contínuo, desempenhadas pela criança, a personagem permanecia desempenhando a ação, sem finalizá-la, durante toda a cena, de modo que a legenda, quando exibida, ficava sobre a imagem da personagem em movimento. Por outro lado, nas cenas que buscavam eliciar o perfectivo, desempenhadas pela adulta, a personagem realizava a ação por apenas quinze (15) segundos e, tendo-a finalizado, a imagem era congelada, e a sentença a ser preenchida era exibida sobre a imagem congelada. Nesses casos, as mesmas imagens das cenas do passado do teste de Tempo foram utilizadas nas cenas do perfectivo do teste de Aspecto, porém com diferentes sentenças a serem preenchidas.

Havia duas diferenças básicas entre as cenas do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo. A primeira delas diz respeito ao tipo de verbo que, conforme explicado na seção 3.4.2, era de atividade – com um complemento de cardinalidade não-especificada – nas cenas do imperfectivo habitual e era de processo culminado – com um complemento de cardinalidade especificada – nas cenas do imperfectivo contínuo. Com isso, nas cenas do imperfectivo habitual, a personagem sempre estava desempenhando a ação com mais de um objeto; por exemplo, ela poderia aparecer montando bonecas – com mais de uma boneca desmontada sobre uma mesa – ou desenhando flores – com mais de uma flor desenhada em

um caderno. Já nas cenas do imperfectivo contínuo, a personagem sempre aparecia desempenhando a ação com um único objeto; por exemplo, ela poderia estar montando um quebra-cabeça ou desenhando uma única borboleta. A segunda diferença entre as cenas do imperfectivo habitual e contínuo diz respeito à forma verbal imperfectiva usada nas opções de resposta: enquanto nas cenas do imperfectivo habitual o verbo da resposta esperada estava no Pretérito Imperfeito do Indicativo – como em *montava* ou *desenhava* –, nas cenas do imperfectivo contínuo o verbo da resposta esperada era o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal – como em *estava montando* ou *estava desenhando*.

Como já exposto anteriormente, o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto também era formado por quarenta e oito (48) cenas. Entretanto, diferentemente do teste de Tempo, o número de verbos testados em cada um dos Aspectos, incluindo as sentenças das cenas-alvo e das distratoras, foi reduzido de vinte e quatro (24) para dezesseis (16). Assim, enquanto, nas cenas-alvo do teste de Tempo, doze (12) verbos eram testados ora no presente, ora no passado – totalizando vinte e quatro (24) cenas –, nas cenas-alvo do teste de Aspecto, oito verbos eram testados ora no perfectivo, ora no imperfectivo habitual, ora no imperfectivo contínuo – também totalizando vinte e quatro (24) cenas. O mesmo ocorria nas cenas distratoras do teste de Aspecto, ou seja, oito verbos eram testados ora no perfectivo, ora no imperfectivo habitual, ora no imperfectivo contínuo – totalizando vinte e quatro (24) cenas.

A opção pela redução do número de verbos testados em cada um dos Aspectos deveu-se ao fato de que, se fosse mantido o mesmo número de verbos do teste de Tempo, o teste de Aspecto tornar-se-ia muito longo, com setenta e duas (72) cenas, o que seria muito cansativo para o paciente e, talvez, demandasse mais um dia de aplicação.

Conforme anteriormente mencionado, dentre as cenas que compunham o teste de Aspecto, havia metade de cenas-alvo e metade de cenas distratoras. Dentre as vinte e quatro

(24) cenas-alvo, havia doze (12) cujas sentenças tinham marcação adverbial temporal / aspectual, sendo quatro sentenças de cenas do perfectivo – com o advérbio *ontem* –, quatro de cenas do imperfectivo habitual – com o advérbio *antigamente* – e quatro de cenas do imperfectivo contínuo – com a locução adverbial *naquele momento*. O mesmo ocorria nas cenas distratoras, ou seja, dentre as vinte e quatro (24) cenas distratoras, havia doze (12) cujas sentenças tinham marcação adverbial temporal / aspectual, sendo quatro sentenças do perfectivo – com o advérbio *ontem* –, quatro do imperfectivo habitual – com o advérbio *antigamente* – e quatro do imperfectivo contínuo – com a locução adverbial *naquele momento*.

Nas cenas-alvo, dentre as opções de resposta, havia uma com o verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo, uma ou com o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo – nas cenas do imperfectivo habitual – ou com o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal – nas cenas do imperfectivo contínuo –, e uma, considerada distratora, com o verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal. A seguir, são fornecidos três exemplos. O exemplo 12a apresenta uma cena do perfectivo cuja sentença continha marcação adverbial de tempo / aspecto, o exemplo 12b, uma cena do imperfectivo habitual cuja sentença não continha tal marcação adverbial, e o exemplo 12c, uma cena do imperfectivo contínuo cuja sentença continha essa marcação.

(12) (a) Verbo *pintar*: personagem adulta pinta um vaso de barro, deixa o rolo e a tinta perto do vaso sobre a mesa e a imagem é congelada no vaso, quando aparece a sentença.

*Sentença*: Ontem, Ana \_\_\_\_\_ um vaso.

*Opções de resposta*: a) vai pintar b) pintava c) pintou

(b) Verbo *molhar*: personagem criança molhando plantas no jardim durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença*: Ana \_\_\_\_\_ plantas no jardim.

*Opções de resposta:* a) molhou b) vai molhar c) molhava

(c) Verbo *desenhar*: personagem criança desenhando uma borboleta em uma folha de papel durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença:* Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma borboleta.

*Opções de resposta:* a) estava desenhando b) vai desenhar c) desenhou

Os exemplos a seguir ilustram algumas cenas / sentenças distratoras. No exemplo 13a, é apresentada uma cena do perfectivo com uma sentença sem advérbio de tempo / aspecto, no 13b, uma cena do imperfectivo habitual com uma sentença com esse tipo advérbio, e, no 13c, uma cena do imperfectivo contínuo com uma sentença sem esse tipo advérbio.

(13) (a) Verbo *tomar*: personagem adulta toma uma latinha de refrigerante, vira-a de cabeça para baixo para mostrar que não há mais refrigerante, põe a lata sobre uma mesa, e a imagem é congelada na lata, quando aparece a sentença.

*Sentença:* Ana \_\_\_\_\_ uma latinha de refrigerante.

*Opções de resposta:* a) tomou b) vai comprar c) derrubava

(b) Verbo *comer*: personagem criança comendo biscoitos doces durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença:* Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ biscoitos doces.

*Opções de resposta:* a) esfarelou b) comia c) vai assar

(c) Verbo *fazer*: personagem criança montando um castelo de cartas sobre uma mesa durante os cinquenta e oito (58) segundos de cena, sem finalizar a ação.

*Sentença:* Ana \_\_\_\_\_ um castelo de cartas.

*Opções de resposta:* a) estava fazendo b) vai assoprar c) destruiu

Tal como era feito no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, o teste de Aspecto iniciava-se com a apresentação da personagem ao informante. Para tanto, as duas primeiras

cenar do teste continham imagens da personagem: a primeira cena era a imagem da criança, sem desempenhar qualquer ação, com os mesmos efeitos de vídeo das imagens da criança que permeariam o restante do teste, e a segunda cena era a imagem colorida da adulta, também sem desempenhar qualquer ação. Como legenda da cena de apresentação da personagem criança, a seguinte sentença era exibida: “Esta era a Ana antigamente, quando criança”. Já como legenda da cena de apresentação da personagem adulta, a sentença mostrada era: “Esta é a Ana atualmente, já adulta”. Por meio dessas cenas, era explicado ao informante que aquelas duas pessoas, na verdade, eram a mesma pessoa em fases diferentes da vida, antigamente e atualmente, e que as cenas que ele veria em seguida seriam desempenhadas sempre por essa personagem em uma das duas fases da vida. Assim, o informante era instruído a respeito de como seria o teste, tal como era feito no teste de Tempo, e destacava-se que, para completar as sentenças que seriam exibidas, ele deveria atentar à fase da vida em que a personagem estava desempenhando a ação.

Após a apresentação da personagem e a explicação do teste, iniciava-se a prática. Neste teste, havia cinco cenas de prática, sendo duas imagens do perfectivo, uma do imperfectivo habitual e duas do imperfectivo contínuo. Dentre essas cenas, havia três no modelo das sentenças apresentadas nas cenas-alvo – uma imagem do perfectivo, com a sentença com advérbio, uma imagem do imperfectivo habitual, com a sentença com advérbio, e uma imagem do imperfectivo contínuo, com a sentença sem advérbio – e havia duas no modelo das sentenças apresentadas nas cenas distratoras – uma imagem do perfectivo, com a sentença sem advérbio, e uma imagem do imperfectivo contínuo, com a sentença com advérbio.

Os verbos e seus complementos utilizados nas sentenças das cenas-alvo são apresentados no quadro 9 a seguir.



Quadro 9. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas-alvo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto:</b>					
<i>Cenas-alvo</i>					
<b>SEM ADVÉRBIO</b>			<b>COM ADVÉRBIO</b>		
<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo</i> <i>habitual</i>	<i>imperfectivo</i> <i>contínuo</i>	<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo</i> <i>habitual</i>	<i>imperfectivo</i> <i>contínuo</i>
<b>Montar</b> uma árvore de Natal	<b>Montar</b> bonecas	<b>Montar</b> um quebra-cabeça	<b>Desenhar</b> uma tartaruga	<b>Desenhar</b> flores	<b>Desenhar</b> uma borboleta
<b>Lavar</b> um copo	<b>Lavar</b> panelinhas	<b>Lavar</b> uma roupinha	<b>Pintar</b> um vaso	<b>Pintar</b> livros de desenhos	<b>Pintar</b> um quadro
<b>Calçar</b> um par de botas	<b>Calçar</b> tênis (com meia)	<b>Calçar</b> um par de sandálias	<b>Plantar</b> uma flor	<b>Plantar</b> sementes	<b>Plantar</b> uma mudinha
<b>Molhar</b> um vaso	<b>Molhar</b> plantas	<b>Molhar</b> uma árvore	<b>Recortar</b> uma foto	<b>Recortar</b> revistas em quadrinhos	<b>Recortar</b> uma figura

Já os verbos e seus complementos utilizados nas sentenças das cenas distratoras são apresentados no quadro 10 a seguir.

Quadro 10. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas distratoras do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto:</b>					
<i>Cenas distratoras</i>					
<b>SEM ADVÉRBIO</b>			<b>COM ADVÉRBIO</b>		
<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo</i> <i>habitual</i>	<i>imperfectivo</i> <i>contínuo</i>	<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo</i> <i>habitual</i>	<i>imperfectivo</i> <i>contínuo</i>
<b>Colar</b> uma figura	<b>Colar</b> adesivos	<b>Colar</b> uma figurinha	<b>Comer</b> um bolinho	<b>Comer</b> biscoitos	<b>Comer</b> um chocolate
<b>Tomar</b> uma latinha de refrigerante	<b>Tomar</b> sucos de canudinho	<b>Tomar</b> um copo de água	<b>Ver</b> um filme	<b>Ver</b> desenhos	<b>Ver</b> um programa
<b>Fazer</b> um suco	<b>Fazer</b> barquinhos	<b>Fazer</b> um castelo	<b>Ler</b> uma revista	<b>Ler</b> revistinhas	<b>Ler</b> um livro
<b>Limpar</b> uma mesa	<b>Limpar</b> caixinhas	<b>Limpar</b> um boneco	<b>Escrever</b> uma receita	<b>Escrever</b> bilhetes	<b>Escrever</b> uma historinha

Finalmente, o quadro 11 abaixo apresenta os quatro verbos e seus complementos utilizados nas cenas da prática.

Quadro 11. Verbos e complementos selecionados para as sentenças das cenas da prática do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

<b>Verbos selecionados para o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto:</b>						
<i>Cenas da prática</i>						
	<b>SEM ADVÉRBIO</b>			<b>COM ADVÉRBIO</b>		
	<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo habitual</i>	<i>imperfectivo contínuo</i>	<i>perfectivo</i>	<i>imperfectivo habitual</i>	<i>imperfectivo contínuo</i>
<i>Modelo das cenas-alvo</i>			<b>Vestir</b> uma boneca	<b>Rasgar</b> uma carta	<b>Chupar</b> pirulitos	
<i>Modelo das cenas distratoras</i>	<b>Aspirar</b> um sofá					<b>Pentear</b> uma boneca

O anexo I, da página 220 à página 224, apresenta todas as sentenças do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, na ordem em que foram exibidas aos sujeitos.

A próxima seção trata da gravação da fala espontânea dos pacientes.

### 3.5 Gravação de fala espontânea

A fim de ampliar a análise da expressão linguística de tempo e aspecto por pacientes com DTA, além dos testes linguísticos aplicados, foi feita uma gravação de fala espontânea dos pacientes. Para tanto, foram fornecidos quatro comandos básicos aos pacientes, sendo dois com o intuito de estimular o uso de formas verbais no presente, e dois, o uso de formas verbais no passado. Além disso, os comandos dados que estimulariam as formas verbais no passado serviriam para eliciar ora o uso do perfectivo, ora o uso do imperfectivo.

Assim, foram colocadas as seguintes questões aos sujeitos: (i) “Me fala um pouco da sua vida agora, atualmente, das suas atividades diárias”, (ii) “Me fala um pouco das atividades

diárias da sua esposa / do seu marido (ou filho ou qualquer outra pessoa que morasse com o paciente)”, (iii) “Me descreve as suas atividades do dia de ontem, do período da manhã até o período da noite” e (iv) “Me fala um pouco da sua infância, das suas atividades do dia a dia, das brincadeiras daquela época...”.

Como pôde ser observado no parágrafo anterior, os itens (i) e (ii) propostos buscavam eliciar o presente, o item (iii), o passado perfectivo e o item (iv), o passado imperfectivo. Ao serem elaborados esses comandos, evitou-se utilizar o verbo no passado perfectivo ou no passado imperfectivo, como em “Como *foi* seu dia ontem? O que você *fez*?” ou “Como *era* a sua vida antigamente? O que você *fazia*?”. Tal medida foi tomada com o objetivo de estimular os pacientes a recorrerem às formas verbais que julgassem mais apropriadas para expressar as noções de presente, passado perfectivo e passado imperfectivo, sem simplesmente ecoar a forma verbal produzida no comando dado.

A seção seguinte ocupa-se da descrição dos procedimentos adotados ao serem abordados os sujeitos e realizadas as etapas da pesquisa que os envolviam.

### **3.6 Procedimento**

Antes do início da condução de qualquer etapa da pesquisa com o paciente ou com o controle, como uma medida de proteção à confidencialidade da identidade do sujeito, foi solicitado a ele e/ou a seu acompanhante que lesse(m) e assinasse(m) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que era também assinado pela pesquisadora. Esse termo foi elaborado em duas vias de papel timbrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de modo que uma cópia ficasse de posse do sujeito ou de seu representante legal e a outra, da pesquisadora. Além da leitura do termo antes do início da pesquisa com o sujeito, ele e/ou seu representante legal era(m)

esclarecido(s) a respeito de qualquer dúvida que tivesse(m) sobre a pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é apresentado no anexo J, nas páginas 225 e 226.

O primeiro teste aplicado foi o neuropsicológico, o MEEM, a fim de selecionar quais dos dez pacientes pré-selecionados seriam submetidos aos demais testes. Após a seleção dos quatro pacientes que participariam do estudo, teve início a aplicação dos testes linguísticos, que foi feita com cada um dos pacientes individualmente em dois dias distintos, combinados com cada um dos sujeitos. Tal opção metodológica deveu-se ao fato de um único dia de aplicação poder ser muito cansativo para o paciente, o que possivelmente interferiria em seu desempenho. Com isso, no primeiro dia, era aplicado o teste de julgamento de gramaticalidade e o teste de preenchimento de lacuna de Tempo, e, no segundo dia, era aplicado o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, e era gravada a fala espontânea do paciente. Cada encontro com o paciente tinha duração de quarenta (40) a sessenta (60) minutos.

A aplicação dos testes aos controles, por sua vez, foi conduzida individualmente e deu-se em um ou dois dias, de acordo com a preferência dos sujeitos. Desse modo, metade dos controles foi submetida aos testes em um único dia de aplicação, e a outra metade, em dois dias aplicação. Tal opção foi feita pelo fato de os indivíduos normais, sendo saudáveis, poderem manter a concentração por mais tempo que os pacientes, além de terem maior autonomia para expor a sua disposição para seguir ou interromper a testagem. A aplicação dos testes àqueles indivíduos que preferiram ser testados em um único dia teve duração média de noventa (90) minutos, enquanto a aplicação dos testes àqueles indivíduos que preferiram ser testados em dois dias distintos teve duração média de quarenta (40) a sessenta (60) minutos em cada dia.

A aplicação dos testes aos pacientes foi conduzida nas instalações do campus Mequinho da Universidade Federal Fluminense, um dos campi que abriga os pesquisadores

do Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia (PIGG/UFF). Os pacientes foram submetidos aos testes em um ambulatório do Mequinho, que dispunha da infraestrutura necessária ao desenvolvimento da pesquisa, ou seja, uma mesa e duas cadeiras, o suficiente para a aplicação dos testes. O computador portátil, também necessário à aplicação dos testes, era de propriedade da pesquisadora, que o levava a cada dia.

Já a aplicação dos testes aos controles foi feita sempre na residência deles ou em um local que indicassem, como a casa de um familiar. Nesse caso, o sujeito era conduzido a um cômodo que tivesse lugares para duas pessoas sentarem e um lugar onde o computador portátil pudesse ser apoiado na frente do sujeito. Além disso, era solicitado ao indivíduo que o cômodo fosse silencioso e que, nele, pudessem ficar a sós.

A coleta de dados desta pesquisa foi feita por meio de anotações durante a aplicação dos testes e de gravação das falas espontâneas dos sujeitos com um *MP3* ou um gravador de voz digital, sendo essas falas posteriormente transcritas para a análise.

No próximo capítulo, são descritos os resultados obtidos nesta pesquisa e propostas as análises para esses resultados.

## **4 RESULTADOS E ANÁLISE**

### **4.1 Introdução**

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados dos pacientes e dos controles nas sentenças-alvo ou nas cenas-alvo dos testes linguísticos descritos no capítulo 3, e é analisada a fala espontânea de cada paciente. Na exposição dos resultados de cada teste linguístico, são descritos e analisados, primeiramente, os resultados entre os grupos, de modo a confrontar as médias dos desempenhos dos três grupos investigados – de controles, de pacientes sem déficit cognitivo e de pacientes com déficit cognitivo – e, posteriormente, os resultados obtidos por cada paciente individualmente.

Desse modo, são relatados e analisados, na seção 4.2, os resultados obtidos no teste de julgamento de gramaticalidade e, na seção 4.3, os resultados obtidos no teste de preenchimento de lacuna. Já na seção 4.4, é abordada a fala espontânea dos pacientes. Finalmente, na seção 4.5, é proposta uma análise geral da expressão linguística dos pacientes com base em seus desempenhos nos testes linguísticos e na fala espontânea.

### **4.2 Teste de julgamento de gramaticalidade**

#### *4.2.1 Resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade*

##### **4.2.1.1 Teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo**

Vale ressaltar que o teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo, como apresentado na seção 3.4.1.1, foi subdividido em dois, que se diferenciavam em função do

Aspecto que era mantido constante em todas as sentenças. Enquanto no teste de Tempo 1 as sentenças possuíam sempre o Aspecto imperfectivo habitual, no teste de Tempo 2 as sentenças continham o Aspecto imperfectivo contínuo.

No teste de Tempo 1, as condições 1 e 3 continham sentenças gramaticais, e as condições 2 e 4, sentenças agramaticais<sup>37</sup>. Logo, esperava-se que, por parte dos controles, houvesse, nas condições 1 e 3, uma alta aceitação das sentenças e, nas condições 2 e 4, uma alta rejeição das sentenças.

No teste de Tempo 1, as médias percentuais obtidas pelos grupos de controles, de pacientes sem déficit cognitivo e de pacientes com déficit cognitivo nas condições que continham sentenças gramaticais foram as seguintes. Na condição 1, os controles e os pacientes sem déficit cognitivo aceitaram 100% das sentenças, enquanto os pacientes com déficit cognitivo aceitaram 75% das sentenças. Já na condição 3, os controles aceitaram 93,8% das sentenças, e os pacientes sem e com déficit cognitivo, 75% das sentenças.

Já as médias percentuais obtidas pelos grupos nas condições que continham sentenças agramaticais no teste de Tempo 1 são relatadas a seguir. Na condição 2, os controles rejeitaram 62,5% das sentenças, enquanto os pacientes sem e com déficit cognitivo tiveram o mesmo desempenho – 50% de rejeição das sentenças. Na condição 4, por sua vez, os controles rejeitaram 100% das sentenças, os pacientes sem déficit cognitivo, 50% das sentenças, e os pacientes com déficit cognitivo, apenas 37,5% delas.

Esses resultados estão representados nos gráficos a seguir. O gráfico 1 refere-se aos resultados do grupo de controles, o gráfico 2, aos do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 3, aos do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

---

<sup>37</sup> Nesse caso, as quatro condições analisadas foram:

- condição 1: adv<sub>pre</sub> + morf<sub>pre</sub> (advérbio *atualmente* + verbo no Presente do Indicativo);
- condição 2: adv<sub>pre</sub> + morf<sub>pas</sub> (advérbio *atualmente* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo);
- condição 3: adv<sub>pas</sub> + morf<sub>pas</sub> (advérbio *antigamente* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo);
- condição 4: adv<sub>pas</sub> + morf<sub>pre</sub> (advérbio *antigamente* + verbo no Presente do Indicativo).

Gráfico 1. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1.

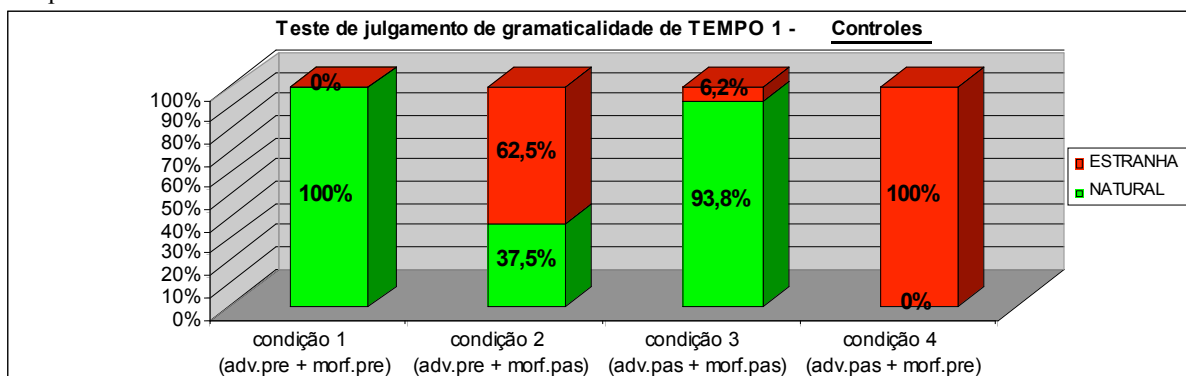


Gráfico 2. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1.

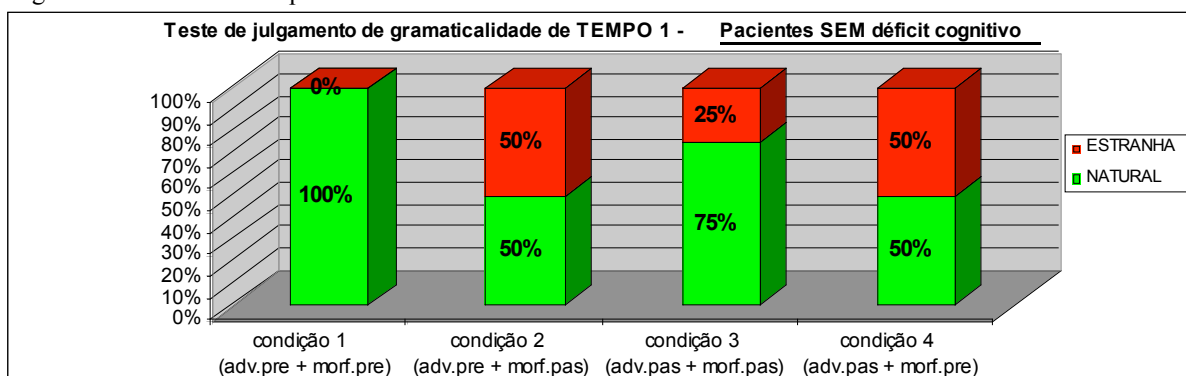
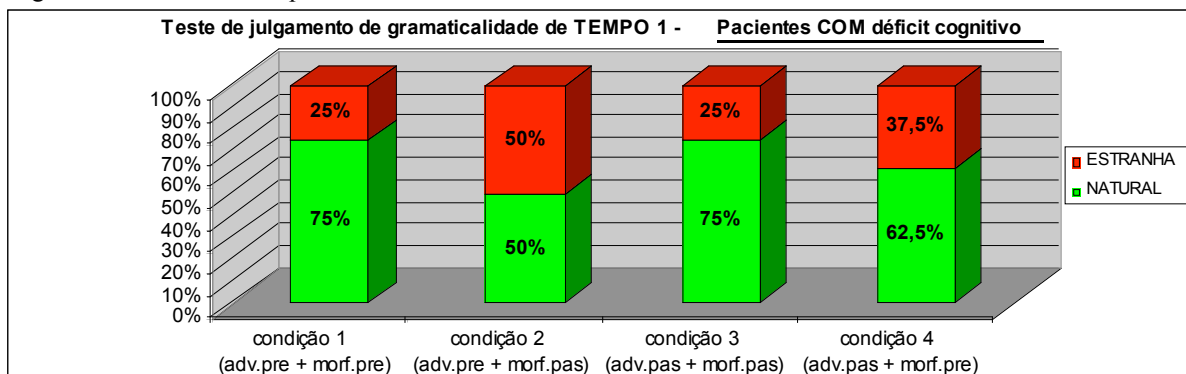


Gráfico 3. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1.



No teste de Tempo 2, as sentenças das condições 1 e 3 eram gramaticais, enquanto as sentenças da condição 4 eram agramaticais. Já as sentenças da condição 2 poderiam ser consideradas agramaticais ou gramaticais, dependendo da interpretação dada às sentenças, como será explicado na seção 4.2.2, em que é proposta a análise dos resultados obtidos nesse



teste<sup>38</sup>. Assim, esperavam-se, por parte dos controles, uma alta aceitação das sentenças das condições 1 e 3, uma rejeição não muito alta das sentenças da condição 2 e uma alta rejeição das sentenças da condição 4.

Nas sentenças gramaticais do teste de Tempo 2, os grupos investigados obtiveram as seguintes médias percentuais. Na condição 1, os controles e os pacientes com déficit cognitivo aceitaram 100% das sentenças, ao passo que os pacientes sem déficit cognitivo aceitaram 87,5% delas. E, na condição 3, os controles e os pacientes sem e com déficit cognitivo aceitaram 87,5% das sentenças.

Já nas sentenças das demais condições do teste de Tempo 2, as seguintes médias percentuais foram obtidas pelos sujeitos investigados. Na condição 2, os controles rejeitaram 43,7% das sentenças, os pacientes sem déficit cognitivo, 12,5% das sentenças, e os pacientes com déficit cognitivo, 37,5% das sentenças. Na condição 4, os controles rejeitaram 93,8% das sentenças, os pacientes sem déficit cognitivo, 50% das sentenças, e os pacientes com déficit cognitivo, 12,5% das sentenças.

Os gráficos abaixo representam os resultados obtidos nesse teste. O gráfico 4 refere-se aos resultados do grupo de controles, o gráfico 5, aos do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 6, aos do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

---

<sup>38</sup> Nesse caso, as quatro condições analisadas foram:

- condição 1: adv<sub>pre</sub> + morf<sub>pre</sub> (advérbio *agora* + verbo no Presente do Indicativo (*está*) + gerúndio);
- condição 2: adv<sub>pre</sub> + morf<sub>pas</sub> (advérbio *agora* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo (*estava*) + gerúndio);
- condição 3: adv<sub>pas</sub> + morf<sub>pas</sub> (advérbio *antes* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo (*estava*) + gerúndio);
- condição 4: adv<sub>pas</sub> + morf<sub>pre</sub> (advérbio *antes* + verbo no Presente do Indicativo (*está*) + gerúndio).

Gráfico 4. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2.

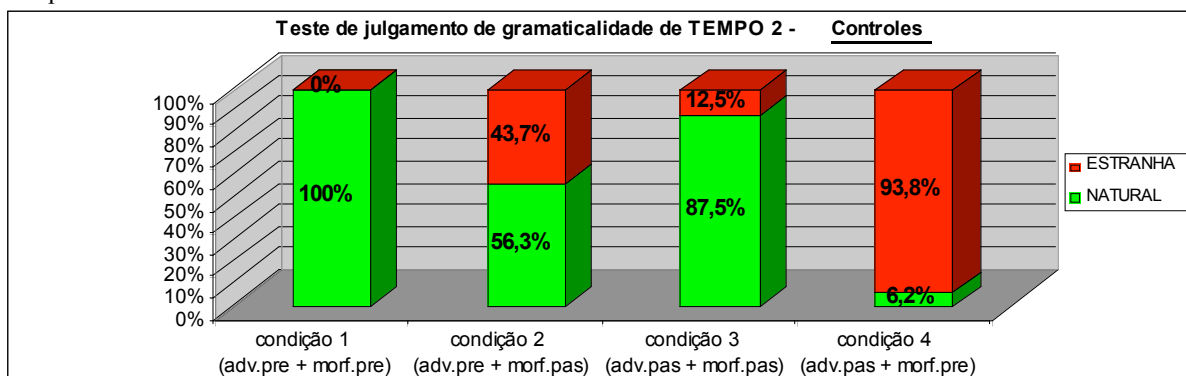


Gráfico 5. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2.

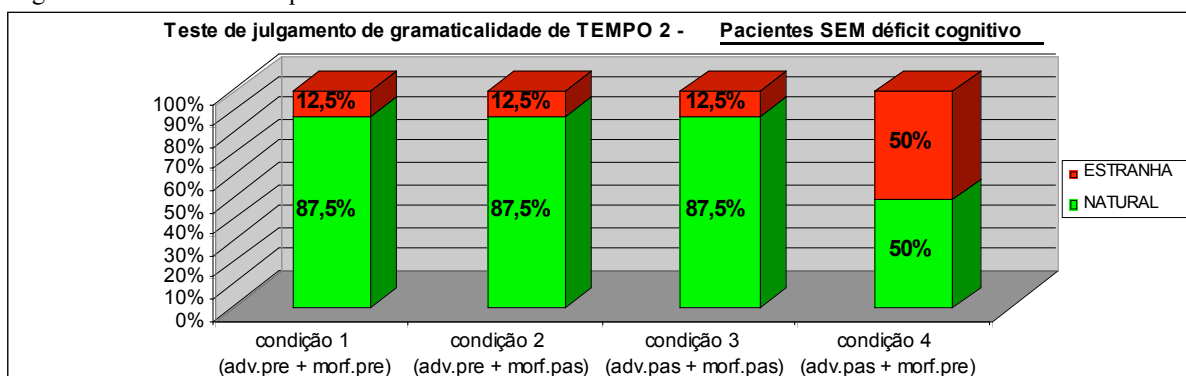
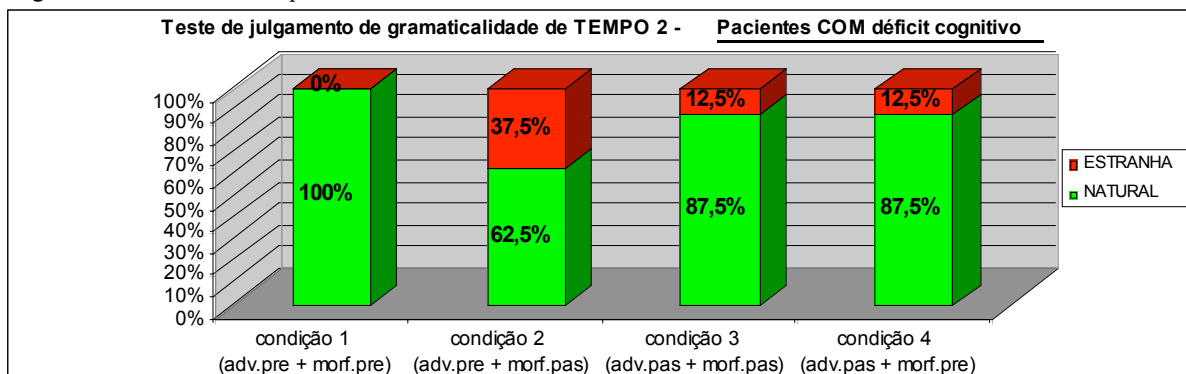


Gráfico 6. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2.



#### 4.2.1.2 Teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto

No teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto, as condições 1 e 3 continham sentenças gramaticais, enquanto a condição 4 continha sentenças agramaticais. Já a condição 2 continha sentenças que poderiam ser consideradas agramaticais ou gramaticais, dependendo

da interpretação que fosse dada à sentença, como será explicado na análise dos resultados<sup>39</sup>. Com isso, eram esperados, por parte dos controles, uma alta aceitação das sentenças das condições 1 e 3, uma alta rejeição das sentenças da condição 4 e semelhantes graus de aceitação e rejeição das sentenças da condição 2.

As médias percentuais dos grupos analisados nas condições do teste de Aspecto que continham sentenças gramaticais são relatadas a seguir. Na condição 1, os controles aceitaram 93,8% das sentenças, os pacientes sem déficit cognitivo, 100%, e os pacientes com déficit cognitivo, 75%. Na condição 3, por sua vez, os controles aceitaram 93,8% das sentenças, e os pacientes sem e com déficit cognitivo, 75% delas.

Já as médias percentuais obtidas nas demais condições do teste de Aspecto revelaram que, enquanto na condição 2, os controles rejeitaram 18,7% das sentenças e os pacientes sem e com déficit cognitivo não rejeitaram sentenças, na condição 4, os controles e os pacientes sem déficit cognitivo rejeitaram 37,5% das sentenças, e os pacientes com déficit cognitivo, 50% delas.

Esses resultados estão representados nos gráficos que seguem: o gráfico 7 contém os resultados do grupo de controles, o gráfico 8, os do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 9, os do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

---

<sup>39</sup> Nesse caso, as quatro condições analisadas foram:

- condição 1: adv<sub>perf</sub> + morf<sub>perf</sub> (advérbio *ontem* + verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo);
- condição 2: adv<sub>perf</sub> + morf<sub>imperf</sub> (advérbio *ontem* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo);
- condição 3: adv<sub>imperf</sub> + morf<sub>imperf</sub> (advérbio *antigamente* + verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo);
- condição 4: adv<sub>imperf</sub> + morf<sub>perf</sub> (advérbio *antigamente* + verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo).

Gráfico 7. Resultados em médias percentuais do grupo de controlos no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto.

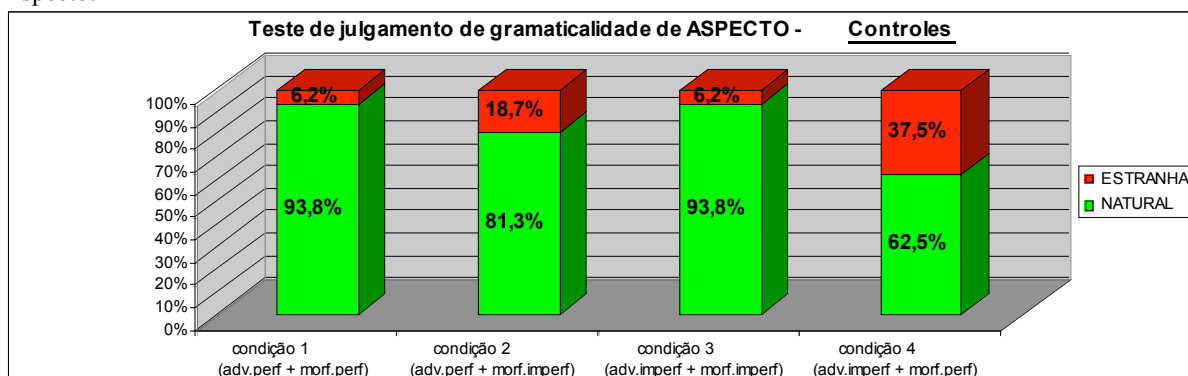


Gráfico 8. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficite cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto.

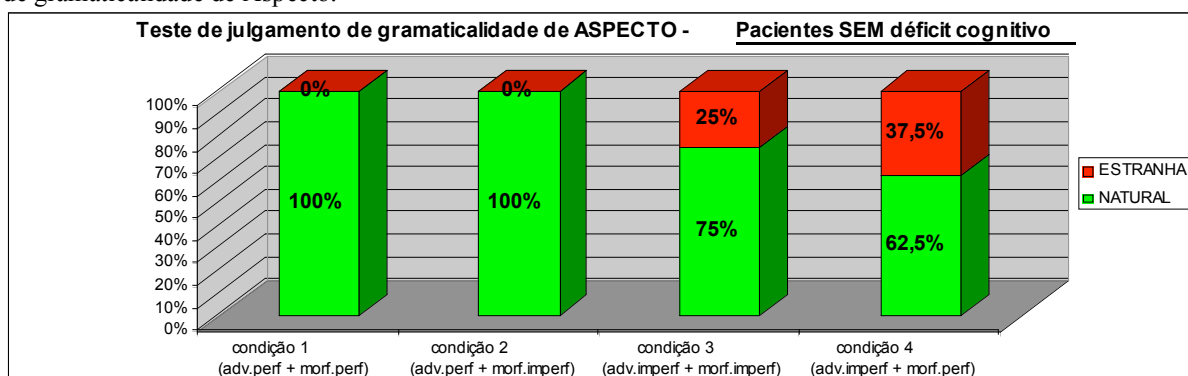
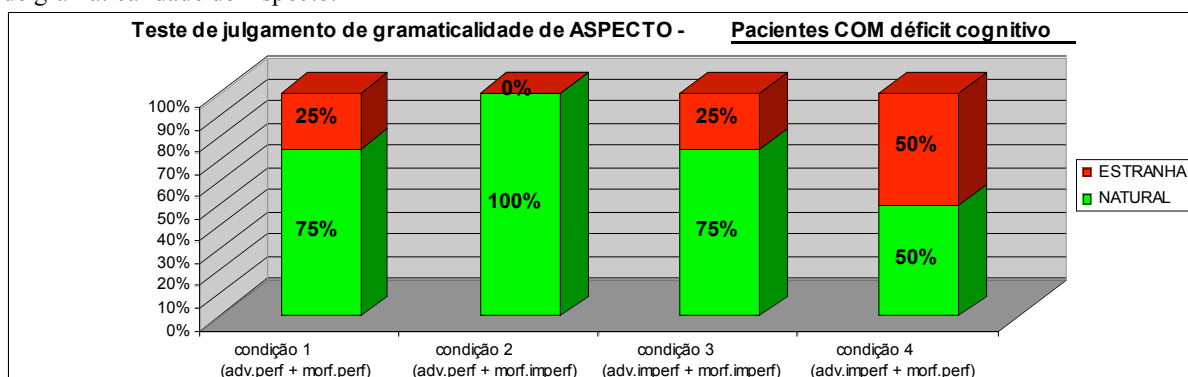


Gráfico 9. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficite cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto.



Na seção seguinte, é proposta uma análise dos resultados apresentados nas seções 4.2.1.1 e 4.2.1.2.

#### 4.2.2 *Análise dos resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade*

Nesta seção, são analisados os resultados obtidos pelos controles e pelos pacientes sem e com déficit cognitivo no teste de julgamento de gramaticalidade. Primeiramente, são propostas as análises para os resultados do teste de Tempo 1, depois, para os resultados do teste de Tempo 2 e, finalmente, para os resultados do teste de Aspecto. Em todos os testes, são primeiramente analisadas as condições em que eram esperados maiores índices de rejeição das sentenças pelos controles e, em seguida, as condições em que eram esperados altos índices de aceitação das sentenças pelos controles.

Antes de ser feita a análise dos resultados, é interessante retomar dois pontos centrais desta tese. O primeiro deles diz respeito ao comprometimento na expressão linguística de pacientes com DTA relatado na literatura. Como apresentado no capítulo 2, é consensual que há um prejuízo refletido na produção / compreensão linguística desses pacientes. Há, inclusive, estudos que mostram que esse prejuízo pode ser observado com fenômenos sintáticos, embora não tenham sido encontrados estudos que demonstrem que esse prejuízo sintático atinja os fenômenos de Tempo e Aspecto. No entanto, não é consensual na literatura que o déficit observado na expressão linguística seja decorrente de um comprometimento específico no módulo da linguagem.

Como já explicitado na seção 3.4.1.1, as sentenças do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1 continham o Aspecto imperfectivo habitual constante e variavam entre os Tempos presente e passado, utilizando os advérbios *atualmente* e *antigamente* e formas verbais no Presente do Indicativo e no Pretérito Imperfeito do Indicativo. Nesse teste, a comparação entre os resultados obtidos pelos pacientes sem e com déficit cognitivo e os resultados obtidos pelos controles nas condições 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ) e 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ), cujas sentenças eram agramaticais, revela que houve uma diminuição na rejeição das

sentenças pelos pacientes em relação aos controles. Esses resultados parecem já constituir uma evidência em favor da proposta, já consagrada na literatura, de que os pacientes com DTA possuam de fato um comprometimento na expressão linguística. Mais especificamente, esses resultados indicam que esse comprometimento se reflete no modo como os indivíduos com DTA lidam com fenômenos sintáticos, uma vez que os pacientes mostram-se incapazes de detectar a agramaticalidade de algumas sentenças.

O fracasso na detecção da agramaticalidade de sentenças também pode ser observado entre os indivíduos afásicos, como apontaram Grodzinsky & Finkel (1998). Visto que esses autores atribuíram o problema no julgamento de gramaticalidade dos indivíduos afásicos a um déficit sintático, como uma primeira aproximação, pode-se também propor que os problemas apresentados pelos indivíduos com DTA sejam decorrentes de comprometimentos sintáticos.

A comparação entre os resultados obtidos apenas pelos pacientes sem déficit cognitivo e os resultados obtidos pelos controles nas condições 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ) e 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) também revela uma menor rejeição das sentenças por parte desse grupo de pacientes. Esse resultado fornece uma primeira evidência de que o problema na expressão linguística dos pacientes com DTA, além de poder ser evidenciado no desempenho com fenômenos sintáticos, deva ser analisado como consequência de um comprometimento específico do módulo da linguagem. Essa análise é possibilitada pelo fato de esse grupo de pacientes ter apresentado um bom desempenho na categoria referente à “orientação temporal” do MEEM, assim como ter tido um bom desempenho no MEEM como um todo. Dessa forma, o déficit na expressão linguística observado nesse grupo de pacientes não pode ser atribuído a um comprometimento no conceito temporal e, talvez, não possa também ser atribuído a um comprometimento em outros sistemas cognitivos não-linguísticos, como a atenção e a memória. Logo, esses resultados parecem já apontar em direção à refutação da hipótese proposta neste estudo de que o déficit na expressão linguística dos pacientes com DTA seja

decorrente de prejuízos em componentes não-linguísticos, como propuseram Rochon, Waters & Caplan (1994).

Ainda no teste de Tempo 1, a comparação entre os resultados dos pacientes com déficit cognitivo e os resultados dos pacientes sem esse déficit na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ), cujas sentenças eram agramaticais, demonstra uma rejeição ainda menor de sentenças pelos pacientes com déficit cognitivo do que pelos pacientes sem esse déficit. Essa menor rejeição pelos pacientes com déficit cognitivo, no entanto, não pôde ser observada nas sentenças agramaticais da condição 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ), na qual o índice de rejeição das sentenças foi o mesmo para os pacientes com e sem déficit cognitivo. De todo modo, ainda assim é possível observar um declínio no desempenho linguístico do grupo de pacientes com déficit cognitivo em relação ao grupo de pacientes sem esse déficit, evidenciado por meio das sentenças da condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ). Esse declínio no desempenho era esperado, uma vez que, como exposto na seção 2.3 do capítulo 2, Bickel et al. (2000) já haviam relatado que pacientes com comprometimento cognitivo de moderado a severo, apontado pelo MEEM, apresentaram piores desempenhos no teste linguístico do que pacientes com comprometimento cognitivo leve. Com isso, neste estudo, esperava-se um rendimento inferior nos testes linguísticos pelos pacientes com déficit cognitivo pelo fato de esses pacientes, além de um comprometimento do sistema linguístico, possivelmente apresentarem problemas com o conceito de tempo e, talvez, com a atenção e com a memória, também avaliados nesta pesquisa pela aplicação do MEEM.

Observando, no teste de Tempo 1, os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo em comparação ao desempenho dos controles nas condições 1 ( $adv_{pre} + morf_{pre}$ ) e 3 ( $adv_{pas} + morf_{pas}$ ), que continham sentenças gramaticais, constata-se uma diminuição na aceitação de sentenças pelos pacientes em relação aos controles. Portanto, assim como os pacientes mostraram-se menos capazes de detectar a agramaticalidade das sentenças do teste

de Tempo 1 do que os controles, eles parecem hesitar mais quanto à gramaticalidade das sentenças desse teste, levando-os a aceitarem menos sentenças do que os controles. É possível propor que esse desempenho também seja decorrente de um comprometimento na expressão linguística dos pacientes, que se manifesta, especificamente, em problemas de natureza sintática.

A comparação entre o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo e o desempenho dos controles na condição 3 ( $adv_{pas} + morf_{pas}$ ) do teste de Tempo 1 também revela uma menor aceitação das sentenças pelos pacientes. Já na condição 1 ( $adv_{pre} + morf_{pre}$ ), os pacientes sem déficit cognitivo aceitaram, como os controles, todas as sentenças. Ainda assim, pode-se perceber um pior desempenho desses pacientes em relação ao desempenho dos controles, observado por meio da condição 3 ( $adv_{pas} + morf_{pas}$ ). Logo, considerando que esses pacientes não possuem comprometimento na “orientação temporal” nem um déficit cognitivo mais geral, como apontado pelo MEEM, tem-se mais uma evidência em favor da proposta de que o comprometimento na expressão linguística dos pacientes seja decorrente de um comprometimento no sistema linguístico propriamente dito.

Por fim, ao se observar o desempenho dos pacientes com déficit cognitivo em comparação ao desempenho dos pacientes sem esse déficit na condição 1 ( $adv_{pre} + morf_{pre}$ ), conclui-se que aqueles aceitaram ainda menos sentenças do que estes. Isso não ocorre, no entanto, na condição 3 ( $adv_{pas} + morf_{pas}$ ), em que os pacientes com e sem déficit cognitivo aceitaram a mesma quantidade de sentenças. De todo modo, pode-se propor que haja um pior desempenho dos pacientes com déficit cognitivo em relação ao desempenho dos demais pacientes, o que pode ser evidenciado por meio da condição 1 ( $adv_{pre} + morf_{pre}$ ). Esse desempenho também pode ser um indicativo de que, somado ao comprometimento no sistema linguístico, haja a atuação de comprometimentos em outros sistemas entre os pacientes com déficit cognitivo.



Retomando as informações concernentes ao teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2, apresentadas na seção 3.4.1.1, tem-se que as sentenças desse teste continham o Aspecto imperfectivo contínuo constante e variavam entre os Tempos presente e passado, utilizando os advérbios *agora* e *antes* e formas verbais no presente (verbo *estar* no Presente do Indicativo seguido de gerúndio do verbo principal) e no passado (verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido de gerúndio do verbo principal). Em relação a esse teste, primeiramente, faz-se necessário destacar que houve uma baixa rejeição das sentenças da condição 2 ( $\text{adv}_{\text{pre}} + \text{morf}_{\text{pas}}$ ) pelos controles: apenas 43,7% de rejeição dessas sentenças<sup>40</sup>. Esse índice constitui um indicativo de que as sentenças dessa condição não possam ser consideradas agramaticais, de modo que, conseqüentemente, a não-rejeição dessas sentenças pelos pacientes não possa ser considerada um erro propriamente dito.

As sentenças da condição 2 ( $\text{adv}_{\text{pre}} + \text{morf}_{\text{pas}}$ ), como “Agora Viviane estava desenhando um coração”, podem ser consideradas gramaticais, basicamente, por duas razões. Em primeiro lugar, como já sugerido em um estudo precedente (MARTINS, 2006), o advérbio *agora* pode ser interpretado como um marcador discursivo, e não somente como um advérbio de tempo presente. Além disso, ainda que o advérbio *agora* seja analisado como um marcador de tempo, é possível que seus traços temporais sejam subespecificados. Com isso, esse advérbio poderia ser eventualmente interpretado como um advérbio de tempo passado, significando “há pouco tempo”. Assim, a sentença apresentada como exemplo neste parágrafo poderia ser interpretada como “Agorinha mesmo, há pouco tempo, Viviane estava desenhando um coração”<sup>41</sup>. Por essa razão, a análise do desempenho dos pacientes e dos controles nas sentenças agramaticais do teste de Tempo 2 voltar-se-á exclusivamente para as sentenças da condição 4 ( $\text{adv}_{\text{pas}} + \text{morf}_{\text{pre}}$ ).

---

<sup>40</sup> O índice de rejeição das sentenças dessa condição pelos controles já era parcialmente esperado, dado os resultados, apresentados no anexo E, obtidos na aplicação prévia desse teste aos informantes jovens, que já não haviam rejeitado amplamente essas sentenças, fazendo com que não fossem avaliadas como agramaticais.

<sup>41</sup> As análises do advérbio *agora* são retomadas nas seções 4.3.2.1 e 4.5 deste capítulo.

Assim, a comparação entre os resultados dos pacientes sem e com déficit cognitivo e os resultados dos controles na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2 revela que os pacientes rejeitaram menos sentenças do que os controles<sup>42</sup>. Uma menor rejeição dessas sentenças, indubitavelmente agramaticais, pelos pacientes corrobora a proposta de que haja um comprometimento na expressão linguística dos portadores de DTA, refletido, nesse caso, em fenômenos sintáticos, que os impede de detectar a agramaticalidade das sentenças.

Ao se comparar o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo ao desempenho dos controles na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2, percebe-se uma menor rejeição das sentenças pelos pacientes do que pelos controles. Como já apresentado, esses pacientes foram avaliados por meio do MEEM e descritos como livres de comprometimento na “orientação temporal” e de déficit cognitivo mais geral. Mais uma vez, portanto, tem-se uma evidência de que o problema na expressão linguística dos pacientes com DTA, relatado, por exemplo, no parágrafo precedente, independa de distúrbios em outros sistemas cognitivos. Logo, a origem do prejuízo na expressão linguística desses pacientes parece ser, de fato, um comprometimento no módulo da linguagem.

A comparação entre o desempenho dos pacientes com déficit cognitivo e o desempenho dos pacientes sem esse déficit na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2 revela que os pacientes com déficit cognitivo rejeitaram menos sentenças do que os demais pacientes. Assim sendo, um maior prejuízo na expressão linguística pôde ser observado entre os pacientes com déficit cognitivo. Esse maior comprometimento na expressão linguística, como já proposto no teste de Tempo 1, pode ser resultado da comunhão de diversos fatores: além de um comprometimento na “orientação temporal” e de um déficit cognitivo mais geral, esses pacientes possuiriam um comprometimento essencialmente linguístico.

---

<sup>42</sup> Até mesmo as sentenças da condição 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ) foram menos rejeitadas pelos pacientes do que pelos controles. Contudo, esse resultado não pode ser utilizado como um argumento em favor do comprometimento na expressão linguística dos pacientes pelo fato, já explicado anteriormente, de essas sentenças não poderem ser consideradas agramaticais, dadas as possíveis interpretações do advérbio *agora*.

Por fim, não foram observadas diferenças relevantes entre os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo e o desempenho dos controles nas condições 1 ( $adv_{pre} + morf_{pre}$ ) e 3 ( $adv_{pas} + morf_{pas}$ ) do teste de Tempo 2, que continham sentenças gramaticais. Logo, esse conjunto de sentenças não permitiu que fossem fornecidas mais evidências em favor da proposta, consagrada na literatura, de que haja um comprometimento na expressão linguística dos pacientes com DTA.

O teste de julgamento de gramaticalidade de Aspecto, como apresentado na seção 3.4.1.2, continha sentenças com o Tempo passado constante e com alternância entre os Aspectos perfectivo e imperfectivo, nas quais apareciam os advérbios *ontem* e *antigamente* e formas verbais no Pretérito Perfeito do Indicativo e no Pretérito Imperfeito do Indicativo. Antes de serem discutidos os resultados obtidos pelos pacientes nesse teste, é necessário que sejam analisados separadamente os resultados obtidos pelos controles nas sentenças das condições 2 ( $adv_{perf} + morf_{imperf}$ ) e 4 ( $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ). Nas duas condições, a média de rejeição das sentenças pelos controles foi baixa: na condição 2 ( $adv_{perf} + morf_{imperf}$ ), eles rejeitaram apenas 18,7% das sentenças, e, na condição 4 ( $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ), somente 37,5% das sentenças<sup>43</sup>. Com isso, a baixa rejeição das sentenças dessas condições pelos pacientes não foi utilizada como uma evidência de comprometimentos na expressão linguística.

É possível propor que as sentenças da condição 2 ( $adv_{perf} + morf_{imperf}$ ), como “Ontem José lavava carros”, sejam analisadas como gramaticais porque a morfologia de imperfectivo utilizada no verbo pode remeter o falante ao aspecto imperfectivo contínuo, permitindo que a ação seja interpretada como algo que esteve em andamento durante um dado período. Se assim for, a sentença fornecida como exemplo pode ser interpretada como “Ontem, durante

<sup>43</sup> O baixo índice de rejeição das sentenças da condição 2 ( $adv_{perf} + morf_{imperf}$ ) já era parcialmente esperado, uma vez que também não houve um alto índice de rejeição dessas sentenças pelos informantes jovens submetidos à aplicação prévia do teste, fazendo com que tais sentenças não fossem classificadas como agramaticais. Por outro lado, o baixo índice de rejeição das sentenças da condição 4 ( $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ) mostrou-se surpreendente, já que, na aplicação prévia, houve uma alta rejeição dessas sentenças pelos jovens, o que levou à classificação delas como agramaticais. Os resultados dessa aplicação prévia são apresentados no anexo E, e uma tentativa de explicação para a diferença entre os desempenhos dos informantes jovens e dos idosos saudáveis é proposta na seção 4.5.

todo o dia, José estava lavando carros”, de modo que os traços aspectuais do advérbio e do verbo não pareçam conflituosos. Sentenças do tipo “Ontem José lavava carros” só seriam analisadas como agramaticais se a morfologia verbal utilizada remetesse o falante ao aspecto imperfectivo habitual, indicando que aquela ação constituía um hábito em um passado longínquo. Nesse caso, portanto, os traços de passado recente do advérbio *ontem* contrastariam com os traços de passado longínquo da morfologia verbal.

Quanto às sentenças da condição 4 ( $\text{adv}_{\text{imperf}} + \text{morf}_{\text{perf}}$ ), é possível considerar que elas tenham sido eventualmente julgadas como gramaticais porque os sujeitos que as analisaram avaliaram como mais relevantes as informações temporais do que as aspectuais presentes no advérbio e no verbo. Em sentenças do tipo “Antigamente Luiz pintou uma geladeira”, embora não pareça haver uma compatibilidade de traços aspectuais entre o advérbio e o verbo, ambos possuem em comum os traços de passado. Isso ocorre porque o advérbio *antigamente*, apesar de trazer informações aspectuais, é, talvez primordialmente, também um advérbio de tempo<sup>44</sup>.

Portanto, dada a baixa rejeição das sentenças das condições 2 ( $\text{adv}_{\text{perf}} + \text{morf}_{\text{imperf}}$ ) e 4 ( $\text{adv}_{\text{imperf}} + \text{morf}_{\text{perf}}$ ) do teste de Aspecto pelos controles, a comparação entre os desempenhos dos pacientes com e sem déficit cognitivo e o desempenho dos controles nessas sentenças não pôde servir de base para a exemplificação de que haja um comprometimento na expressão linguística dos pacientes com DTA.

No entanto, a comparação entre os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo e o desempenho dos controles nas condições 1 ( $\text{adv}_{\text{perf}} + \text{morf}_{\text{perf}}$ ) e 3 ( $\text{adv}_{\text{imperf}} + \text{morf}_{\text{imperf}}$ ) do teste de Aspecto, que continham sentenças gramaticais, permite que seja tecida uma consideração interessante. Em ambas as condições, os pacientes aceitaram menos sentenças do que os controles. Como descrito na análise do teste de Tempo 1, uma menor aceitação das sentenças gramaticais pelos pacientes pode refletir uma hesitação da parte deles,

---

<sup>44</sup> Essa ideia é retomada nas seções 4.3.2.1 e 4.5 deste capítulo.

evidenciando um comprometimento na expressão linguística dos indivíduos com DTA, que é refletido no modo como os pacientes lidam com informações de natureza sintática.

Ao se comparar o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo ao dos controles na condição 3 ( $adv_{imperf} + morf_{imperf}$ ) do teste de Aspecto, vê-se que há uma menor aceitação das sentenças por parte dos pacientes. Já ao se comparar o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo ao dos controles na condição 1 ( $adv_{perf} + morf_{perf}$ ), observa-se que a aceitação das sentenças pelos dois grupos é praticamente a mesma. Considerando que os pacientes sem déficit cognitivo avaliados pelo MEEM possuem a “orientação temporal”, assim como outros aspectos da cognição mais geral, preservada, e que os resultados linguísticos obtidos por esses pacientes na condição 3 ( $adv_{imperf} + morf_{imperf}$ ) já evidenciam um prejuízo em relação ao desempenho dos controles, conclui-se que esses dados fornecem mais um argumento em favor da proposta de que a origem do déficit na expressão linguística na DTA seja um comprometimento específico no sistema da linguagem.

Por fim, a comparação entre os desempenhos dos pacientes com e sem déficit cognitivo nas condições 1 ( $adv_{perf} + morf_{perf}$ ) e 3 ( $adv_{imperf} + morf_{imperf}$ ) do teste de Aspecto revela um pior desempenho dos pacientes com esse déficit, que aceitaram menos sentenças gramaticais do que os demais pacientes. Embora, na condição 3 ( $adv_{imperf} + morf_{imperf}$ ), os pacientes com e sem déficit cognitivo tenham aceitado a mesma quantidade de sentenças, na condição 1 ( $adv_{perf} + morf_{perf}$ ), os pacientes com déficit cognitivo aceitaram menos sentenças do que os demais. Logo, o mesmo padrão observado nas condições que continham sentenças gramaticais no teste de Tempo 1 foi revelado no teste de Aspecto. Esse fato reitera a ideia de que pacientes com déficit cognitivo, por terem comprometimentos em outros sistemas cognitivos além do linguístico – como o sistema conceitual, que abarca a “orientação temporal”, e, possivelmente, a atenção e a memória –, acabem por apresentar piores desempenhos nos testes linguísticos.

Na seção a seguir, são descritos os resultados de cada paciente separadamente no teste de julgamento de gramaticalidade.

#### 4.2.3 Resultados individuais no teste de julgamento de gramaticalidade

A fim de comparar os desempenhos de cada paciente individualmente, foram selecionadas as condições do teste de julgamento de gramaticalidade em que havia sentenças agramaticais. Especificamente, foram selecionadas as condições em que os controles mostraram-se mais categóricos na rejeição das sentenças<sup>45</sup>. Tal opção justifica-se pelo fato de, nessas condições, a não-percepção da agramaticalidade constituir uma evidência mais consistente em favor de um comprometimento revelado na expressão linguística do paciente. Com isso, optou-se por comparar os desempenhos dos pacientes na condição 4 do teste de Tempo 1 e na condição 4 teste de Tempo 2<sup>46</sup>.

Assim, na condição 4 do teste de Tempo 1, enquanto os controles rejeitaram 100% das sentenças, o paciente J., sem déficit cognitivo, e o paciente E.A., com déficit cognitivo, rejeitaram 75% das sentenças, a paciente E., sem déficit cognitivo, rejeitou 25% das sentenças e a paciente R., com déficit cognitivo, não rejeitou nenhuma sentença. Já na condição 4 do teste de Tempo 2, enquanto os controles rejeitaram 91,7% das sentenças, os pacientes J. e E., sem déficit cognitivo, rejeitaram 50% das sentenças, o paciente E.A., com déficit cognitivo, rejeitou 25% das sentenças, e a paciente R., com déficit cognitivo, não rejeitou nenhuma sentença.

Os gráficos a seguir representam a média do desempenho dos controles e o desempenho de cada paciente separadamente, descritos no parágrafo anterior. O gráfico 10

---

<sup>45</sup> O fato de os controles deste estudo não terem sido categóricos na rejeição de todas as sentenças agramaticais foi discutido na seção 4.2.2 e é retomado na seção 4.5.

<sup>46</sup> A condição 4 de ambos os testes é expressa por “adv<sub>pas</sub> + morf<sub>pre</sub>”, sendo que, no teste de Tempo 1, o advérbio utilizado é *antigamente* e, no teste de Tempo 2, o advérbio utilizado é *antes*.

representa os desempenhos na condição 4 do teste de Tempo 1, e o gráfico 11, os desempenhos na condição 4 do teste de Tempo 2.

Gráfico 10. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente na condição 4 do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1.

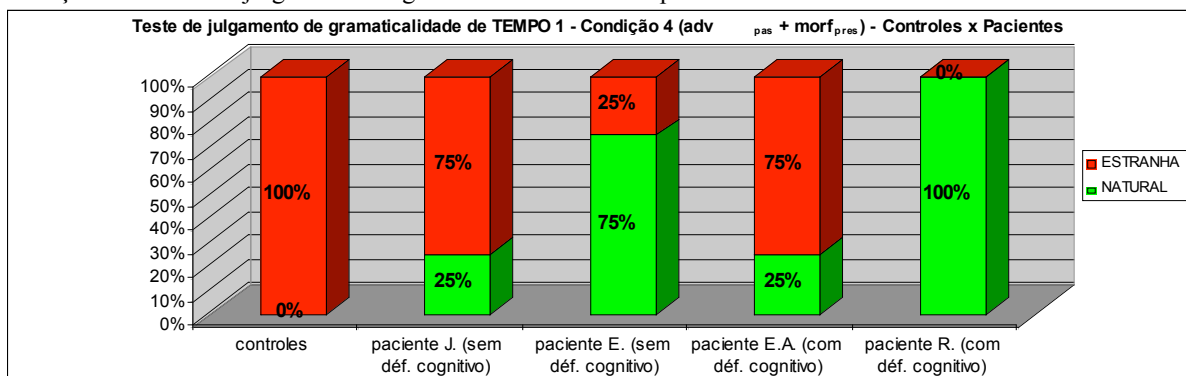
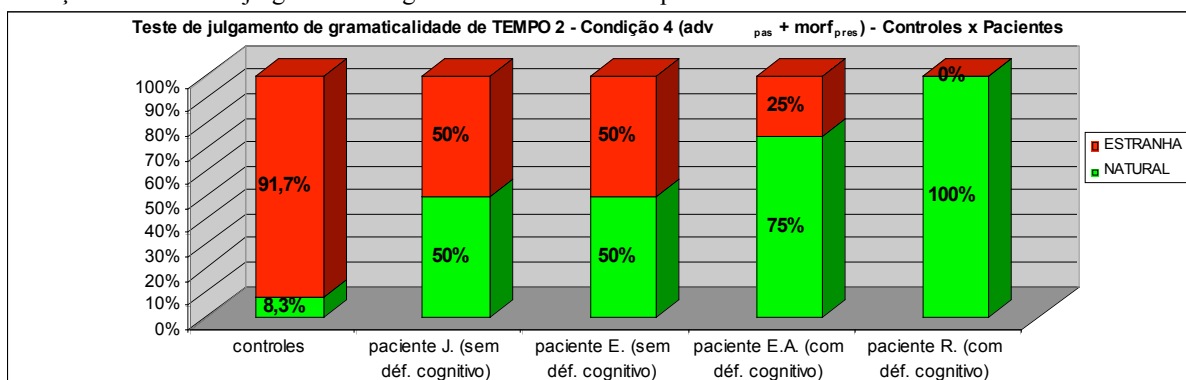


Gráfico 11. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente na condição 4 do teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2.



Na próxima seção, é proposta uma análise dos resultados apresentados nesta seção.

#### 4.2.4 Análise dos resultados individuais no teste de julgamento de gramaticalidade

Apesar de, na seção anterior, primeiramente terem sido apresentados os resultados dos pacientes no teste de Tempo 1 e, em seguida, no teste de Tempo 2, a análise desenvolvida nesta seção volta-se, inicialmente, para os desempenhos observados no teste de Tempo 2 e, então, para os resultados obtidos no teste de Tempo 1. Em primeiro lugar, é imprescindível destacar que a comparação dos desempenhos dos pacientes nas condições 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1 e do teste de Tempo 2 revela situações distintas.

Por um lado, na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2, os pacientes J. e E., sem déficit cognitivo, apresentaram o mesmo desempenho, assim como os pacientes E.A. e R., com déficit cognitivo, tiveram um desempenho bastante similar. Especificamente, nessa condição, ambos os pacientes sem déficit cognitivo apresentaram um desempenho inferior à média de desempenho dos controles, e ambos os pacientes com déficit cognitivo tiveram um desempenho ainda mais prejudicado, sendo até mesmo inferior ao desempenho dos demais pacientes. Com isso, esses resultados reforçam a proposta, apresentada na seção 4.2.2, de que os pacientes sem déficit cognitivo possuam um déficit na expressão linguística decorrente de um comprometimento especificamente linguístico e de que os pacientes com déficit cognitivo possuam um déficit na expressão linguística ainda mais acentuado por ser decorrente de um prejuízo no módulo linguístico associado a distúrbios na “orientação temporal” e, talvez, também em outras áreas da cognição.

Por outro lado, na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1, o desempenho do paciente J., sem déficit cognitivo, foi o mesmo do paciente E.A., com déficit cognitivo, e o desempenho da paciente E., sem déficit cognitivo, assemelhou-se ao da paciente R., com déficit cognitivo. Assim, nessa condição, a escala no comprometimento linguístico não pôde ser observada da mesma maneira que na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2, uma vez que os desempenhos dos pacientes J., sem déficit cognitivo, e E.A., com déficit cognitivo, foram mais próximos ao desempenho dos controles, e os desempenhos das pacientes E., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, foram mais distantes do desempenho dos controles.

Ao se comparar, especificamente, os desempenhos dos pacientes E., sem déficit cognitivo, e E.A., com déficit cognitivo, na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1, constata-se que o paciente com déficit cognitivo teve um desempenho similar ao dos controles, enquanto o paciente sem esse déficit teve um desempenho prejudicado. Essa



observação demonstra que, apesar de os pacientes com déficit cognitivo terem apresentado um desempenho linguístico mais prejudicado do que os pacientes sem esse déficit na análise dos resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade, nem sempre ocorre uma correlação positiva entre a existência de déficit cognitivo e o grau de comprometimento linguístico nos pacientes. Isso constitui mais uma evidência em favor da ideia de que o comprometimento linguístico de pacientes com DTA não seja puramente decorrente de comprometimentos em módulos cognitivos não-linguísticos. Se assim fosse, um paciente com déficit cognitivo, necessariamente, deveria apresentar um pior desempenho do que aquele sem esse déficit.

De maneira geral, os resultados obtidos na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1 parecem revelar que não há uma homogeneidade nos desempenhos linguísticos dos pacientes com DTA. Em outras palavras, o desempenho no MEEM não pode ser tomado como um indicativo de que todos os pacientes sem déficit cognitivo, ou todos os pacientes com esse déficit, apresentem o mesmo perfil linguístico, talvez porque a progressão do comprometimento linguístico nessa demência não siga um padrão único em todos os indivíduos por ela acometidos. Essa heterogeneidade nos desempenhos linguísticos de pacientes com DTA já havia sido observada por Altmann, Kempler & Andersen (2001), que, ao examinarem a produção eliciada de dez pacientes com DTA em estágio leve, observaram que três desses pacientes haviam exibido um desempenho excepcionalmente ruim, apesar de todos os pacientes investigados apresentarem perfis semelhantes no que tange, por exemplo, à idade, à educação e ao comprometimento cognitivo.

Vale ainda destacar que o melhor desempenho dos pacientes J., sem déficit cognitivo, e E.A., com déficit cognitivo, na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1, não poderia ser correlacionado à menor idade ou à maior escolarização desses pacientes. Isso pode ser constatado ao se verificar que o desempenho do paciente E.A. foi superior ao da paciente

R., mesmo sendo o primeiro mais idoso – enquanto o paciente E.A. tem oitenta e dois (82) anos, a paciente R. tem setenta e seis (76) anos – e mesmo tendo ambos a mesma escolarização – estudaram até o primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Ainda a respeito da comparação dos desempenhos dos pacientes na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1, é importante ressaltar que o fato de o desempenho do paciente J., sem déficit cognitivo, ter sido bastante similar ao dos controles não invalida a argumentação de que pacientes sem déficit cognitivo já apresentem um prejuízo linguístico, o que permite a refutação da hipótese deste estudo de que o comprometimento linguístico de pacientes com DTA seja decorrente de prejuízos em módulos cognitivos não-linguísticos. Essa refutação pode se dar porque, conforme já previamente apresentado, o desempenho de J. mostrou-se comprometido no teste de Tempo 2.

Uma outra comparação pôde ser estabelecida com base nos resultados relatados na seção anterior. Conforme apresentado nas seções 3.4.1.1 e 3.4.2 da metodologia, o teste de julgamento de gramaticalidade permitiria que fosse investigado se os pacientes teriam mais dificuldade em identificar a agramaticalidade da sentença no teste de Tempo em que as sentenças continham o Aspecto habitual – como no teste de Tempo 1 – ou o Aspecto contínuo – como no teste de Tempo 2. Se um pior desempenho fosse observado em um desses testes, mas não no outro, talvez o problema do paciente estivesse relacionado às informações aspectuais das sentenças do teste de Tempo em questão. Assim, optou-se por comparar os desempenhos dos pacientes na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1 com os seus desempenhos na mesma condição do teste de Tempo 2.

Tal comparação revela que os desempenhos dos pacientes J. e E., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, foram semelhantes ou iguais nas condições 4 dos testes de Tempo 1 e 2, enquanto o desempenho do paciente E.A., com déficit cognitivo, diferenciou-se nas condições 4 desses dois testes, sendo bom no teste de Tempo 1 e ruim no teste de

Tempo 2. Nesse caso, é possível que o problema do paciente E.A. não tenha sido com a incompatibilidade dos traços temporais entre o advérbio e o verbo da sentença, e sim com os traços aspectuais de imperfectivo contínuo que permeavam as sentenças do teste de Tempo 2. Tal possibilidade de análise será retomada na seção 4.5.

Na seção seguinte, são feitas a descrição e a análise dos resultados obtidos no teste de preenchimento de lacuna.

### 4.3 Teste de preenchimento de lacuna

#### 4.3.1 *Resultados intergrupos no teste de preenchimento de lacuna*

Conforme apresentado na metodologia desta tese, especificamente na seção 3.4.2, as sentenças do teste de preenchimento de lacuna ora continham, ora não, uma marcação adverbial temporal / aspectual. Por essa razão, organizaram-se os resultados intergrupos dos dois testes de preenchimento de lacuna – teste de Tempo e teste de Aspecto – da seguinte maneira: primeiramente, são apresentados os resultados dos controles e dos pacientes considerando-se todas as sentenças do teste; depois, são descritos separadamente os resultados dos controles e dos pacientes nas sentenças com e sem marcação adverbial.

##### 4.3.1.1 Teste de preenchimento de lacuna de Tempo

No teste de preenchimento de lacuna de Tempo, os controles elegeram, nas cenas do presente, somente formas verbais no presente e, nas do passado, apenas formas no passado<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Havia, nesse teste, três opções de resposta, sendo cada uma delas em um tempo verbal diferente: presente (verbo *estar* no Presente do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal), passado (verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal) ou futuro (verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal).

Entre os pacientes, observa-se um desempenho menos consistente. Os pacientes sem déficit cognitivo selecionaram, nas cenas do presente, formas verbais no presente em 87,5% dos casos, formas verbais no futuro em 8,3% dos casos e formas verbais no passado em 4,2% dos casos. E, nas cenas do passado, esses pacientes selecionaram formas verbais no passado em 83,3% dos casos, formas verbais no futuro em 8,3% dos casos, formas verbais no presente em 4,2% dos casos e não forneceram respostas em 4,2% dos casos.

Já os pacientes com déficit cognitivo escolheram, nas cenas do presente, formas verbais no presente em 75% dos casos, formas verbais no passado em 16,7% dos casos e formas verbais no futuro em 8,3% dos casos. E, nas cenas do passado, esses pacientes selecionaram formas verbais no passado em 58,3% dos casos, formas verbais no presente em 16,7% dos casos, formas verbais no futuro também em 16,7% dos casos e não forneceram respostas em 8,3% dos casos.

Esses resultados estão representados nos gráficos a seguir, sendo o gráfico 12 correspondente aos resultados do grupo de controles, o gráfico 13, aos do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 14, aos do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

Gráfico 12. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

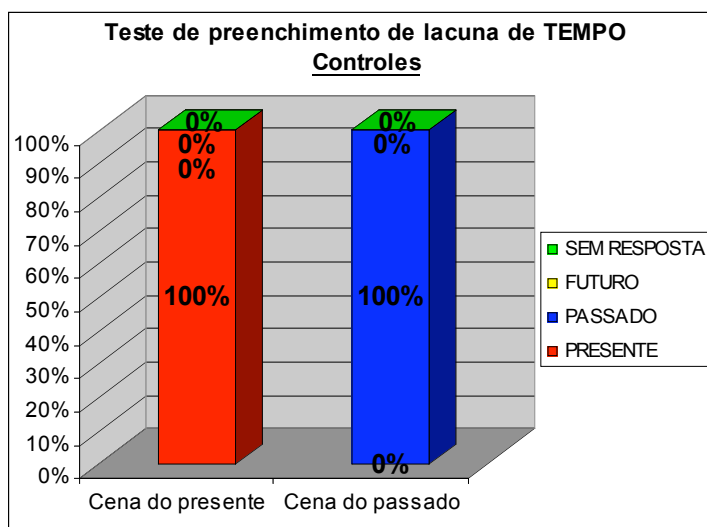


Gráfico 13. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

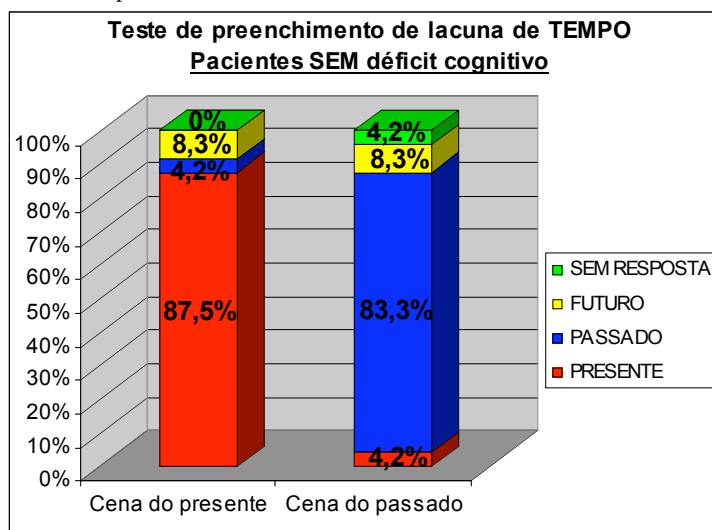
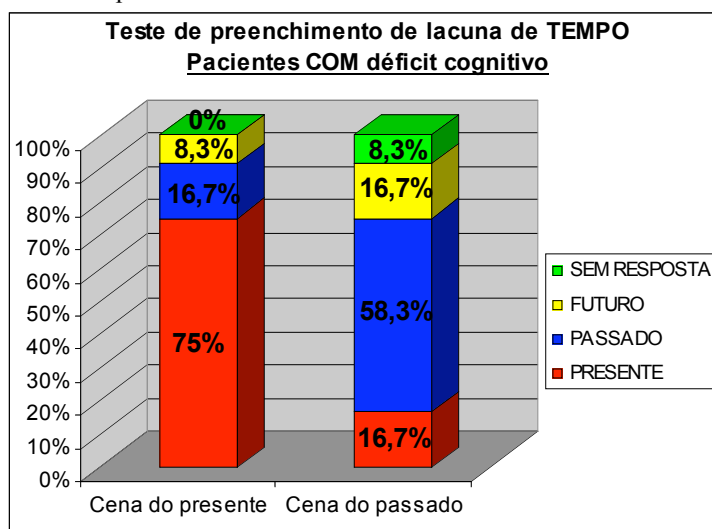


Gráfico 14. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo.



#### 4.3.1.1.1 Teste de Tempo: ausência *versus* presença de marcação adverbial de tempo / aspecto

Nesta seção, os resultados dos controles e dos pacientes são apresentados separadamente nas cenas do presente e do passado cujas sentenças continham a marcação adverbial de tempo / aspecto e cujas sentenças não continham tal marcação. Os resultados dos controles não foram influenciados pelo uso da marcação adverbial na sentença: nas cenas do presente com e sem essa marcação na sentença, os controles selecionaram formas verbais no

presente em 100% dos casos, assim como, nas cenas do passado com e sem marcação adverbial na sentença, foram selecionadas formas verbais no passado em 100% dos casos.

Os pacientes sem déficit cognitivo selecionaram, nas cenas do presente, mais formas verbais no presente quando não havia marcação adverbial temporal / aspectual na sentença do que quando havia essa marcação: 91,7% de formas verbais no presente selecionadas quando não havia marcação adverbial contra 83,4% de seleção dessas formas verbais quando havia marcação. Já nas cenas do passado, esses pacientes comportaram-se da maneira inversa. Eles selecionaram mais formas verbais no passado quando havia marcação adverbial temporal / aspectual na sentença do que quando não havia tal marcação: 91,7% de formas verbais no passado selecionadas quando havia marcação adverbial contra 75% de seleção dessas formas verbais quando não havia tal marcação.

Os pacientes com déficit cognitivo também selecionaram, nas cenas do presente, mais formas verbais no presente quando não havia marcação adverbial de tempo / aspecto na sentença do que quando havia essa marcação: 83,4% de formas verbais no presente selecionadas quando não havia marcação adverbial contra 66,7% de seleção dessas formas quando havia essa marcação. Já nas cenas do passado, a marcação adverbial de tempo / aspecto não influenciou o desempenho dos pacientes: tanto nas sentenças em que havia esse tipo de marcação adverbial quanto naquelas em que não havia, os pacientes selecionaram formas verbais no passado em 58,3% dos casos.

Os gráficos a seguir representam os resultados relatados nos parágrafos anteriores. O gráfico 15 representa os resultados do grupo de controles, o gráfico 16, os do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 17, os do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

Gráfico 15. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.

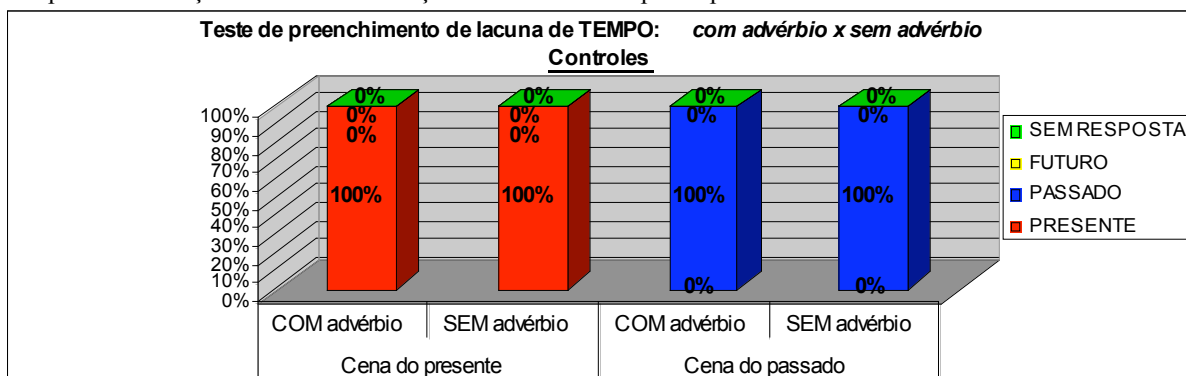


Gráfico 16. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.

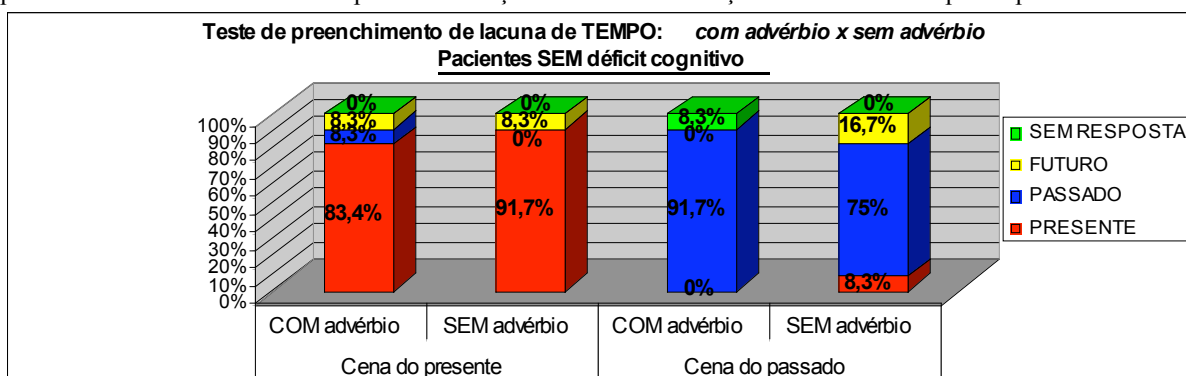
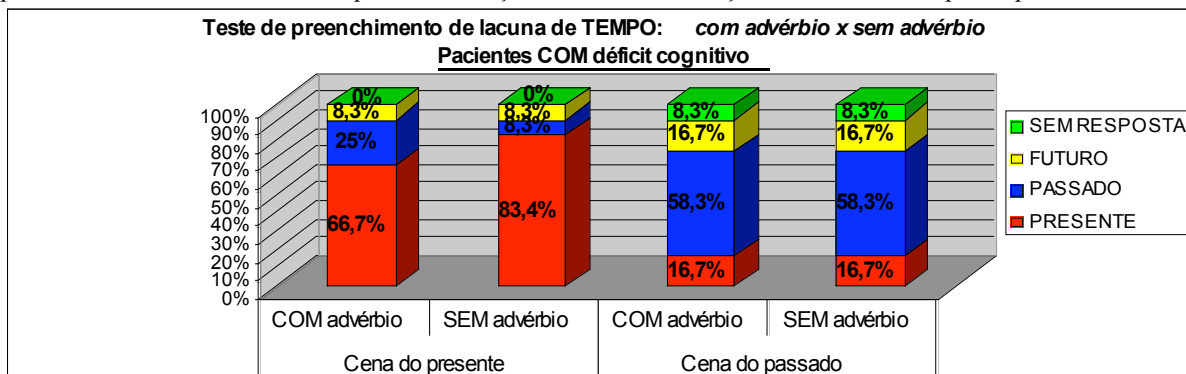


Gráfico 17. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.



#### 4.3.1.2 Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto

No teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, os controles elegeram, nas cenas do perfectivo, 81,3% de formas verbais perfectivas e 18,7% de formas verbais imperfectivas; nas cenas do imperfectivo habitual, selecionaram 53,1% de formas verbais imperfectivas, 34,4%

de formas verbais perfectivas e 12,5% de formas verbais no futuro; já nas cenas do imperfeito contínuo, escolheram 75% de formas verbais imperfectivas e 25% de formas verbais perfectivas<sup>48</sup>.

Os pacientes sem déficit cognitivo, por sua vez, selecionaram, nas cenas do perfectivo, 68,8% de formas verbais perfectivas, 18,7% de formas verbais no futuro e 12,5% de formas verbais imperfectivas; nas cenas do imperfeito habitual, escolheram 43,8% de formas verbais imperfectivas, 31,2% de formas verbais perfectivas e 25% de formas verbais no futuro; e, nas cenas do imperfeito contínuo, elegeram 63,8% de formas verbais imperfectivas, 18,7% de formas verbais perfectivas e 12,5% de formas verbais no futuro.

Os pacientes com déficit cognitivo escolheram, nas cenas do perfectivo, 62,5% de formas verbais perfectivas, 25% de formas verbais no futuro e 12,5% de formas verbais imperfectivas; nas cenas do imperfeito habitual, elegeram 43,8% de formas verbais perfectivas, 37,5% de formas verbais no futuro e 18,7% de formas verbais imperfectivas; por fim, nas cenas do imperfeito contínuo, selecionaram 50% de formas verbais imperfectivas, 37,5% de formas verbais perfectivas e 12,5% de formas verbais no futuro.

Esses resultados estão representados nos gráficos a seguir. No gráfico 18, há os resultados do grupo de controles, no gráfico 19, os do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e, no gráfico 20, os do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

---

<sup>48</sup> Havia, nesse teste, três opções de resposta, sendo cada uma delas com uma forma verbal distinta: perfectiva (verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo), imperfectiva (verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo ou verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal) ou no futuro (verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal).



Gráfico 18. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

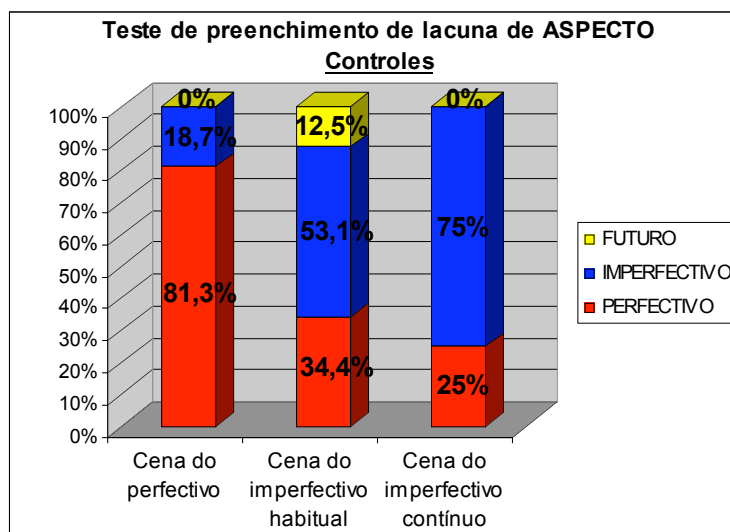


Gráfico 19. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

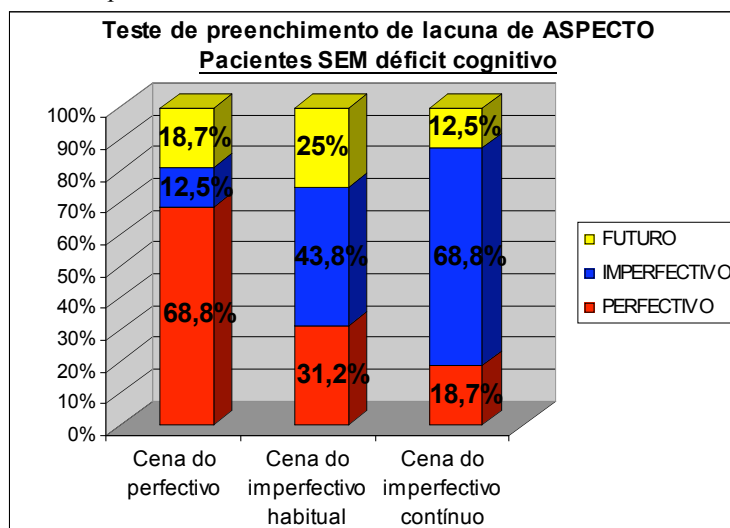
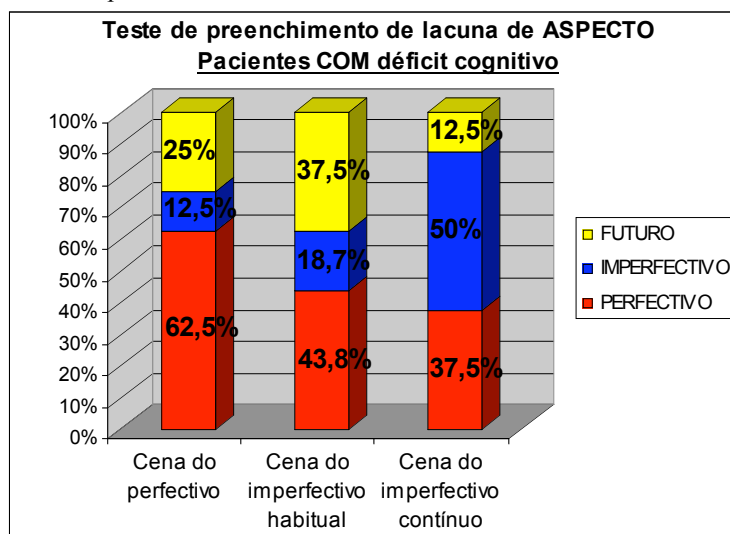


Gráfico 20. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.



#### 4.3.1.2.1 Teste de Aspecto: ausência *versus* presença de marcação adverbial de tempo / aspecto

Nesta seção, destaca-se, nos resultados dos controles e dos pacientes, a influência da marcação adverbial de tempo / aspecto, descrevendo separadamente os desempenhos dos grupos nas sentenças do teste de Aspecto com e sem essa marcação. Os controles, nas cenas do perfectivo, selecionaram formas verbais perfectivas em 87,5% dos casos em que havia a marcação adverbial na sentença e em 75% dos casos em que não havia essa marcação. Nas cenas do imperfectivo habitual, eles optaram por formas verbais imperfectivas em 50% das vezes em que havia a marcação adverbial na sentença e em 56,3% das vezes em que tal marcação não aparecia. Já nas cenas do imperfectivo contínuo, foram selecionadas formas verbais imperfectivas em 68,8% das vezes em que havia a marcação adverbial na sentença e em 81,3% das vezes em que não havia tal marcação.

Os pacientes sem déficit cognitivo selecionaram, nas cenas do perfectivo, formas verbais perfectivas em 62,5% dos casos em que havia marcação adverbial temporal / aspectual na sentença e em 75% dos casos em que não havia marcação. Nas cenas do

imperfectivo habitual, eles elegeram formas verbais imperfectivas em 37,5% dos casos em que havia a marcação adverbial na sentença e em 50% dos casos em que essa marcação não estava presente. Nas cenas do imperfectivo contínuo, eles escolheram formas verbais imperfectivas em 60% dos casos em que havia a marcação adverbial na sentença e em 87,5% dos casos em que não havia essa marcação.

Para finalizar, os pacientes com déficit cognitivo selecionaram, nas cenas do perfectivo, 62,5% de formas verbais perfectivas independentemente se havia ou não a marcação adverbial de tempo / aspecto na sentença. Nas cenas do imperfectivo habitual, esses pacientes optaram por formas verbais imperfectivas em 12,5% dos casos com a marcação adverbial na sentença e em 25% dos casos sem essa marcação. Com relação às cenas do imperfectivo contínuo, eles elegeram formas verbais imperfectivas em 37,5% dos casos com a marcação adverbial na sentença e em 62,5% dos casos sem tal marcação.

Os resultados descritos nos parágrafos precedentes estão representados nos gráficos a seguir. O gráfico 21 contempla os resultados do grupo de controles, o gráfico 22, os do grupo de pacientes sem déficit cognitivo, e o gráfico 23, os do grupo de pacientes com déficit cognitivo.

Gráfico 21. Resultados em médias percentuais do grupo de controles no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.

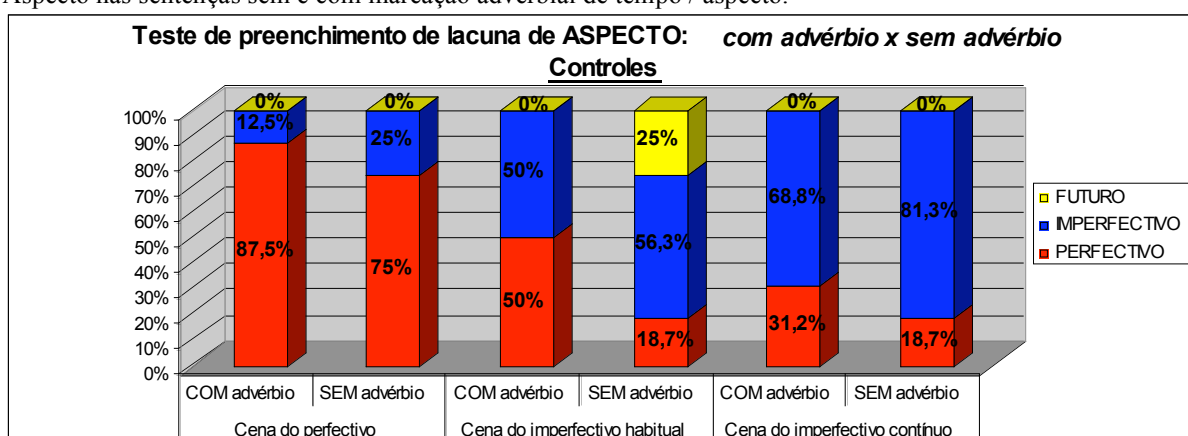


Gráfico 22. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes sem déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.

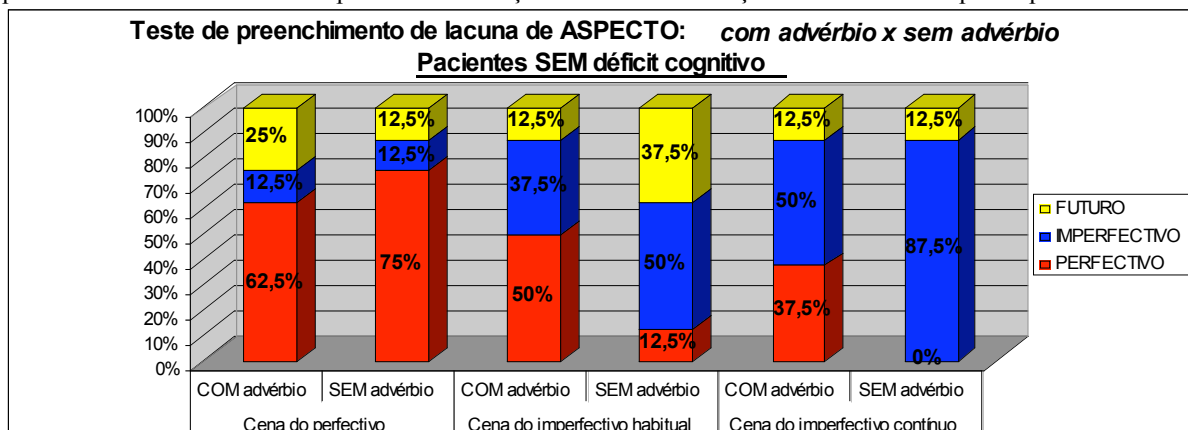
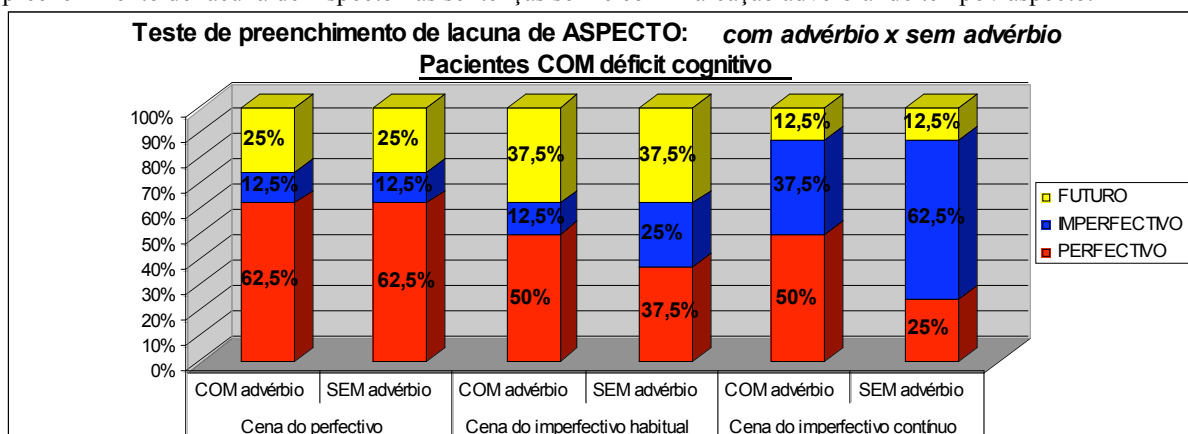


Gráfico 23. Resultados em médias percentuais do grupo de pacientes com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto nas sentenças sem e com marcação adverbial de tempo / aspecto.



Os resultados apresentados nas seções 4.3.1.1 e 4.3.1.2 são analisados na seção seguinte.

#### 4.3.2 Análise dos resultados intergrupos no teste de preenchimento de lacuna

Nesta seção, são analisados os resultados dos controles e dos pacientes sem e com déficit cognitivo no teste de preenchimento de lacuna de Tempo e de Aspecto. Porém, antes de iniciar a análise, é pertinente que algumas questões sejam destacadas. Primeiramente, vale ressaltar que a análise a seguir foi proposta com base nos resultados obtidos em todas as sentenças de cada um dos testes, considerando-se as sentenças com e sem marcação adverbial temporal / aspectual, uma vez que a condição “ausência *versus* presença de marcação

adverbial de tempo / aspecto” é analisada separadamente, na seção 4.3.2.1. Em segundo lugar, é importante pontuar que, diferentemente do teste de julgamento de gramaticalidade, o teste de preenchimento de lacuna poderia revelar se os pacientes apresentavam mais comprometimento com um Tempo ou com um Aspecto específico, como apresentado na seção 3.4.2 da metodologia, de modo que a análise realizada aqui também contempla essa questão. Em terceiro lugar, cabe esclarecer que o mesmo padrão observado na seção 4.2.2 é aqui adotado, ou seja, nas análises tanto do teste de Tempo quanto do teste de Aspecto, primeiramente são comparados os resultados dos pacientes sem e com déficit cognitivo aos resultados dos controles, depois, os resultados dos pacientes sem déficit cognitivo àqueles dos controles e, finalmente, os resultados dos pacientes com déficit cognitivo aos dos pacientes sem esse déficit. Por fim, destaca-se que esta seção está organizada da seguinte maneira: inicialmente, são analisados os resultados obtidos no teste de Tempo e, em seguida, os resultados obtidos no teste de Aspecto.

Retomando o que foi apresentado na seção 3.4.2.1 da metodologia, o teste de preenchimento de lacuna de Tempo continha cenas do presente e do passado e uma sentença com uma lacuna, seguida de três opções de resposta: uma no presente (com o verbo *estar* no Presente do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal), uma no passado (com o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal) e uma no futuro (com o verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal). Nesse teste, ao se compararem os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo ao desempenho dos controles, percebe-se que os pacientes selecionaram, dentre as opções de resposta dadas, menos formas verbais no presente nas cenas / sentenças do presente e menos formas verbais no passado nas cenas / sentenças do passado do que os indivíduos-controle. Esse pior desempenho por parte dos pacientes em relação aos controles vai ao encontro do que já foi relatado na análise do teste de julgamento de gramaticalidade. Novamente, os

resultados dos pacientes com DTA parecem constituir uma evidência em favor da proposta de que haja um comprometimento na expressão linguística nessa demência que pode ser observado no desempenho relacionado a fenômenos sintáticos pelos pacientes.

Nesse mesmo teste, a comparação entre o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo e o desempenho dos controles revela que mesmo esses pacientes selecionaram menos formas verbais no presente, quando a cena referia-se ao presente, e menos formas verbais no passado, quando a cena referia-se ao passado, do que os controles. Esse desempenho do grupo de pacientes sem déficit cognitivo inferior ao dos controles pode ser compreendido como mais uma evidência em favor da proposta de que o déficit na expressão linguística dos pacientes seja decorrente de um comprometimento no módulo da linguagem propriamente dito. Essa interpretação é viabilizada pelo fato de esses pacientes terem sido submetidos ao MEEM e terem obtido um bom resultado na categoria de “orientação temporal” e no teste como um todo, revelando a preservação de habilidades cognitivas mais gerais. Vale reforçar que esse pior desempenho por parte dos pacientes sem déficit cognitivo em relação aos controles também foi observado no teste de julgamento de gramaticalidade, analisado na seção 4.2.2, e permite que seja refutada a hipótese de que o déficit na expressão linguística dos pacientes com DTA seja decorrente de problemas em sistemas cognitivos não-linguísticos.

Ainda no teste de Tempo, ao se comparar o desempenho dos pacientes com déficit cognitivo ao desempenho dos pacientes sem esse déficit, percebe-se que os pacientes com déficit cognitivo elegeram menos formas verbais no presente – nas cenas do presente – e menos formas verbais no passado – nas cenas do passado – do que os pacientes sem esse déficit. Com isso, é possível propor que os pacientes com déficit cognitivo apresentem um desempenho ainda pior do que os demais. Portanto, os resultados linguísticos dos pacientes com déficit cognitivo parecem refletir a combinação de um comprometimento no sistema

linguístico com prejuízos em sistemas cognitivos não-linguísticos, como já havia sido observado no desempenho desses pacientes no teste de julgamento de gramaticalidade.

Ao se examinar, no teste de Tempo, os desempenhos dos pacientes com e sem déficit cognitivo nas cenas do presente em comparação aos seus desempenhos nas cenas do passado, conclui-se que os pacientes selecionaram menos a forma verbal esperada nas cenas do passado. Assim, por meio desses resultados, é possível argumentar que o comprometimento dos pacientes com DTA, além de afetar a expressão linguística de tempo, como vem sendo defendido neste estudo, atinja especialmente a expressão linguística do tempo passado.

A comparação entre o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo nas cenas do presente e o desempenho desses mesmos pacientes nas cenas do passado revela que eles escolheram ligeiramente menos formas verbais no passado, nas cenas do passado, do que formas verbais no presente, nas cenas do presente. Por conseguinte, considerando que o déficit na expressão linguística desses pacientes seja decorrente de um comprometimento especificamente linguístico, devido a seus bons desempenhos no MEEM como um todo e na categoria de “orientação temporal” em especial, como vem sendo argumentado aqui, é possível propor que, talvez, o traço temporal no qual os pacientes com DTA apresentem maior comprometimento seja aquele especificado positivamente para passado.

Já a avaliação dos resultados dos pacientes com déficit cognitivo nas cenas do presente em contraste com seus resultados nas cenas do passado revela que eles selecionaram consideravelmente menos formas verbais no passado, nas cenas do passado, do que formas verbais no presente, nas cenas do presente. Com isso, vê-se, novamente, um desempenho ainda mais prejudicado com o passado. Adotando a proposta de que esses pacientes apresentem um maior prejuízo na expressão linguística por terem problemas especificamente linguísticos associados a problemas cognitivos não-linguísticos, duas possibilidades de análise são fornecidas. Primeiramente, é possível sugerir que tanto os traços linguísticos de passado

quanto o conceito de passado sejam as informações temporais mais atingidas na DTA. Em segundo lugar, é possível propor que os pacientes com déficit cognitivo tenham apresentado um pior desempenho nas cenas do passado porque, além de terem comprometimento com os traços linguísticos de passado, apresentem severo comprometimento de memória, o que dificultaria a tarefa de preencher uma sentença com base em uma ação que já havia sido finalizada na cena, estando congelada com a exibição de apenas um elemento daquela ação. Por exemplo, enquanto, na cena do presente com o verbo *escrever*, a personagem do teste escrevia uma carta durante toda a cena, sem finalizar a ação, de modo que a sentença a ser preenchida era apresentada concomitantemente à ação, na cena do passado com o mesmo verbo, a personagem escrevia uma receita e saía de cena, quando, só então, com a imagem congelada no livro de receitas, aparecia a sentença a ser preenchida.

Conforme apresentado na seção 3.4.2.2 da metodologia, o teste de preenchimento de lacuna de Aspecto continha cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo e uma sentença com uma lacuna, seguida de três opções de resposta: uma opção com o Aspecto perfectivo (com o verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo), uma opção com o Aspecto imperfectivo (com o verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo ou com o verbo *estar* no Pretérito Imperfeito do Indicativo seguido do gerúndio do verbo principal) e uma opção no futuro (com o verbo *ir* no Presente do Indicativo seguido do infinitivo do verbo principal). Nesse teste, ao se comparar os desempenhos dos pacientes com e sem déficit cognitivo ao desempenho dos controles, observa-se que os pacientes selecionaram, dentre as opções de resposta, menos formas verbais perfectivas, quando as cenas testavam o perfectivo, e menos formas verbais imperfectivas, quando as cenas testavam o imperfectivo habitual ou o imperfectivo contínuo. Portanto, mais uma vez, o desempenho linguístico dos pacientes pareceu inferior ao dos controles. Assim, conclui-se que há, de fato, um comprometimento na expressão linguística na DTA.



Ao se observar o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo em comparação ao desempenho dos controles no teste de Aspecto, percebe-se que esse grupo de pacientes também elegeu menos formas verbais perfectivas, nas cenas do perfectivo, e menos formas verbais imperfectivas, nas cenas do imperfectivo habitual e contínuo, do que selecionaram os controles. Sendo assim, novamente, é possível argumentar em favor da ideia de que o comprometimento na expressão linguística dos pacientes tenha origem em um impedimento no sistema linguístico propriamente dito, como vem sendo proposto ao longo das análises desta tese.

Também no teste de Aspecto, a comparação entre os desempenhos linguísticos dos pacientes com e sem déficit cognitivo revela que os pacientes com esse déficit selecionaram menos formas verbais perfectivas, nas cenas do perfectivo, e menos formas verbais imperfectivas, nas cenas do imperfectivo habitual e contínuo, do que os demais pacientes. Desse modo, tem-se que o desempenho dos pacientes com déficit cognitivo é mais prejudicado devido ao fato de eles apresentarem, por um lado, dificuldades com a “orientação temporal” e, talvez, mais prejuízos em aspectos mais gerais da cognição, como a atenção e a memória, e, por outro lado, prejuízos específicos da faculdade da linguagem, que podem ser observados também nos pacientes sem déficit cognitivo.

Ao se comparar, ainda no teste de Aspecto, os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo nas cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo, observa-se que a seleção mais reduzida das formas verbais esperadas ocorreu nas cenas do imperfectivo habitual. Logo, é possível que o comprometimento na expressão linguística dos pacientes com DTA não só se reflita na expressão aspectual, como possa ser especialmente percebido na expressão do aspecto imperfectivo habitual.

O exame comparativo dos desempenhos dos pacientes sem déficit cognitivo nas cenas relacionadas às três manifestações aspectuais investigadas revela que mesmo esse grupo de

pacientes selecionou menos formas verbais esperadas nas cenas do imperfectivo habitual. Portanto, se esses pacientes possuem a “orientação temporal” e a cognição como um todo mais preservada, é possível propor não apenas que seu comprometimento linguístico seja decorrente essencialmente de um problema no módulo da linguagem, mas também que o traço linguístico de Aspecto, quando especificado positivamente para o imperfectivo habitual, esteja ainda mais inacessível aos pacientes.

Por fim, os desempenhos apresentados pelos pacientes com déficit cognitivo comparativamente nas cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo revelam uma seleção expressivamente baixa das formas verbais esperadas nas cenas do imperfectivo habitual, sugerindo um comprometimento com esse Aspecto ainda mais severo entre esses pacientes. Assumindo que esse grupo de pacientes tenha um pior desempenho linguístico em decorrência da comunhão de problemas essencialmente linguísticos, limitações com o conceito de tempo e, possivelmente, ainda outros impedimentos cognitivos, como de atenção e memória – revelados pelos desempenhos prejudicados no MEEM como um todo e na categoria de “orientação temporal” em particular –, é possível que esses pacientes tenham tido mais dificuldade nas cenas do imperfectivo habitual pelo fato de elas exigirem uma interpretação mais refinada das imagens em exibição<sup>49</sup>. Nessas imagens, a personagem criança desempenhava uma ação, estando as cenas com efeitos de edição que remetiam a imagens de vídeos antigos. Embora no início do teste tenha sido esclarecido aos informantes que a imagem da criança se referia à personagem antigamente, em especial nas cenas cujas sentenças não continham o advérbio *antigamente*, os pacientes podem ter esquecido que aquelas cenas remetiam a ações habituais da personagem no passado.

A seção seguinte propõe uma análise dos resultados dos pacientes, descritos nas seções 4.3.1.1.1 e 4.3.1.2.1, nas cenas do teste de preenchimento de lacuna de Tempo e de

---

<sup>49</sup> A possível dificuldade dos pacientes com a interpretação das cenas do imperfectivo habitual é retomada, ainda neste capítulo, nas seções 4.3.4 e 4.5.

Aspecto cujas sentenças continham marcação adverbial de tempo / aspecto em oposição às sentenças que não possuíam tal marcação.

#### 4.3.2.1 Análise da condição ausência *versus* presença de marcação adverbial de tempo / aspecto

Primeiramente, deve-se destacar que o controle da ausência *versus* presença de marcação adverbial de tempo / aspecto foi feito na formulação do teste de preenchimento de lacuna porque, conforme apresentado na seção 3.4.2 da metodologia deste estudo, pretendia-se investigar a contribuição dessa marcação adverbial, que tinha se mostrado relevante para um paciente com DTA em um estudo anterior (MARTINS & NOVAES, 2007). Sendo assim, ao ser elaborado o teste de preenchimento de lacuna deste estudo, acreditava-se que os pacientes selecionariam mais a forma verbal esperada quando houvesse a marcação adverbial no início da sentença. Portanto, esta seção tem por objetivo fornecer uma análise da influência da marcação adverbial de tempo / aspecto apenas nos resultados dos pacientes, e não naqueles dos controles. Como é apresentado a seguir, essa contribuição da marcação adverbial só pôde ser observada parcialmente nos resultados dos pacientes.

Considerando, no teste de Tempo, os resultados dos pacientes sem e com déficit cognitivo nas cenas do presente, percebe-se que os dois grupos de pacientes optaram, surpreendentemente, pela seleção de mais formas verbais no presente nas cenas em que não havia marcação adverbial temporal na sentença. Quando havia marcação, utilizou-se, nas sentenças do presente desse teste, o advérbio *agora*. Como já sugerido na análise dos resultados intergrupos no teste de julgamento de gramaticalidade, na seção 4.2.2, esse advérbio pode não ser o mais apropriado para eliciar formas verbais no presente. Por um lado, o advérbio *agora* pode ser utilizado como um marcador discursivo e, por outro lado, pode ser

até mesmo utilizado como um marcador adverbial de tempo passado, uma vez que, talvez, seus traços temporais sejam subespecificados. A utilização de sentenças do tipo “Agora mesmo Ana estava fritando um ovo” evidencia que o advérbio *agora* pode, em alguns contextos, referir-se a ações recém-concluídas. Se essa interpretação do advérbio *agora* foi feita entre os pacientes, é natural que a sua utilização na sentença tenha contribuído para que menos formas verbais no presente tenham sido selecionadas.

A comparação, também no teste de Tempo, entre os resultados dos pacientes sem e com déficit cognitivo nas cenas / sentenças do passado sem e com marcação adverbial temporal revela diferença entre os desempenhos desses dois grupos de pacientes, como será explicado nos dois parágrafos a seguir.

Os resultados dos pacientes sem déficit cognitivo nas cenas do passado, no teste de Tempo, revelaram a influência esperada da marcação adverbial temporal na sentença: a incidência de formas verbais no passado foi maior nas cenas cujas sentenças continham o advérbio *antes* em seu início. Esse resultado permite que seja discutido o papel sintático / semântico do advérbio na sentença. Nesta tese, assumiu-se que os advérbios utilizados nas sentenças dos testes ocupassem a posição de adjuntos sentenciais, devido ao fato de a informação codificada nesses advérbios fornecer apenas um dado extra à sentença, sendo, inclusive, parcialmente redundante quanto à informação temporal / aspectual codificada nos verbos, como propôs Comrie (1985) em relação a algumas expressões temporais compostas lexicalmente. De todo modo, independentemente da maneira como o advérbio de tempo / aspecto seja tratado na teoria, parece claro que ele é, nos termos do Programa Minimalista, interpretável semanticamente pelos sistemas de desempenho dos falantes. Logo, é possível que, nas cenas do passado em que as sentenças tinham marcação adverbial de tempo, os pacientes sem déficit cognitivo – que parecem não ter comprometimento com o conceito de tempo por terem tido um bom desempenho na categoria de “orientação temporal” do MEEM

– tenham se apoiado na interpretabilidade semântica do advérbio *antes* ao selecionarem apenas formas verbais do passado.

Ainda no teste de Tempo, ao se observar os resultados dos pacientes com déficit cognitivo nas cenas do passado, percebe-se que a presença do advérbio de tempo na sentença não alterou o desempenho desses pacientes. Nesse caso, seguindo o argumento apresentado no parágrafo anterior, é possível propor que os advérbios de tempo / aspecto deixem de ser interpretáveis semanticamente por esses pacientes porque tal interpretabilidade depende da preservação dos conceitos. Sabe-se que esses pacientes, além de terem tido um baixo desempenho no MEEM como um todo, apresentaram um desempenho bastante comprometido na categoria de “orientação temporal”. Assim, o conceito de tempo desses pacientes pode estar comprometido, impedindo que o advérbio *antes* fosse analisado semanticamente de modo a contribuir para a seleção de formas verbais no passado, nas cenas que testavam esse Tempo.

Ao se examinar os desempenhos dos pacientes sem e com déficit cognitivo nas cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo do teste de Aspecto, percebe-se que, no geral, a presença da marcação adverbial aspectual atuou na direção oposta da esperada, ou seja, tal marcação, quando utilizada na sentença, fez com que menos formas verbais corretas fossem selecionadas. Assim, os pacientes sem déficit cognitivo selecionaram, nas cenas do perfectivo, menos formas verbais perfectivas quando o advérbio *ontem* era utilizado na sentença e, nas cenas do imperfectivo habitual e contínuo, menos formas verbais imperfectivas quando o advérbio *antigamente* ou a locução adverbial *naquele momento* aparecia na sentença. De modo semelhante, os pacientes com déficit cognitivo optaram, nas cenas do perfectivo, pela seleção da mesma quantidade de formas verbais perfectivas quando havia e quando não havia o advérbio *ontem* na sentença e, nas cenas do imperfectivo habitual

e contínuo, escolheram menos formas verbais imperfectivas quando o advérbio *antigamente* ou a locução adverbial *naquele momento* estava presente na sentença.

O desempenho descrito no parágrafo anterior pode ser analisado em função dos tipos de advérbios aspectuais selecionados na elaboração do teste de Aspecto. Os advérbios *ontem* e *antigamente* e a locução adverbial *naquele momento*, além de conterem traços aspectuais, possuem traços temporais. Por essa razão, o advérbio *antigamente*, por exemplo, foi também incluído no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo. *Ontem*, *antigamente* e *naquele momento* são, portanto, marcações adverbiais de tempo e de aspecto, simultaneamente. É possível até mesmo que os advérbios *ontem* e *antigamente* sejam prioritariamente de tempo e, por isso, seus traços temporais sejam mais relevantes para os falantes do que seus traços aspectuais. Esse argumento já foi apresentado anteriormente, na seção 4.2.2, ao ser analisado o desempenho dos indivíduos-controle em sentenças com o advérbio *antigamente* associado ao verbo no Pretérito Perfeito (condição 3:  $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ). Essas sentenças foram avaliadas pelos controles, em sua maioria, como “naturais”, possivelmente porque os traços temporais do advérbio e do verbo, que eram compatíveis, tenham sido mais relevantes para esses indivíduos.

Logo, é possível que os advérbios aspectuais incluídos no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto não tenham sido os mais apropriados. Se outras marcações adverbiais, mais tipicamente aspectuais, fossem utilizadas nesse teste, talvez, pelo menos, os pacientes sem déficit cognitivo tivessem um desempenho semelhante àquele apresentado por eles mesmos nas cenas do passado cujas sentenças continham marcação adverbial no teste de preenchimento de lacuna de Tempo. Se outras marcações adverbiais aspectuais ensejassem a seleção da forma verbal com o Aspecto esperado, seria apresentado mais um argumento em favor da proposição de que as marcações adverbiais de tempo / aspecto contribuam para uma melhor expressão linguística de tempo e aspecto pelos pacientes com DTA.

Na próxima seção, são apresentados os resultados obtidos por cada paciente individualmente no teste de preenchimento de lacuna.

#### 4.3.3 *Resultados individuais no teste de preenchimento de lacuna*

##### 4.3.3.1 Teste de preenchimento de lacuna de Tempo

Nas cenas do presente do teste de preenchimento de lacuna de Tempo, enquanto os controles escolheram apenas formas verbais no presente, a seleção dessas formas verbais foi menos consistente por todos os pacientes. Assim, dos pacientes que mais selecionaram para os que menos selecionaram as formas verbais no presente, tem-se, primeiramente, a paciente E., sem déficit cognitivo, que selecionou essas formas verbais em 91,7% dos casos, depois os pacientes J., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, em 83,3% dos casos, e, por último, o paciente E.A., com déficit cognitivo, em 66,7% dos casos.

Também nas cenas do passado, enquanto os controles escolheram formas verbais no passado em 100% dos casos, a seleção dessas formas verbais foi mais baixa por todos os pacientes. Daqueles pacientes que mais elegeram formas verbais no passado para os que menos as selecionaram, tem-se, primeiramente, a paciente E., sem déficit cognitivo, que selecionou essas formas verbais em 91,7% dos casos, depois o paciente J., sem déficit cognitivo, em 75% dos casos, em seguida a paciente R., com déficit cognitivo, em 66,7% dos casos, e, finalmente, o paciente E.A., com déficit cognitivo, em 50% dos casos.

A seguir, a média do desempenho dos controles e o desempenho de cada paciente separadamente no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, conforme relatado nos parágrafos anteriores, estão representados em gráficos. O gráfico 24 representa os desempenhos nas cenas do presente, e o gráfico 25, os desempenhos nas cenas do passado.

Gráfico 24. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do presente do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

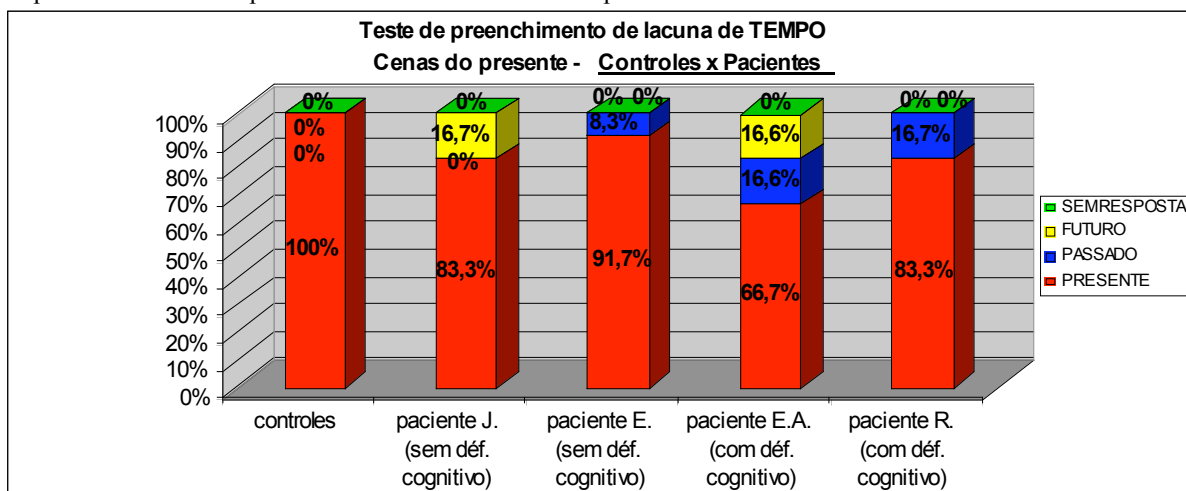
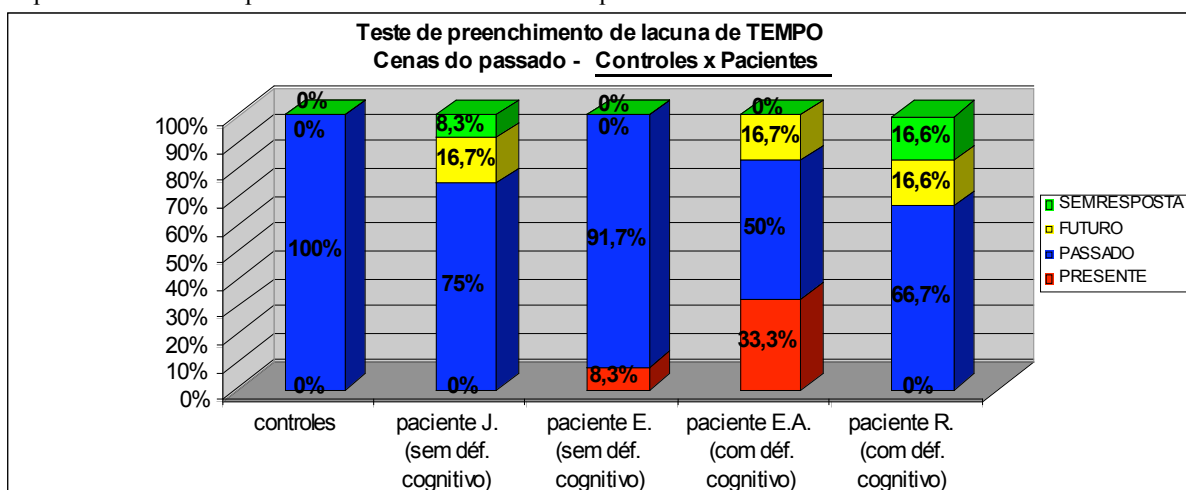


Gráfico 25. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do passado do teste de preenchimento de lacuna de Tempo.



#### 4.3.3.2 Teste de preenchimento de lacuna de Aspecto

Nas cenas do perfectivo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, as formas verbais perfectivas foram selecionadas pelos controles em 81,3% dos casos. Os resultados obtidos pelos pacientes, dos que mais selecionaram para os que menos selecionaram as formas verbais perfectivas, foram os seguintes: a paciente R., com déficit cognitivo, selecionou essas formas verbais em 87,5% dos casos, o paciente J., sem déficit cognitivo, em 75% dos casos, a paciente E., sem déficit cognitivo, em 62,5% dos casos, e o paciente E.A., com déficit cognitivo, em 37,5% dos casos.



Nas cenas do imperfectivo habitual, as formas verbais imperfectivas foram seleccionadas pelos controles em 53,1% dos casos. Os resultados obtidos pelos pacientes, dos que mais seleccionaram para os que menos seleccionaram as formas verbais imperfectivas, estão listados a seguir. O paciente J., sem déficite cognitivo, seleccionou formas verbais imperfectivas em 62,5% dos casos, as pacientes E., sem déficite cognitivo, e R., com déficite cognitivo, seleccionaram-nas em 25% dos casos, e o paciente E.A., com déficite cognitivo, optou por essas formas verbais em 12,5% dos casos.

Por fim, nas cenas do imperfectivo contínuo, as formas verbais imperfectivas foram escolhidas pelos controles em 75% dos casos. Os resultados obtidos pelos pacientes, dos que mais as seleccionaram para os que menos o fizeram, foram os seguintes: os pacientes J., sem déficite cognitivo, e R., com déficite cognitivo, seleccionaram formas verbais imperfectivas em 75% dos casos, a paciente E., sem déficite cognitivo, em 62,5% dos casos, e o paciente E.A., com déficite cognitivo, em 25% dos casos.

A média do desempenho dos controles e o desempenho de cada paciente separadamente no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, descritos nos parágrafos anteriores, estão representados em gráficos. O gráfico 26 representa os desempenhos nas cenas do perfectivo, o gráfico 27, nas cenas do imperfectivo habitual, e o gráfico 28, nas cenas do imperfectivo contínuo.

Gráfico 26. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do perfectivo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

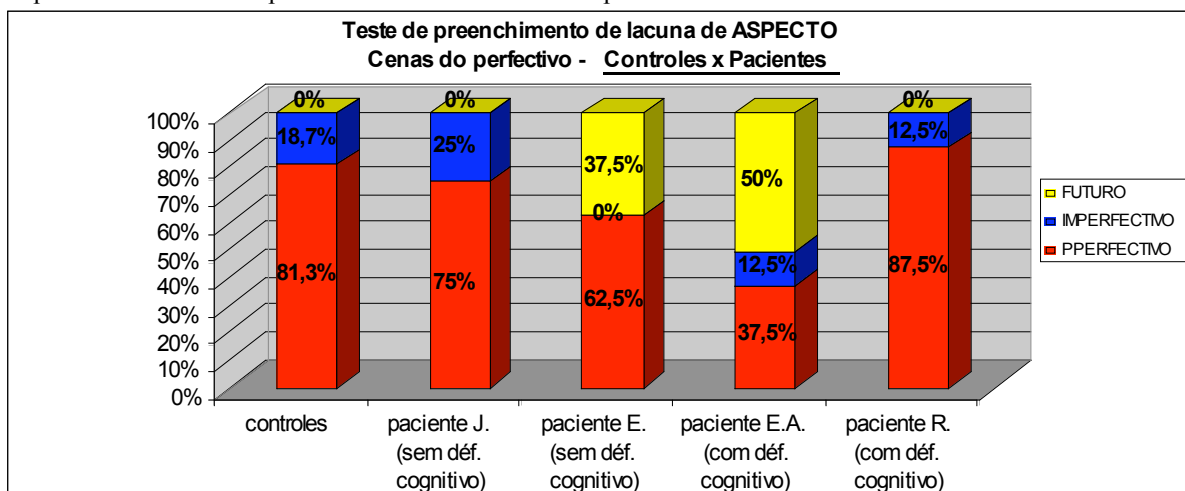


Gráfico 27. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do imperfeito habitual do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.

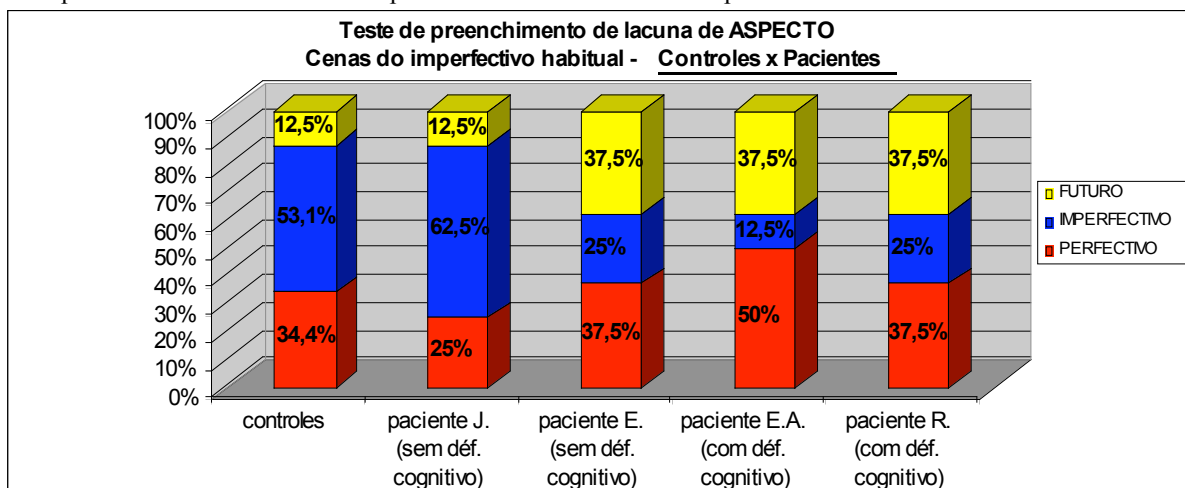
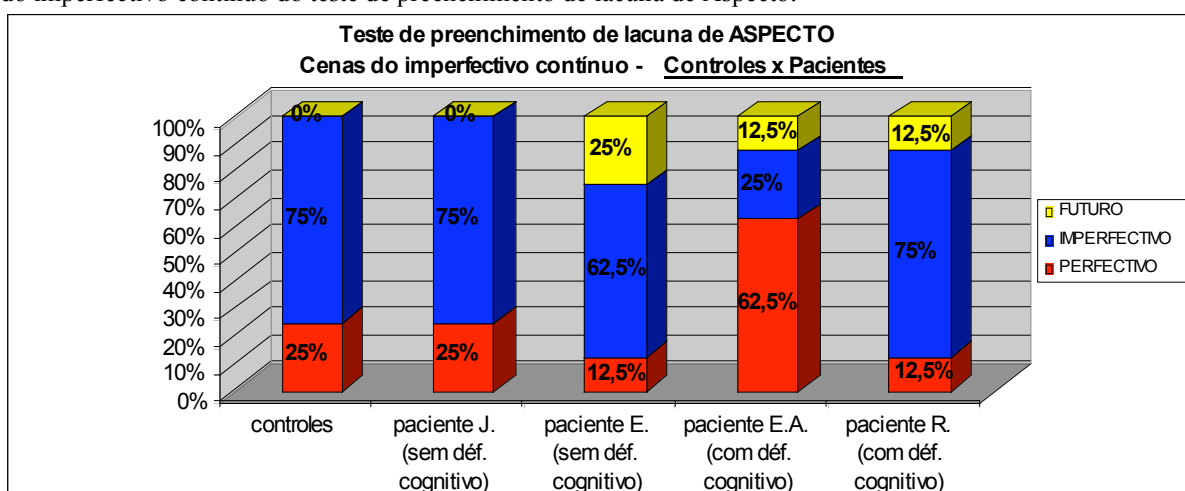


Gráfico 28. Resultados em média percentual do grupo de controles e de cada paciente individualmente nas cenas do imperfeito contínuo do teste de preenchimento de lacuna de Aspecto.



Na seção seguinte, é proposta a análise dos resultados descritos em 4.3.3.1 e 4.3.3.2.

#### 4.3.4 *Análise dos resultados individuais no teste de preenchimento de lacuna*

No teste de preenchimento de lacuna de Tempo, observa-se, nas cenas do presente, que os pacientes E. e J., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, obtiveram desempenhos mais próximos do desempenho dos controles, ainda que inferiores, enquanto o paciente E.A., com déficit cognitivo, obteve um desempenho mais distante do desempenho dos controles. Já nas cenas do passado, apenas os pacientes E. e J., sem déficit cognitivo, obtiveram desempenhos mais próximos do desempenho dos controles, porém inferiores a ele, ao passo que os pacientes R. e E.A., com déficit cognitivo, obtiveram desempenhos mais distantes do desempenho dos controles.

Essa gradação entre os desempenhos dos controles, dos pacientes sem déficit cognitivo e dos pacientes com déficit cognitivo, evidenciada nas cenas do passado do teste de Tempo, já havia sido observada nas análises das médias dos desempenhos dos grupos nos testes de julgamento de gramaticalidade e de preenchimento de lacuna, apresentadas, respectivamente, nas seções 4.2.2 e 4.3.2. Tal gradação corrobora as propostas de que os pacientes sem déficit cognitivo já apresentem um déficit na expressão linguística que deve ser atribuído a um problema genuinamente linguístico e de que os pacientes com déficit cognitivo tenham um déficit ainda maior na expressão linguística por ele ser consequência de um problema linguístico e não-linguístico, especialmente na cognição referente à “orientação temporal”.

A gradação entre os desempenhos dos controles e dos pacientes, observada nas cenas do passado do teste de Tempo e relatada no parágrafo anterior, não pôde ser observada exatamente da mesma maneira entre os desempenhos nas cenas do presente desse teste. Nelas, a comparação do desempenho dos pacientes revela que uma paciente com déficit cognitivo – R. – apresentou o mesmo desempenho de um paciente sem déficit cognitivo – J. Portanto, como já argumentado na seção 4.2.4, nem todos os pacientes com DTA que possuem déficit

cognitivo apontado pelo MEEM, assim como nem todos aqueles que não possuem esse déficit, apresentarão o mesmo desempenho linguístico, independentemente do teste linguístico ao qual sejam submetidos. O que o desempenho no MEEM parece revelar é apenas uma tendência de os pacientes com déficit cognitivo apresentarem maior prejuízo na expressão linguística, por possuírem comprometimentos extralinguísticos e linguísticos.

Observando o desempenho dos pacientes no teste de Tempo de maneira geral, considerando tanto as cenas do presente quanto as do passado, percebe-se que, dentre os pacientes sem déficit cognitivo, E. apresentou o melhor desempenho, e, dentre os pacientes com déficit cognitivo, R. apresentou o melhor desempenho. Entretanto, a comparação dos desempenhos de cada paciente no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1, apresentada na seção 4.2.4, revela que, dentre os pacientes sem déficit cognitivo, o que teve o melhor desempenho foi J., e, dentre os pacientes com déficit cognitivo, o que teve o melhor desempenho foi E.A.. Esses desempenhos divergentes podem ser decorrentes de uma heterogeneidade entre os indivíduos com DTA que faz com que esses pacientes lidem de maneiras distintas com testes linguísticos diferentes. É possível que, por exemplo, diferentemente das expectativas, as imagens do teste de preenchimento de lacuna tenham, de alguma forma, contribuído para a seleção da forma verbal esperada pelas pacientes E. e R., levando-as a apresentarem melhores desempenhos no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, em comparação aos resultados nos testes de julgamento de gramaticalidade de Tempo.

O exame do desempenho dos pacientes no teste de Tempo de maneira geral, considerando tanto as cenas do presente quanto as do passado, revela outra questão interessante, concernente ao desempenho da paciente E., sem déficit cognitivo. Essa paciente, ainda que não tenha sido tão consistente quanto os controles na seleção de formas verbais no presente, nas cenas do presente, e de formas verbais no passado, nas cenas do passado, exibiu

um desempenho muito próximo ao dos controles. Com base nesse desempenho, seria possível sugerir que, talvez, a paciente E. não apresente comprometimento com Tempo. Nesse caso, o desempenho prejudicado dessa paciente no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo teria sido decorrente de uma maior dificuldade de compreensão daquele teste.

Essa possibilidade de interpretação parece ser viabilizada quando, ao se analisarem os desempenhos dos dois pacientes sem déficit cognitivo nos distratores do teste de julgamento de gramaticalidade, percebe-se que, por um lado, J. julgou apenas dois distratores erroneamente – um distrator agramatical foi analisado como “natural” e um distrator gramatical foi analisado como “estranho” –, e, por outro, E. julgou quinze distratores erroneamente – dez distratores agramaticais foram analisados como “naturais” e cinco distratores gramaticais foram analisados como “estranhos”. Além disso, a análise de que a paciente E. não teria compreendido o teste parece ser corroborada pelo fato de ela ter justificado a decisão quanto à “naturalidade” ou não de algumas sentenças do teste de julgamento de gramaticalidade não com base em fatores sintáticos. Por exemplo, ao ler / ouvir a sentença “Antes Tatiana está molhando uma flor”, a paciente argumentou que essa frase era “estranha” porque a ação deveria recair sobre “uma planta” e, ao ler / ouvir a sentença “Antes Fabiano está ralando uma cenoura”, a paciente sugeriu que essa frase era “estranha” porque essa ação deveria ser desempenhada por uma mulher. Logo, nesse contexto, é plausível propor que a paciente E. não tenha compreendido bem a tarefa solicitada no teste ou tenha se concentrado em outras questões diferentes das informações temporais / aspectuais para julgar a gramaticalidade das sentenças, como na sua incongruência semântica.

Ainda no teste de Tempo, ao se compararem os resultados de cada paciente separadamente nas cenas do presente aos seus resultados nas cenas do passado, percebe-se um comportamento semelhante ao que havia sido observado na análise das médias dos grupos de pacientes, na seção 4.3.2. Com exceção da paciente E., que, como argumentado no parágrafo

anterior, talvez por não apresentar comprometimento temporal, obteve um bom desempenho igualmente nas cenas do presente e do passado, todos os demais pacientes selecionaram consideravelmente menos formas verbais no passado, nas cenas do passado, do que formas verbais no presente, nas cenas do presente. Tal como argumentado anteriormente, é possível que a maioria dos pacientes examinados tenha apresentado pior desempenho nas cenas do passado pelo fato de o traço temporal especificado positivamente para passado estar de alguma maneira mais inacessível aos pacientes com DTA de modo geral ou, ainda, pelo fato de as cenas que remetiam ao passado terem aumentado o grau de dificuldade do teste por exigirem maior atuação da memória dos pacientes.

No teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, observa-se, nas cenas do perfectivo, que a paciente R., com déficit cognitivo, apresentou o melhor desempenho, superando a média de seleção de formas verbais perfectivas pelos controles. Logo em seguida está o paciente J., sem déficit cognitivo, com um desempenho bastante próximo da média de desempenho dos controles; depois, a paciente E., sem déficit cognitivo, tem um desempenho um pouco inferior ao do paciente J.; e, por último, o paciente E.A., com déficit cognitivo, apresentou um desempenho bastante distante da média de desempenho dos controles.

Já nas cenas do imperfectivo habitual, o paciente J., sem déficit cognitivo, apresentou o melhor desempenho, superando a média de seleção de formas verbais imperfectivas pelos controles, seguido das pacientes E., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, que obtiveram o mesmo desempenho, bastante inferior à média de desempenho dos controles, e, por fim, o paciente E.A., com déficit cognitivo, que teve um desempenho ainda inferior ao dos demais pacientes.

Finalmente, nas cenas do imperfectivo contínuo, os pacientes J., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, obtiveram o melhor desempenho – ambos com o mesmo resultado revelado pela média de desempenho dos controles –, seguidos da paciente E., sem déficit

cognitivo, com um desempenho inferior à média de desempenho dos controles, sendo essa última seguida pelo paciente E.A., com déficit cognitivo, com um desempenho muito inferior à média de desempenho dos controles.

Observando os desempenhos dos controles, dos pacientes sem déficit cognitivo e dos pacientes com déficit cognitivo nos três conjuntos de cenas do teste de Aspecto, nota-se que não há a mesma gradação de desempenhos observada, por exemplo, nas análises das médias dos desempenhos dos grupos nos testes de julgamento de gramaticalidade e de preenchimento de lacuna. Isso significa que, no teste de Aspecto, nem sempre é o grupo de controles que mais seleciona as formas verbais esperadas, seguido pelos dois pacientes sem déficit cognitivo e esses seguidos pelos dois pacientes com déficit cognitivo. Por exemplo, a paciente R., com déficit cognitivo, seleciona mais formas verbais perfectivas do que o grupo de controles nas cenas do perfectivo e a mesma quantidade de formas verbais imperfectivas do que os controles nas cenas do imperfectivo contínuo. De maneira semelhante, o paciente J., sem déficit cognitivo, escolhe mais formas verbais imperfectivas do que os controles nas cenas do imperfectivo habitual e a mesma quantidade de formas verbais imperfectivas do que os controles nas cenas do imperfectivo contínuo. Essa observação reforça a ideia de que haja uma heterogeneidade nos desempenhos linguísticos dos pacientes com DTA e confirma a proposta, apresentada na seção 4.2.4, de que o desempenho no MEEM não possa ser tomado como uma garantia do desempenho linguístico dos pacientes. Em outras palavras, apesar de haver uma tendência de pacientes com déficit cognitivo apresentarem pior desempenho linguístico, não é possível garantir que, em todos os testes linguísticos, o paciente sem déficit cognitivo apresente o desempenho menos comprometido e o paciente com déficit cognitivo, o desempenho mais prejudicado.

A comparação do desempenho dos pacientes no teste de Aspecto de maneira geral, considerando os três conjuntos de cenas desse teste, indica que, dentre os pacientes sem

déficit cognitivo, J. obteve o melhor resultado, e, dentre os pacientes com déficit cognitivo, R. obteve o melhor rendimento. O desempenho especialmente bom do paciente J. no teste de Aspecto é analisado mais adiante nesta seção. Voltando-se, neste momento, para o desempenho da paciente R., que foi superior ao do outro paciente com déficit cognitivo também no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, é possível que, como sugerido antes, o tipo de teste tenha realmente favorecido a paciente R., que pode ter se apoiado nas imagens exibidas como um recurso facilitador para a execução da tarefa solicitada.

É válido lembrar que a inclusão de um teste de preenchimento de lacuna em que a forma verbal fosse eliciada por meio de uma imagem foi motivada pelo fato de esse teste poder revelar em qual Tempo ou em qual Aspecto o paciente apresentaria maior comprometimento. Porém, com base em um teste dessa natureza aplicado em um paciente com DTA em um estudo precedente (MARTINS & NOVAES, 2007), acreditava-se que a tarefa de preencher uma sentença associando-a a uma figura poderia ser muito custosa ao paciente em virtude de uma alta demanda de processamento pós-interpretativo. Contudo, essa análise parece não se sustentar ante o melhor desempenho da paciente R. nos testes de preenchimento de lacuna do que nos testes de julgamento de gramaticalidade.

Como apresentado no capítulo 2 desta tese, Altmann, Kempler & Andersen (2001) sinalizaram que a natureza da tarefa imposta ao paciente afeta o seu desempenho. De maneira semelhante, Kempler et al. (1999) argumentaram que as diferentes demandas computacionais impostas não só pelo material de estímulo linguístico fornecido, mas também aquelas impostas pelos tipos de teste utilizados, como testes *online* e *offline*, afetem de maneiras distintas o desempenho de pacientes com DTA. Embora neste estudo tenham sido utilizados apenas testes *offline*, sabe-se que as demandas computacionais para a realização de cada teste variavam. Logo, se as hipóteses de Altmann, Kempler & Andersen (2001) e de Kempler et al. (1999) estiverem corretas, pode ser ainda que o efeito do tipo do teste utilizado sobre o



desempenho dos pacientes com DTA varie diferentemente para cada portador da demência, o que justificaria o melhor desempenho da paciente R. nos testes de preenchimento de lacuna. Sendo assim, esse fato destaca a importância da proposição de testes distintos ao se investigar o comprometimento linguístico de pacientes com DTA.

No exame do desempenho dos pacientes no teste de Aspecto, considerando as cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo, destaca-se o desempenho do paciente J., sem déficit cognitivo. Esse paciente teve um desempenho muito próximo ao do grupo de controles nas cenas do perfectivo, superior ao desempenho desse grupo nas cenas do imperfectivo habitual e o mesmo desempenho apresentado pelos controles nas cenas do imperfectivo contínuo. Logo, é possível propor que, talvez, o paciente J. mantenha preservada a categoria de Aspecto, de maneira semelhante ao que foi argumentado anteriormente nesta seção em relação à paciente E., sem déficit cognitivo, quanto à preservação da categoria de Tempo<sup>50</sup>.

Assumindo, com base no teste de preenchimento de lacuna, que, de fato, a paciente E. mantenha preservada a categoria de Tempo, e o paciente J., a categoria de Aspecto, ainda é possível argumentar que ambos, não possuindo déficit cognitivo, mas apresentando um comprometimento na expressão linguística ou de tempo ou de aspecto, tenham, de todo modo, um déficit essencialmente linguístico, como vem sendo defendido ao longo deste capítulo.

Além disso, o comprometimento seletivo desses dois fenômenos sintáticos pelos pacientes E. e J. fornecem uma evidência de dupla dissociação na representação linguística de Tempo e Aspecto, hipótese sugerida por Novaes e Braga (2005), com base no desempenho de uma paciente afásica. Conforme anunciado desde a introdução desta tese, uma contribuição deste estudo seria, uma vez que fosse verificado um comprometimento essencialmente linguístico nos pacientes investigados, possivelmente, prover elementos que contribuíssem

---

<sup>50</sup> Essa possibilidade de interpretação depende da assunção de que o desempenho prejudicado da paciente E. no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo deveu-se à dificuldade de compreensão da concepção do teste.

para a compreensão da representação dos traços linguísticos de Tempo e Aspecto no módulo da linguagem. Logo, essa contribuição adicional do estudo pôde, realmente, ser fornecida.

Ainda em relação ao teste de Aspecto, é importante destacar que a comparação entre os resultados de cada paciente nas cenas do perfectivo, do imperfectivo habitual e do imperfectivo contínuo revela um desempenho bastante semelhante ao descrito na seção 4.3.2, na análise das médias dos grupos de pacientes. Especificamente, a comparação dos resultados de cada paciente nessas cenas indica que a seleção por todos os pacientes da forma verbal esperada é mais baixa nas cenas do imperfectivo habitual. Conforme argumentado anteriormente, é possível que o traço linguístico de Aspecto especificado positivamente para imperfectivo habitual seja especialmente problemático para pacientes com DTA ou, ainda, que alguns pacientes tenham tido maiores dificuldades de interpretação das cenas referentes ao aspecto imperfectivo habitual<sup>51</sup>.

Por fim, as análises desenvolvidas nesta seção e na seção 4.2.4 destacam a importância, em estudos de patologias que afetam a linguagem, de examinar o desempenho de cada paciente individualmente. Esse tipo de análise justifica-se, tal como demonstrou Novaes (2004) com base em desempenhos de indivíduos afásicos em testes linguísticos, pelo fato de a média dos desempenhos de dois ou mais pacientes, eventualmente, mascarar informações relevantes ao estudo realizado. Graças às análises dos desempenhos individuais dos pacientes, pôde-se perceber, por exemplo, que nem todos os pacientes classificados pelo MEEM como possuidores ou não de déficit cognitivo apresentam o mesmo perfil linguístico, que alguns pacientes podem ter mais facilidade com um tipo específico de teste linguístico do que com outro e que a dissociação entre Tempo e Aspecto, entendidos como nódulos sintáticos distintos, muitas vezes, só é revelada se os desempenhos dos pacientes são avaliados separadamente.

---

<sup>51</sup> Essa última possibilidade de interpretação é retomada na seção 4.5 deste capítulo.

A fala espontânea dos pacientes é o tópico da próxima seção deste capítulo.

#### 4.4 Fala espontânea

Nesta seção, é apresentada e analisada a fala espontânea dos pacientes. As entrevistas, bem como a tabela de símbolos adotados na transcrição, aparecem na íntegra no anexo K, da página 227 à página 239. Aqui, porém, são relatados apenas alguns trechos dessas entrevistas em que aparecem as respostas dos pacientes aos quatro comandos fornecidos, apresentados no capítulo de metodologia, na seção 3.5. Além disso, são ilustrados somente os problemas morfossintáticos observados na fala espontânea dos pacientes investigados que poderiam ser decorrentes de seu distúrbio de representação sintática.

Primeiramente, é fundamental destacar que os quatro pacientes investigados apresentavam uma fala bastante fluente. Logo, nenhum dos pacientes enquadrava-se em casos extremos de impedimentos da linguagem, como os apontados pelo estudo de Altmann, Kempler & Andersen (2001), em que a fala de três dos dez pacientes com DTA investigados assemelhava-se a uma fala agramática.

Os problemas morfossintáticos dos pacientes puderam ser observados por meio de erros de concordância de gênero<sup>52</sup>, de hesitação quanto ao uso do marcador adverbial temporal e de omissão de verbos e de flexão verbal. Nos exemplos de 14 a 18 a seguir, os pacientes J. e E., sem déficit cognitivo, e R., com déficit cognitivo, cometeram erros de concordância de gênero, apesar de alguns desses erros terem sido corrigidos pelos próprios pacientes, como pode ser observado nos exemplos 15, 17 e 18. Já no exemplo 19, a paciente E. utilizou dois marcadores adverbiais consecutivamente, com valores distintos, evidenciando

---

<sup>52</sup> Os erros de concordância de número não foram analisados como problemas de produção porque a marcação de número nos sintagmas nominais e verbais, em alguns dialetos, é feita só no determinante ou no sujeito, respectivamente. Logo, quando o número não era explicitamente marcado no nome ou no verbo, não havia como garantir que se tratava de um erro, posto que tal forma de marcação poderia fazer parte do dialeto do paciente.

uma hesitação quanto a essa marcação. Por fim, nos exemplos 20 e 21, o paciente J. cometeu erros relacionados ao verbo, sendo um erro de omissão de verbo, pois ele parecia querer dizer “não precisar de comprar”, mas não produziu o primeiro verbo, fazendo o discurso ficar confuso (exemplo 20), e um erro com a marcação morfológica temporal/aspectual, uma vez que ele parecia querer dizer que “comprava”, mas utilizou o verbo na forma infinitiva (exemplo 21).

(14) J.: eu vou daqui ... com a maior carinho por você ...

(15) J.: [pois é ... pois é ...] pois é ... então ... é aquele caso ... eu dou muito aten/ eu dou muito carinho a meus filhos ...

(16) E.: eu sempre (tive) meu família e filhos ...

(17) R.: de de todas ... eu eu ... eu despossei muito da minha mãe né ... é ... tive muita con/ muito contato com ela ... mas ... meus outros irmãos não ...

(18) R.: [aí] eu ia pro colé::gio... volta::va ... fazia meu deve::r ... né ... mas meu/ minha cabeça era tão ruim ... ((riso)) ai meu Deus do céu ...

(19) E.: é a mesma coisa ... tem ... suas atividades ... é mais caseira mesmo ... faz/ faz o seu serviço né ... primeiro depois ela desce ... vem me ver ... como eu estou como eu passei a noite ...

(20) J.: então aquilo pra mim foi oh/ fiquei grato porque pra mim mesmo ... me ter dado aquela opor/ aquela ... coisa pra ele ... não de/ comprar ... tudo novo ... “ah ... rasgou esse encosto aqui” ... “ah ... joga” ... “não ...”

(21) J.: o quê? comprar uma chapa de compensado e fazia cinco mesas ...

É importante enfatizar que, embora tenha sido observado um erro com a marcação morfológica temporal/aspectual na fala do paciente J., todos os pacientes, inclusive ele, utilizaram corretamente diversas formas verbais em seus discursos. Todos os pacientes

produziram formas verbais no presente, no passado perfectivo e no passado imperfeito. Nos exemplos abaixo, são ilustradas algumas dessas formas verbais. Nos exemplos 22 e 23, são apresentados trechos da fala espontânea dos pacientes sem déficit cognitivo e, nos exemplos 24 e 25, trechos da produção espontânea dos pacientes com déficit cognitivo.

(22) J.: oh ... durante o dia eu vou pra minha ofi/ ... minha oficinazinha lá ... cortar ... chega um e pede pra cortar um pedaço de madeira na serra outro pede pra fazer isso outro pede praquilo ... então ... a gente vai fazendo ... é afiar um formão é furar uma uma peça ... ou se não ... eu passo a mão na minha enxada e vou capinar meu quintal ...

J.: com toda a mão (frase exclamativa) ... hoje eu podia ter terminado minha vida como oficial ... aí fui pra costeira ... onde meu pai trabalhava ... fiquei lá depois fui pro SENAI ... fazer um curso ... no tempo você não era nascida ... o Presidente Café Filho ... ele baixou um decreto ... quem trabalhasse ( ) no quartel ... quartel federal ...

(23) E.: [por isso que] fiquei só dois meses no colégio ... e não aprendi ... o que eu aprendi de hoje eu leio ... assim letra assim de máquina ... é porque os meus irmãos ... estudaram ... aí traziam pra mim aquelas ( ) ... e eu tinha uma cabeça boa ... fui aprendendo ... fui ler ... aí/ ... escrever ... eu posso até escrever ... mas ( ) uma palavra é é com eme às vezes eu boto ene ...

(24) E.A.: eu não me esqueci disso ... quantos anos têm eu não me esqueci disso ... falei “vamos mamãe” ... ela pegou a calça do papai e vestiu ... a calça do do meu pai ... “vamos pescar” (frase exclamativa) “vamos” ... aí era uma peneira ... num sei se você conhece ... peneira de coar café ... assim ...

(25) R.: e eu acho que foi isso que me fez mal ... eu fazia costura ... fazia crochê ... tem crochê à beça lá ... minha minha irmã/ minha filha às vezes leva pra casa dela pra ( ) ...

Duas questões sobre a produção dos pacientes podem ser discutidas. Por um lado, os erros observados na fala espontânea, descritos nesta seção, podem ser consequência das

demandas da fala espontânea, como já apontado por Altmann, Kempler & Andersen (2001). Segundo os autores, alguns erros na fala espontânea dos pacientes podem ser resultado das demandas linguísticas e de atenção requeridas pela conversação espontânea, já que os falantes devem simultaneamente criar uma mensagem significativa, acessar os itens lexicais apropriados, prover uma estrutura sentencial adequada e manter a referência pronominal, enquanto também buscam compreender seu padrão conversacional e o que ele envolve.

Por outro lado, a baixíssima ocorrência de erros concernentes a Tempo e a Aspecto na fala espontânea dos pacientes não necessariamente significa que eles não possuam comprometimento linguístico na expressão temporal e aspectual. Ainda que não se manifeste na produção espontânea, tal comprometimento torna-se visível na produção eliciada e não invalida, portanto, a argumentação tecida até aqui neste capítulo. Afinal, muitas vezes, a fala espontânea pode mascarar um problema linguístico de indivíduos de diferentes patologias. Por exemplo, a partir da década de 70, estudiosos da afasia de Broca agramática, pautados em resultados de pacientes em testes controlados que avaliavam a habilidade de compreensão, forneceram evidências em favor da existência de déficit de compreensão nessa patologia (CARAMAZZA & ZURIF, 1976). Até então, pesquisadores da afasia de Broca destacavam, basicamente, o problema de produção dos pacientes, uma vez que muitos desses especialistas formulavam caracterizações da patologia baseando-se, fundamentalmente, em conversas informais com os pacientes.

Na próxima seção, a última deste capítulo, propõe-se uma análise geral dos resultados obtidos neste estudo.

#### 4.5 Análise geral

Nesta seção, é resumida a análise proposta ao longo deste capítulo. Além disso, acrescentam-se algumas questões concernentes aos desempenhos dos pacientes nos testes linguísticos e na fala espontânea, analisando-se, por exemplo, o pior desempenho dos pacientes, no teste de preenchimento de lacuna, nas cenas do passado do teste de Tempo e nas cenas do imperfectivo habitual do teste de Aspecto. Ainda nesta seção, retomam-se as contribuições em termos de teoria linguística fornecidas por este estudo, propondo-se ainda outras análises dos advérbios temporais / aspectuais presentes nos testes linguísticos. Por fim, discute-se o desempenho dos indivíduos-controle saudáveis que participaram desta pesquisa, confrontando-o ao desempenho dos controles jovens que haviam sido submetidos à aplicação prévia do teste de julgamento de gramaticalidade.

Primeiramente, é válido retomar as análises intergrupos desenvolvidas. Tanto no teste de julgamento de gramaticalidade quanto no teste de preenchimento de lacuna, a comparação do desempenho dos pacientes sem e com déficit cognitivo – apontado pelo MEEM – ao dos controles permitiu que fossem fornecidas evidências de que haja, de fato, como relatado na literatura, um comprometimento na expressão linguística na DTA. Especificamente, este estudo revelou que tal comprometimento é também manifestado pela menor precisão com a qual os pacientes lidam com os fenômenos de Tempo e Aspecto.

Além disso, ao se comparar o desempenho dos pacientes sem déficit cognitivo ao dos controles, foi possível refutar a hipótese deste estudo de que o déficit na expressão linguística dos pacientes com DTA seja decorrente de impedimentos em módulos cognitivos não-linguísticos, argumentando na direção oposta a essa, ou seja, apresentando evidências de que esse prejuízo se deva a um impedimento no sistema linguístico propriamente dito. Tal argumentação foi possível pelo fato de esse grupo de pacientes ter tido um bom desempenho

no MEEM como um todo e, em especial, na categoria referente à “orientação temporal”, somado ao fato de os testes utilizados nesta pesquisa terem minimizado as demandas de atenção e memória dos informantes.

Finalmente, ao se observar o desempenho dos pacientes com déficit cognitivo em comparação ao desempenho dos pacientes sem esse déficit, foi possível propor que o prejuízo na expressão linguística dos pacientes com déficit cognitivo tenda a se agravar em relação ao prejuízo dos demais pacientes em função da comunhão de problemas linguísticos e extralinguísticos.

Em suma, na análise intergrupos desenvolvida, forneceram-se evidências de que haja um comprometimento na expressão linguística de tempo e aspecto por pacientes com DTA, apresentaram-se argumentos de que esse comprometimento seja essencialmente linguístico, e propôs-se que a expressão linguística de tempo e aspecto seja mais prejudicada quando os pacientes com DTA possuem também déficits cognitivos em sistemas não-linguísticos.

Voltando-se agora para as análises individuais desenvolvidas, é pertinente, primeiramente, retomar uma questão, levantada no final da seção 4.2.4, sobre o desempenho do paciente E.A., com déficit cognitivo, no teste de julgamento de gramaticalidade. Nessa seção, ao se compararem os resultados desse paciente nas condições 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 1 e do teste de Tempo 2, observou-se que seu desempenho havia sido relativamente bom no teste de Tempo 1, em que as sentenças tinham o Aspecto imperfectivo habitual, e ruim no teste de Tempo 2, em que as sentenças tinham o Aspecto imperfectivo contínuo. Logo, foi sugerido que, talvez, o problema do paciente E.A. na condição 4 ( $adv_{pas} + morf_{pre}$ ) do teste de Tempo 2 tenha sido com o traço de imperfectivo contínuo que permeava as sentenças, e não com a incompatibilidade dos traços temporais entre o advérbio e o verbo.

Entretanto, os resultados desse paciente no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto sugerem que, na verdade, esse paciente apresente tanto problemas com o



imperfectivo contínuo quanto com o imperfectivo habitual, o que parece não sustentar a proposta de que o comprometimento do paciente no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2 seja apenas com o traço de imperfectivo contínuo das sentenças. Nessa mesma direção, os resultados desse paciente no teste de preenchimento de lacuna de Tempo revelaram um desempenho ruim tanto nas cenas do presente quanto nas do passado. Logo, argumenta-se que o paciente E.A. tenha, realmente, um comprometimento temporal, revelado tanto pelo teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2 quanto pelo teste de preenchimento de lacuna de Tempo.

Comparando apenas os desempenhos linguísticos dos pacientes sem déficit cognitivo nos diferentes testes, observou-se que, por um lado, tanto no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 1 quanto no teste de preenchimento de lacuna de Aspecto, o desempenho de J. foi consideravelmente superior ao desempenho de E., tendo sido, inclusive, argumentado que o paciente J. não possua comprometimento de Aspecto. Por outro lado, no teste de preenchimento de lacuna de Tempo, o desempenho de E. foi levemente superior ao de J., tendo sido proposto que, talvez, E. não possua comprometimento de Tempo, se for assumido que seu problema no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo tenha sido decorrente de uma dificuldade na compreensão do teste proposto. Logo, de maneira geral, não é possível propor que um dos dois pacientes sem déficit cognitivo apresente um melhor desempenho linguístico, uma vez que, enquanto J. parece ter um comprometimento de Tempo, mantendo Aspecto preservado, E. parece ter um comprometimento de Aspecto, mantendo Tempo preservado.

Já ao comparar apenas os desempenhos linguísticos dos pacientes com déficit cognitivo nos diferentes testes, observou-se que, no teste de julgamento de gramaticalidade, o desempenho de E.A. foi superior ao desempenho de R., especialmente no teste de Tempo 1. Contudo, no teste de preenchimento de lacuna tanto de Tempo quanto de Aspecto, o

desempenho de R. foi bastante superior ao de E.A., sobretudo nas cenas do presente (no teste de Tempo) e nas cenas do perfectivo e do imperfectivo contínuo (no teste de Aspecto). Nesse caso, não é possível garantir que um desses dois pacientes tenha mais prejuízos linguísticos. Talvez a diferença vislumbrada nesses casos deva-se ao modo como cada um desses pacientes tenha lidado com os testes linguísticos: enquanto a tarefa de preencher a sentença com base em uma imagem pode ter criado uma barreira para o paciente E.A., pode ter beneficiado a paciente R.

Retomando agora a análise da fala espontânea dos pacientes, conclui-se que a produção espontânea pareceu ser menos adequada à análise dos fenômenos linguísticos investigados do que o teste de julgamento de gramaticalidade e o teste de preenchimento de lacuna, esse último se caracterizando por examinar a produção eliciada dos pacientes. Por um lado, discutiu-se que a produção espontânea pode oferecer aos pacientes diversas dificuldades impostas pela tarefa de engajamento em uma conversação, que exige a integração de diversas habilidades além da competência sintática. Por outro, argumentou-se que o fato de, dentre as falas dos quatro pacientes investigados, só ter havido uma ocorrência de erro temporal / aspectual na morfologia do verbo não deva ser entendido como uma ausência de qualquer impedimento de Tempo e Aspecto nesses pacientes, uma vez que eles podem ter evitado a utilização de verbos em contextos que lhes fossem problemáticos. Afinal, como argumentado no final da seção 4.4, a produção espontânea de indivíduos com patologias da linguagem pode eventualmente mascarar um impedimento linguístico.

Outra questão que deve ser ainda discutida nesta seção de análise geral diz respeito ao desempenho dos pacientes, no teste de preenchimento de lacuna, pior nas cenas do passado do que nas cenas do presente, no teste de Tempo, e também pior nas cenas do imperfectivo habitual do que nas cenas do imperfectivo contínuo ou do perfectivo, no teste de Aspecto.

No que diz respeito ao teste de Tempo, discute-se aqui que o pior desempenho com o passado por parte dos pacientes não seja surpreendente, uma vez que, de certo modo, esse Tempo parece ser mais problemático para os pacientes não apenas do ponto de vista linguístico. Tal hipótese é proposta com base no fato de o problema de memória ser o mais saliente nessa demência, e, comumente, a memória estaria relacionada à recuperação de fatos passados. Nesse caso, a dificuldade dos pacientes com o traço linguístico de Tempo passado seria decorrente de um problema mais amplo com esse tempo, como a maneira como indivíduos com DTA lidam com o passado.

Já no que diz respeito ao teste de Aspecto, destaca-se aqui que, mesmo por parte dos controles, não houve uma seleção consistente de formas verbais perfectivas nas cenas do perfectivo e de formas verbais imperfectivas nas cenas do imperfectivo habitual e contínuo. Tal seleção por parte dos controles foi especialmente pouco consistente no caso das cenas do imperfectivo habitual, em que houve apenas 53,1% de seleção de formas verbais imperfectivas. Logo, é possível que esse último conjunto de cenas não estivesse adequado, contendo cenas pouco claras ou de difícil compreensão. Se essa hipótese for apropriada, não é possível atestar com segurança que a dificuldade dos pacientes com esse conjunto de cenas tenha decorrido de um problema linguístico com o traço de imperfectivo habitual.

Nesta análise geral, é possível ainda traçar um panorama a respeito das contribuições que os resultados descritos neste capítulo podem trazer à teoria linguística. Primeiramente, tem-se que esses resultados forneceram evidência de que os traços de Tempo e Aspecto sejam abrigados em nódulos sintáticos distintos no módulo da linguagem. Tal hipótese, sugerida por Novaes & Braga (2005) com base no desempenho linguístico de uma paciente afásica agramática, pôde ser corroborada pelo desempenho linguístico dos dois pacientes sem déficit cognitivo examinados, uma vez que um deles apresentou apenas comprometimento linguístico de Tempo, e, o outro, apenas comprometimento linguístico de Aspecto. Logo, um único

nódulo sintático que abrigasse esses traços semanticamente motivados, porém de duas naturezas distintas, não daria conta da seletividade no impedimento desses pacientes.

Ainda no que tange à contribuição deste estudo para a descrição de fenômenos linguísticos, é possível também citar as considerações tecidas a respeito dos advérbios / expressões adverbiais de tempo / aspecto. Em primeiro lugar, assumiu-se neste estudo que as marcações adverbiais do tipo que foi utilizado nas sentenças dos testes linguísticos desenvolvidos caracterizem-se por serem adjuntos sentenciais, com base no fato de esses advérbios apenas fornecerem informações extras à sentença, em vez de atuarem como modificadores do verbo, contendo, inclusive, informações de natureza temporal / aspectual já parcialmente expressas pelo verbo. Além disso, propôs-se que esses advérbios sejam semanticamente interpretáveis pelos falantes e que compartilhem com o verbo os traços temporais / aspectuais.

Também acerca das marcações adverbiais utilizadas nos testes linguísticos, como argumentado neste capítulo, o vocábulo *agora* pode atuar ora como um advérbio, ora como um marcador discursivo. Nesse último caso, ele possivelmente estaria esvaziado de seus traços temporais e aspectuais, não ensejando, portanto, a utilização de uma marcação morfológica de Tempo e Aspecto específica. Já no caso de *agora* atuar como um marcador adverbial, foi proposto que ele não tenha seus traços temporais especificados ou, em outras palavras, tais traços seriam subespecificados, possibilitando uma interpretação desse advérbio como um marcador de tempo passado, como na sentença “Agora mesmo Ana esteve aqui procurando por você”. Retomando a proposição de Comrie (1985), apresentada no capítulo 1, de que a precisão na localização temporal varie entre as línguas, seria possível ainda propor que a precisão nessa localização conferida por determinadas expressões adverbiais varie até mesmo entre os falantes de uma mesma língua. Nesse caso, seria plausível sugerir que, na

gramática mental de alguns falantes do PB, o advérbio *agora* carregue traços temporais menos precisos.

Ainda a respeito do advérbio *agora*, acrescenta-se aqui outra questão, não discutida anteriormente nesta tese. Embora o advérbio *agora* tenha sido utilizado no teste de julgamento de gramaticalidade de Tempo 2, em que o Aspecto constante era o imperfectivo contínuo, é ainda possível sugerir que esse advérbio não tenha seus traços aspectuais especificados. Por essa razão, ele poderia ser analisado como um advérbio cujo aspecto fosse o imperfectivo habitual, significando “habitualmente no presente” ou “atualmente”, possibilitando que a ação da sentença “Agora Ana trabalha na Universidade” seja entendida como um hábito recente, e não como uma ação em andamento no ato da fala. Logo, além de atuar como um marcador discursivo, o vocábulo *agora* pode também assumir a função de advérbio temporal e aspectual, mas teria seus traços subespecificados, ao invés de conter traços especificados exclusivamente para Tempo presente e para Aspecto imperfectivo contínuo. Essa valoração de traços dependeria, possivelmente, da interação do sistema conceptual, que ditaria a noção temporal e aspectual veiculada pela sentença, com o sistema linguístico.

Também a respeito das marcações adverbiais temporais / aspectuais analisadas neste capítulo, vale retomar uma questão relevante concernente aos advérbios / expressões adverbiais *ontem*, *antigamente* e *naquele momento*. Foi argumentado neste estudo que, embora o advérbio *antigamente* tenha sido incluído em testes linguísticos tanto de Tempo quanto de Aspecto, algumas das marcações adverbiais utilizadas nesta pesquisa, tais como *ontem* e *antigamente*, tenham um caráter temporal mais relevante aos falantes do que seu caráter aspectual. Portanto, propõe-se aqui que essa possibilidade de análise seja mais amplamente explorada. De todo modo, o fato de, por exemplo, o advérbio *ontem* combinar-se plausivelmente com os Aspectos perfectivo e imperfectivo, mas não combinar-se

adequadamente com os Tempos presente ou futuro, parece constituir um forte argumento de que esse advérbio seja, sobretudo, um advérbio de tempo cujos traços são especificados invariavelmente para passado.

Outras considerações sobre as marcações adverbiais temporais / aspectuais utilizadas nos testes desenvolvidos, ainda não feitas neste capítulo, são tecidas aqui. Assim como argumentado sobre o advérbio *agora*, o advérbio *antes*, utilizado no teste de julgamento de gramaticalidade, e a expressão adverbial *naquele momento*, utilizada no teste de preenchimento de lacuna, apesar de terem sido considerados marcações adverbiais de tempo passado e de aspecto imperfectivo contínuo, respectivamente, podem conter traços de Tempo e de Aspecto subespecificados. Isso viabilizaria a gramaticalidade de sentenças com o advérbio *antes* associado a verbos com o Tempo futuro, como em “Ana vai à academia, mas antes vai passar no mercado”, e de sentenças com a expressão adverbial *naquele momento* associada a verbos com o Aspecto perfectivo, como em “Ana saiu naquele momento em que João ligou”.

No caso específico do advérbio *antes*, retomando os conceitos inaugurados por Reichenbach (1947) de momento da fala (ponto S), momento do evento (ponto E) e ponto de referência (ponto R), apresentados no capítulo 1, pode-se dizer que esse advérbio deva ser necessariamente utilizado para localizar E antes de R, mas não precise ser necessariamente utilizado para localizar E antes de S. Logo, o que faz a sentença “Ana foi à academia, mas antes passou no mercado” gramatical não é o fato de o verbo *passar* conter traços de passado que localizam a ação antes de S, e sim o fato de ele conter traços de passado que localizam a ação antes de R, que é o momento expresso pela ação de “ir à academia”. Desse modo, conclui-se que o advérbio *antes* não traz os traços de Tempo especificados para passado, como parece já trazer o advérbio *ontem*, do mesmo modo que o advérbio *agora* não possuiria traços de Tempo especificados para presente e traços de Aspecto especificados para

duratividade, e a expressão adverbial *naquele momento* não possuiria traços de Aspecto especificados para duratividade.

Todas as questões dos advérbios temporais / aspectuais levantadas aqui parecem corroborar a proposta de Comrie (1985), apresentada no capítulo 1 desta tese, de que diferentes fatores possam interferir e comprometer a correlação exata entre a categoria de Tempo e o advérbio de tempo.

Finalmente, discute-se, nesta seção de análise geral, o desempenho dos indivíduos-controle idosos saudáveis incluídos nesta pesquisa. Conforme já previamente anunciado no capítulo 3, na seção 3.4.1.3, o teste de julgamento de gramaticalidade foi primeiramente submetido a sessenta (60) jovens, com idade entre dezoito (18) e vinte e sete (27) anos, sendo metade homens e metade mulheres, com ensino superior completo ou incompleto<sup>53</sup>.

Com base nessa aplicação prévia do teste de julgamento de gramaticalidade, constatou-se que o desempenho dos jovens foi superior ao desempenho dos idosos entre sessenta e nove (69) e oitenta e cinco (85) anos que compunham o grupo controle adotado nesta pesquisa. Isso pôde ser constatado por ter havido uma diminuição da rejeição das sentenças agramaticais do teste pelos idosos em comparação aos jovens. No teste de Tempo 1, por exemplo, enquanto, no grupo de jovens, as sentenças da condição 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ) foram rejeitadas em 88,8% dos casos, no grupo de idosos, foram rejeitadas em 62,5% dos casos. De maneira semelhante, no teste de Aspecto, por um lado, os jovens rejeitaram as sentenças da condição 4 ( $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ) em 87,5% dos casos e, por outro lado, os idosos rejeitaram-nas em apenas 37,5% dos casos.

Sendo assim, observou-se, entre grupos de indivíduos sem patologias, porém com faixas etárias distintas, uma diferença considerável no desempenho. A diminuição na rejeição de sentenças agramaticais pelos indivíduos mais idosos, nesse caso, talvez possa ser atribuída

---

<sup>53</sup> Os resultados obtidos nesse grupo estão representados em gráficos no anexo E.

ao fato de esses informantes já terem alguma perda cognitiva, ainda não capturada pelo MEEM. Talvez a deterioração cognitiva nesses indivíduos mais idosos manifeste-se em uma ligeira perda de memória e em uma diminuição do grau de atenção durante a realização de tarefas. Assim, em situação de teste, esses indivíduos estariam mais suscetíveis de cometer erros. Além disso, a rejeição pouco consistente de sentenças da condição 2 ( $adv_{pre} + morf_{pas}$ ) do teste de Tempo 1 pelos controles idosos pode ter ocorrido devido ao fato de a palavra “atualmente” ter uma semelhança fonética com a palavra “antigamente” e ao fato de as pessoas idosas apresentarem mais frequentemente problemas de audição e de visão que pessoas jovens. Logo, a associação desses dois fatores, possivelmente, fez com que os idosos, ao lerem e escutarem uma sentença do tipo “Atualmente Rogério podava árvores”, julgassem ter lido e/ou ouvido a sentença “Antigamente Rogério podava árvores”. Já a baixa rejeição das sentenças da condição 4 ( $adv_{imperf} + morf_{perf}$ ) do teste de Aspecto também pode ser explicada, como exposto neste capítulo, pelo fato de o advérbio *antigamente* e a morfologia do verbo, que estava no Pretérito Perfeito do Indicativo, compartilharem os traços temporais de passado. Nesse caso, pode ser que, de algum modo, especialmente para os indivíduos mais idosos, a compatibilidade dos traços temporais entre o advérbio e o verbo tenha se destacado mais, levando esses sujeitos a julgarem a maioria dessas sentenças como “naturais”.

Por fim, é importante salientar aqui que a ocorrência de erros no desempenho linguístico de indivíduos idosos saudáveis já foi apontada em diversos estudos que comparavam o desempenho desse grupo ao desempenho de indivíduos com DTA. Dois desses estudos, relatados no capítulo 2 desta tese, foram os desenvolvidos por Altmann, Andersen & Kempler (1993) e por Altmann, Kempler & Andersen (2001). Todavia, vale destacar que, tal como nas pesquisas desses autores, o presente estudo revelou que, comparativamente, a maior quantidade de erros ainda incide na expressão linguística do grupo de indivíduos com DTA.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a origem do comprometimento linguístico de portadores de DTA por meio do estudo da desintegração do tempo nesses indivíduos. Para tanto, quatro pacientes foram submetidos a um teste neuropsicológico – Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) –, que permitia que o paciente fosse classificado como possuidor ou não de déficit cognitivo, e a dois testes linguísticos – um de julgamento de gramaticalidade e um de preenchimento de lacuna –, que investigavam os fenômenos de Tempo e de Aspecto, sendo esse último intimamente relacionado à categoria temporal. Com base na comparação dos resultados dos pacientes e seus controles nesses testes, argumentou-se que o mau desempenho dos pacientes nos testes linguísticos, associado ao seu bom desempenho no teste neuropsicológico, constituía uma evidência de que o problema temporal, fosse ele com Tempo ou com Aspecto, incidia efetivamente no módulo da linguagem. Desse modo, pôde ser refutada a hipótese deste estudo de que o déficit linguístico temporal dos pacientes com DTA era decorrente de impedimentos em módulos cognitivos não-linguísticos.

No entanto, duas considerações finais devem ser feitas a respeito do teste neuropsicológico utilizado neste estudo, o MEEM. Primeiramente, é importante reforçar que os resultados deste estudo revelaram que o desempenho obtido no MEEM pelos pacientes não pode ser tomado como uma garantia de homogeneidade no perfil linguístico desses pacientes, uma vez que os dois indivíduos sem déficit cognitivo, assim como os dois indivíduos com déficit cognitivo, não apresentaram consistentemente o mesmo desempenho nos testes linguísticos. Em alguns conjuntos de sentenças dos testes linguísticos, inclusive, o desempenho do paciente com déficit cognitivo foi superior ao do paciente sem esse déficit, o que foi revelador por demonstrar que nem sempre é possível estabelecer uma correlação entre a existência de déficit cognitivo e o grau de comprometimento linguístico nos pacientes,

sugerindo que esse comprometimento não seja, de fato, puramente decorrente de comprometimentos em módulos cognitivos não-linguísticos. Contudo, observou-se que, se o paciente possui um déficit cognitivo apontado pelo MEEM, a tendência é que ele apresente um comprometimento mais severo na expressão linguística, especialmente em condição de teste, visto que esse tipo de paciente está mais sujeito a cometer erros por ter mais prejuízos cognitivos como um todo.

Ainda a respeito desse teste neuropsicológico, outra questão precisa ser discutida. Embora esse teste seja consagrado na literatura, amplamente utilizado nos meios médico e científico, revelador quanto à ausência *versus* presença de impedimento cognitivo e possua uma categoria com cinco questões que avalia a “orientação temporal” do indivíduo, à qual foi dado bastante relevo neste estudo, sabe-se que o MEEM não captura propriamente a capacidade conceptual temporal do indivíduo. Um teste conceptual que assegurasse a preservação do conceito de tempo pelo paciente classificado como livre de impedimento cognitivo traria uma evidência ainda mais consistente de que o problema linguístico desse paciente é, de fato, decorrente de um impedimento genuinamente sintático, tal como propuseram Grober & Bang (1995).

É preciso destacar que este estudo, assim como fez importantes aportes, apresentados na última seção do capítulo 4, à discussão de questões referentes à teoria linguística, também trouxe contribuições concernentes à caracterização da linguagem de indivíduos com DTA, as quais são tratadas em seguida.

Primeiramente, pode-se dizer que esta pesquisa trouxe o benefício de auxiliar na investigação acerca da origem do déficit na produção e na compreensão linguística na DTA, um tópico bastante debatido na literatura, advogando em favor de um comprometimento essencialmente linguístico. Em segundo lugar, este estudo apresentou a vantagem de ter analisado o desempenho de pacientes com DTA ao lidar com um fenômeno linguístico ainda

não descrito nessa patologia: o fenômeno de Tempo. Logo, por meio deste estudo, pôde-se verificar que o problema revelado na expressão linguística desses pacientes é também manifestado em sentenças que envolvem fenômenos sintáticos diferentes daqueles já amplamente investigados nessa patologia, como os fenômenos relacionados à atribuição não-canônica dos papéis temáticos aos argumentos do verbo. Em terceiro lugar, este estudo ainda revelou que, de alguma maneira, algumas marcações adverbiais específicas, como o advérbio *antes* associado a verbos no passado, podem facilitar a compreensão do Tempo verbal utilizado. Em termos práticos, essa informação pode ser útil aos familiares ou cuidadores desses pacientes, que, a fim de promover uma comunicação mais clara e eficaz, podem utilizar, além das marcações morfológicas temporais / aspectuais, expressões adverbiais de tempo / aspecto que tornem mais evidente o tempo / aspecto do fato que se quer comunicar.

Do ponto de vista clínico, a descrição de mais um fator linguístico característico dessa patologia, abordada no parágrafo anterior, traz ainda outros benefícios. Primeiramente, tal descrição pode contribuir para o diagnóstico de provável DTA, que ainda é feito por exclusão. Como mais uma ferramenta no auxílio a esse diagnóstico, seria possível até mesmo propor que testes linguísticos da mesma natureza que os desenvolvidos nesta tese fossem incorporados na avaliação de indivíduos com suspeita de demência em questão, ainda que tal procedimento não seja suficiente para resolver o problema do diagnóstico feito por exclusão. Em segundo lugar, também do ponto de vista clínico, o estudo da produção e da compreensão de diferentes fenômenos linguísticos por indivíduos com DTA pode propiciar o planejamento do tipo de intervenção clínica apropriado.

Como parte desta discussão, vale ainda salientar uma questão sobre o comprometimento na expressão linguística na DTA que não foi abordada nesta tese. Embora tenha sido argumentado que tal comprometimento se deva a um impedimento genuinamente linguístico, não foi discutido se esse prejuízo seria decorrente de uma afasia que se

desenvolveria com a expansão da lesão no cérebro do paciente e a conseqüente progressão da doença. Essa possibilidade já foi sugerida por diversos pesquisadores preocupados com o prejuízo linguístico na DTA. Entretanto, os resultados obtidos neste estudo não permitem que essa questão seja explorada aqui.

Como um desdobramento deste estudo, em pesquisas futuras, é possível que os testes utilizados aqui sejam submetidos a indivíduos afásicos de Broca agramáticos e que os seus resultados sejam confrontados, especialmente, aos resultados dos pacientes com DTA sem déficit cognitivo. Esse confronto seria interessante porque, enquanto na afasia de Broca toma-se como pressuposto que apenas o módulo linguístico esteja comprometido, mantendo intactas as outras habilidades cognitivas, sabe-se que, na DTA, diversos módulos cognitivos estão comprometidos. No entanto, os pacientes sem déficit cognitivo parecem ter a cognição relativamente preservada, ainda que já possam apresentar problemas de atenção e de memória. Como os testes linguísticos desta pesquisa buscavam minimizar as demandas de atenção e de memória, é possível que esses prejuízos não tenham influenciado significativamente o desempenho desses indivíduos. Se esses pacientes forem ainda submetidos a um teste conceptual que assegure a preservação do conceito de tempo, outro possível fator de interferência no desempenho linguístico dos pacientes será minimizado. Logo, se depois de descartados vários fatores que possam interferir no desempenho linguístico desse grupo de pacientes com DTA, o desempenho desses indivíduos for semelhante ao de sujeitos afásicos, será possível fornecer argumentos de que haja, dentro da DTA, o desenvolvimento de uma afasia.

Por fim, com base no comprometimento temporal dos pacientes investigados neste estudo, é possível levantar uma questão final a esta discussão: seria possível que os pacientes com DTA perdessem o tempo entendido como um primitivo dos conceitos, na direção proposta por Kant em sua *Crítica da Razão Pura*? Segundo esse autor, a existência de

qualquer fenômeno depende da intuição *a priori* de tempo. Logo, possivelmente, o tempo que, aos poucos, se desintegra nessa demência seria uma noção mais superficial do que esse tempo que, para Kant, subjaz aos fenômenos externos e, até mesmo, internos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, I.; FORLENZA, O.; BARROS, H. Demência de Alzheimer: correlação entre memória e autonomia. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 32, n. 3, p. 131-136. 2005.

ALTMANN, L.; ANDERSEN, E.; KEMPLER, D. Re-evaluating syntactic preservation in Alzheimer's disease. **Poster presented at the 1993 meeting of the Academy of Aphasia**, Tucson, AZ. October, 1993.

ALTMANN, L.; KEMPLER, D.; ANDERSEN, E. Speech errors in Alzheimer's Disease: Reevaluating Morphosyntactic Preservation. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 44, p. 1069-1082. 2001.

ALZHEIMER, A. Über eine eigenartige Erkrankung der Hirnrinde. **Allg Zeitschr Psychiatr.**, v. 64, p. 146-148. 1907.

BERNDT, R.; CARAMAZZA, A. How "regular" is sentence comprehension in Broca's aphasia? It depends on how you select the patients. **Brain and Language**, v. 67, p. 242-247. 1999.

BICKEL, C. et al. Syntactic comprehension deficits in Alzheimer's disease. **Brain and Language**. v. 71, p. 432-448. 2000.

BOK-BENNEMA, R. Evidence for an Aspectual Functional Head in French and Spanish. In: OOSTENDORP, M. van; ANAGNOSTOPOULOU, E. **Progress in Grammar, Articles on the 20<sup>th</sup> Anniversary of the Comparison of Grammatical Models Group in Tilburg**. Roquade, Amsterdam. 2001.

BORER, H. **Parametric Syntax**. Dordrecht: Foris, 1984.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Normas regulamentadoras sobre pesquisa em seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

BRUCKI, S. et. al. Questões para o uso do Mini-Exame do Estado Mental no Brasil. **Arq Neuropsiquiatr.**, v. 61, n. 3-B, p. 777-781. 2003.

CARAMAZZA, A.; ZURIF, E. B. Dissociation of algorithmic and heuristic processes in language comprehension: Evidence from aphasia. **Brain and Language**, v. 3, p. 572-582. 1976.

CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Como avaliar de forma breve e objetiva o estado mental de um paciente?. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 46, n. 4, p. 301-301. 2000.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

\_\_\_\_\_. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **Language and problems of knowledge**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

\_\_\_\_\_. Some notes on economy of derivation and representation. In: FREIDIN, R. **Principles and parameters in comparative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 417-454.

\_\_\_\_\_. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Language and mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistics perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Issues in adverbial syntax. In: \_\_\_\_\_. **Restructuring and Functional Heads: The cartography of syntactic structures**. New York: Oxford University Press, 2006. v. 4, p. 119-144.

COELHO, G.; ALVIM, N. A dinâmica familiar, as fases do idoso com Alzheimer e os estágios vivenciados pela família na relação do cuidado no espaço domiciliar. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 541-544. 2004.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. New York: Cambridge University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. On Reichenbach's approach to tense. In: HENDRICK, R.; MASEK, C.; MILLER, M. (Ed.). **Papers from the Seventeenth Regional Meeting, Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1981. p. 24-30.

\_\_\_\_\_. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DEMÊNCIA. In: FERREIRA, A. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 142.

DRAI, D.; GRODZINSKY, Y. Comprehension regularity in Broca's aphasia? There's more of it than you ever imagined. **Brain and Language**, v. 70, p. 139-143. 1999.

DUBOIS, B.; DEWEER, B. Une maladie du cerveau. **La Recherche**, hors série, janvier 2003.

ESTRÊLA, F. A interpretação de aspecto em contextos discursivos do português do Brasil. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, 29., 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 1 CD.

FODOR, J. **The language of thought**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1975.  
FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; FANJIANG, G. **Mini-Mental State Examination: Clinical Guide**. Lutz, FL: Psychological Assessment Resources, Inc., 2000.

FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; MCHUGH, P. R. "Mini-Mental State." A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Journal of Psychiatric Research**. v. 12, p. 189-198. 1975.

FRIEDMANN, N.; GRODZINSKY, Y. Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree. **Brain and Language**, v. 56, p. 397-425. 1997.

GROBER, E.; BANG, S. Sentence comprehension in Alzheimer's disease. **Developmental Neuropsychology**, v.11, p. 95-107. 1995.

GRODZINSKY, Y.; FINKEL, L. The Neurology of Empty Categories: Aphasics' Failure to Detect Ungrammaticality. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v. 10. no. 2, p. 281-292. 1998.

GRODZINSKY, Y. et al. The critical role of group studies in neuropsychology: comprehension regularities in Broca's aphasia. **Brain and Language**, v. 67, p. 134-147. 1999.

GROSSMAN, M. et al. Verb Comprehension Deficits in Probable Alzheimer's Disease. **Brain and Language**. v. 53, p. 369-389. 1996.

GROSSMAN, M.; WHITE-DEVINE, T. Sentence comprehension in Alzheimer's disease. **Brain and Language**. v. 62, p. 186-201. 1998.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory**. Oxford: Blackwell Publishers Inc., 1991.

HORNSTEIN, N. **As time goes by: tense and universal grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HUFF, F. The disorder of naming in Alzheimer's disease. In: LIGHT, L.; BURKE, D. (Eds.). **Language, memory, and aging**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 209-220.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JOHNSTONE, B. et al. Neuropsychological deficit profiles in senile dementia of the Alzheimer's type. **Archives of Clinical Neuropsychology**, v. 17, p. 273-281. 2002.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. (Coleção a obra-prima de cada autor). Tradução de: Kritik der Reinen Vernunft.

KEMPLER, D. et al. Working with limited memory: Sentence comprehension in Alzheimer's disease. In: KEMPER, S.; KLIEGL, R. (Eds.). **Constraints on Language: Aging, Grammar, and Memory**. Boston, US: Kluwer Academic Publishers, 1999. p. 227-247.

KNOPMAN, D. S. et al. Practice parameter: Diagnosis of dementia (an evidence-based review). Report of the Quality Standards Subcommittee of the American Academy of Neurology. **Neurology**, v. 56, p. 1143-1153. 2001.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. **Lingua**, v. 85, p. 211-258. 1991.



- LESSA, A. A composicionalidade do aspecto em tempo passado no português do Brasil e no espanhol. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, 29., 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 1 CD.
- MARTINS, A. **Conhecimento lingüístico de aspecto no português do Brasil**. 2006. 229f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MARTINS, A.; NOVAES, C. The influence of temporal adverbs in the comprehension of aspect by a patient with dementia of the Alzheimer's type. In: III INSTITUTO DE INVERNO EM LÍNGUA E COGNIÇÃO: INTERAÇÃO ENTRE LÍNGUA E DEMAIS SISTEMAS COGNITIVOS, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007. p. 3-4.
- MARTINS, A.; NOVAES, C. A desintegração de tempo lingüístico em Alzheimer. **Veredas on-line – Psicolingüística**, Juiz de Fora, v. 2, p. 175-178. 2008.
- MINETT, T.; BERTOLUCCI, P. Terapia Colinérgica na Doença de Alzheimer. **Rev. Neurociências**, v. 8, n. 1, p. 11-14. 2000.
- MOURELATOS, A. Events, Processes and States. **Linguistics and Philosophy**, v. 2, p. 415-434. 1978.
- NOVAES, C. Neuropsychology and linguistic aphasiology: Evidence in favor of case studies. **Brain and Cognition**, v. 55, p. 362-364. 2004.
- NOVAES, C.; BRAGA, M. Agrammatic aphasia and aspect. **Brain and Language**, v. 95, p. 121-122. 2005.
- OKAMOTO, I. H.; BERTOLUCCI, P. H. F. Perda de memória no idoso. **Revista Psiquiatria na Prática Médica**, v. 34, n. 4. 2002. Disponível em: <[http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/atu5\\_01.htm](http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/atu5_01.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- OLIVEIRA, F. et al. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. (Orgs.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. p. 127-177.
- POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, p. 365-424. 1989.
- POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1993. Tradução de: The Logic of Scientific Discovery.
- REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. New York: The Macmillan Company, 1947.
- RITCHIE, K.; KILDEA, D. Is senile dementia “age-related” or “ageing-related”? Evidence from meta-analysis of dementia prevalence in the oldest old. **Lancet**. v. 346, n. 8980, p. 931-934. 1995.

ROCHON, E.; WATERS, G.; CAPLAN, D. Sentence comprehension in patients with Alzheimer's disease. **Brain and Language**, v. 46, p. 332-349. 1994.

RODRIGUES, C. O processamento sintático na demência do tipo Alzheimer. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 3, n.1, p. 89-112, julho de 2003.

\_\_\_\_\_. A dissolução da linguagem na demência do tipo Alzheimer. In: RODRIGUES, C. et al. (Org.). **Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares**. São Paulo: Artmed, 2004. p. 87-117.

SAMPAIO, L. A composicionalidade do aspecto no português do Brasil e em inglês. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, 29., 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 1 CD.

SLABAKOVA, R. L1 transfer revisited: the L2 acquisition of telicity marking in English by Spanish and Bulgarian native speakers. **Linguistics**, v. 38, n. 4, p. 739-770. 2000.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

VERKKONIEMI, A. et al. Neuropsychological functions in variant Alzheimer's disease with spastic paraparesis. **Journal of the Neurological Sciences**, v. 218, p. 29-37. 2004.

VERKUYL, H. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972.

VERKUYL, H. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, H.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). **Perspectives on Aspect**. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39.

WATERS, G.; ROCHON, E.; CAPLAN, D. Task demands and sentence comprehension in patients with dementia of the Alzheimer's type. **Brain and Language**, v. 62, p. 361-397. 1998.

ZURIF, E.; PIÑANGO, M. The existence of comprehension patterns in Broca's aphasia. **Brain and Language**, v. 70, p. 133-138. 1999.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – ANDAMENTO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA E PARECER DE APROVAÇÃO

### *Andamento do projeto:*

Andamento do projeto - CAAE - 0110.0.258.000-08				
<b>Título do Projeto de Pesquisa</b>				
A DESINTEGRAÇÃO DE TEMPO NA SÍNDROME DE ALZHEIMER				
<b>Situação</b>	<b>Data Inicial no CEP</b>	<b>Data Final no CEP</b>	<b>Data Inicial na CONEP</b>	<b>Data Final na CONEP</b>
Aprovado no CEP	23/09/2008 10:17:13	11/11/2008 13:14:52		
<b>Descrição</b>	<b>Data</b>	<b>Documento</b>	<b>Nº do Doc</b>	<b>Origem</b>
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	08/09/2008 18:22:08	Folha de Rosto	FR217812	Pesquisador
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	23/09/2008 10:17:18	Folha de Rosto	0110.0.258.000-08	CEP
3 - Protocolo Pendente no CEP	21/10/2008 13:03:59	Folha de Rosto	145/08	CEP
4 - Protocolo Aprovado no CEP	11/11/2008 13:14:52	Folha de Rosto	145/08	CEP



*Parecer de aprovação:***UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE****Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro**Herbert Praxedes - **Coordenador Geral***Médico*

Alair Augusto S.M.D. dos Santos

*Médico*

Ana Beatriz Monteiro Fonseca

*Estatística*

Carlos Brazil

*Advogado*

Denise Mafra

*Nutricionista*

José Carlos Carraro Eduardo

*Médico*

José Paravidino de Macedo Soares

*Médico*

Maria de Fátima Lopes Braga

*Nutricionista*

Maria Nazareth Cerqueira Pinto

*Médica*

Miriam Fátima Zaccaro Scelza

*Cirurgiã Dentista*

Nívia Valença Barros

*Assistente Social*

Paulo Roberto Mattos da Silva

*Psicólogo*

Paulo Sérgio Faitanin

*Filósofo*

Regina Helena Saramago Peralta

*Médica*

Regina Lúcia de Oliveira Caetano

*Farmacêutica*

Renato Augusto Moreira de Sá

*Médico*

Rosa Leonôra Salerno Soares

*Médica*

Rosângela Arrabal Thomaz

*Bióloga*

Rosiléa Said Amazonas

*Representante dos Usuários*

Simone Cruz Machado

*Enfermeira*

Wilson da Costa Santos

*Farmacêutico*CEP CMM/HUAP nº 145/08

CAAE nº 0110.0.258.000-08

Do: Coordenador do CEP CMM/HUAP

A(o) Sr.(a) Pesquisador(a):

Assunto: Parecer sobre Projeto de Pesquisa

Sr.(a) Pesquisador(a)

Informo a V.S<sup>a</sup>. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro, constituído nos termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao protocolo de pesquisa e seu respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme abaixo discriminado:

Título do Projeto:

**“A DESINTEGRAÇÃO DE TEMPO NA SÍNDROME DE ALZHEIMER”**

Pesquisador Responsável:

**Adriana Leitão Martins**

Pesquisadores Colaboradores:

**Celso Vieira Novaes**

Data: 17/10/2008

**Parecer: *Aprovado.***

Atenciosamente,

**Prof. Herbert Praxedes  
Coordenador**



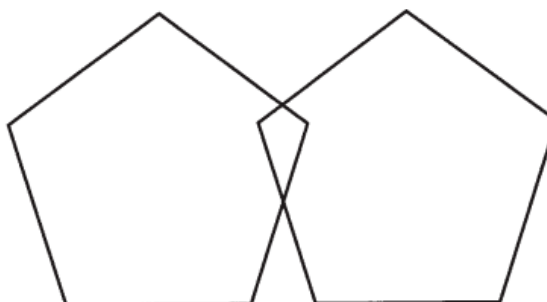
## ANEXO B – MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL (MEEM)

Versão do *Mini-Mental State Examination* (FOLSTEIN, FOLSTEIN & MCHUGH, 1975) para o português do Brasil desenvolvida por Caramelli e Nitrini (2000) e adotada neste estudo.

**\* AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA - COMPLEMENTAR**  
**MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL – MEEM**  
**(Caramelli, P; Nitrini, R.)**

FUNÇÕES	PONTOS
<b>ORIENTAÇÃO (TEMPO /ESPAÇO)</b>	<b>(10)</b>
Tempo	(5)
- Dia da semana	1
- Dia do mês	1
- Mês	1
- Ano	1
- Hora aproximada	1
Espaço	(5)
- Local específico (apartamento ou setor)	1
- Instituição (hospital, residência, clínica)	1
- Bairro ou rua próxima	1
- Cidade	1
- Estado	1
<b>MEMÓRIA IMEDIATA</b>	<b>(3)</b>
- Vaso	1
- Carro	1
- Tijolo	1
<b>ATENÇÃO E CÁLCULO (100 – 7 cinco subtrações sucessivas)</b>	<b>(5)</b>
- 93	1
- 86	1
- 79	1
- 72	1
- 65	1
<b>EVOCAÇÃO (Recordar as 3 palavras)</b>	<b>(3)</b>
- Vaso	1
- Carro	1
- Tijolo	1
<b>LINGUAGEM</b>	<b>(9)</b>
- Nomear: um relógio e uma caneta	2
- Repetir: "Nem aqui, nem ali, nem lá"	1
- Comando: "Pegue este papel com sua mão direita, dobre ao meio e coloque no chão"	3
- Ler e obedecer: "Feche os olhos"	1
- Escrever uma frase	1
- Copiar um desenho (2 pentágonos interseccionados)	1
<b>SCORE</b>	<b>30</b>

*Pentágonos interseccionados a serem copiados:*



## ANEXO C – EXEMPLO DE SLIDE DO TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

Atualmente Igor caçava tigrés.

( ) NATURAL ( ) ESTRANHA

## ANEXO D – SENTENÇAS DO TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

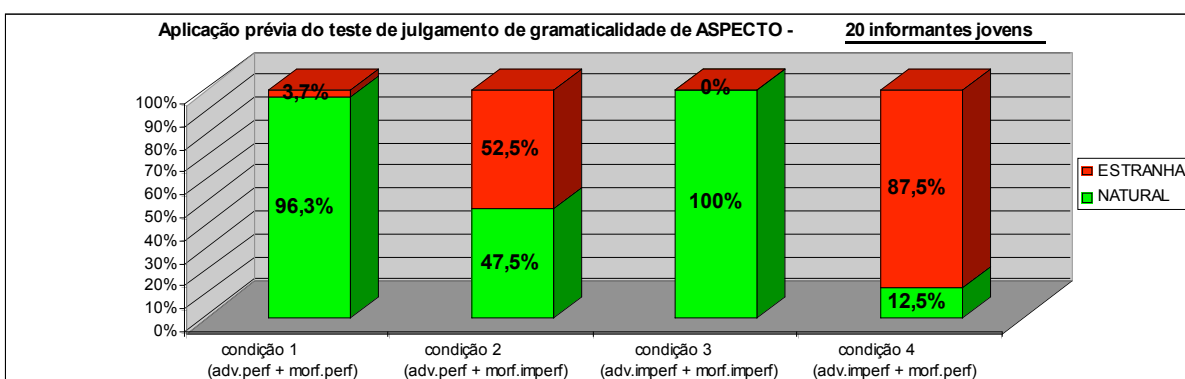
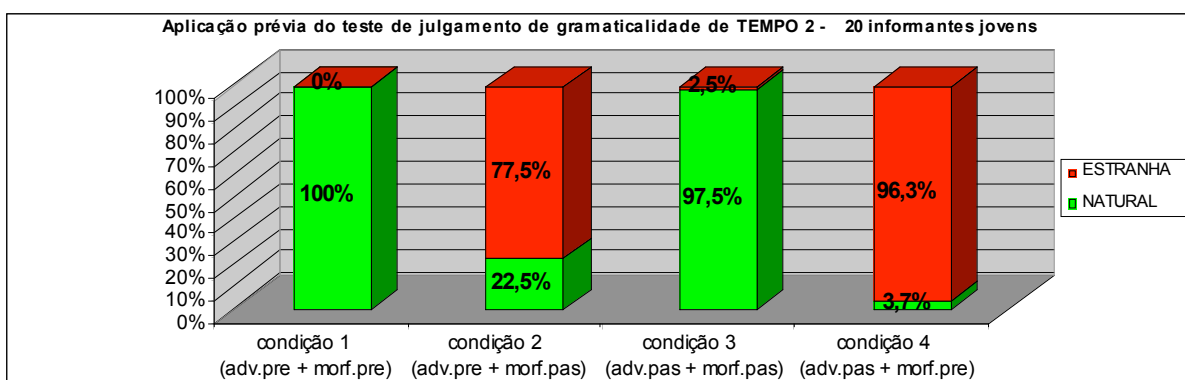
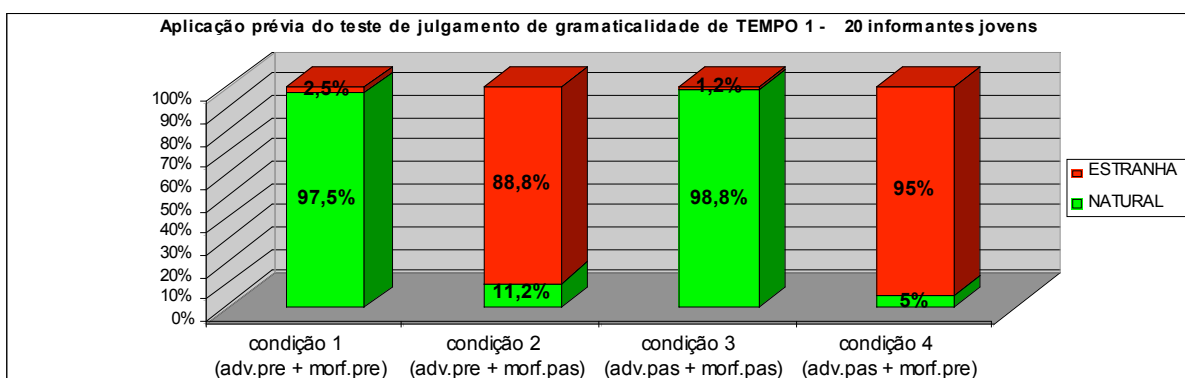
Sentenças na ordem em que foram apresentadas aos informantes:

- 1) Agora Leonardo está indo ao banco.
- 2) Antigamente Gustavo gostava por verdura.
- 3) Ontem José lavava carros.
- 4) Antes Vinícius estava malhando com academia.
- 5) Atualmente Igor caçava tigres.
- 6) Ontem Raquel estudou para biblioteca.
- 7) Antigamente Patrícia chupa pirulitos.
- 8) Atualmente Artur bebe nos bares.
- 9) Agora Vera está limpando uma estante.
- 10) Ontem Ana assou um bolo.
- 11) Agora Renata está chorando para emoção.
- 12) Atualmente Cleber entrega pizzas.
- 13) Atualmente Alessandra cuida por filho.
- 14) Antes Silvia estava descascando uma batata.
- 15) Ontem Fernanda conversou para telefone.
- 16) Agora Alexandre está colando um selo.
- 17) Atualmente Luiza dirige de cinto.
- 18) Agora Viviane estava desenhando um coração.
- 19) Ontem Camila caminhou na praia.
- 20) Antes Fabiano está ralando uma cenoura.
- 21) Agora Érica está telefonando pra mãe.
- 22) Antigamente Jaqueline pesquisa células.
- 23) Antes Fábio estava pulando por sofá.
- 24) Atualmente Rogério podava árvores.
- 25) Atualmente Sérgio beija por boca.
- 26) Antigamente Luiz pintou uma geladeira.
- 27) Antes Vanessa estava lendo com prazer.
- 28) Agora Vitória estava colocando um vestido.
- 29) Antigamente Juliana nadava no clube.
- 30) Ontem Carlos consertava relógios.
- 31) Agora Diogo está passeando de orla.
- 32) Antigamente Natália comprava figurinhas.
- 33) Atualmente Antônio pilota aviões.
- 34) Agora Rafael está tocando numa banda.
- 35) Ontem Maria fritou um bife.
- 36) Antigamente Letícia corria com rua.
- 37) Agora Mauro estava montando um armário.
- 38) Antes Aline estava rindo em palhaço.
- 39) Antigamente Marcela recortava revistas.
- 40) Atualmente Maurício aposta em cavalos.
- 41) Ontem Neide bordava toalhas.
- 42) Antigamente Marcos morava para fazenda.
- 43) Agora Bruno está embrulhando um presente.
- 44) Ontem Karina lembrou em avós.
- 45) Agora Daniele está dormindo para sofá.
- 46) Antigamente Felipe andava de bicicleta.



- 47) Antigamente Luciana plantou uma flor.
- 48) Antes Milton estava trabalhando no mercado.
- 49) Atualmente Mônica decora casas.
- 50) Agora Cláudio estava engraxando um sapato.
- 51) Atualmente Júlio joga na seleção.
- 52) Ontem Paulo cantou uma música.
- 53) Ontem Jorge viajou de avião.
- 54) Antigamente Carla costurou um uniforme.
- 55) Agora Márcia está lanchando no colégio.
- 56) Antes Fátima estava penteando uma boneca.
- 57) Ontem Milena comeu de garfo.
- 58) Antigamente Thiago fotografa modelos.
- 59) Agora Lucas está merendando por amigos.
- 60) Ontem Cristine preparava sanduíches.
- 61) Atualmente Ricardo cochila com escritório.
- 62) Antes Gabriel estava enxugando uma panela.
- 63) Atualmente Joana projetava prédios.
- 64) Antes Flávia estava brincando de boneca.
- 65) Antes Tatiana está molhando uma flor.
- 66) Agora Janaína está rezando com fé.
- 67) Ontem Pedro almoçou uma feijoada.
- 68) Antigamente Mateus subia no telhado.
- 69) Ontem Thaís falou entre celular.
- 70) Antigamente Henrique pesca sardinhas.
- 71) Antes Roberta estava gritando em medo.
- 72) Antes Rosa está dobrando um lençol.
- 73) Antigamente Anderson caçou um tigre.
- 74) Antes Alan estava jantando no restaurante.
- 75) Atualmente Lúcia confeita bolos.
- 76) Antigamente Andréia precisava entre terapia.
- 77) Ontem Rodrigo escreveu para caneta.
- 78) Antigamente João colecionava carrinhos.
- 79) Atualmente Amanda participa por debates.
- 80) Antes César está temperando um peixe.
- 81) Atualmente Monique cozinha pro marido.
- 82) Antes Cássio estava calçando um sapato.
- 83) Antigamente Rodolfo fugia da escola.
- 84) Agora Michele está passando uma blusa.
- 85) Ontem Eduardo sofreu de solidão.
- 86) Atualmente Regina gravava CDs.
- 87) Antigamente Celso filmava casamentos.
- 88) Antes Joaquim estava dançando de baile.

## ANEXO E – RESULTADOS DA APLICAÇÃO PRÉVIA DO TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE



ANEXO F – EXEMPLO DE IMAGEM / SENTENÇA DO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNA



## ANEXO G – IMAGENS / SENTENÇAS DO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNA DE TEMPO

Imagens / sentenças na ordem em que foram apresentadas aos informantes:

*Prática:*

1) **Imagem:** Personagem mede uma janela.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ uma janela.

(a) vai escorar (b) estava colocando (c) está medindo

2) **Imagem:** Personagem rasga uma carta.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma carta.

(a) estava rasgando (b) está rasgando (c) vai rasgar

3) **Imagem:** Personagem aspira um sofá.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um sofá bege.

(a) estava aspirando (b) está aspirando (c) vai aspirar

4) **Imagem:** Personagem empurra um banco.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um banco de madeira.

(a) está levantando (b) vai desmontar (c) estava empurrando

*Teste:*

1) **Imagem:** Personagem cola uma figura.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma figura na cartolina.

(a) vai riscar (b) está envolvendo (c) estava colando

2) **Imagem:** Personagem monta um quebra-cabeça.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um quebra-cabeça difícil.

(a) está montando (b) estava montando (c) vai montar

3) **Imagem:** Personagem passa uma calça.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma calça de brim.

(a) estava passando (b) vai passar (c) está passando

4) **Imagem:** Personagem come um doce.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um doce.

(a) está comendo (b) estava escolhendo (c) vai esconder

5) **Imagem:** Personagem pinta um quadro.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um quadro.

(a) estava pintando (b) está pintando (c) vai pintar

6) **Imagem:** Personagem enxuga uma bandeja.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma bandeja de prata.

(a) estava ariando (b) vai decorar (c) está enxugando

7) **Imagem:** Personagem planta uma flor.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma flor.

(a) está plantando                      (b) estava plantando                      (c) vai plantar

8) **Imagem:** Personagem descasca uma cebola.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma cebola.

(a) está dourando                      (b) vai fatiar                      (c) estava descascando

9) **Imagem:** Personagem vê um programa.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um programa.

(a) estava fotografando                      (b) está vendo                      (c) vai gravar

10) **Imagem:** Personagem limpa uma mesa.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma mesa de vidro.

(a) está limpando                      (b) vai enfeitar                      (c) estava arrastando

11) **Imagem:** Personagem recorta uma figura

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ uma figura.

(a) está recortando                      (b) vai recortar                      (c) estava recortando

12) **Imagem:** Personagem prepara um sanduíche.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ um sanduíche.

(a) está preparando                      (b) vai preparar                      (c) estava preparando

13) **Imagem:** Personagem torce uma camiseta.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma camiseta de malha.

(a) está vendendo                      (b) vai tingir                      (c) estava torcendo

14) **Imagem:** Personagem calça um par de tênis.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um par de tênis.

(a) vai calçar                      (b) estava calçando                      (c) está calçando

15) **Imagem:** Personagem frita um ovo.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ um ovo.

(a) estava fritando                      (b) vai quebrar                      (c) está cozinhando

16) **Imagem:** Personagem monta uma árvore de Natal.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma árvore de Natal.

(a) vai montar                      (b) está montando                      (c) estava montando

17) **Imagem:** Personagem embrulha um livro.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um livro.

(a) estava embrulhando                      (b) vai embrulhar                      (c) está embrulhando

18) **Imagem:** Personagem escreve uma carta.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ uma carta.

(a) está escrevendo                      (b) vai carimbar                      (c) estava enviando

- 19) **Imagem:** Personagem limpa um banco.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ um banco de madeira.  
 (a) vai pregar (b) estava limpando (c) está serrando
- 20) **Imagem:** Personagem costura uma blusa.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ uma blusa de malha.  
 (a) está costurando (b) vai costurar (c) estava costurando
- 21) **Imagem:** Personagem come um bolinho.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Antes Ana \_\_\_\_\_ um bolinho.  
 (a) vai assar (b) está cheirando (c) estava comendo
- 22) **Imagem:** Personagem desenha uma tartaruga.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Antes Ana \_\_\_\_\_ uma tartaruga.  
 (a) vai desenhar (b) está desenhando (c) estava desenhando
- 23) **Imagem:** Personagem molha uma árvore.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Ana \_\_\_\_\_ uma árvore no quintal.  
 (a) está molhando (b) vai molhar (c) estava molhando
- 24) **Imagem:** Personagem cola um vaso.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Ana \_\_\_\_\_ um vaso de barro.  
 (a) está colando (b) estava enchendo (c) vai modelar
- 25) **Imagem:** Personagem vê um filme.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Antes Ana \_\_\_\_\_ um filme.  
 (a) estava vendo (b) está alugando (c) vai traduzir
- 26) **Imagem:** Personagem planta uma mudinha.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Agora Ana \_\_\_\_\_ uma mudinha.  
 (a) vai plantar (b) estava plantando (c) está plantando
- 27) **Imagem:** Personagem descasca uma cenoura.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Agora Ana \_\_\_\_\_ uma cenoura.  
 (a) vai ralar (b) está descascando (c) estava experimentando
- 28) **Imagem:** Personagem toma uma latinha de refrigerante.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ uma latinha de refrigerante.  
 (a) estava tomando (b) está amassando (c) vai entornar
- 29) **Imagem:** Personagem passa uma camisa.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Ana \_\_\_\_\_ uma camisa de manga.  
 (a) estava passando (b) vai passar (c) está passando
- 30) **Imagem:** Personagem calça um par de botas.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ um par de botas.  
 (a) está calçando (b) estava calçando (c) vai calçar

31) **Imagem:** Personagem faz um bolo.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um bolo de baunilha.

(a) vai confeitar                      (b) estava cortando                      (c) está fazendo

32) **Imagem:** Personagem recorta uma foto.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma foto.

(a) vai recortar                      (b) estava recortando                      (c) está recortando

33) **Imagem:** Personagem lava um copo.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um copo de vidro.

(a) estava lavando                      (b) está lavando                      (c) vai lavar

34) **Imagem:** Personagem enxuga um pirex.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um pirex de vidro.

(a) estava enxugando                      (b) vai ensaboar                      (c) está enxaguando

35) **Imagem:** Personagem lê uma revista.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma revista.

(a) está grampeando                      (b) estava lendo                      (c) vai rabiscar

36) **Imagem:** Personagem torce uma toalha.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma toalha de rosto.

(a) vai bordar                      (b) está torcendo                      (c) estava estendendo

37) **Imagem:** Personagem pinta um vaso.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ um vaso.

(a) estava pintando                      (b) está pintando                      (c) vai pintar

38) **Imagem:** Personagem frita um hambúrguer.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um hambúrguer.

(a) estava congelando                      (b) vai picar                      (c) está fritando

39) **Imagem:** Personagem desenha uma casa.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ uma casa.

(a) está desenhando                      (b) estava desenhando                      (c) vai desenhar

40) **Imagem:** Personagem costura uma saia.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma saia de algodão.

(a) vai costurar                      (b) está costurando                      (c) estava costurando

41) **Imagem:** Personagem toma um copo de água.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um copo de água.

(a) estava servindo                      (b) está tomando                      (c) vai derrubar

42) **Imagem:** Personagem embrulha um CD.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ um CD.

(a) estava embrulhando                      (b) vai embrulhar                      (c) está embrulhando

43) **Imagem:** Personagem lava uma panela.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma panela de inox.

(a) estava lavando                      (b) está lavando                      (c) vai lavar

44) **Imagem:** Personagem escreve uma receita

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Antes Ana \_\_\_\_\_ uma receita.

(a) vai sublinhar                      (b) estava escrevendo                      (c) está procurando

45) **Imagem:** Personagem molha um vaso de planta.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um vaso de planta.

(a) vai molhar                      (b) estava molhando                      (c) está molhando

46) **Imagem:** Personagem prepara uma salada.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ uma salada.

(a) vai preparar                      (b) está preparando                      (c) estava preparando

47) **Imagem:** Personagem lê um livro.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Agora Ana \_\_\_\_\_ um livro.

(a) vai colorir                      (b) estava encapando                      (c) está lendo

48) **Imagem:** Personagem faz um suco de laranja.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um suco de laranja.

(a) está bebendo                      (b) estava fazendo                      (c) vai mexer



ANEXO H – EXEMPLO DE CENA DA PERSONAGEM ANA CRIANÇA NO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNA DE ASPECTO



## ANEXO I – IMAGENS / SENTENÇAS DO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNA DE ASPECTO

Imagens / sentenças na ordem em que foram apresentadas aos informantes:

*Prática:*

1) **Imagem:** Personagem adulta rasga uma carta.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma carta.

(a) rasgava (b) vai rasgar (c) rasgou

2) **Imagem:** Personagem criança penteia uma boneca.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma boneca.

(a) beijou (b) vai ganhar (c) estava penteando

3) **Imagem:** Personagem criança chupa pirulitos.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ pirulitos de morango.

(a) vai chupar (b) chupou (c) chupava

4) **Imagem:** Personagem adulta aspira um sofá.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um sofá bebe.

(a) vai levantar (b) empurrava (c) aspirou

5) **Imagem:** Personagem criança veste uma boneca.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma boneca de plástico.

(a) estava vestindo (b) vai vestir (c) vestiu

*Teste:*

1) **Imagem:** Personagem adulta monta uma árvore de Natal.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma árvore de Natal.

(a) montou (b) montava (c) vai montar

2) **Imagem:** Personagem criança cola uma figurinha.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma figurinha no papel.

(a) copiou (b) estava colando (c) vai picotar

3) **Imagem:** Personagem criança lava panelinhas de brinquedo.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ panelinhas de brinquedo.

(a) vai lavar (b) lavava (c) lavou

4) **Imagem:** Personagem adulta recorta uma foto.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma foto.

(a) recortava (b) recortou (c) vai recortar

5) **Imagem:** Personagem criança faz barquinhos de papel.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ barquinhos de papel.

(a) vai molhar (b) coloriu (c) fazia

6) **Imagem:** Personagem criança planta sementes em vasilhos.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ sementes em vasilhos.

(a) plantou (b) plantava (c) vai plantar

7) **Imagem:** Personagem adulta limpa um banco.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um banco de madeira.

(a) vai medir (b) serrava (c) limpou

8) **Imagem:** Personagem criança molha uma árvore.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ uma árvore no quintal.

(a) vai molhar (b) molhou (c) estava molhando

9) **Imagem:** Personagem criança vê desenhos animados.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ desenhos animados.

(a) vai perder (b) via (c) preparou

10) **Imagem:** Personagem criança desenha uma borboleta.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma borboleta.

(a) estava desenhando (b) vai desenhar (c) desenhou

11) **Imagem:** Personagem adulta come um bolinho.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ontem, Ana \_\_\_\_\_ um bolinho.

(a) comeu (b) cortava (c) vai confeitar

12) **Imagem:** Personagem criança escreve uma historinha.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma historinha.

(a) vai carimbar (b) amassou (c) estava escrevendo

13) **Imagem:** Personagem criança recorta revistas em quadrinhos.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ revistas em quadrinhos.

(a) vai recortar (b) recortava (c) recortou

14) **Imagem:** Personagem criança cola adesivos.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ adesivos na agenda.

(a) colava (b) dobrou (c) vai contornar

15) **Imagem:** Personagem criança pinta um quadro.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ um quadro.

(a) pintou (b) vai pintar (c) estava pintando

16) **Imagem:** Personagem adulta toma uma latinha de refrigerante.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ uma latinha de refrigerante.

(a) tomou (b) vai comprar (c) derrubava

17) **Imagem:** Personagem adulta lava um copo.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ana \_\_\_\_\_ um copo de vidro.

(a) lavava (b) lavou (c) vai lavar

18) **Imagem:** Personagem criança lê um livro.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ um livro.

(a) encapou (b) estava lendo (c) vai riscar

19) **Imagem:** Personagem criança monta um quebra-cabeça.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ um quebra-cabeça difícil.

(a) vai montar (b) estava montando (c) montou

20) **Imagem:** Personagem criança escreve bilhetes.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ bilhetes infantis.

(a) enviou (b) vai passar (c) escrevia

21) **Imagem:** Personagem criança faz um castelo de cartas.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ um castelo de cartas.

(a) estava fazendo (b) vai assoprar (c) destruiu

22) **Imagem:** Personagem adulta pinta um vaso.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
Ontem, Ana \_\_\_\_\_ um vaso.

(a) vai pintar (b) pintava (c) pintou

23) **Imagem:** Personagem criança calça tênis com meia.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ tênis com meia.

(a) calçava (b) calçou (c) vai calçar

24) **Imagem:** Personagem adulta vê um filme.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
Ontem, Ana \_\_\_\_\_ um filme.

(a) alugava (b) viu (c) vai traduzir

25) **Imagem:** Personagem criança lava uma roupinha de boneca.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ uma roupinha de boneca.

(a) estava lavando (b) lavou (c) vai lavar

26) **Imagem:** Personagem adulta cola uma figura.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
Ana \_\_\_\_\_ uma figura na cartolina.

(a) vai esconder (b) colou (c) envolvia

27) **Imagem:** Personagem criança toma um copo de água.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ um copo de água.

(a) vai encher (b) serviu (c) estava tomando

28) **Imagem:** Personagem criança molha plantas.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Ana \_\_\_\_\_ plantas no jardim.

(a) molhou (b) vai molhar (c) molhava

29) **Imagem:** Personagem criança lê revistas em quadrinhos.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ revistas em quadrinhos.

(a) lia (b) empilhou (c) vai embrulhar

- 30) **Imagem:** Personagem adulta desenha uma tartaruga.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma tartaruga.  
 (a) desenhava (b) vai desenhar (c) desenhou
- 31) **Imagem:** Personagem criança limpa caixinhas de madeira.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Ana \_\_\_\_\_ caixinhas de madeira.  
 (a) limpava (b) vai montar (c) enfeitou
- 32) **Imagem:** Personagem adulta calça um par de botas.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ um par de botas.  
 (a) vai calçar (b) calçou (c) calçava
- 33) **Imagem:** Personagem criança come um chocolate.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ um chocolate.  
 (a) vai picar (b) estava comendo (c) derreteu
- 34) **Imagem:** Personagem adulta lê uma revista.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma revista.  
 (a) vai rabiscar (b) leu (c) grampeava
- 35) **Imagem:** Personagem criança pinta livros de desenhos.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ livros de desenhos.  
 (a) pintava (b) vai pintar (c) pintou
- 36) **Imagem:** Personagem criança planta uma mudinha.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma mudinha.  
 (a) vai plantar (b) estava plantando (c) plantou
- 37) **Imagem:** Personagem adulta faz um suco de laranja.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ um suco de laranja.  
 (a) bebia (b) vai mexer (c) fez
- 38) **Imagem:** Personagem criança calça um par de sandálias.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Ana \_\_\_\_\_ um par de sandálias.  
 (a) calçou (b) estava calçando (c) vai calçar
- 39) **Imagem:** Personagem criança come biscoitos doces.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ biscoitos doces.  
 (a) esfarelou (b) comia (c) vai assar
- 40) **Imagem:** Personagem adulta molha um vaso de planta.  
**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:  
 Ana \_\_\_\_\_ um vaso de planta.  
 (a) molhou (b) vai molhar (c) molhava
- 41) **Imagem:** Personagem criança recorta uma figura.  
**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:  
 Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ uma figura.  
 (a) estava recortando (b) recortou (c) vai recortar

42) **Imagem:** Personagem adulta escreve uma receita.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma receita.

(a) escreveu (b) vai sublinhar (c) procurava

43) **Imagem:** Personagem criança desenha flores.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Antigamente, Ana \_\_\_\_\_ flores no caderno.

(a) vai desenhar (b) desenhou (c) desenhava

44) **Imagem:** Personagem criança limpa um boneco.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ um boneco de casaco.

(a) abraçou (b) vai consertar (c) estava limpando

45) **Imagem:** Personagem criança monta bonecas.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ bonecas de plástico.

(a) montou (b) montava (c) vai montar

46) **Imagem:** Personagem criança vê um programa.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Naquele momento, Ana \_\_\_\_\_ um programa.

(a) estava vendo (b) fotografou (c) vai gravar

47) **Imagem:** Personagem adulta planta uma flor.

**Sentença** disponível após a execução da ação, quando a imagem é congelada na tela:

Ontem, Ana \_\_\_\_\_ uma flor.

(a) plantou (b) plantava (c) vai plantar

48) **Imagem:** Personagem criança toma sucos de canudinho.

**Sentença** disponível durante a execução da ação, que não é finalizada pela personagem:

Ana \_\_\_\_\_ sucos de canudinho.

(a) misturou (b) vai entornar (c) tomava

## ANEXO J – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: A desintegração de Tempo na Síndrome de Alzheimer

Pesquisador responsável: Adriana Leitão Martins, sob a orientação do Prof. Dr. Celso Vieira Novaes

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Doutorado no Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telefones para contato: (...) – (...)

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos RG do voluntário: \_\_\_\_\_

Responsável legal: \_\_\_\_\_

RG do responsável legal: \_\_\_\_\_

O(A) Sr.(Sra.) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “A desintegração de Tempo na Síndrome de Alzheimer”, de responsabilidade do pesquisador Adriana Leitão Martins.

A pesquisa tem por objetivo investigar a desintegração do conceito e/ou expressão lingüística de tempo e/ou aspecto em pacientes portadores de provável Síndrome de Alzheimer.

A fim de atingir o objetivo acima, você será submetido a um teste neuropsicológico impresso e a dois testes lingüísticos com sentenças e/ou imagens apresentadas na tela de um computador portátil HP de 15 polegadas.

A aplicação dos testes será feita no campus Mequinho da Universidade Federal Fluminense, em três dias distintos, em horários específicos, a serem combinados com a pesquisadora. Sua participação na pesquisa implica no comparecimento nesse local nos dias e horários acordados.

Todas as suas falas serão gravadas por meio de um gravador de voz. Além disso, o seu prontuário será consultado para que os laudos dos exames realizados sejam considerados na pesquisa.

Não há benefício direto para você, uma vez que se trata de uma pesquisa que testa a hipótese de que os déficits lingüísticos de pacientes com Alzheimer sejam decorrentes de um comprometimento do sistema conceptual.

A sua participação neste estudo é voluntária. Mesmo que você decida participar, terá plena liberdade para sair do estudo a qualquer momento, sem incorrer em nenhuma penalidade.

Você e seu representante legal poderão fazer todas as perguntas que julgarem necessárias antes de você concordar em participar do estudo ou a qualquer momento.

Os resultados dos seus testes e dos seus exames e as informações do seu prontuário serão utilizados apenas nesta pesquisa e são de competência apenas da pesquisadora, não sendo permitido acesso a terceiros.

Você não terá nenhuma despesa ou compensação financeira caso decida participar desta pesquisa.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados na tese da aluna Adriana Leitão Martins e poderão ser publicados em meio científico especializado, mas a sua identidade não será revelada sob qualquer hipótese.

Você e seu representante legal poderão ter acesso aos resultados parciais e finais do estudo, caso os solicite, e acesso à pesquisadora Adriana Leitão Martins, em qualquer etapa da pesquisa. Ela poderá ser contatada no endereço (...), ou pelos telefones (...) e (...), ou ainda pelo e-mail [drileitao@yahoo.com.br](mailto:drileitao@yahoo.com.br).

Eu, \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_, declaro ter sido suficientemente informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto acima descrito.

Eu, \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_, declaro ter sido suficientemente informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto acima descrito.

\_\_\_\_\_  
assinatura do sujeito

\_\_\_\_\_  
assinatura do representante legal

\_\_\_\_\_  
assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
testemunha

\_\_\_\_\_  
testemunha

\_\_\_\_\_  
testemunha



## ANEXO K – SÍMBOLOS ADOTADOS NA TRANSCRIÇÃO E TRANSCRIÇÕES DAS FALAS ESPONTÂNEAS DOS PACIENTES

Quadro com os símbolos adotados na transcrição, retirado do site <http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrrj.br/>, do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado em 1991 pelo Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	eu me amarro ficar ( ) olhando no espelho
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	(hipótese) paramos (num) posto
Truncamento de sílaba e/ou quebra de seqüência	/	não/ sabe que eu não tenho... eh... não foi nem muito intere/ não foi nem muito triste...
Qualquer tipo de pausa	...	não é o que era antigamente... onde a gente não... sabia de nada...
Interrogação	?	sabe o que que é?
Qualquer alongamento	::	ou então no:: congelador
Comentário do transcritor	((comentário))	((minúsculas)) ((riso)) ((pigarro))
Discurso direto	“ ”	ela “vamos? eu tenho que ir a Petrópolis... você vai comigo? eu “tá bom... vamos...”
Superposição, simultaneidade de vozes	[texto]	I: meu tio também... ele faz quadros... [e isso...] E: [e como é que é?] que... você faz?
Números	por extenso	meia quatro dois... décimo quarto andar...
Nomes comuns estrangeiros	<i>italico</i>	ah::... o <i>mousse</i> é super fácil...
Onomatopéias e siglas	caixa alta	no que eu me joguei pro lado... ela foi pro outro... eu PUFF... bati na árvore...  se uma universidade do porte da PUC...
Nomes próprios	iniciais maiúsculas	mas... eu fui a Petrópolis com uma amiga...
Nomes de profissão, cursos em geral	minúsculas	desenho industrial, agronomia, engenharia etc.

Além das convenções, foram adotados como regras os seguintes procedimentos, também disponíveis no site do Grupo de Estudos Discurso & Gramática:

- 1) A fala da pesquisadora foi marcada com os mesmos critérios do informante:  
fala da pesquisadora – P: entendi ... mas como assim era ... o dia a dia da senhora? [na ...]  
fala do informante – I: [aí] eu ia pro colé::gio... volta::va ...
- 2) Não se utilizou o ponto de exclamação. Ao invés disso, entre parênteses, foi escrito “sentença exclamativa”
- 4) Foram utilizados fáticos. Exemplos: ah, eh, ahn, uhn.
- 5) Eventualmente, foram combinados sinais. Exemplo: e::... (alongamento e pausa)
- 6) Não se utilizou pausa após interrogação.

Pesquisadora: P.

Paciente: J.

Tempo de entrevista: 12'36''

P.: então é seu J. ... eu queria que o senhor por favor falasse pra mim ... é sobre:: assim o seu dia a dia ... assim das suas atividades ... de de manhã:: até:: de noitinha ... me conta suas atividades ...

J.: eu ... vou ser sincero a você ... eu trabalho desde os quatorze anos ...

P.: ham ham ...

J.: perdi meu pai ... comecei a trabalhar ... já ouviu falar no sal (Ita)?

P.: não ...

J.: não ... hoje não tem mais ... eu trabalhei no sal ... depois ... fui:: apren/ fui fazer minha vida ... meu pai era marceneiro aprendi muita coisa com ele ...

P.: hum hum ...

J.: aí ... fu/ fui pro Exército ... na Fortaleza Santa Cruz ... conhece? já ouviu falar?

P.: ah sim ... conheço ...

J.: servi ali ... e:: eu já tinha uma noção de marcenaria ...

P.: hum hum ...

J.: então ... macaco velho ... não pula em galho morto ...

P.: claro ...

J.: aí eu ... cheguei lá ... comecei ... é:: ... você já ouviu falar na Fortaleza Santa Cruz?

P.: sim ... sim ...

J.: uma coisa/ uma coisa linda é aquilo ali de noite ... eu servi ali ...

P.: a::h legal ...

J.: é:: então ... o o:: comandante ... era um ... comandante geral e cada ... repartição tinha um ... capitão que era o responsável ... então ... onde eu tava ... o:: ... o o capitão (Evandro) ... aí eu ... fiz uma amizade com ele ... tinha lá umas cadeiras num depósito ( ) não tinha verba ...

P.: hum hum ...

J.: aí chamei ele falei assim ... ( ) “conserto tudinho” aí comecei a fazer/ a consertar aqueles/ aquelas mesas aqueles troços ... pra eles lá ... e acabei levando minha vida ... cabei cabando minha vi/ e eu era telegrafista parei ... porque levei descarga de ouvido ... aquilo é uma desgraça ...

P.: caramba ...

J.: é ... eu vou te contar ... aí larguei aquilo tudo ...

P.: entendi ...

J.: com toda a mão (sentença exclamativa) ... hoje eu podia ter terminado minha vida como oficial ... aí fui pra costeira ... onde meu pai trabalhava ... fiquei lá depois fui pro SENAI ... fazer um curso ... no tempo você não era nascida ... o Presidente Café Filho ... ele baixou um decreto ... quem trabalhasse ( ) no quartel ... quartel federal ...

P.: ham ham ...

J.: e você não tem um comprovante pra estar exercendo ...

P.: entendi ...

J.: aí o que que aconteceu? eu tive que ir pro SENAI ... fazer o curso de marcenaria ... pra poder continuar ... acabei minha vida como professor do SENAI ...

P.: a::h que legal ...

J.: por quê? o diretor ... ( ) marcenaria ... mudou a direção do SENAI ... e o meu instrutor que era o instrutor mais antigo do SENAI ... foi trabalhar ... com o diretor novo ...

P.: entendi ...

J.: entendeu? então ... aí você tem uma meni/ uma moça aí ... (vai pedir) orientação ... por quê? porque ela é mais antiga ... do que você ... passou todos os trabalhos pra você ...

P.: ham ham ...

J.: amanhã chega uma moça aqui ... você sobe na vida ... você vai explicar a ela [o que é o ... como ...]

P.: [eu vou passar pra ela ...]

J.: to::do o o sistema que você aprendeu ... foi o que aconteceu comigo ...

P.: entendi ...

J.: eu fui pro SENAI pra tirar o diploma de marceneiro pra poder ficar trabalhando no lugar do meu pai ... na costeira ... aí muda a direção ... mudou a direção ... aquele negócio todo ... o diretor novo ... e o meu instrutor ... no SENAI ... é instrutor ... era o antigo ... o mais antigo ... então eu fui ser assistente dele ... aí o diretor ... falava com ele ... “Joaquim ... ( ) ... você ... quem é que nós vamos botar no seu lugar? quem é que nós temos aí?” ele disse “oh o único que nós temos aí é o J. ... porque o J. tem conhecimento ... ele sabe das coisas” ... aí o diretor me chamou no SE/ no no gabinete ... junto com com ... meu instrutor o seu Joaquim ... aí ele me chamou “J. ... o:: problema é esse esse esse esse Joaquim vai ser meu assistente ... que é o instrutor mais antigo ... e você vai ficar ... no lugar dele” ... aí digo “Professor Zé Antonio ... eu sou um plebeu ... eu nunca trabalhei ... eu trabalho mas nunca dei aula [e não tenho conhecimento ...”]

P.: [ham ham ... é outra coisa ...]

J.: ele disse “não J. não tem problema ... Joaquim vai te dar toda a cobertura” ... acabei minha vida como professor do SENAI ...

P.: legal ... e atualmente ... assim ... as atividades do senhor hoje em dia ...

J.: hoje as minhas atividades ... quando eu ... posso apa/ aparece u::m ... um filho me pede pra ir consertar uma porta ... outra me pede pra ... eu vou fazer ... eu tenho/ conhece Santa Maria Madalena?

P.: sim ...

J.: então ... não sei se já comentei isso com você ... eu fiz uma oficina na Santa Maria Madalena ...

P.: a::h legal ...

J.: eu consertei pro prefeito lá de Santa Maria Madalena ... cheguei em casa ( ) muito meu amigo ... aí “pô (Artur) ... você che::io de cadeira e mesa ali:: rapaz estraga::ndo ...”, “mas não tem quem conserte ...” eu digo “manda pra mim ... duzentas e cinquenta mesas e cadeiras” tudo ... ele ficou/ me deu/ ficou todo contente ...

P.: claro ...

J.: porque o quê que ia vir de lucro aí? (sentença exclamativa)

P.: no::ssa muito lucro ...

J.: o quê? comprar uma chapa de compensado e fazia cinco mesas ...

P.: é:: ...

J.: então aquilo pra mim foi oh/ fiquei grato porque pra mim mesmo ... me ter dado aquela opor/ aquela ... coisa pra ele ... não de/ comprar ... tudo novo ... “ah ... rasgou esse encosto aqui” ... “ah ... joga” ... “não ...”

P.: a::h não...

J.: a cadeira tá boa de ferro ... ah vai ali ... tem tanto lugar ... tantas lojas que trabalham com isso ... né? ... “ah eu queria consertar essa encostadinha aqui” ... nego vai e me paga ... você ganhou ... porque é um material bo/ bom ...

P.: bom ...

J.: (do que hoje a gente não sabe mais) ... aí essa história de hoje ... de MDF ... essa ... é tudo pó de serra ...

P.: é pó de serra ...

J.: né ...

P.: muito diferente ...

J.: então então ... a vida é essa ...

P.: com certeza ... eu queria que o senhor me falasse agora assim das atividades assim do dia a dia por exemplo do Luciano ...

J.: olha o Luciano ...

P.: das atividades dele ... do dia a dia ...

J.: Luciano aprendeu a marcenaria comigo ... mas ele hoje ... pelo que eu venho ... vendo ... ele tá se adaptando/ se adaptou ... a motores de navio ...

P.: entendi ...

J.: outro dia eu falei com ele “se você precisar ... de alguma coisa de mecânica ... você vai pro SENAI comigo ... vou te levar pro SENAI ...”

P.: ham ham ...

J.: graças a Deus eu tenho um ... um conhecimento muito bom no SENAI do Barreto ...

P.: entendi ...

J.: mas ele não ... enquanto tiver ... na minha vida ... tudo que eu faço ... mas se precisar de qualquer coisa ... eu vou ... eu levo ... eu vou com o senhor no SENAI ...

P.: entendi ...

J.: [entendeu?]

P.: [entendi ...] agora eu queria que o senhor me falasse assim das atividades do senhor de ontem ... de de manhã::nha até:: de noite ... o dia de ontem ... me fala pra mim ...

J.: de manhã a de noite ...

P.: de manhã a de noite ... ontem ...

J.: oh ... durante o dia eu vou pra minha ofi/ ... minha oficinazinha lá ... cortar ... chega um e pede pra cortar um pedaço de madeira na serra outro pede pra fazer isso outro pede praquilo ... então ... a gente vai fazendo ... é afiar um formão é furar uma uma peça ... ou se não ... eu passo a mão na minha enxada e vou capinar meu quintal ...

P.: a::h tá ...

J.: eu não tenho uma vida parada ... [eu não gosto ...]

P.: [ativa ...]

J.: não gosto ... a minha vida é ativa ...

P.: entendi ...

J.: entendeu?

P.: hum hum ...

J.: chegando em casa “ah” ... e me tratam muito de J.inho ... “ah J.inho quer/ ... eu queria cortar esse troço aqui” ... “vamos lá que eu corto pra você” ...

P.: corto pra você ... entendi... tá sempre ajudando um ou outro né?

J.: é assim oh ... é essa aí oh ... eu tô na casa dela ... ali em Pendotiba ... sabe onde é?

P.: sei ...

J.: então ... eu vou ... eu vou ... chego lá eu faço tudo pra ... já consertei porta já consertei janela conserto tudo pra ela lá ...

P.: legal ... muito bom isso ... e pra finalizar eu queria que só que o senhor falasse um pouco da infância do senhor pra mim ... assim lá:: antigame::nte ... [me fala um pouco me conta um pouco] da infâ::ncia assim ... das das atividades mas quando criança ...

J.: [(riso) oh ...] quando criança?

P.: isso ...

J.: fui muito travesso ...

P.: é?

J.: eu cortei ... e esfolei perna de quatro galinhas ...

P.: ((riso))

J.: ((riso)) mamãe e papai ficou maluco ... eu com a faca ... raspei a perna da galinha ... e eles agora pra chegar perto de mim com medo de eu me machucar com a faca?

P.: claro ...

J.: eu levei um tombo do telhado e quebrei os dois braços ... tava consertando o telhado ... aqui oh ...

P.: nossa tem a cicatriz até hoje ...

J.: não num sai não ... [o osso saiu aqui ...]

P.: [ge::nte ...] cara::mba ...

J.: o outro quebrou ... aí ... eu:: ser/... me desculpa ( ) ...

P.: nã::o ... tá tudo/ fica à vontade ...

J.: não ... porque ... eu acho ... posso ter você como minha filha ... [não sei qual é a sua idade ...]

P.: [claro ...]

J.: aí então ... eu preferi a Fortaleza de Santa Cruz ... sabe onde é?

P.: sei ... [sei ...]

J.: [aí dali] eu via ... Jesus Cristo aquele negócio ... aí fiquei ... doce com aquele mar ... então ... depois ... de casado ... aquele negócio todo ... a patroa/ você conhece ela? já teve aqui comigo ... não né?

P.: quem?

J.: a ... a mãe da ... da Valéria ... é ... Glorinha ...

P.: não não ... a Glorinha ainda não ...

J.: então ... é ... com ela ... aquele negócio todo ... brincava mu::ito ... e:: a gente tava sempre bem aquele negócio todo ...

P.: que bom ...

J.: ah ... com e/ aí com os filhos ... hoje meus filhos ... “papai ... eu queria fazer isso papai” ... tô na casa de Rogério ... lá em Pendotiba ... mas fui pra lá oh ... é é consertar a porta ... é ... é ... é ajeitar a cadeira ... é fazer tudo que eles me pedem ...

P.: tá sempre numa atividade ...

J.: tô sempre numa atividade ...

P.: muito bom ... isso é importante ...

J.: e e:: os filhos ... os filhos comigo são fora de/ ... extraordinários ...

P.: que bom ...

J.: essa aí ( ) o Luciano ... qualquer coisa ele cha/ ... ele veio aqui?

P.: o Luciano veio na semana passada ... com o senhor ... [foi o Luciano que acompanhou o senhor na semana passada ...]

J.: [pois é ... pois é ...] pois é ... então ... é aquele caso ... eu dou muito aten/ eu dou muito carinho a meus filhos ...

P.: e eles ao senhor ...

J.: ah ... pra mim isso aí oh ...

P.: [isso é o mais importante ...]

J.: [tô na casa de/] tô na casa dela quase o quê? há mais de vinte dias ...

P.: ah ... que bom ...

J.: “ah papai vem aqui pra casa papai” ...

P.: quer ficar perto ...

J.: não ... “eu preciso fazer isso” ... e papai vai pra lá:: ...

P.: e faz com prazer ...

J.: cla/ ué?

P.: com prazer ...

J.: fa::ço ... [vou pra lá ...]

P.: [que bom ...]

J.: entendeu? eu ... eu tenho ... são dois casais ... mas os meus filhos ... não é porque são meus filhos ... é a educação [que a gente dá ...]

P.: [é a educação ...] tudo vem do berço né?  
 J.: vem do berço ... [vem do berço...]  
 P.: [é verdade ...] é verdade ... [ tá certo seu J. ...]  
 J.: [essa aí então ...] “Papai vou te levar lá” ... [falei ( ) ... “papai vamos” ...]  
 P.: [a::h ... muito gentil ...] muito gentil ...  
 J.: nã::o ...  
 P.: que bom ...  
 J.: e depois ô:: filha a gente tem ... tem que tratar bem ...  
 P.: claro ...  
 J.: a sua atenção ... o seu ... dom ... o seu sorriso ... é que também influi a pessoa a vir ...  
 P.: com certeza ... quando você é bem recebido você fica ... né ... [inclinado ... com vontade de ... voltar ...]  
 J.: [o tratamento que a gente ...] voltar ... então quando eu quebrei o braço eu fiquei ... ali no Moncorvo Filho ... aí no meu quarto ... não ... foi quando eu operei o coração ...  
 P.: ah tá ...  
 J.: aí olhava lá pra ... Jesus Cristo lá em cima ... eu digo “oh ... colega ... companheiro ... tô aqui hein” ...  
 P.: não esquece de mim não ... não esquece de mim aqui não hein?  
 J.: ((riso)) as enfermeiras ... “ué? o senhor tá falando com quem?” ... “eu tô falando com meu amigo ... ah lá ... ele tá de braços abertos me esperando” ...  
 P.: a::h ...  
 J.: “que isso moço” (sentença exclamativa) ((riso))  
 P.: ((riso)) tem que ter senso de humor ...  
 J.: eu não vou morrer?  
 P.: um dia ...  
 J.: então eu já tô conversando com ele ...  
 P.: exatamente ... um dia ... todo mundo vai ... então ... é o destino inevitável de todos não é não?  
 J.: ué mas é ... e a gente ... eu acho o seguinte ... um sorriso ... é outra coisa ...  
 P.: com certeza ... com certeza seu J. ...  
 J.: eu vou daqui ... com a maior carinho por você ...  
 P.: ah que bom ... então eu me despeço ... com um sorriso enorme ... e com um abraço ...  
 J.: e um abraço ...  
 P.: e um abraço ...

Pesquisadora: P.

Paciente: E.

Tempo de entrevista: 7'03''

P.: oquei dona E. agora só pra terminar ... eu queria que a senhora me falasse um pouco ... é assim do do seu dia a dia ... das suas ativida::des ... de das suas atividades de todo dia ... me fala um pouco assim da sua rotina ...  
 E.: a minha atividades de todos os dias ... é ... eu andar de manhã ... fazer o café ... dar café pro meu filho ... (que se alimenta lá em casa) ... e ... aí ... arrumar minha cama ... fazer os (deveres) da casa ...  
 P.: ham ham ...  
 E.: e me preparar ... quando é o dia de ir pra igreja ... ir pra casa do Senhor...  
 P.: entendi ...  
 E.: e aí ... vou caminhando ... enquanto puder ... entendeu?  
 P.: ah claro ...

- E.: e quando acaba ... aí vol/ chego ( ) ... eu faço o meu almoço ...
- P.: entendi ...
- E.: onze e meia meia noi/ meio dia almoço ... tomo meus remédios ... [né ...]
- P.: [claro ...]
- E.: é muitos remédios da manhã ( ) da noite ... e assim chega a hora de dormir ... vou dormir ... [né ...]
- P.: [claro ...]
- E.: eu sempre (tive) meu família e filhos ...
- P.: graças a Deus ...
- E.: que moram num quintal só ... e aí vou vivendo minha vida assim enquanto Deus permitir ...
- P.: claro ... que bom ... e agora a senhora me diz por favor ... do dia de ontem ... me descreve o dia de ontem da senhora ... de de manhãzinha até:: ... lá de noite ...
- E.: é ... o dia de ontem foi um pouco pesado ... por quê? eu tive que:: lavar meu banheiro ...
- P.: ham ham ...
- E.: (que era amanhã) ... e:: ... passei uma vassoura na casa ... não dei limpeza ... porque ... ainda vou dar ...
- P.: ham ham ...
- E.: e:: ... fiz meu almoço ... e:: tomei meu banho ... e me arrumei para vir pra ( ) ...
- P.: ( ) ...
- E.: é ... e assim ...
- P.: hum hum ... muito bem ... agora a senhora falou que o filho da senhora mora com a senhora ...
- E.: não ... ele não mora comigo não ...
- P.: mas ele ... almoça lá ... [não é isso?]
- E.: [é é] ... geralmente toma café ...
- P.: toma café com a senhora ...
- E.: é ...
- P.: eu queria que a senhora me falasse um pouco do dia a dia assim do filho da senhora ... das atividades dele ...
- E.: ah, meu filho, ele ( ) ... levanta ... toma seu café ... e vai pra/ ... ele tem u::m ferro velho ...
- P.: ah tá ...
- E.: é dono dum ferro velho ... vai pro seu trabalho ... e só volta à noite ...
- P.: entendi ...
- E.: e os outros ... têm um bar ... também ... tenho um filho que também ... tem um bar ... e:: ele abre o seu bar dele ... né ... aí vai fazer suas compras pro bar ... está sempre ali ...
- P.: entendi ...
- E.: e a filha que mora em ci::ma ... no no sobrado de mi/ ... da minha casa ...
- P.: ham ham ...
- E.: é a mesma coisa ... tem ... suas atividades ... é mais caseira mesmo ... faz/ faz o seu serviço né ... primeiro depois ela desce ... vem me ver ... como eu estou como eu passei a noite ...
- P.: ham ham ...
- E.: depois sobe ... vai fazer o serviço dela ... e:: é assim ... tenho uma outra filha também que trabalha ... na loja ... aqui em Niterói ... é:: ... e:: ... oito horas ela sai de casa ... (aí pega e) vai me ver ... mede minha pressão ...
- P.: ah ... que bom ...
- E.: e:: ( ) pro seu trabalho ... e só chega à noite também ...
- P.: entendi ...

E.: tenho uma nora que mora do lado ... da minha casa ... que é tudo ... (entendeu?) num quintal só ...

P.: ham ham ...

E.: e:: ... ex-nora né ... porque o es/ ... esposo morreu e ela vive com outra pessoa ...

P.: ham ham ...

E.: mas muito legal comigo ... sempre ... eu não tenho/ eu não tenho ... no/ minha noras/ a minha nora ... esposa do meu filho Antonio ... que é do bar ... mas eu não tenho nora e não tenho genro ... são tudo como filho ...

P.: todos filhos ... que maravilha ...

E.: porque todos me amam ... (eu sei) que (eles) todos me amam ... até essa nora ... que:: ...

P.: que o marido já faleceu...

E.: já faleceu ... é:: ... uma perda muito triste né ... que foi atropelado ... aqui no terminal ... mas ... e:: ... eu considero a mesma coisa ... já vive com outra pessoa mas considero a mesma coisa ...

P.: que bom ... isso é muito bom ...

E.: e minha vida ... é é ... regular mesmo ... é boa mesmo no quintal ...

P.: que bom ... que bom ... graças a Deus ... agora para terminar eu só queria que a senhora me falasse um pouco da vida da senhora ... é antigamente ... [lá:: quando cria::nça ... pequeni::ninha ... me fala alguma coisa das atividades ...]

E.: [ih... (minha filha) ... ó ...] assim... pequenininha eu ... não me lembro né ...

P.: ham ham ...

E.: mas (já) quando eu comecei crescer ...

P.: sim ...

E.: né ... é... fui cresce::ndo na roça ... né ... e:: aí ... minha mãe:: ... teve os filhos ... são ( ) filhos ... eu sou a ... a penúltima ... [né ...]

P.: [ham ham ...]

E.: e:: ... fui crescendo ... tive também uma doença nas pernas que até hoje ... tô com essa perna assim [né ...]

P.: [ham ham ...]

E.: e:: ... não tive colégio ... mas os meus irmãos foi pro colégio ... que eu não pude ficar no colégio ( ) essa perna ... que tinha uma uma uma (úlceras) ... e aí quando eu pisava ... o sangue esguichava ... aí então meu pai me tirou do colégio porque eu sujava muito o assoalho ... a professora ... a casa dela tinha um assoalho de madeira ... um assoalho ...

P.: sei ...

E.: aí então ... e:: ela ficava assim ... meio assim ... por causa da empregada limpar ... não queria ... aí meu pai também achou que eu estava ... incomodando ... aí me tirou do colégio ...

P.: [entendi ...]

E.: [por isso que] fiquei só dois meses no colégio ... e não aprendi ... o que eu aprendi de hoje eu leio ... assim letra assim de máquina ... é porque os meus irmãos ... estudaram ... aí traziam pra mim aquelas ( ) ... e eu tinha uma cabeça boa ... fui aprendendo ... fui ler ... aí/ ... escrever ... eu posso até escrever ... mas ( ) uma palavra é é com eme às vezes eu boto ene ...

P.: entendi...

E.: entendeu? se tem agá eu não ponho o agá ...

P.: ah entendi ...

E.: entendeu? aí então ( ) ... só assino meu nome ...

P.: ah entendi ...

E.: no mais ... é isso ... mas ler ... eu leio ... graças ...

P.: é ... graças a seus irmãos ...

E.: é ... graças a meus irmãos e graças a Deus né?

P.: [claro ...]



E.: [e meus irmãos ...] e mesmo a palavra de Deus na bíblia ... eu sou/ eu tenho minha bíblia ... e eu leio minha bíblia todos os dias ...

P.: entendi ...

E.: então na minha bíblia sabe? é letra de máquina né?

P.: ham ham ...

E.: então eu leio corretamente ...

P.: que bom ...

E.: então eu aprendi mais com meu Senhor ... a a a aprender a ler ...

P.: que bom ...

E.: na bíblia ...

E.: graças a Deus ...

P.: [tá certo ...]

E.: [eu acabei né? e::]

P.: ah que bom dona E. ... gostei muito de saber a história da senhora ... agradeço pela sua participação ... desejo um feliz natal pra senhora um ano novo de muita paz e muita saúde ...

E.: desejo também pra você ...

Pesquisadora: P.

Paciente: E.A.

Tempo de entrevista: 8'05''

P.: eu queria que o senhor ... seu E. ... que o senhor me dissesse ... é:: assim mais ou menos o dia a dia do senhor ... seu cotidia::no ... suas atividades diárias ... me fala um pouco ... de de manhã:: até de noite ... das suas atividades ...

E.A.: de manhã eu levanto tarde ... às vezes passo a noite sem dormir passando mal ... então acordo tarde ( ) ... oito horas ... nove horas ( ) ... mais outra coisa?

P.: é ... a/ até até de noite ... de manhã ... o senhor acorda tarde ... aí me conta mais um pouco do que/ das suas atividades do dia ...

E.A.: eu saio um pouquinho ... vou na casa da minha filha ... volto ... aí ( ) ...

P.: claro ...

E.A.: às vezes tomo café na mesa com a minha esposa ...

P.: ah sim ...

E.A.: (meia hora fica com ela lá) ( ) ...

P.: hum hum ...

E.A.: depois vem o almoço ...

P.: claro ...

E.A.: ( ) só ou não?

P.: até de noite ... me conta mais ...

E.A.: até de noite? ( ) ... eu às vezes quero ir almoçar na minha filha ... faz uma comida muito boa ... embora minha esposa ( ) ... às vezes eu não vou ...

P.: ham ham ...

E.A.: porque a mulher fez também a comida igual a da minha filha ... sair pra comer uma comida igual ( ) eu fico em casa ...

P.: claro ...

E.A.: há essas coisas também né?

P.: é ...

E.A.: aí eu vou mais tarde um pouco ... chego lá ... tomo um chá um ( ) gostoso ... suco de fruta ...

P.: delícia ...

E.A.: vou pra cadeira ... (balanço) um pouco ...  
P.: ham ham ...  
E.A.: vou embora pra casa ... deito mais um pouquinho ... ( ) passa na minha vida ...  
P.: entendi ... entendi agora me fala assim um pouco ... descreve ... assim ... mas o dia de ontem ... me fala assim ... de de manhã:: até de noitinha ... mas do dia de ontem do senhor ...  
E.A.: dia de ontem?  
P.: isso ...  
E.A.: o dia de ont/ de anteontem/ de ontem ... num foi muito bom não ... foi triste ... passei mal ... o estômago começou a fazer ((paciente faz um barulho com a boca)) ... minha mulher me deu u::m remedinho ... u::m vidro assim ... ( ) ... tomei aquilo melhorou ...  
P.: que bom ...  
E.A.: então foi isso ... só ...  
P.: entendi ... e o que mais que a::/ que:: ... do seu dia de ontem que o senhor pode me dizer ...  
E.A.: o dia de ontem mais ... o que que mais ...  
P.: ou foi basicamente isso mesmo?  
E.A.: foi isso mesmo ...  
P.: ham ...  
E.A.: dormi um pouco ...  
P.: entendi ...  
E.A.: ( ) ... ((barulho de ambulância))  
P.: ham ham ...  
E.A.: ( ) ... peguei o cobertor ( ) o travesseiro ( ) ... deitei ... dormi um mocado ... depois levantei ... vi o repórter e tal et cetera et cetera ( ) ...  
P.: entendi ...  
E.A.: só isso ...  
P.: entendi ... e agora o senhor me fala assim mais ou menos as ativida::des da senhora sua esposa ... como ... assim... me fala a/ o o dia a dia dela ... as atividades diárias da sua esposa ...  
E.A.: diárias da minha esposa ... eu vou falar com você aqui que ela faz tudo e eu não faço nada ...  
P.: ((riso)) então me fala assim das atividades dela ...  
E.A.: ela vai no banco ...  
P.: ham ham ...  
E.A.: ela vem do banco ... vai pra casa da filha ... aí vem da filha fazer almoço ... ( ) ...  
P.: ham ham ...  
E.A.: a filha ... e depois que ela faz o almoço dela ... “traga almoço pra mim” (sentença exclamativa) ...  
P.: ham ham ...  
E.A.: almoço bom ... almoço tudinho sentado ... depois que eu almocei ... encosto no travesseiro/ na cama/ na na cadeira ... do papai ... conhece essa cadeira né?  
P.: ham ham ...  
E.A.: aí tiro um sono bom ... tal ... depois ( ) um pouco de televisão ...  
P.: ham ham ...  
E.A.: é isso aí ...  
P.: entendi ... e agora pra finalizar eu queria que o senhor me contasse um pouco assim da infância do senhor ... lá:: antigame::nte quando pequenini::nho... me fala um pouco da infância do senhor ... das atividades mas é é das atividades de lá:: quando era menino ...  
E.A.: idade de seis anos, né?  
P.: i::sso ... i::sso ...  
E.A.: eu/ eu não esqueço é de uma/ (de uma que me passou) ... que minha mãe era/ andava forte por demais ... tava passando ... “meu filho vamos pegar um peixe pro almoço” ...

P.: ham ham ...

E.A.: eu não me esqueci disso ... quantos anos têm eu não me esqueci disso ... falei “vamos mamãe” ... ela pegou a calça do papai e vestiu ... a calça do do meu pai ... “vamos pescar” (sentença exclamativa) “vamos” ... aí era uma peneira ... num sei se você conhece ... peneira de coar café ... assim ...

P.: sei sei ... aquelas grandes ...

E.A.: grande ... então ela pegou “vamos pegar o peixe” ... “vamos” ... “então vamos” ... ela deixou no lado assim ... mas ... ficou procurando o peixe ...

P.: com a peneira?

E.A.: com a peneira ... quando ( ) uma traíra de::sse tamanho ...

P.: a::h que maravilha ...

E.A.: dentro da da da peneira ... fazendo assim ...

P.: ham ham ...

E.A.: o peixe ... fazendo assim ... ela ficou com medo do peixe ... jogou o peixe fora ... ((riso))

P.: a::h não acredito (sentença exclamativa) ((riso))

E.A.: jogou o peixe fora ... “mamãe cadê o peixe? a senhora jogou o peixe fora? não vou comer peixe?” ((riso))

P.: “a gente veio pra pescar ... a senhora consegue pescar uma traíra bonita dessa e joga fora?” (sentença exclamativa)

E.A.: “ah ... eu fiquei com medo tá?” ((riso)) essa coisa eu não esqueço ...

P.: [não esquece ...]

E.A.: [coisa de criança] né ... pequena mas ... eu::/ ... não dá pra esquecer ...

P.: não dá pra esquecer ...

E.A.: essas que ficou na mente [né ...]

P.: [é ...]

E.A.: é uma coisa assim ... coisa boba ... mas ... ( ) ...

P.: e as atividades assim ... co/ como ... das atividades do senhor pequeno ...

E.A.: é brincar com carri::nho ...

P.: ham ham ...

E.A.: um daqueles carrinho/ carrinho... com com caminhãozi::nho e tal ...

P.: sei ...

E.A.: (a gente fazia) ... enchia de terra ... levava pra lá ... era assim ... brincando com aqueles bichinho ... ( ) “oh, o boi” ...

P.: ham ham...

E.A.: e botava pra puxar o carrinho ... é umas coisas boba ...

P.: a::h que legal ...

E.A.: mas ...

P.: mas era bom, né?

E.A.: era bom porque criança...

P.: é verdade ...

E.A.: ( )

P.: ((riso)) tá certo seu E. ... muito obrigada ... por tudo ...

E.A.: de nada ... obrigado você ... ( ) muito bonito ...

P.: muito obrigada ...

E.A.: eu que não fiz nada direito ...

P.: ah ... fiz tudo direito ... foi tudo perfeito ... do jeito que eu precisava ...

Pesquisadora: P.

Paciente: R.

Tempo de entrevista: 4'17''

P.: qual é o nome da senhora?

R.: meu nome é R. ...

P.: R. ... R. como é ... como é a rotina assim o dia a dia da senhora ... de de manhã:: até de noite ... como é o dia a dia?

R.: é ... de manhã eu faço as coisas assi::m ... lavo louça ... né... e:: ... meus meus filhos vão pro colégio ... aí eu fico sentada vendo televi/ às vezes/ vendo televisão ...

P.: ham ham ... aí [durante o dia ...]

R.: [é ... porque] eu tenho uma neta que ela ... “ah ... mas vovó eu gosto muito de você” ... aí vai pra lá eu fico fazendo as coisas (com ela) ... tava lá ... aí quando eu saí “vovó ( )” ((riso)) ... ai meu Deus ...

P.: ((riso)) e:: e como é mais ou menos assim ... o dia a dia ... a rotina da sua filha?

R.: a minha filha é:: ... ela é muito boa pra mim entendeu? aí ela ... ela tem os filhos dela ... ela mora perto da minha casa ... aí ... ela vai ... vai em ca::sa ... ela sai ... leva os menininhos dela no colé::gio ... aí depois vem aqui pra minha/ vai ( ) pra minha casa ... e aí a gente fica lá conversa::ndo um mocadinho mas ... senta né? (pra não) ficar em pé ... aí nós/ nós sentamos ficamos conversando um mocadinho ali:: e depois ela vai embora pra casa dela e eu fico na minha ... aí eu almo::ço e deito um pouqui::nho ...

P.: ah ...

R.: e eu gosto muito de sair ... mas eu nu::m ... num tenho saído como eu gosto não ... eu gosto assim de marcar com uma cole::ga assim mas nu::m ... num tô podendo mais não sei porquê ...

P.: é ...

R.: não tenho assim ... e não faço nada ... e não tenho tempo de fazer nem de sair nem nada ...

P.: entendi ... me fala agora um pouco do dia de ontem ... como foi o dia de ontem da senhora ... de de manhã:: até:: de noite ... ontem ... como foi?

R.: foi assim ... o que que eu fiz? é tanta/ é tanta coisa que:: ... que a gente fica pensando né?

P.: é...

R.: que às vezes eu já esqueci ... ((riso))

P.: ham ham ...

R.: é a mesma coisa é ... é:: ... dentro de ca::sa ... nu::m tenho esse negócio num num ... quase num sa::io ... eu/ uma coisa que eu gosto de fazer eu que num faço ... é ... ir na casa de cole::ga ... uma colega assi::m ... e:: mas num num tô fazendo isso mais não ... de primeiro ainda fazia ... mas agora num tô fazendo mais não ... não sei porquê que num pode ...

P.: entendi ...

R.: né? a gente fica tão enrolada ...

P.: é ...

R.: chega uma pessoa ... a gente vai/ vai dar/ vai dar atenção ( ) quer dizer ... chega outra pessoa também ...

P.: é...

R.: a gente fica toda enrolada ... eu queria fazer mesmo uma coisa ... que é pra mim ... né ...

P.: distrair ...

R.: distrair ...

P.: é ... pra terminar me fala só um pouco da infância da senhora ... assim de quando:: peque::na ... do dia a dia [da senhora mas lá:: lá pequena ...]

R.: [do meu dia a dia ... lá pequena ...]

P.: é ... lá criança ...

R.: a::h ... eu num lembro muito mais não ... num lembro não porque a minha mãe morre::u ... entendeu?

P.: ham ham ...

R.: aí ... morreu não porque eu eu fui a mais velha ...

P.: ham ham...

R.: de de todas ... eu eu ... eu desposei muito da minha mãe né ... é ... tive muita con/ muito contato com ela ... mas ... meus outros irmãos não ...

P.: entendi ... mas como assim era ... o dia a dia da senhora? [na ...]

R.: [aí] eu ia pro colé::gio... volta::va ... fazia meu deve::r ... né ... mas meu/ minha cabeça era tão ruim ... ((riso)) aí meu Deus do céu ... aí né ... toma/ brincava com as com as cole::gas ... que tinha né? e:: ... gostava muito de boneca ... de de brincar com boneca ... fazia roupi::nha ... tanto é que eu ... eu sou costureira ... aí cos/ costurei ah mas costurei mu::ito muito muito ...

P.: que bom ...

R.: e eu acho que foi isso que me fez mal ... eu fazia costura ... fazia crochê ... tem crochê à beça lá ... minha minha irmã/ minha filha às vezes leva pra casa dela pra ( ) ...

P.: a::h ... que legal ... tá certa ... muito obrigada ... dona R. ...

R.: obrigada também você ...

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)